

LUZIA – HOMEM

Dicionário de cultura linguística

Vicente de Paula da Silva Martins

LUZIA-HOMEM
DICIONÁRIO DE
CULTURA LINGUÍSTICA

Vicente de Paula da Silva Martins

LUZIA-HOMEM
DICIONÁRIO DE
CULTURA LINGUÍSTICA

Copyright © Vicente de Paula da Silva Martins

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Vicente de Paula da Silva Martins

Luzia-homem: dicionário de cultura linguística. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 246p. 16 x 23 cm.

ISBN 978-65-5869-453-3 [Impresso]
978-65-5869-454-0 [Digital]

1. Dicionário. 2. Cultura linguística. 3. Luzia-homem. 4. Culturemas. I. Título.

CDD – 410

Capa: Petricor Design

Imagem da capa: cedida por Maria Aparecida Farias, de Cariré (CE), graduanda em Letras pela UVA

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2021

Aos grandes pesquisadores em literatura brasileira que lançaram luz sobre LH: Alex Sandra Ferreira Lima, André Luiz Martins Lopez de Scoville, Carmélia Maria Aragão, Francisco Dênis Melo, Francisco Vicente de Paula Júnior (Vicente Jr.), Isamar Valdevino Froio Torres, José Américo Bezerra Saraiva, José Leite de Oliveira Junior (Leite Jr.), Lígia Regina Calado de Medeiros, Natália Silva Athayde, Nilson Almino de Freitas, Norma de Siqueira Freitas, Rafael Sânzio de Azevedo e Valdeci Batista de Melo Oliveira. A todos rendo minhas sinceras homenagens por suas ricas pesquisas e inspirativas produções acadêmico-culturais.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| As clássicas “duas palavras” | 9 |
| Resumo do Romance | 15 |
| Procedimentos metodológicos e a descrição dos culturemas do dicionário | 19 |
| Dicionário de Cultura Linguística em LH | 27 |
| Locuções verbais | 27 |
| Locuções nominais | 93 |
| Compostos | 125 |
| Provérbios | 173 |
| Cultura Linguística em LH, por capítulo | 179 |
| Antropoculturemas (personagens) em LH | 191 |
| Léxico de Lacunas em LH, segundo Afonso de Taunay | 221 |
| Referências | 227 |
| ANEXO I - Categorias para análise dos referentes culturais adaptado por Vicente de Paula da Silva Martins à análise literária a partir do modelo de Igareda (2011) | 229 |
| ANEXO II - Quadro sintético de categorias para análise dos referentes culturais adaptado por Vicente de Paula da Silva Martins à análise literária a partir de Igareda (2011) | 235 |
| Sobre o autor | 237 |

AS CLÁSSICAS “DUAS PALAVRAS”

A ciência explica nossa capacidade de ler. Temos o que Stanislas Dehaene, em seu *Os Neurônios da Leitura*, chama de “cérebro da leitura”. O homem aprende a ler com seu cérebro. Depois que conhecemos os rudimentos da língua materna e a literatura infantil na pré-escola, ingressamos compulsoriamente nos anos iniciais do ensino fundamental e a escola formal, a partir daí, passa a ser um importante meio de acesso ao sistema de escrita e o essencial neste nível de início do processo de alfabetização em leitura. É assim que passamos a ter o “cérebro do leitor”. Todo esse meu discurso neurocognitivo é para salientar que a literatura povoa minha cabeça desde criança e o léxico do romance *Luzia-Homem* (LH), de Domingos Olympio, quarenta anos depois que tive o primeiro contato com a obra, continua me fascinando enormemente.

Há quatro décadas não conhecia nada de Sobral, cidade a 220 km de Fortaleza. A escola me indicou a leitura de LH e, pela primeira vez, tive uma noção de tempo e espaço de Sobral, cidade situada na mesorregião noroeste do Estado do Ceará. No campo da literatura, nada sabia também do conceito de verossimilhança (ligação entre fatos e ideias numa obra literária). O léxico me ajudou a entender mais sobre as cidades do semiárido, os povos e as suas culturas telúricas. Nunca havia associado, por exemplo, “O morro do Curral do Açougue”, que aparece no primeiro parágrafo de LH, local onde seria construída a Penitenciária de Sobral, com o atual Mercado Público Chagas Barreto, no centro da cidade, fortemente descrito pelo romancista: “Escorchado, indigente de arvoredos, o comoro enegrecido pelo sangue de reses sem conto, deixara de ser o sítio sinistro do matadouro e a pousada predilecta de bandos de urubús-tingas e camirangas vorazes”.

Depois da primeira leitura de LH, percebi, sem qualquer instrução escolar, as relações explícitas (léxico) e implícitas (literatura da seca) da obra com um conjunto de outros romances

epocais (por exemplo, os romances de 30). O que observei como leitor literário, chamo hoje, na condição de linguista, de intextualidade, e após a leitura de Julia Khristiva, em sua *História da Linguagem*, vi o quanto a escritura literária dissemina textos anteriores, que são os textos que configuraram os esquemas cognitivos dos autores durante a produção do romance. A hipótese da intertextualidade como base da escritura romanesca é defendida por Roland Barthes em seu *Rumor das línguas*. Enfim, o que os teóricos chamam de intertextualidade ou transtextualidade, atualmente, como um linguista que aproxima língua e cultura, chamo simplesmente de *alusão*.

Para dar um outro exemplo bem concreto do trabalho de interface linguística e literatura que venho desenvolvendo ao longo de três décadas, destacarei alguns pontos de minhas antigas anotações sobre o primeiro capítulo de LH. O enredo começa com o narrador descrevendo as “legiões de operários construindo a penitenciária de Sobral”. Em determinado trecho, o narrador faz uma referência à “obra cyclopica”, da qual restava apenas, como “lugubre vestígio, o moirão ligeiramente inclinado, adelgado no centro, polido pelo continuo atrito das cordas de laçar as vítimas, que a elle eram arrastadas aos empuchões, bufando, resistindo, ou entregando, resignadas e mansas, o pescoço á faca do magarefe.” Cyclopica? Eis-me, então, mergulhado na mitologia grega.

A partir da expressão “obra cyclopica”, que me encanta até hoje, fui, primariamente, ao dicionário geral para melhor definir o adjetivo “cyclopica”, relativo aos cíclopes. O emprego do adjetivo “cyclopica” qualificando o substantivo obra, passou a ser uma curiosidade etimológica que logo despertou em minhas lídimas digressões ou investigações filológicas para desvelar as escolhas léxico-estilísticas do autor, estilo impressionista para descrever expressivamente a construção da cadeia: “Os mais fracos, debilitados pela idade ou pelo soffrimento, carregavam areia e agua; aquelles que não supportavam mais a fadiga de andar amolleciam cipós para amarradio de andaimos; outros menos escarvados amassavam cal; os moços ainda robustos, homens de

rija tempera, superiores ás inclemencias, sobrios e valentes, reluziam de suor britando pedra, guindando material aos pedreiros, ou conduzindo ás costas, de longe, das mattas do sobpé da serra, grossos madeiros enfeitados de palmas virentes, de ramos de pereiro de um verde fresco e brilhante, em festivo contraste com o sitio resequido e desolado. E davam conta da tarefa, suave ou rude, uns gemendo, outros cantando álares, numa expansão de allivio, de esperança renascida, velhas canções, piedosas trovas inolvidaveis, ou contemplando com tristeza nostálgica, o ceu´ impassivel, sempre limpido e azul, deslumbrante de luz.”

Não tenho dúvida de que, sem a fixação do léxico de LH, desvelando, como disse acima, a definição enciclopédica de “obra ciclópica”, não teria chegado ao canto IX ao XII da Odisseia de Homero, onde Odisseu torna-se um narrador em primeira pessoa e conta aos feácios (“marinheiros hábeis, descendentes do herói epônimo Féax, que os levou à Hipéria, onde viveram até serem expulsos pelos ciclopes”) seus infortúnios no seu retorno à Ítaca. Isso não é fascinante?

Também me chamou a atenção que o autor de LH tenha falado em “verde-escuro da serra Meruóca”. Verde-escuro? A leitura do artigo “semântica das cores na Literatura Fantástica”¹, de Francisco Vicente de Paula Júnior, mostra-nos o uso da cor verde como elemento marcador do texto sobrenatural. Isso é encantador. Ainda hoje, em Meruóca, que pertencia a Sobral, o verde-escuro está nas cores do imaginário de seus habitantes, que nos falam em “choro de almas penadas”, evocando a época de construção da capela de Nossa Senhora da Conceição, no Sitio São José à margem do riacho, onde “segundo a lenda foi encontrada uma imagem da santa que por diversas vezes foi retirada para colocar em outro nicho e misteriosamente voltava para o mesmo lugar.”

¹ Cf. PAULA JÚNIOR, Francisco Vicente de. A semântica das cores na Literatura Fantástica. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 129-138, out. 2011. Disponível em <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/10>

Em 2001, excepcionalmente, no Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral, fiz as vezes de professor de Literatura Cearense, e tomei a decisão, em conversa com os alunos da disciplina, de lermos, juntos, professor e alunos, LH e, no meu caso, tive a oportunidade não apenas de reler a obra, como começar a estudar, de forma mais demorada e tranquila, seu léxico. Todas as expressões regionais de LH me chamavam e me chamam ainda hoje a atenção como, para ilustrar, aqui: “ a formosa cidade intellectual”, referindo a Sobral; “ casaria branca”, “ ruas extensas e largas”, “telhados vermelhos”, “altas torres dos templos”, castello da prisão”, “engenho de João Braga”, “confusa floresta de andaimes a esgalharem e crescerem, dia a dia, numa “exuberancia fantastica de vegetação despida de folhas, de flores e fructos, “cortante piçarra”, “ o formigueiro de retirantes”, “vae e vem de figuras pittorescas, esqualidas, pacientes, recordando os heroicos povos captivos, erguendo monumentos immortaes ao vencedor”.

A partir do léxico, foi possível também a interface literatura e história. Há uma passagem em que o autor de LH faz referência à “Comissão de Socorros” (Comissão de Socorros), de “Setembro de 1878”, realmente existiu. Na seca de 1877-79, foi estabelecido pelo governo cearense aparato administrativo centralizado em Fortaleza, por meio da criação de Comissões de Socorros e Obras Públicas. Na obra, o narrador assim descreve a situação de ajuda do governo aos retirantes: “ esmola depressora pelo salario emulativo, pago em rações de farinha de mandioca, arroz, carne de xarque, feijão e bacalhão, verdadeiras gulodices para infelizes creaturas, açoitadas pelo flagello da secca, a calamidade estupenda e horrivel que devastava o sertão combusto.”

Em substância: para a publicação desta obra, não poderia deixar de agradecer publicamente ao Francisco Romário Rodrigues, responsável pela digitação da 2ª edição de LH², atento

² Cf. OLYMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1929.

à ortografia vigente em 1929 ; e à Alice Rodrigues de Sousa e ao Francisco Ildomar da Silveira, ambos, hoje graduados em Letras - Alice e Ildomar atuaram como bolsistas de iniciação científica (FUNCAP) - os três foram os pesquisadores que primeiramente fizeram a recolha do léxico, segundo os âmbitos de culturemas (regionalismos fraseológicos) estabelecidos pela metodologia do docente orientador. Sem o levantamento inicial dos itens (fraseologismos, compostos, locuções nominais e provérbios), o aprofundamento posterior dos meus estudos lexicais em LH teria ficado mais árduo ou, senão, não me sentiria tão estimulado a ampliar o corpus constituído ao longo dos anos.

Para esta obra, montamos os seguintes capítulos: além do resumo do romance, com trechos extraídos de LH, apresentamos ao leitor os procedimentos metodológicos e a descrição dos culturemas do dicionário; o Dicionário de Cultura Linguística em LH, decorrente de uma pesquisa com o léxico do romance que já perdura mais de uma década; e quatro suplementos ou apêndices relacionados ao dicionário, a saber: *Cultura Linguística em LH, por capítulo*; *Antropoculturemas (personagens) em LH*; e *Léxico da Lacunas, segundo Afonso de Taunay*. Há, ainda, anexos, com as categorias dos referentes culturais consideradas ao longo da recolha de itens do dicionário.

Vicente de Paula da Silva Martins

Ano II da Pandemia da Covid-19

RESUMO DO ROMANCE

Publicado em 1903, **Luzia-Homem**, de Domingos Olympio (do latim Olympus, e este do grego Ὀλυμπος Ólympos), deve ser, antes de tudo, situado no Brasil dos anos 1870 a 1900, no seu contexto histórico, político e social, com os princípios filosóficos, científicos e concepções naturalistas (conteúdo) e impressionistas (forma) que marcaram o período e também presentes em obra monumental como “Os Sertões” (1902), de Euclides da Cunha. Outros romances impactantes no final do Século XIX e primeira metade do Século XX, igualmente filiados à estrutura literária narrativa da literatura regionalista das secas, podem ser aqui evocados: “A Fome: cenas da seca do Ceará”, de Rodolfo Teófilo, de 1890, “O Quinze”, de Rachel de Queiroz, de 1915, “A Bagaceira”, de José Américo de Almeida, de 1928, “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, de 1938.

O romance de Domingos Olympio narra a saga de retirantes, definidos pelo narrador como “pedaços da multidão, varrida dos lares pelo flagelo, encalhando no lento percurso da tétrica viagem através do sertão tostado, como terra de maldição ferida pela ira de Deus”, com recorte para a lendária Luzia-Homem que trabalha na construção da Penitenciária da cidade de Sobral para sustentar a si e a própria mãe, “velha e enferma, a boa, a santa tia Zepha”.

Os eventos do romance são situados por volta de 1878, no período da grande seca de 1877-79, além da lenda (ou legenda?) de *Luzia*, a protagonista, cabocla que chega a Sobral (“a cidade intelectual, rica e populosa, emporio do commercio do norte da provincia, na qual o governo estabelêcera opulentos celeiros”, na Terra da Luz, no chorrilho de retirantes que atravessam a cidade (“fazenda Ipueiras”) em busca do mar (“Barra do Acaracú”).

Devido a suas características físicas masculinas, “em plena florescencia de mocidade e saude”, Luzia (do latim lux, lucis, luz), “milagrosa santa dos meus olhos peccadores”, não impediu de se

tornar objeto de desejo de alguns homens, homens que lhe “faziam roda” como o vilão Crapiúna (“mal-afamado entre os homens e muito acatado pelas mulheres, graças à correção do fardamento irrepreensível” e Alexandre (“Aquelle alvarinto que servia de apontador na obra “, “o amigo dedicado e affectuoso” e “victima da perversa aleivosia do soldado”).

Em decorrência de ser “moça de respeito e de vergonha”, de comportamento reservado, e dos “grosseiros galanteios” de Crapiúna, Luzia sofria “com desabrida petulancia e desenvoltura sensual, como se ella fôra uma dessas desgraçadas, cujo acesso não é já resguardado pelo prestigio da virtude”. Como mulher, Luzia se sentia “ tremula e confusa, inanida de surpresa e vergonha” com o constante assédio do soldado de “detestavel de arrogancia triumphante”, afamado por “audacias sensuaes”, “envergar a farda” e ter sido “guarda-costas de um famigerado fazendeiro da Barbalha”.

É um romance que nos surpreende pela recusa contumaz de Luzia às investidas do soldado Crapiúna que, ao ser rejeitado, sofre com os ressentimentos, desejos de vingança, contra Alexandre e Luzia. O soldado, motivado pelo ciúme (“reinação do demonio”) e pelo desejo de vingança, fez com que Alexandre injustamente fosse preso, incriminando-o pelo roubo do armazém. Certa da inocência de Alexandre, Luzia resolve descobrir o verdadeiro autor do crime e inocentá-lo das “injustiças do destino cégo e louco”. Para isso, conta com a ajuda de sua amiga Teresinha (“loura, delgada e gracil, de olhar petulante e ironico, toda ella requebrada em movimentos suaves de gata amorosa” e do promotor (“um doutô muito bom”) e sua respectiva esposa Mathilde (“formosa senhora” de “bellos olhos, claros e suavissimos, compassivos”) , para os quais o interesse maior é que “a justiça proclame a sua honra restaurada com a liberdade), em favor de Alexandre.

Desvendado todo o mistério (depois de “Rosa Veado rezar o responsio para descobrir o autor do roubo dos generos e de duzentos mil réis em dinheiro”), Alexandre é solto, e, ao procurar Luzia, decidem casar e migrar para “Meruóca”, projeto da mudança

acolhido com entusiástica alegria por Therezinha, uma vez que na serra “ainda ha olhos d'agua vivos”. Durante a viagem de mudança, encontraram Crapiúna, “louco de dôr”, que “embebera” no peito de Luzia a faca, mas esta arrancou-lhe um olho da face (“Na dextra crispada, encastado entre os dedos, engravado nas unhas, extirpado no esforço extremo da defesa, estava um dos olhos de Crapiúna, como enorme opála, esmaltada de sangue, entre filamentos coralinos dos musculos orbitaes e os farrapos das palpebras dilaceradas”). Morta, Raulino Uchôa, “sertanejo herculeo e afamado”, “amigo da família” , junto do corpo de Luzia, “curvou-se compungido; apalpou-lhe o peito, ainda morno; e, aproximando os labios da divina cabeça da heroina, gemeu com intensa amargura, as palavras doloridas de uncção aos moribundos:- Jesus!... Jesus!... Seja contigo!... esus, Maria e José!”

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E A DESCRIÇÃO DOS CULTUREMAS DO DICIONÁRIO

Os processos metodológicos desta pesquisa lexicográfica foram constituídos das seguintes etapas propostas por Martins (2017):

a) **Leitura/releitura da versão impressa:** esta fase consistiu na leitura do romance *Luzia-Homem*, de Domingos Olympio e, após esse contato com a segunda edição (em papel), iniciamos o processo de recolha de culturemas a partir de um corpus literário eletrônico (romance redigitado para fins didáticos e pesquisa linguística), além de eventuais capturas das versões já disponibilizadas em sites na Internet (domínio público), como um meio colaborativo (na verdade, tira-teima na grafia de alguns termos regionais tipicamente cearenses) para buscas mais sistematizadas de expressões e suas ocorrências .

b) **Revisão de literatura:** realizamos nesta fase uma busca no Google Acadêmico e repositórios acadêmicos *online* de artigos, dissertações e teses sobre a *Luzia-Homem* (para citar alguns trabalho, Aragão, 2008; Athayde, 2014; Freitas, 2007; Oliveira Júnior, 1992, 2015; Oliveira, 2015; e Rocha, 2017).

Da mesma forma fizemos uma revisão literária relativa aos culturemas

c) **Levantamento de culturemas:** nesta fase, procuramos construir um levantamento de culturemas em *Luzia-Homem* .

d) **Análise e refinamento:** em posse do levantamento de lexias simples, composta, complexa, incluindo expressões idiomáticas, seguimos para organização e análise desse material.

Na organização do levantamento dos culturemas, observamos os seguintes critérios:

a) **Corpus:** durante a constituição do corpus literários, todos os culturemas foram apresentados entre colchetes e *hashtags*, como unidades discretas, da seguinte forma: [#CULTUREMA#]. Posteriormente, excluimos, para esta publicação, os diacríticos

mencionados para a apresentação mais elegante do dicionário (colchetes e hastags).

b) Contexto e ocorrências : cada um dos culturemas do levantamento lexical segue acompanhado do seu respectivo trecho em que o aparece na obra. Para termos uma ideia da frequência de uso do termo, indicamos, sempre que julgamos pertinente ao interesse do leitor, quantas vezes o culturema é empregado pelo autor e as acepções viáveis, sempre guiadas, evidentemente, pelo contexto. Ocasionalmente, situamos o leitor acerca do contexto em que o culturema está empregado, apresentamos um breve resumo sobre o enredo do do trecho ou nos desbruçamos sobre aspectos relacionados à datação e às formas históricas do verbete, entre outras digressões instigantes ou curiosas (por exemplo, aqui e acolá, como outros escritores da literatura brasileira fizeram uso do culturema em tela). No presente volume, procuramos enxugar mais o texto (descartamos o breve resumo do enredo) e, no final, consideramos que ficou mais elegante apenas apresentar o verbete, seu contexto de emprego na obra e seu sentido idiomático.

c) Notas de normatização e informativas: baseando-se na versão impressa da obra, incluímos, nas informações sobre os culturemas, as indicações de citação, entre parênteses, contendo o sobrenome do autor em letra maiúscula, seguido pelo ano de publicação e página do texto em que se encontra o culturema, assim: (OLYMPIO, [1903] 1929, p.108). Apesar de a coleta dos culturemas ser unicamente em Luzia-Homem, julgamos necessário a repetição de dados da citação (autor, ano e página), em todas as ocorrências em que extraímos os itens, posto que, em algumas ocasiões, o mesmo verbete aparece em outras ocorrências na obra, em muitas vezes com hesitações na grafia (por exemplo, “asa/aza-negra” e “á tôa/ á-tôa/à tôa”)

d) Informações enciclopédicas: nessa parte, couberam os comentários livres ou de caráter enciclopédico sobre o culturema selecionado, quando necessário.

A classificação escolhida para nossa pesquisa foi baseada no modelo Igareda (2011) denominado *categorias para a análise dos*

culturemas (ou referentes culturais) na aplicação inédita ao estudo do léxico nos textos literários¹. Embora voltado para o campo da Tradução, elegemos esse método de Igareda para embasar nosso corpus devido a sua amplitude e por ser direcionado ou mais viável para textos literários, especialmente em prosa. A classificação foi bastante oportuna quando analisamos diversos âmbitos linguoculturológicos, mas, para este volume, evitamos o emprego de âmbitos mais específicos, em nome, também, da elegância do nosso texto final.

A categorização proposta por Igareda (2011, p. 19) é dividida gradativamente em três níveis, sendo: categorização temática, categorização por áreas e subcategorias. A autora divide o primeiro em sete classes: ecologia, história, estrutura social, instituições sociais, universo social, cultura material, aspectos linguísticos culturais e humor. Fizemos a recategorização e criamos terminologia própria para os *culturemas* levantados ao longo da leitura das obras literárias. Mais uma vez, esclareço aos leitor: para este volume, foram selecionados apenas os *culturemas* de natureza fraseológica, com especial destaque para as locuções que, em geral, não têm entrada própria nos dicionários gerais e quando registradas aparecem como subentradas e sem datação. Aliás, as locuções, nos dicionários, geralmente, não tem datação, mas aqui, julgamos que, considerando uma obra do início do século XX, publicada em 1903, se fez imperativo preencher a lacuna, com a extração da expressão da obra, indicando sua datação, por sua forma fixa, marcadamente regional, e com acepção própria do falar cearense.

Ao longo da recolha de *culturemas*, julgamos mais apropriado recorrermos aos princípios lexicográficos de semasiologia e onomasiologia correlacionados a traços semânticos de hiponímia e hiperonímia, respectivamente. Primeiramente, durante a leitura silenciosa ou a acurada releitura do romance nos deparamos, por exemplo, com expressões do tipo “á fina força”, “a leite de pato”,

¹ Do original: Categorías para el análisis de los referentes culturales en la traducción de textos literarios Igareda (2011)

“a pique” ou “ao deus dará”, e no primeiro momento, recorremos a dicionários gerais (por exemplo, Houaiss, atualizado eletronicamente em 2020) para procedermos com o registro de acepções viáveis ao contexto (daí estarem sempre aspeadas) ou a dicionários de cunho mais folclórico (Dicionário do Folclore Brasileiro, de Luís Câmara Cascudo, para citar a mais frequente consulta de cunho culturoológico). Em qualquer situação, as definições que prevaleceram nos verbetes sempre foram as guiadas essencialmente pelo contexto da uso.

Previamente, classificamos os culturemas de natureza fraseológica nos diversos âmbitos intralinguísticos (locuções, nominais e verbais; compostos e provérbios). A título de ilustração, informamos que ao encaixarmos culturemas como pertencentes, por exemplo, ao âmbito “locuções”, nos orientamos a partir da técnica semasiológica, ou seja, partimos dos significantes (expressões) para esclarecer os significados mais amplos que lhes correspondem (âmbitos culturoológicos). Culturemas como “pé ante pé”, “pelle e osso” e “peito a peito” foram considerados por nós com “significantes” regionais bem marcados e acolhidos como “locuções nominais” ou fraseologias compostas. Do ponto de vista semântico e em defesa de uma abordagem metalinguística da semântica dos nomes próprios, vimos os nomes de personagens como hipônimos no âmbito dos antropoculturemas (hiperônimos), mas optamos por apresentar estes itens em apêndice.

Em caso de hesitações sobre o devido enquadramento culturoológico dos culturemas extraídos do romance Luzia-Homem, valemo-nos da técnica onomasiológica bem como do fenômeno hiperonímia como suficientemente esclarecedores para assinalarmos a “relação estabelecida entre um vocábulo de sentido mais genérico e outro de sentido mais específico. Para ilustrar, a ideia de “religião” ou “culto que se presta à divindade, consolidado nesse sistema” superveniente ao sentido dos culturemas da cultura

religiosa, está presente em expressões como “jurar á fé de Deus”² E “ao deus dará”, “creio em Deus Padre”, “Deus tarda, mas não falha”. Em qualquer situação relacionada aos regionalismos linguísticos, de cunho religioso ou não, **fomos levados** a lançar mão da técnica onomasiológica, a partir de “significados idiomáticos ou culturoológicos” para melhor definir o âmbito culturoológico do culturema; por essa razão, as expressões assim foram inseridas no âmbito de “religioculturemas”. No entanto, não consideramos pertinente isolá-los neste dicionário, e sim, deixá-los como exemplos comuns de locuções ou provérbios.

Ao longo de nossas pesquisas com o léxico, temos trabalho os seguintes âmbitos para a classificação geral dos culturemas: bioculturemas, humaniculturemas, edificulturemas, taticulturemas, personiculturemas, mitoculturemas, familiarculturemas, politiculturemas, amiculturemas, crediculturemas, etnoculturemas, criaculturemas, articulturemas, tabuculturemas, educulturemas, geoculturemas, portaculturemas, edificulturemas, antropoculturemas, alcuturemas, indumentoculturemas, liculturemas, mobiculturemas, moedoculturemas, mediculturemas, verboculturemas, gramaticulturemas, reiculturemas, idioculturemas e humoculturema. Evidentemente, essa classificação atende ao estudo do léxico de forma mais ampla, considerando o conjunto de itens selecionados ao longo da constituição do corpus literário, o que não foi aplicável à presente publica.

A escolha deste recorte fraseológico acima foi motivada devido à grande incidência de locuções (nominais e verbais) na obra romanesca de Domingos Olympio, objeto de estudo mais demorado nesta pesquisa. Trata-se de uma obra narrativa que recorre a inúmeros culturemas (figuração simbólica) para instaurar o regionalismo linguístico em sua narrativa. A história de Luzia-Homem, em

² Santo Antão do Deserto, também conhecido como Santo Antão do Egito, Santo Antão, o Grande, Santo Antão, o Eremita, Santo Antão, o Anacoreta, ou ainda O Pai de Todos os Monges, foi um santo cristão do Egito, um líder de destaque entre os Padres do Deserto.

particular, revela, de forma impressionante, o fenômeno do linguajar do povo do semiárido e a atmosfera de privação de retirantes, o que podemos comprovar com uma intencional e expressiva escolha léxico-estilística de Domingos Olympio.

Em nossas pesquisas léxico-culturais, como a que trazemos à baila agora, entendemos as expressões fixas segundo Fulgêncio (2008, p. 101; ZULUAGA, 1980; MARTINS, 2013) como uma sequência de palavras memorizadas pelos falantes da língua, sendo igualmente recuperada em bloco. Dessa forma, as expressões idiomáticas são definidas como conjuntos de palavras cujo sentido geral não é o resultado da soma dos sentidos literais dos seus elementos constituintes — configuram um tipo de expressão fixa, assim como os provérbios, entendidos como frase de origem popular que expressa, de forma alegórica ou simbólica, os valores culturais de uma determinada sociedade.

As definições de fraseologia e culturema se fazem necessárias assinalar aqui, partindo da análise dos dois termos linguísticos: fraseologia e unidades fraseológicas. Segundo Monteiro-Plantin (2011, p. 64) a fraseologia é o ramo da linguística que se ocupa de estudar as unidades fraseológicas. Essas são definidas como um conjunto de dois ou mais termos com formas fixas, tendo certa frequência de uso pelos falantes. Para a identificação das combinações fixas, levamos em conta as definições e as características fraseológicas em Zuluaga (1980).

Do termo culturema, podemos extrair o CULT-, elemento de composição - antepositivo, do verbo latim *colo, is, colere, colui, cultum*, que significa “cultivar; habitar, morar em; cuidar de, tratar de, preparar”, e -EMA, um dos sufixos mais privilegiados na terminologia linguística (glossema, grafema, lexema, morfema, fonema, semantema, entre outros). Culturema é uma unidade linguística discreta tão linguisticamente marcado como um fonema, um grafema, um morfema ou um prosodema.

Assim, como categoria ou terminologia linguística, assumimos a seguinte definição de culturemas: “símbolos extralinguísticos culturalmente motivados que servem de modelo para que as línguas

gerem expressões figuradas, inicialmente como alusões ou reaproveitamento de dito simbolismo, e que podem se generalizar e até se automatizar. Uma vez dentro da língua como palavras ou componentes de fraseas, conservam, ainda assim, algo de sua “autonomia” inicial, na medida em que unem conjuntos de metáforas, e até permitem a adição de outras a partir do mesmo valor, acessíveis para a competência metafórica (LUQUE NADAL, 2010).

Como já dissemos anteriormente, o modelo de análise linguística se deu com a releitura minuciosa da obra da escrita, utilizando-se, após a leitura do material, o corpus eletrônico *ad hoc*, especialmente constituído, para a consulta e extração dos culturemas. A princípio, foi feito o levantamento de palavras e expressões que tivessem esse teor cultural. Após uma seleção daquilo que era ou não considerado culturema, algumas expressões foram descartas e outras expressões foram devidamente contextualizadas e comentadas, e, em cada comentário, buscava-se descobrir o valor cultural, fraseológico e linguístico da expressão em tela, através de suas origens, etimologias e significados, bem buscando, na intertextualidade, matérias e pesquisas relacionadas ao culturema selecionado.

Os culturemas, na presente obra, referem-se ao conjunto itens relacionados à língua e cultura, escolhas léxico-estilísticas da escritora paulista. Durante a recolha de itens para descrevermos as escolhas léxico-estilísticas de LH, priorizamos sobretudo as locuções, com menor atenção aos idioculturemas (unidades fraseológicas), para deixar a versão mais estilisticamente elegante e mais enxuta no fazer lexicográfico. As definições mais gerais dos culturemas levaram sempre em conta as acepções já registradas em Houaiss e Villar (2020).

DICIONÁRIO DE CULTURA LINGUÍSTICA EM “LUZIA-HOMEM”

LOCUÇÕES VERBAIS

ACERTAR O PASSO

“ — Vambóra! Pega de geito; **accerta o passo**, cabroeira mofina!... Vamo, vamo, que é meio-dia... Aguenta o balanço! Aonde vocês botam o pirão que comem? Até d’aqui a um tiquinho, sá Luzia...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVIII, p.120)

Sentido: o mesmo que apertar o passo, acelerar a marcha

BEBER ARES

“Então você não sabe que a Gabrina queria bem ao Alexandre, calada, sem dar demonstração. Andava atraz delle **bebendo ares**; ficava horas esquecidas na porta do armazem da Commissão, olhando p’ra elle com olhos melados de piedade que parecia quererem engolir vivo o moço?..” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p. 62)

Sentido: ficar admirando algo ou alguém de forma distraída.

DEITAR/BOTAR A ALMA PELA BOCCA

“E a mãe, a querida mãesinha, que era o seu tudo neste mundo? Não era possivel abandonal-a a cuidados estranhos, doente, quasi entrevada, como estava, a **deitar a alma pela bocca**, quando a accommettia o implacavel puxado. Os brincos e o cordão de ouro, que lhe dera a madrinha, vendidos aos mascates da miseria, não dariam com que pagar o transporte da pobre velha em carroças puxadas por homens atrellados dois a dois, como animaes de tiro. Era esse, naquella quadra de infortunio, o vehiculo das

familias abastadas, que já não possuíam cavallos e muares de carga e montaria.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. III, p. 8)

“ — Benção de Deus, filha. Vens tão cansada. Teimas em carregar agua nessa jarra... Estás a **botar a alma pela bocca...**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. V, p. 14)

Sentido: ficar com a respiração acelerada, ofegante.

BOTAR A BOCCA NO MUNDO

“ — Tambem ouvi – afirmou outra voz mais clara e forte. – Deixemos de historias. ‘É melhor não teimar. Ellas **botam a bocca no mundo e** estamos perdidos... Nada. Aquillo, aquella bruta, não é mulher de brincadeira... (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p. 48)

Sentido: contar um acontecimento para várias pessoas. Contar algo para alguém.

BOTAR CAFANGAS

“ — Pobre, não. Bata na bocca. Diga rico, bem rico, porque uma prenda igual a ella só encontram os afortunados. Você fala de farto. Os homens todos são assim, cheios de luxos e desdens quando são queridos. A demora é saberem que agente gosta delles: começam logo a **botar cafangas.**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXII, p.84)

Sentido: cafangar (no sentido de 'atribuir defeitos'). Também viável, pelo contexto, o sentido de “afetar escrúpulos; simular recusa ou indiferença”.

DESMANCHAR QUEBRANTOS

“ — Você está... – mas é fígado pela macho e femea – arriscou o camarada Belota que lhe ouvia a confidencia – Aquilo tem mandinga... Quem sabe se não te enfeitou!... Olha que ella tem uns olhos que furam a gente... E então aquella cabelleira... Acho melhor pedir á Chica Seridó uma oração forte para **desmanchar**

quebrantos e fechar o corpo contra máo olhado.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 6)

Sentido: o mesmo de sentido atualmente para descarrego, isto é, “ ato ou processo de livrar-se de um mal (má sorte, perseguições, doença etc.) por supostos meios mágicos”.

BOTAR QUEBRANTO

“Quando se viu longe da casa da Rosa, murmurou, irada e suspeitosa: — Aquela bruxa me **botou quebranto...**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. X, p. 39)

Sentido: olhar de inveja que causa estado de desânimo e doença.

BRIGAR COM (ALGUÉM) A FERRO FRIO

“— Estava num pé e noutro para ter noticias certas do barulho, quando, entrou, de repente, Bentinho. Vinha muito amarello, com a mão enrolada em um panno e acompanhado por dois cabras, armados até os dentes. — Que foi? — perguntei-lhe assustada. — “Nada, um arranhão no pulso, respondeu com voz sacudida — amarre-me, endireite-me isto, sá Quiteria.” Enquanto a velha punha mézinha na ferida, um talho que ia da palma da mão esquerda ao meio do braço, Bentinho, fóra do seu natural, com os olhos espantados, a voz surda e secca, ainda tremulo de raiva, contou-me que, chegando á feira, fóra desfeitoado por uns cabras, novatos na terra, já muito encachaçados e intimando com todo o mundo. Chamou a gente para amarral-os, mas um delles, saltando como um gato sobre o ginete, disse-lhe: — Você pensa, seu alvarinto, que amarrar homem é furtar, á traição, mulher alheia? Nisto chegou, à toda, o João Brincador com tres homens escolhidos, e eu disse-lhe: — Amarra essa cambada de desordeiros. — Em cima das minhas palavras, riscou o Bertho, e foi dizendo: — Você, póde amarral-os seu filho desta, filho daquella, mas depois de me pagar e ajustarmos as contas. — Eu e os meus, demos de

rédea para sairmos do meio do povo; elles, rente, atraz da nossa poeira. A certa distancia rodamos sobre os pés os animaes, e os cabras que tambem estavam bem montados, quase esbarram em riba de nós. – Aguenta, rapazes! – disse ao João, que me respondeu sorrindo: Não ha novidade, capitão. Deixe elles p’ra nós. Palavras não eram ditas, o Bertho papocou-me fogo. Abaixei-me, e a bala tirou um taco da beira do chapéu do João. – com uma descarga. O cavallo de um delles empinou-se e rodou morto por cima do cavalleiro, tambem ferido. O Bertho, então, veio secco em cima de mim, e correu dois palmos de faca do *Pasmado*. – “Tenha mão, capitão Bertho” – disse-lhe eu, aparando o golpe, com a minha *Parnahyba*. – Tenha mão que se desgraça. Mas o homem estava rôxo de raiva; espumava como um touro feroz. Avançou outra vez num impeto, que não era para graças. Suspendi o ruço-pombo passarinhando como um gato; salto p’ra aqui; pulo p’ra acolá, e o homem decidido atravessando-se na minha frente, com o cavallo preto e ligeiro que nem um tigre. Na terceira investida, metteme o ferro com vontade. Rebatu com a mão; mas quando senti o aço ranger-me na carne e o sangue espirrar, saquei da garrucha. O homem estava cêgo, arremetteu de novo e metteme o ferro outra vez aqui na aba do gibão. Vendo, então, que o diabo me matava mesmo, e que eu não podia com vantagem **brigar com elle a ferro frio**, perdi as cerimonias, e lasquei-lhe fogo... O homem soltou um berro; abriu os braços como se quizesse abraçar o vento, e derreou p’ra traz. O cavallo, sentindo falta de rédea, deu quatro galões e meio, como um poldro brabo e desembestou desapoderado, arrastando Bertho enganchado no estribo. Morreu?!... – perguntei, tiritando de frio, e batendo os dentes como se tivesse sezões. “Não sei. Foi batendo por troncos e barrancos até desaparecer de nossa vista com os dois cabras restantes mettidos em uma nuvem de poeira. Dois dos delle ficaram no barro. Da minha rapaziada, o Chico Pintado levou uma bala aqui na coxa – lá nelle; o Borburema perdeu o gibão, e foi ferido com um pontaço nas cruces; o Brincador ficou com o chapéu, novo em folha, estragado. Todo o mundo sabe que elle

tem o corpo fechado. Enquanto brigavamos, o povo fazia um barulho medonho. Todos viram que me defendi o mais que pude, negaceando, para lhe poupar a vida. O diabo do ferro cortava como navalha. O talho está doendo de verdade.” E voltando-se para mim, disse: – “Não chores, Theresa. Isto, com sumo de angico ou de maçã de algodão, sára depressa.... É uma arranhadura de nada.” Suppunha que eu chorava por elle; mas, naquella occasião, meu pensamento acompanhava Bertho, desfigurado pelos encontrões, coberto de sangue e pó, arrebatado pelo Moleque, cavallo de estimação que eu bem conhecia. Minha vontade era correr atraz do pobre, apanhar os pedaços da sua carne, arrancados pelos tócos e pedras. Talvez o encontrasse ainda vivo para pedir-lhe perdão... Desde esse dia, ficou decretada a minha desgraça. Bentinho me achava sempre triste e succumbida. Eu tinha repugnancia daquelle homem manchado com o sangue do outro. Não era já a mesma mulher... Elle parece que percebeu isso, e foi também esfriando, até que me participou o seu casamento com uma prima bonita e rica. Eu respondi que lhe fizesse bom proveito... Deu-me um maço de dinheiro e não voltou mais á casa da velha Quiteria.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p. 45)

Sentido: equivalente a “malhar em ferro frio fraseologia”, figurativamente, “perder o tempo ou o trabalho; trabalhar em vão”¹.

CHEIRAR VARA

“E como o soldado, em cujo coração se derramara fel, ficasse a cismar, Belota afastou-se com um gracejo ferino: — Ali é ver com os olhos e comer com a testa ou lambar vidro de veneno por fora, como rato de botica. Toma o meu conselho. Não te metas com a bruxa que **cheiras vara!**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 7)

Sentido: com a noção de “entrar no pau”, apanhar uma sova ou lutar.

¹ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

COMER CANDEIAS

“A Chica Seridó tem **comido candeias**, desde que tomou conta dela. É capaz de tudo, meu Deus perdoai-me. Não duvido que tenha feito esse malefício por ciúme...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p. 71)

Sentido: é possível, pelo contexto dado, presumir que a expressão em tela se aproxime com a noção fraseológica de “acender uma vela a Deus e outra ao Diabo”, isto é, “agradar ao mesmo tempo a dois lados que são adversários entre si”, recorrer, por exemplo, à feitiçaria mesmo sendo religiosa.

COMER DE ALFORJE

“Tivemos de atravessar muitas léguas de sertão, passando rios a nado, dormindo no mato e **comendo de alforje...**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p.44)

Sentido: aqui, trata-se de uma locução transparente em que alforje se refere a “duplo saco, fechado em ambas as extremidades e aberto no meio (por onde se dobra), formando duas bolsas iguais; usado ao ombro ou na sela, para distribuir o peso dos dois lados”. O autor quis descrever as condições precárias do de-comer.

COMPRAR BRIGA

“— Que tinha você de **comprar briga...**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. V, p.16)

Sentido: meter-se em complicações desnecessárias e inúteis.

CUSTAR OS OLHOS DA CARA

“Que queria você, seu Crapiúna?” — “O que, me prometeu... Olha, diabinho, tu me tens **custado os olhos da cara** e se não fosse porque...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIX, p.74)

Sentido: ter preço abusivo; ser exageradamente caro.

DAR CABO AO MACHADO

“Attenda-me. Essa, Gabrina, além de má, é ingrata. Quando a mãe caíu doente e foi desenganada, foi commigo que se achou para arranjar remedios e um caldo chilro para a infeliz. Eu sabia que a filha era uma doida, que apressára a morte da mãe com desgostos, arrebates e más respostas, por isso tive sómente em mira fazer obra de caridade para não a deixar morrer á mingoa. Você sabe que morreu mesmo; e, então, a filha foi para a companhia da Chica Seridó; e nunca mais me occupei com a vida de semelhante desmiolada... É verdade que não faltou quem attribuisse os meus actos a embellezamento pela moça, que **dava cabo ao machado**, inculcando-se...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIV, p. 52)

Sentido: inventar problema sem ter necessidade, ter algum tipo de aborrecimento à toa, sem causa aparente.

DAR DE RÉDEA

“– Eu e os meus, **demos de rédea** para sairmos do meio do povo; elles, rente, atraz da nossa poeira. A certa distancia rodamos sobre os pés os animaes, e os cabras que tambem estavam bem montados, quase esbarram em riba de nós.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p.45)

Sentido: fazer o cavalo mudar para direção oposta².

DAR FÉ/NÃO DAR FÉ

“ – No meu tempo, as raparigas não pensavam nisso; quando **davam fé** estavam na igreja com o moço escolhido pelos paes. Hoje,

² Houaiss (2021) traz a expressão “dar de rédea”, datada de 1852, e com registro diatópico no Rio Grande do Assunto. A acepção é a mesma: “fazer a montaria voltar na direção oposta, apoiando-se nas patas traseiras”, com sentido que difere figurativamente de “dar rédeas ou dar rédeas largas”, com sentido de “deixar solto, em liberdade”, ou soltar as rédeas”, com sentido de “deixar à vontade”; ou, enfim, “tomar as rédeas”, assumir a direção, o governo.

está tudo mudado... Meninas, que ainda cheiram a cueiros, já têm opinião e caprichos como qualquer mulher feita. Deus louvado, sempre foste muitobem procedida e obediente. Veiu-te, agora, essa influencia de querer bem... Já não veiu sem tempo... já tardava e não tem nada de mal; mas, é preciso ter juizo para não desmanchar o que esta tão bem principiado. Vê bem o que te digo; deixa-te de historias e teimas. Si procurares com uma candeia, não encontrarás outro tão do meu gosto. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p. 102)

“ — A gente não faz essas coisas por querer. Quando **dá fé** está feito... Tal qual você, quando tirou o Raulino debaixo do boi... O coração não se governa, nem pede licença para bater...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. V, p. 16)

“ — Eu fazia idéa da furia, da damnação delle, quando deu por falta de mim, da cunhãsinha russa. Imaginei os berros, os despropositos, as pragas, que me irrogou, as ameaças de desforra, pois sabia que não era homem para se conformar com o roubo da mulher. Meu dito, meu feito. Um dia chegou Bentinho muito assustado, recomendando que me escondesse, porque lhe haviam inculcado gente do Bertho nos arredores da povoação. Fiquei mais morta do que viva. Não me podia levar para a fazenda, porque a familia, que tudo ignorava, não consentiria nisso. A velha que quase **não dava fé de mim** e vivia muito occupada na criação, entrou a tomar precauções para ninguem suspeitar a minha estada em sua casa. Um dia, era dia de, feira, e eu tinha um desejo doido de ver a reunião de gente de uma redondeza de vinte leguas, vendendo legumes, farinha, rapadura e outras produções da lavoura; mas a megéra não consentiu que eu botasse o nariz de fóra. Alli por volta de meio-dia, ouvimos tiros de bacamarte e uma algazarra dos demonios, um bate-bocca desadorado. Pouco depois soubemos que houvera um péga entre cangaceiros, desconhecidos no logar, e a gente do Bentinho, e que já havia morrido um homem... Que seria?... Fiquei numa afflicção, tremendo de susto, mas experimentava uma secreta satisfação que fosse por minha causa a briga e o sangue derramado.”. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p. 44)

“ — Quando **dei fé**, ouvi o barulho de um corpo espalhando a agua; levei a lazzarina á cara, e, pensando que eram os patos, ia papocar fogo. Divulguei, então, o corpo de uma mulher, luzindo molhado e nadando como uma marréca. Ainda fico frio quando me lembro dessa visagem. Os meus cabellos se arripiam como espinho de quandú. Quiz gritar, mas tinha um nó na garganta. Passou-me uma nevoa pelos olhos e deixei cair a espingarda. Quando dei accordo de mim, affirmei bem a vista para vêr o que era. A lagôa estava serena como um espelho. Tudo quiéto. Só ouvia sapos ateimando: foi, não foi, e os cururús roncando. Não quiz mais saber de historias; apanhei a arma e metti o pé na carreira. Só tomei folego quando avistei a casa. Sá Luzia modos que não me acredita?” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p. 106) “Acredite, como si estivesse vendo. Eu não sou homem de inventar, nem de dizer uma coisa por outra. Ouça o resto. Um vaqueiro velho foi buscar uma cuia, pregou dentro uma véla acesa e largou-a em cima d’agua. A cuia vagou á tôa, de um lado para outro, conforme assoprava o vento; foi, depois, seguindo para o centro, até que ficou parada, obra de cincoenta braças de distancia. Nisto, o Izidro, num abrir e fechar d’olhos, tirou o gibão de coiro e largou o braço nagua. Chegando ao lugar, onde a cuia estava parada, mergulhou, e... Que horror!... Nem gosto de me lembrar... Num instantinho, voltou á flor d’agua; tomou folego e mergulhou outra vez... Quando **deram fé**, elle surgiu com um corpo nos braços e nadou para a terra como um desesperado. Vinha como um bicho feroz, arquejando, enlameado, coberto deervas e raizes encharcadas. Os outros foram ao seu encontro para ajudal-o. Trazia a noiva morta. Os olhos azues da defunta estavam esbugalhados e vidrados. A bocca meia aberta, parecia querer falar. Tinha as mãos juntas sobre o peito, aqui, lá nella, e amarradas em nó cêgo, com as duas tranças de cabellos loiros, compridos como os seus, sá Luzia.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p. 106)

Sentido: perceber, notar, ver³

³ A locução “dar fé” é datada de 1641, para o sentido jurídico de “afirmar como verdade; testificar, dar por fé” ou ainda “garantir, por encargo legal, a

DAR NAS VISTA/DAR LOGO NA VISTA

“ — Não quero – retorquiu Luzia vivamente – Não tenho medo daquelle miseravel, mas não desejo **dar nas vistas** dessa gente desabusada. Depois que hão de dizer?... Você não é nada meu para tomar dores por mim... Aquillo não tem entranhas de christão: é um malfasejo...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. III, p.9)

“ — Sim, coisas que **davam logo na vista**... Quem só vive do trabalho, que mal dá para o decomer e arranjar um molambo para cobrir, não poderia esconder semelhante furto... Quando apparecesse com roupa nova ou fizesse gastos...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XI, p.41)

Sentido: tornar-se público, escandaloso, chamara atenção⁴.

NÃO DAR O BRAÇO A TORCER

“ — Os cravos! É verdade que, um dia, elle me disse: “si casassemos, iriamos viver juntos em uma casinha da ladeira da Matta-fresca.” Não respondi sim, nem não. Depois appareceu o impute, e foi preso. Soffri mais com essa desgraça do que elle; até parecia que todos me olhavam como ladra, e só o abandonei quando suspeitei que era igual aos outros homens, queria bem a outra e me enganava cruelmente. A ultima vez que vi elle, deixei-lhe os cravos na grade da cadeia. Essas pobres flores, guardadas no meu seio, como um breve milagroso, não podiam mais ficar commigo. Elle que as desse a outra. Mais tarde arrependi-me: revoltei-me contra esse ciume á tôa, que não me envergonhava, porque as mulheres ricas tambem se enciumam; mas era uma fraqueza. Tive impetos de pedir-lhe perdão. Uma voz, que vinha daqui, do coração, aconselhava que eu quebrasse a teima

autenticidade de um texto, um documento, uma assinatura etc”. Assim, postulamos o ano de 1903 para datação a expressão com a acepção “perceber, notar, ver”, nos contextos acima definidos. Vale ressaltar que, em geral, acompanhada do advérbio “quando”

⁴ Podemos postular o ano da publicação desta obra para a datação da expressão para a acepção de “fazer-se notado; exhibir-se com ostentação ou alarde”.

de abandonal-o e fugir delle... Seria rebaixar-me, fazer como essas que continuam a querer bem ao homem que as despreza, surra e maltrata; seria contra o meu genio de **não dar braço a torcer**, de não dar parte de fraca, de sofrer calada.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p.100)

Sentido: figurativamente, com a noção de “abrir mão de uma teima ou opinião; render-se a uma evidência (muito us. na negativa)”, também viável o sentido de “reconhecer erro próprio; dar-se por vencido”.

DEIXAR(-SE) DE MÃO

“ – Não mereço tamanha dedicação... Deixe-me de mão, já que não quer ser ridícula... Não venha mais, Luzia... – murmurou o prezo. – Não vale a pena fazer mais sacrificios por mim... Arranjarei aqui mesmo o de-comer. Basta. Não mereço tamanha dedicação... **Deixe-me de mão**, já que não quer ser ridicula...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIV, p.52)

Sentido: cessar a preocupação a respeito de; abandonar⁵.

DEIXAR ESTAR

“ – **Deixem estar** que ha de ser como as outras. Em boniteza, verdade, verdade, mette vocês todas num chinello. Aquillo é mulher para dar e apanhar – disse chasqueando um soldado de linha, destacado no curral do Açougue para manter a ordem, pois não raro rixavam e se engalfinhavam mulheres, ou se esbordoavam homens por futeis pretextos: houvera mesmo serios conflictos e luctas sangrentas, tão abatido estava, naquella pobre gente o senso moral.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p.05)

“ – Diz-me o coração – atalhou Therezinha – que elle está penando injustamente... Mas... **deixem estar** que vou farejar o ladrão... Conheço uma velha que faz a adivinhação da *urupema* e sabe rezar o responsio de Santo Antonio. Não ha furto que não descubra. Uma

⁵ Postulamos aqui o ano de 1903 para a datação desta expressão.

coisa é vêr, outra é dizer. Parece que tem parte com o cão... Meu Deus perdoae-me..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VIII, p.27)

"Elle não tem cara de ladrão – dizia – Conheço pela pinta quem péga no alheio; e nunca me enganei... Não se me dava de apostar... Enfim, não quero condemnar a minha alma, levantando falso a ninguem; mas... **deixem estar** que hei de desmascarar os safados, que não têm consciencia para fazerem soffrer um pobre."(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VIII, p.28) 1

Sentido: deixar de se preocupar; é viável também o sentido de "abster-se de agir (porque o quadro existente irá se alterar)" ou ainda "ficar de forma inalterada; não se mover"⁶.

ENCURTAR RAZÕES

" – Eu, não. Vendo-me sozinha e desacostumada a trabalhar para comer, não tive remedio sinão me resignar á minha sorte e estar por tudo. Quando algum homem se engraçava de mim, eu fingia gostar delle. Encontrei um desalmado que me queria como uma féra; tinha maus bófes e me trazia, ciumento como o demonio, que nem negra cativa. Aquillo não era homem; era o cão em figura de gente. Por qualquer suspeita ficava damnado como se me quizesse comer viva. De uma feita, arranchou-se na casa em que moravamos como marido e mulher, um moço rico e bonito, que se poz a olhar muito para mim; e eu, ao levar-lhe o café, caí na asneira de sorrir para elle. Ah! Luzia, se você me visse naquelle tempo!... Não é por me gabar, alva como uma imagem, com duas rosas nas faces e carnes rijas como pau!... Meus cabellos pareciam de oiro e meus olhos eram azues e claros como duas contas. O mundo e a pobreza estragam a gente. Hoje, veja como estou murcha, engelhada, cheia de sardas... Mas, para **encurtar razões**, quando o moço foi embora, o homem poz-me de confissão; e, não sabendo eu o que lhe dizer para me desculpar de falta que não me

⁶ Para esta expressão, Houaiss (2021) traz a datação de 1933. Podemos postular a retrodatação para o ano de 1903.

passára pela cabeça, disse-me uma porção de desaforos póricos, nomes de mãe; chamou-me sem-vergonha, safada, deslambida, e, agarrando-me pelos cabellos, deu-me tabefes...(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p. 43)

Sentido: encurtar a conversa, terminar ligo o que se estar contando (razões com sentido de “discurso oral ou escrito em defesa de determinada causa”).

ESTAR PELA HORA DA MORTE

“ — Não é difícil — atalhou Marciana. Mas, o senhor deve saber que o milho **está pela hora da morte...**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIV, p.95)

Sentido: muito caro (diz-se de mercadoria qualquer)⁷.

ESTAR BAZANDO/NÃO ESTAR BANZANDO

“ — Se houvesse por ahi – continuou a velha – uma pasta de algodão, fiaria um novello para **não estar banzando** sem fazer nada... e só pensando na molestia...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIV, p. 51)

“ — Em casa de meu pae havia um deste tamaninho e milagroso como elle só. Quando se perdia alguma coisa, bastava prometter-lhe dois vintens; a gente achava logo sem saber como. E, não se cumprindo a promessa, era castigo certo. De uma feita, desapareceu uma vacca leiteira. Meu pae, desconfiando que a houvessem furtado, chamou o pae Pedro, negro velho *ladino* e rastejador, e disse-lhe: “Não quero saber de historias; vosmecê dá-me conta da vacca, ou come relho.” Quando o velho falava assim, era aquella certeza. O negro coçou a cabeça, lastimou-se e saiu resmungando. Bateu capões de matto; esgravatou grótas e já estava desesperado, pensando no que lhe aconteceria, por voltar com as mãos abanando, quando se lembrou de prometter dois vintens a Santo Antônio. Mal tinha feito a promessa, olhou para

⁷ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

uma banda e o que havia de vêr? A vacca pastando muito de seu, no lugar onde escondera o bezerro. Pedro pulou de contente, laçou a vacca, e partiu. Em caminho, entrou a pensar que o santo nada havia feito; elle é que **estava banzando** sem prestar attenção. Por que, então, lhe havia de dar o dinheiro?... Nisto, o animal deu um safanão; arrancou e deitou a correr como um desesperado. Percebendo o castigo, o negro poz bocca no mundo: Que santo desconfiado!... Eu estava caçoando... Pago os dois vintens e até mais!... A vacca voltou ao curral com os pés della e foi o que valeu ao pae Pedro. Olhe, Luzia, tenho visto verdadeiros milagres...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VIII, p. 30)

Sentido: não ficar meditando isoladamente e distraído.

(FICAR) COM AS ALMAS NOS OLHOS

“Luzia e a mãe ouviram a narrativa, num enlevo de alegria, num enlevo de pasmo, **com as almas nos olhos**, como si lhes revelassem casos fabulosos, casos sobre-humanos. Era possível que Theresinha houvesse realizado tão assombrosa façanha?” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XX, p.79)

Sentido: estar muito atento a algo⁸.

ESTAR FAZENDO QUARTO

“ — Qual, mulher! Aquillo é o cansaço de **estar fazendo quarto** á mãe, que estava vae não vae. Não ha nada para escangalhar uma creatura como labutar com doentes...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVI, p.59)

Sentido: ficar durante a noite, ou parte dela, ao lado de defunto ou assistindo um doente; velar⁹.

⁸ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

⁹ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

ESTAR NUM PÉ E NOUTRO

“ — **Estava num pé e noutro** para ter noticias certas do barulho, quando, entrou, de repente, Bentinho. Vinha muito amarello, com a mão enrolada em um panno e acompanhado por dois cabras, armados até os dentes. — Que foi? — perguntei-lhe assustada. — “Nada, um arranhão no pulso, respondeu com voz sacudida — amarre-me, endireite-me isto, sá Quiteria.” Enquanto a velha punha mézinha na ferida, um talho que ia da palma da mão esquerda ao meio do braço, Bentinho, fóra do seu natural, com os olhos espantados, a voz surda e secca, ainda tremulo de raiva, contou-me que, chegando á feira, fôra desfeitoado por uns cabras, novatos na terra, já muito encachaçados e intimando com todo o mundo. Chamou a gente para amarral-os, mas um delles, saltando como um gato sobre o ginete, disse-lhe: — Você pensa, seu alvarinto, que amarrar homem é furta, á traição, mulher alheia? Nisto chegou, à toda, o João Brincador com tres homens escolhidos, e eu disse-lhe: — Amarra essa cambada de desordeiros. — Em cima das minhas palavras, riscou o Bertho, e foi dizendo: — Você, póde amarral-os seu filho desta, filho daquella, mas depois de me pagar e ajustarmos as contas. — Eu e os meus, demos de rédea para sairmos do meio do povo; elles, rente, atraz da nossa poeira. A certa distancia rodamos sobre os pés os animaes, e os cabras que tambem estavam bem montados, quase esbarram em riba de nós. — Aguenta, rapazes! — disse ao João, que me respondeu sorrindo: Não ha novidade, capitão. Deixe elles p’ra nós. Palavras não eram ditas, o Bertho papocou-me fogo. Abaixei-me, e a bala tirou um taco da beira do chapéu do João. — com uma descarga. O cavallo de um delles empinou-se e rodou morto por cima do cavalleiro, tambem ferido. O Bertho, então, veio secco em cima de mim, e correu dois palmos de faca do *Pasmado*. — “Tenha mão, capitão Bertho” — disse-lhe eu, aparando o golpe, com a minha *Parnahyba*. — Tenha mão que se desgraça. Mas o homem estava rôxo de raiva; espumava como um touro feroz. Avançou outra vez num impeto, que não era para graças. Suspendi o ruço-pombo passarinhando como um gato;

salto p'ra aqui; pulo p'ra acolá, e o homem decidido atravessando-se na minha frente, com o cavallo preto e ligeiro que nem um tigre. Na terceira investida, mettem-me o ferro com vontade. Rebatu com a mão; mas quando senti o aço ranger-me na carne e o sangue espirrar, saquei da garrucha. O homem estava cego, arremetteu de novo e mettem-me o ferro outra vez aqui na aba do gibão. Vendo, então, que o diabo me matava mesmo, e que eu não podia com vantagem brigar com elle a ferro frio, perdi as cerimoniaes, e lasquei-lhe fogo... O homem soltou um berro; abriu os braços como se quizesse abraçar o vento, e derreou p'ra traz. O cavallo, sentindo falta de rédea, deu quatro galões e meio, como um poldro brabo e desembestou desapoderado, arrastando Bertho enganchado no estribo. Morreu?!... – perguntei, tiritando de frio, e batendo os dentes como se tivesse sezões. “Não sei. Foi batendo por troncos e barrancos até desaparecer de nossa vista com os dois cabras restantes mettidos em uma nuvem de poeira. Dois dos d'elle ficaram no barro. Da minha rapaziada, o Chico Pintado levou uma bala aqui na coxa – lá nelle; o Borburema perdeu o gibão, e foi ferido com um pontão nas cruces; o Brincador ficou com o chapéo, novo em folha, estragado. Todo o mundo sabe que elle tem o corpo fechado. Enquanto brigavamos, o povo fazia um barulho medonho. Todos viram que me defendi o mais que pude, negaceando, para lhe poupar a vida. O diabo do ferro cortava como navalha. O talho está doendo de verdade.” E voltando-se para mim, disse: – “Não chores, Theresa. Isto, com sumo de angico ou de maçã de algodão, sára depressa.... É uma arranhadura de nada.” Suppunha que eu chorava por elle; mas, naquella occasião, meu pensamento acompanhava Bertho, desfigurado pelos encontrões, coberto de sangue e pó, arrebatado pelo Moleque, cavallo de estimação que eu bem conhecia. Minha vontade era correr atraz do pobre, apanhar os pedaços da sua carne, arrancados pelos tócos e pedras. Talvez o encontrasse ainda vivo para pedir-lhe perdão... Desde esse dia, ficou decretada a minha desgraça. Bentinho me achava sempre triste e succumbida. Eu tinha repugnancia daquelle homem manchado com o sangue do outro. Não era já a mesma mulher...

Elle parece que percebeu isso, e foi também esfriando, até que me participou o seu casamento com uma prima bonita e rica. Eu respondi que lhe fizesse bom proveito... Deu-me um maço de dinheiro e não voltou mais á casa da velha Quiteria.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p. 45)

“– Pensei que te havia acontecido desgraça... Tardaste tanto... **Estava num pé e noutro** ansiosa... E... Alexandre?...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p. 68)

Sentido: executar determinada tarefa ou missão com muita rapidez; não demorar. Outras variações fraseológicas: ir e vir num pé só; ir num pé e voltar no outro; ir num pé e voltar no outro; ir e vir num pé só; e ir num pé só.

ESTAR SE VENDO

“ – Quando saí – informou um recém-chegado – a Chica ainda estava falando. Ella, que tem partes com o demonio, **estava se vendo** para explicar a embrulhada das saccas de feijão e de farinha recebidas de Crapiúna, os córtes de vestido e os brincos de oiro. Imaginem vocês que aquella innocente, passada pelos corrimboques, não maldou. Se eu fosse delegado, ella ia, mas era p’ra cadeia, para não se fazer de besta, pensando que os outros teem um tê na testa.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXII, p.86)

Sentido: pelo contexto, talvez, a fraseologia equivalente mais próxima é “ora veja”, geralmente usada para exprimir espanto, pasmo ou surpresa ou ainda, ironia.

ESTAR SUJEITO

“ – Olhe para mim, Luzia; mire-se no meu espelho... Eu já lhe quero bem, como parente minha, por isso falo-lhe assim. Veja como estou pagando os meus peccados; veja a minha desgraça e a quanto **estou sujeita**...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p.13)

Sentido: a expressividade idiomática está no adjetivo “sujeita”, com a noção de que se sujeitou ao poder do mais forte.

ESTAR VAE NÃO VAE

“ – Qual, mulher! Aquillo é o cansaço de estar fazendo quarto á mãe, que estava **vae não vae**. Não ha nada para escangalhar uma creatura como labutar com doentes...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVI, p.59)

Sentido: de uso informal, tem o sentido acima de “comportamento ou atitude que revela indecisão, hesitação, dúvida sobre querer ou não desejar fazer algo”. Contemporaneamente, diz-se ainda “sai não sai”, com a mesma acepção. A título de curiosidade, temos ainda a expressão bem parecida com a da obra: “vai, não vai”, com a variação para “volta e meia; frequentemente; foi, não foi”.

FALAR/RESPONDER COM MEIAS PALAVRAS

“Ocorreu, então, a Luzia o que lhe havia dito Alexandre, alludindo em termos vagos, a uma intriga que não queria revelar diante dos outros prezos. O promotor tambem lhe **falára, com meias palavras**, de uma pequena complicação, naturalmente alguma coisa desfavoravel, algum indicio de culpa... Que seria?... Que intervenção diabolica frustra o milagre, perturbando a visão de Theresinha, lhe offuscando a memoria? Quem sabe se ella não vira o ladrão e, por natural delicadeza, se esquivava de lhe patentear a dolorosa realidade para não a magoar, privando-a do ineffavel conforto da esperança com a desillusão e a tristeza esmagadora de deparar a verdade fria e implacavel?!” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XI, p.41)

“Nunca estivera Luzia mais attenta, mais sollicita na occupação de directora das meninas costureiras. Fingindo indifferença aos comentarios e informações, resmungados de grupo em grupo, sobre o extraordinario caso do dia, ás perguntas indiscretas, alheia aos gracejos inoffensivos, levemente maliciosos, das companheiras de trabalho, **respondia com meias palavras**, com evasivas curtas de quem se não quer importunar de

olhares impertinentes, de mexericos, de insinuações. Mas, as meninas mais talúdas cochichavam a respeito da mestra; trocavam gracejos contemplando-a, de soslaio, muito espantadas de que ela não acompanhasse o contentamento dos amigos de Alexandre, que eram, então, muitos, quando devera ser a mais interessada no desfecho do aleive urdido pelo scelerado Crapiúna.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIII, p.86)

Sentido: é o que damos para meias-palavras, isto é, “palavras que não dizem tudo, que encobrem informações ou que fazem insinuações veladas; palavras cujo significado, não inteiramente exposto, se percebe ou pressupõe” ou ainda “palavras evasivas ou paliativas”

FAZER DE UM ARGUEIRO UM CAVALLEIRO

“ — Qual o que! A gente **faz de um argueiro um cavalleiro**, fica amuada, jura por quantos santos, faz finca-pé... É o mesmo que nada. Quem quer bem não tem vergonha. Eu, ralada neste mundo, que o diga.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p. 71)

Sentido: dar importância exagerada àquilo que é insignificante¹⁰.

FAZER FINCA-PÉ

“ — Qual o que! A gente faz de um argueiro um cavalleiro, fica amuada, jura por quantos santos, **faz finca-pé**... É o mesmo que nada. Quem quer bem não tem vergonha. Eu, ralada neste mundo, que o diga.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p. 71)

Sentido: manter-se firme em resolução, em opinião; fincar-se, obstinar-se, teimar¹¹.

¹⁰ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

¹¹ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

FAZER A FÉRRÁ

“ — Ora, ora, ora!... Eu lhe conto. Seu Bertho (ele se chama Bartholomeu, mas todos o tratavam assim) foi em fins d’aguas **fazer a férra** em uma fazenda dos Crateús. O outro parece que soube disso, e se apresentou uma tarde, debaixo de um pé d’agua, que se diria vir o céu abaixo. Eram relampagos e trovões de encandear e ensurdecer a gente. Aboletou-se e passou a noite. Sube, então, que era um tal capitão Bentinho, de familia muito rica e poderosa. Trajava bem, gibão, guarda peito, e pernas de coiro de capoeiro, muito macia, bordadas de flores, pospontadas á sovéla, com abotoadura e esporas de prata. Não imagina como tinha a côr fina e branca, e uma barba parecida, comparando mal, com a de Jesus Christo. Como estou fallando com o coração aberto, não tenho vergonha de confessar que me engracei delle, acho que por capricho ou por ser em tudo diferente do outro. De madrugada, ainda chuviscando e antes que a gente da casa acordasse, arrumei algumas peças de roupa e metti-as em saccos com alguns patações dados pelo Bertho; e fugimos: elle montado num possante quartau pedrez, eu á garupa. Arre! que foi uma viagem de arrebentar. Tivemos de atravessar muitas leguas de sertão, passando rios a nado, dormindo no matto e comendo de alforge até chegarmos a uma povoação, perto da fazenda onde moravam os pais delle. Ahi fui aboletada em casa de uma velha. Passamos tres dias como noivos: elle, fino como seda; eu, cheia de denguiques e manhas, como rapariga donzella. E contudo, Luzia, você não é capaz de acreditar que, amimada pelo Bentinho, todo delicadezas e cerimonias, tinha saudades do Bertho com o seu sangue na guelra, aquelles olhos devoradores, aquella brutalidade...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p.44)

Sentido: marcação com ferro quente sobre o pelo do boi e parte da pele com as iniciais da família.

FAZER ÁGUA SUJA

“Os outros parceiros não se davam bem com elle, por ser muito resinguento. Por qualquer pretexto, armava barulho e, muita vez, estivera a pique de **fazer agua suja**, inconveniente aos creditos da casa. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p.63)

Sentido: atualmente, grafado hifenizado “água-suja”, com a noção de “negócio ilícito; ilegalidade”.

NÃO FAZER CASO

“— Aquelle homem é um precipicio – murmurou o soldado – Si não fosse você...Deixe estar que os desafôros não caíram no chão...”**O melhor é você não fazer caso.**”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p.65)

“— Não caçõe, Cabecinha. Há mulheres mandingueiras, que põem na gente um veneno que só ellas podem tirar. Fica-se tomado por dentro de uma dôr que não dóe, mas soffre-se sem saber porque; não se tem onde botar o corpo; não ha cama nem rêde, que caiba a gente; finge-se **não fazer caso**; procura-se distrahir com outras mulheres, como quem se embebeda para ficar valente, ou para esquecer... Tudo *pêta*... O veneno vae queimando o sangue, faz febre, dôr de cabeça e fastio. E o coração vae inchando, crescendo, até que estoira...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p.56)

Sentido: com a noção de “ não dar importância a, levar em conta (mais frequentemente usado, como nos dois contextos, na forma negativa)¹². Há ainda, datado de 1757, a expressão fazer pouco caso de, com sentido de “não demonstrar respeito, estima, interesse por; não dar valor a; diminuir, menosprezar, troçar de; fazer pouco de.”

¹² Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

FAZER FEIO (COM ALGUÉM)

“— Deixe-se de luxos. Veja si é ou não como eu digo: este quer se metter no cafundó da serra, a outra só pensa em sumir-se para o lado das praias. Historias!... O que vocês querem sei eu... Deixa-me ir que é quasi de noite... Até amanhã... Veja bem, seu Alexandre, o que me prometeu!... Até amanhã... **Agora vá fazer feio commigo...**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXII, p.85)

Sentido: informalmente, com sentido de “fazer má figura” ou “fazer fiasco” ou, ainda, “Ter mau desempenho¹³”.

FAZER JÚS

“Em plena florescencia de mocidade e saude, a extraordinaria mulher, que tanto impressionára o francez Paul, encobria os musculos de aço sob as formas esbeltas e graciosas das morenas moças do sertão. Trazia a cabeça sempre velada por um manto de algodãozinho, cujas ourelas prendia aos alvos dentes, como se, por um requinte de casquilhice, cuidasse com meticoloso interesse de preservar o rosto dos raios do sol e da poeira corrosiva, a evolar em nuvens espessas do sólo adusto, donde ao tenue borrifo de chuvas fecundantes, surgiam, por encanto, alfombras de relva virente e flores odorosas. Pouco expansiva, sempre em timido recato, vivia só, affastada dos grupos de consortes de infortunio, e quasi não conversava com as companheiras de trabalho, cumprindo, com inalteravel calma, a sua tarefa diaria, que excedia á vulgar, para **fazer jús** a dobrada razão.”. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 4)

Sentido: merecer.

NÃO SE FAZER MÓSSA

“— A fallar a verdade, não era de todo mau. Fiquei por medo e por não ter coragem de começar a vida de novo... Já tinha

¹³ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

padecido tanto, que mais um pouco **não me fazia móssa**. Mal com elle, peor sem elle, que, tirante as venêtas de ciume, era bom para mim; dava-me tudo: era só pedir por bocca, como dona de casa... Maridos, casados na igreja, batem nas mulheres, quanto mais... Ora, deixei-me estar, mas pensando sempre que o meu adorado Cazuzza nunca me havia maltratado, e que eu devia, mais cedo ou mais tarde, tomar desforra; porque, apesar de franzina, ninguem m'as faz, que não as pague, tão certo como Deus estar no céu.". (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p.44)

Sentido: com acepção figurativa de "perturbação moral e/ou emocional; agitação, abalo".

FAZER POR ONDE

"Á porta de Belóta, quasi ao escurecer, Romana, Joanna Cangaty e Maria Caiçara conversavam acoradas e cigarreando, muito desenvoltas e palradeiras. Romana, sempre roliça, com os cabellos duros de pomada cheirosa, aljofrada de empolas de suor adiposo, a ponta do nariz curto e arrebicado, e mostrando os dentes ponteagudos, contava casos escandalosos, que as outras contestavam, ou ampliavam e commentavam com insinuações picantes e grosseiras, ou se espraivavam em mexericos triviaes sobre a chronica da ralé. Joanna Cangaty, a mais seria das tres, mettida a rezas e bruxarias, desde que por uma praga, irrogada pela mãe, ficara com o utero escangalhado de um aborto, obra do demonio, porque a consciencia não a accusava de **haver feito por onde**, dava-se certo recato e modos de mulher séria, muito temente a Deus. Maria Caiçara, bem conformada, galante rapariga, a qualquer graçola de Romana, despejava o riso em gargalhadas estridulas."(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p.62)

Sentido: com a acepção de "dar motivo a algo"¹⁴.

¹⁴ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

FAZER RODA A (LUZIA-HOMEM)

“ – Vão ver que você, seu Crapiúna, também está **fazendo roda a** Luzia- Homem?!... (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 5)

Sentido: procurar conquistar o amor, a afeição, a simpatia; cortejar, requista¹⁵.

FECHAR A ALMA

“ – Ninguém – respondeu Alexandre surpreendido pela inesperada pergunta, feita em tom de indiferença. Ninguém, nada me impede... Mas a gente nem sempre faz o que quer. Muita vez a cabeça vira para um lado e o coração para outro. Quando morreu minha mãe e vi-me só no mundo, estive em termos de assentar praça, porque quando um homem é soldado vira outro, **fecha a alma** e não se pertence mais. Estava imaginando nisso, em me afastar da terra da sepultura, onde descansava a minha defuncta velhinha, quando topei com você, sa Luzia, servindo no trabalho da cadeia. Por sinal que, nessa ocasião, lembra-se? a maltratavam. Era uma canzoada de mulheres e meninos, gritando: Olha a Luzia-Homem, a macho e femea! O povo todo corria de morro abaixo e eu também fui ver o que era. Você vinha subindo, trazendo nos braços Raulino Uchôa, quasi morto, ensanguentado e coberto de poeira. Contou-me, então, o Antônio Siéba, pae daquella moça bonita, que canta como um canario, o que se havia passado. O Raulino apostára derribar, a toda a carreira, um boi pelo rabo. Na verdade o homem corria como um veado e, era pegar na sáia da rez e viral-a, na poeira, de pernas para o ar; mas, naquelle dia, foi caipóra; falseou-lhe o pé; o boi voltou-se como um gato e mataria o pobre diabo se, dentre o povo, que disparava

¹⁵ Com a acepção acima definida, Houaiss (2021) assinala a expressão “fazer a roda a”; portanto, no emprego da locução pelo autor, o substantivo “roda” não é determinado pelo artigo definido “a”, o que constitui uma variação fraseológica ou, senão, regionalismo fraseológico. Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

espantado, não surgisse uma moça afoita e destemida que agarrou o bicho pelas galhadas e o sugicou que nem um cabrito.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. V, p.15)

Sentido: mostrar-se pouco comunicativo; não se manifestar, não falar.

FECHAR O CORPO (CONTRA MÁO OLHADO)

“ – Você está... – mas é fisgado pela macho e femea – arriscou o camarada Belota que lhe ouvia a confidencia – Aquilo tem mandinga... Quem sabe se não te enfeitiçou!... Olha que ella tem uns olhos que furam a gente... E então aquella cabelleira... Acho melhor pedir á Chica Seridó uma oração forte para desmanchar quebrantos e **fechar o corpo contra máo olhado.**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 6)

Sentido: no contexto, a noção de “ Supostamente, tornar o corpo invulnerável a ataques ou outros malefícios, mediante magia, feitiçaria etc”¹⁶.

FICAR A PANOS DE VINAGRE

“ – Qual horrivel, qual nada. Já vi gente morrer á minha vista. Não foi uma nem duas creaturas. Tivera eu a sua força, não precisaria de arma: quebrava-lhe a cara safada que **ficaria a pannos de vinagre.** Quando elle me dissesse alguma liberdade, dava-lhe tamanho tabéfe...(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p.13)

Sentido: ficar muito doente¹⁷.

¹⁶ Em Houaiss (2021), há a datação de 1917 para a locução “ fechar o corpo”, com duas acepções: “ tornar o corpo imune a ataques de animais e de pessoas (tiros, mordidas, p.ex.) (etnologia)” e com acepção regional, própria do falar cearense, o de “tomar bebida alcoólica sob a alegação de imunizar o corpo a doenças”.

¹⁷ Por solicitação do autor, o site Ciberdúvidas da Língua Portuguesa nos informou que “Na atualidade, a expressão é pouco usada em Portugal. Mas há atestações no passado, por exemplo, no século XIX, em autores portugueses, tal como se verifica com autores brasileiros: «Achou o rei de cama todo em panos

FICAR BANZEIRA

“E’ assim mesmo – respondeu-lhe o facinora – Nos primeiros tempos, a gente estranha; **fica banzeira**. Depois se acostuma. Estou aqui ha dez annos; ainda me faltam quatro e pretendo, se Deus não mandar o contrario, sair com forças para liquidar contas velhas. Olhe, moço, para essas dores de cabeça só ha um remedio: sair, pela manhã, com a fachina...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VIII, p. 29)

sentido:afetado por tristeza ou por um infortúnio; que revela abatimento; desgostoso

FICAR COM A MOSCA NA ORELHA

“ – Pensei que se engraçára de ti. **Fiquei com a mosca na orelha** desde aquelle mimo dos cravos.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p.100)

sentido: equivalente à expressão “de orelha em pé”, com sentido de “de sobreaviso, desconfiado, alerta”.

FICAR FÓRA DE SI

“ – Deus lhe pague, meu senhor... Deus lhe dê saúde e felicidade... Queira perdoar a minha ousadia... **Fiquei fóra de mim**... – Suspirou ella, com lágrimas na voz (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VII, p.26)

Sentido: agitado, exaltado, desnortado, furioso ou em êxtase.

de vinagre» Teófilo Braga, Contos Tradicionais do Povo Português, p. 106). Depreende-se que «a panos de vinagre» significa muito doente». Acrescente-se que o vinagre é utilizado para embeber compressas (ou seja, «panos»), como remédio caseiro para fazer baixar a febre.” Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

FICAR MAIS MORTA DO QUE VIVA

“ — Eu fazia idéa da furia, da damnção delle, quando deu por falta de mim, da cunhãsinha russa. Imaginei os berros, os despropositos, as pragas, que me irrogou, as ameaças de desforra, pois sabia que não era homem para se conformar com o roubo da mulher. Meu dito, meu feito. Um dia chegou Bentinho muito assustado, recomendando que me escondesse, porque lhe haviam inculcado gente do Bertho nos arredores da povoação. **Fiquei mais morta do que viva.** Não me podia levar para a fazenda, porque a família, que tudo ignorava, não consentiria nisso. A velha que quase não dava fé de mim e vivia muito ocupada na criação, entrou a tomar precauções para ninguém suspeitar a minha estada em sua casa. Um dia, era dia de, feira, e eu tinha um desejo doido de ver a reunião de gente de uma redondeza de vinte leguas, vendendo legumes, farinha, rapadura e outras produções da lavoura; mas a megéra não consentiu que eu botasse o nariz de fóra. Alli por volta de meio-dia, ouvimos tiros de bacamarte e uma algazarra dos demonios, um bate-bocca desadorado. Pouco depois soubemos que houvera um péga entre cangaceiros, desconhecidos no logar, e a gente do Bentinho, e que já havia morrido um homem... Que seria?... Fiquei numa afflicção, tremendo de susto, mas experimentava uma secreta satisfação que fosse por minha causa a briga e o sangue derramado.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p. 44)

Sentido: pelo contexto, levar um grande susto, ser maltratado¹⁸.

¹⁸ Se considerarmos a expressão morto-vivo (ou morta-viva), poderemos postular aqui o ano de 1903 para a datação da referida expressão, com sentido de “indivíduo desprovido de vivacidade, de ânimo, de ação”.

FICAR NO BARRO

“ – Estava num pé e noutro para ter noticias certas do barulho, quando, entrou, de repente, Bentinho. Vinha muito amarello, com a mão enrolada em um panno e acompanhado por dois cabras, armados até os dentes. – Que foi? – perguntei-lhe assustada. – “Nada, um arranhão no pulso, respondeu com voz sacudida – amarre-me, endireite-me isto, sá Quiteria.” Enquanto a velha punha mézinha na ferida, um talho que ia da palma da mão esquerda ao meio do braço, Bentinho, fóra do seu natural, com os olhos espantados, a voz surda e secca, ainda tremulo de raiva, contou-me que, chegando á feira, fôra desfeitoado por uns cabras, novatos na terra, já muito encachaçados e intimando com todo o mundo. Chamou a gente para amarral-os, mas um delles, saltando como um gato sobre o ginete, disse-lhe: – Você pensa, seu alvarinto, que amarrar homem é furtar, á traição, mulher alheia? Nisto chegou, à toda, o João Brincador com tres homens escolhidos, e eu disse-lhe: – Amarra essa cambada de desordeiros. – Em cima das minhas palavras, riscou o Bertho, e foi dizendo: – Você, póde amarral-os seu filho desta, filho daquella, mas depois de me pagar e ajustarmos as contas. – Eu e os meus, demos de rédea para sairmos do meio do povo; elles, rente, atraz da nossa poeira. A certa distancia rodamos sobre os pés os animaes, e os cabras que tambem estavam bem montados, quase esbarram em riba de nós. – Aguenta, rapazes! – disse ao João, que me respondeu sorrindo: Não ha novidade, capitão. Deixe elles p’ra nós. Palavras não eram ditas, o Bertho papocou-me fogo. Abaixei-me, e a bala tirou um taco da beira do chapéu do João. – com uma descarga. O cavallo de um delles empinou-se e rodou morto por cima do cavalleiro, tambem ferido. O Bertho, então, veio secco em cima de mim, e correu dois palmos de faca do *Pasmado*. – “Tenha mão, capitão Bertho” – disse-lhe eu, aparando o golpe, com a minha *Parnahyba*. – Tenha mão que se desgraça. Mas o homem estava rôxo de raiva; espumava como um touro feroz. Avançou outra vez num impeto, que não era para graças. Suspendi o ruço-pombo

passarinhando como um gato; salto p'ra aqui; pulo p'ra acolá, e o homem decidido atravessando-se na minha frente, com o cavallo preto e ligeiro que nem um tigre. Na terceira investida, metteme-me o ferro com vontade. Rebatu com a mão; mas quando senti o aço ranger-me na carne e o sangue espirrar, saquei da garrucha. O homem estava cego, arremetteu de novo e metteme-me o ferro outra vez aqui na aba do gibão. Vendo, então, que o diabo me matava mesmo, e que eu não podia com vantagem brigar com elle a ferro frio, perdi as cerimoniaes, e lasquei-lhe fogo... O homem soltou um berro; abriu os braços como se quizesse abraçar o vento, e derreou p'ra traz. O cavallo, sentindo falta de rédea, deu quatro galões e meio, como um poldro brabo e desembestou desapoderado, arrastando Bertho enganchado no estribo. Morreu?!... – perguntei, tiritando de frio, e batendo os dentes como se tivesse sezões. “Não sei. Foi batendo por troncos e barrancos até desaparecer de nossa vista com os dois cabras restantes mettidos em uma nuvem de poeira. **Dois dos delle ficaram no barro.** Da minha rapaziada, o Chico Pintado levou uma bala aqui na coxa – lá nelle; o Borburema perdeu o gibão, e foi ferido com um pontaço nas cruces; o Brincador ficou com o chapéo, novo em folha, estragado. Todo o mundo sabe que elle tem o corpo fechado. Enquanto brigavamos, o povo fazia um barulho medonho. Todos viram que me defendi o mais que pude, negaceando, para lhe poupar a vida. O diabo do ferro cortava como navalha. O talho está doendo de verdade.” E voltando-se para mim, disse: – “Não chores, Theresa. Isto, com sumo de angico ou de maçã de algodão, sára depressa... É uma arranhadura de nada.” Suppunha que eu chorava por elle; mas, naquella occasião, meu pensamento acompanhava Bertho, desfigurado pelos encontrões, coberto de sangue e pó, arrebatado pelo Moleque, cavallo de estimação que eu bem conhecia. Minha vontade era correr atraz do pobre, apanhar os pedaços da sua carne, arrancados pelos tócos e pedras. Talvez o encontrasse ainda vivo para pedir-lhe perdão... Desde esse dia, ficou decretada a minha desgraça. Bentinho me achava sempre triste e succumbida. Eu

tinha repugnancia daquelle homem manchado com o sangue do outro. Não era já a mesma mulher... Elle parece que percebeu isso, e foi também esfriando, até que me participou o seu casamento com uma prima bonita e rica. Eu respondi que lhe fizesse bom proveito... Deu-me um maço de dinheiro e não voltou mais á casa da velha Quiteria." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p.45)

sentido: pelo contexto, ficar caído no chão¹⁹.

(FICAR) PELLE E OSSO

“ — Não duvido. Ha gente para tudo. Quando eu lhe disse que iamos trabalhar nas obras da ladeira da Matta-fresca, ella ficou calada, maginando, e disse-me por aqui assim: “A Luzia é feliz; vae sair deste inferno... Eu é que estou condemnada por toda a vida.” E, como eu lhe inculcasse que devia abandonar aquella gente, os patrões, para vir conosco, abanou a cabeça, desanimada que mettia pena... Ah! Sá Luzia! Imagine que a pobre faz todo o serviço; até trata de um burro velho, **pele e osso**, sem prestimo para nada.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p. 48)

Sentido: muito magro²⁰.

NÃO GUARDAR CABRAS

“Desde que tomára a peito quebrar o encanto de Luzia-Homem, andava-lhe a sorte arrevesada. Perseguia-o um caiporismo incessante, que o tornava ainda mais irritadiço e trefego, principalmente quando Belóta, chasqueando, insinuava que elle estava contra o sentido do rifão, sendo infeliz no jogo e no amor, e attribuia as perdas consideraveis, que elle soffria, ao facto de andar com o juizo passeando, em vez de fixal-o nas cartas ensebadas e sujas do baralho, recurvado em fórmula de telha pela

¹⁹ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

²⁰ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

pressão do partir, repetindo-lhe a cada pichotada, que jogador **não guarda cabras.**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p.64)

Sentido: expressão tipicamente regional, equivalente a “não mostrar as cartas”, “não pôr as cartas na mesa”, com sentido de “não esclarecer uma questão, um problema, sem omitir nada” ou “não declarar francamente suas intenções”; ou, ainda, “ não abrir o jogo”, com sentido figurativo de “entregar o jogo, expor-se, confessar” ou “dar publicidade a algo pouco ou nada conhecido, que se vinha mantendo em sigilo parcial ou completo²¹”.

JURAR Á FÉ DE DEUS

“ — Não houve nada. **Juro-lhe á fé de Deus!** Estavamos na casa da Comissão: eu no meu logar fazendo a relação da gente que era demais; elle, numa reinação, intimando com as mulheres. Chegou a Quinotinha em procura da ração do pae, que desmentira um pé; e o desaforado entrou a bulir com ella até fazel-a chorar. Aquillo foi me inchando no coração; perdi a paciencia, e não me pude conter. Metti os pés; cresci p’ra cima do cabra, e disse-lhe por aqui assim: “Se o senhor não respeita a farda para provocar uma menina innocente, ha de respeitar um homem!...” Elle estremeceu; quis se indireitar p’ra mim, mas eu não o deixei esfriar, e accrescentei: “Uma pouca vergonha que a gente não se atreve... Tamanho homem e, de mais a mais, soldado, andar aqui todos os dias, que Deus dá, com desaforos, até com meninas donzellas! Fique sabendo que não me mette medo; não me vou queixar ao sargento Carneviva, nem ao commandante!...” O mulherio abriu em roda; e o Crapiúna, vendo que eu estava decidido para o que dêsse e viesse, murchou; ficou fúlo de raiva e foi sahindo, lá elle, por estas palavras: “Está bom! Não quero baticúm de bocca commigo...” E o povaréo caiu em cima delle com dicterios que faziam uma zoadá doida: – Olha o valentão!... Metteu o rabo entre as pernas!... Cabra frouxo!... Vi que elle ficou damnado, mas, nem

²¹ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

como coisa, continuei socegado o meu serviço. Quando o capitão José Sylvestre soube do caso, disse-me que eu tinha feito muito bem.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. V, p.16)

Sentido: reconhecer algo mediante juramento.

LAMBER VIDRO DE VENENO POR FÓRA

“E como o soldado, em cujo coração se derramara fel, ficasse a scismar, Belota affastou-se com um gracejo ferino: – Alli é vêr com os olhos e comer com a testa ou **lamber vidro de veneno por fóra**, como rato de botica. Toma o meu conselho. Não te mettas com a bruxa que cheiras vara!” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 7)

Sentido: pelo contexto, a equivalência fraseológica mais próxima é “comer com os olhos”, com a noção de “desejar muito; cobiçar” ou “fixar um olhar ávido, cobiçoso em (pessoa amada ou objeto desejado)²²”.

LAVAR-ME COM A FRESCA

“ – Não tenha receio, sa Luzia. Sou eu – disse Theresinha, atirando o póte sobre a areia. – **Vim também lavar-me com a fresca**. E’ tão bom, neste tempo de calor, poder molhar o corpo...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p.11)

Sentido: equivalente à expressão “tomar ar”, com sentido de “sair para respirar ar mais puro” e “passear para espairecer”.

LEVANTAR FALSO (TESTEMUNHO)

“ – Ha gente para tudo, até para **levantar falsos contra os seus semelhantes**.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIV, p. 51)

“Com aquella carinha de enfinta, – murmurava ella – de alfinim, que com qualquer coisa se derrete, não me engano. É muito másinha de bofes. Com aquella parte de gostar de você, não

²² Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

se lhe dava de ser causa do muito que penou na cadeia. O amor deu-lhe p'ra maldade. Era bem feito que ella fosse gemer e chorar no xadrez para saber si é bom **levantar falso testemunho aos outros**. Não ha nada melhor que a gente ser fingida: faz quanta perversidade ha e no fim de contas, basta se derreter em choro e ter um *vagado* para ser perdoada. Eu, não me importa de dizerem que tenho más entranhas. Quem me fizer paga, tão certo como dois e dois serem quatro. E então a Chica Seridó? Como ficou piedosa e innocente, ella que é a alma damnada de tudo... Aquillo tem mais artes e ronhas que diabos nas profundas do inferno... Fosse commigo, ficavam as duas ensinadas para toda a vida. Alexandre não se justificou. Continuaram a caminhar: elle silencioso, ella resmoneando a censura. Quasi ao pé do armazem da Commissão, elle perguntou, inesperadamente: "E Luzia?" (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXII, p. 83)

Sentido: inventar mentiras sobre alguém, isto é, juridicamente, "testemunho que, dado em juízo, afirma conscientemente fatos inverídicos, havendo a intenção de alterar a verdade."

LEVAR UMA SURRA

" – É mesmo... E eu que estou moída... Parece que **leve** **uma surra**..."(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p. 49)

Sentido: apanhar.

LEVAR/MANDAR/IR (MUITA) GENTE DESTA PARA MELHOR

"Com esses remedios sarára a defunta Desideria – affirmava a feiticeira – que padecia de um puxado com apertos do coração e uma dôr que lhe tomava o folego, respondia – lá nella – nas cruces e alastrava pelo braço esquerdo, que às vezes ficava esquecido. Vivera a enferma muito tempo, trabalhando como uma negra, apanhando sol e chuva; e, senão fôra um ataque violento que não

deu tempo para nada ainda estaria vivendo, com a graça de Deus. Remedio de botica havia **levado muita gente desta para melhor vida.**" (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VI, p.20)

"É porque você não conhece o Crapiúna, nem a Gabrina. Elle é o que se sabe, capaz de tudo, até de **mandar gente desta para melhor;** ella, uma bichinha teimosa como uma mosca, e ruimsinha que faz dó. Não se me dava de jurar que ella inventou aquella historia para desgraçar Alexandre... *Ronha* não lhe falta." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p.63)

"Tão livre como eu, que lhe estou falando. Tambem não foi sem tempo, porque si o pobre ficasse mais alguns dias na cadeia, talvez **fosse desta para melhor.** Saía dalli para a cóva." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIII, p.87)

Sentido: matar²³.

METTER A MÃO NO FOGO

" — Por ella eu púno; **metto a mão no fogo...**" (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 4)

"Entre os pró e contra, prevaleceu o depoimento de Crapiúna, affirmando haver visto, á meia-noite, mais ou menos, um vulto com uma trouxa volumosa subir apressadamente a rua na direcção da igreja. Não jurava que fosse Alexandre, por não ter, em consciencia, absoluta certeza, e para que não dissessem que o accusava por andar enticado com elle; mas a verdade é que tinha o mesmo andar e a mesma estatura. Não o perseguira por não lhe passar, então, pela cabeça, a idéa de um crime tão vil. Belota confirmava, em todas as minucias, a historia do camarada, protestando todavia, que, até a vespera, seria capaz de **metter a mão no fogo** por tão bom moço; mas... a occasião fazia o ladrão..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VII, p. 23)

Sentido: não ter qualquer dúvida a respeito da integridade, da competência e do carácter de (alguém). Há outras equivalentes

²³ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

fraseológicos: “botar a mão no fogo” ou “as mãos no fogo”, “pôr as mãos no fogo”, “pôr a mão no fogo por” ou “pôr as mãos no fogo por”²⁴.

METTER (ALGUÉM) NUM CHINELLO

“— Deixem estar que ha de ser como as outras. Em boniteza, verdade, verdade, **mette vocês todas num chinello**. Aquillo é mulher para dar e apanhar – disse chasqueando um soldado de linha, destacado no curral do Açougue para manter a ordem, pois não raro rixavam e se engalfinhavam mulheres, ou se esbordoavam homens por futeis pretextos: houvera mesmo serios conflictos e luctas sangrentas, tão abatido estava, naquella pobre gente o senso mora (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 5)

Sentido: humilhar, sobrepujar²⁵.

METTER O PÉ NA CARREIRA

“Quando dei fé, ouvi o barulho de um corpo espalhando a agua; levei a lazzarina á cara, e, pensando que eram os patos, ia papocar fogo. Divulguei, então, o corpo de uma mulher, luzindo molhado e nadando como uma marréca. Ainda fico frio quando me lembro dessa visagem. Os meus cabellos se arripiam como espinho de quandú. Quiz gritar, mas tinha um nó na garganta. Passou-me uma nevoa pelos olhos e deixei cair a espingarda. Quando dei accordo de mim, affirmei bem a vista para vêr o que era. A lagôa estava serena como um espelho. Tudo quiéto. Só ouvia sapos ateimando: foi, não foi, e os cururús roncando. Não

²⁴ Postulamos a retrodatação feita por Houaiss (2021) de 1933 para 1903.

²⁵ Também “botar no chinelo”, com sentido de “mostrar-se superior num confronto; suplantar”. Há uma informação, de caráter enciclopédico em Houaiss (2021), sobre a expressão: “Em 1712, na introdução do seu Vocabulário, Bluteau falava em “meter no sapato” com o mesmo sentido: “Em congresso de matemáticos, desprovidos de palavras astronômicas, no meio da eclíptica ficarás às escuras; e em academias de filósofos, pela inópia de dialéticas expressões ao primeiro argumento te meterão em um sapato.”

quiz mais saber de historias; apanhei a arma e **metti o pé na carreira**. Só tomei folego quando avistei a casa. Sá Luzia modos que não me acredita?" (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.106)

Sentido: sair correndo²⁶.

METTER O RABO ENTRE AS PERNAS

“— Não houve nada. Juro-lhe á fé de Deus! Estavamos na casa da Comissão: eu no meu logar fazendo a relação da gente que era demais; elle, numa reinação, intimando com as mulheres. Chegou a Quinotinha em procura da razão do pae, que desmentira um pé; e o desaforado entrou a bulir com ella até fazel-a chorar. Aquillo foi me inchando no coração; perdi a paciencia, e não me pude conter. Metti os pés; cresci p’ra cima do cabra, e disse-lhe por aqui assim: “Se o senhor não respeita a farda para provocar uma menina innocente, ha de respeitar um homem!...” Elle estremeceu; quis se indireitar p’ra mim, mas eu não o deixei esfriar, e accrescentei: “Uma pouca vergonha que a gente não se atreve... Tamanho homem e, de mais a mais, soldado, andar aqui todos os dias, que Deus dá, com desaforos, até com meninas donzellas! Fique sabendo que não me mette medo; não me vou queixar ao sargento Carneviva, nem ao commandante!...” O mulherio abriu em roda; e o Crapiúna, vendo que eu estava decidido para o que dêsse e viesse, murchou; ficou fúlo de raiva e foi sahindo, lá elle, por estas palavras: “Está bom! Não quero baticúm de bocca commigo...” E o povaréo caiu em cima delle com dicterios que faziam uma zoadá doida: – Olha o valentão!... **Metteu o rabo entre as pernas!**... Cabra frouxo!... Vi que elle ficou damnado, mas, nem como coisa, continuei socegado o meu serviço. Quando o capitão José Sylvestre soube do caso, disse-me que eu tinha feito muito bem.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. V, p.16)

Sentido: figurativamente, com ideia de “tornar-se ou mostrar-se amedrontado, tímido ou dócil” ou “ não responder a um

²⁶ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

comentário, censura ou admoestação, por se sentir sem razão, culpado ou amedrontado”. É uma expressão datada de 1543 em Houaiss (2021).

METTER OS PÉS/DA RÊDE

“ — Não houve nada. Juro-lhe á fé de Deus! Estavamos na casa da Comissão: eu no meu logar fazendo a relação da gente que era demais; elle, numa reinação, intimando com as mulheres. Chegou a Quinotinha em procura da ração do pae, que desmentira um pé; e o desaforado entrou a bulir com ella até fazel-a chorar. Aquillo foi me inchando no coração; perdi a paciencia, e não me pude conter. **Metti os pés**; cresci p’ra cima do cabra, e disse-lhe por aqui assim: “Se o senhor não respeita a farda para provocar uma menina innocente, ha de respeitar um homem!...” Elle estremeceu; quis se indireitar p’ra mim, mas eu não o deixei esfriar, e accrescentei: “Uma pouca vergonha que a gente não se atreve... Tamanho homem e, de mais a mais, soldado, andar aqui todos os dias, que Deus dá, com desaforos, até com meninas donzellas! Fique sabendo que não me mette medo; não me vou queixar ao sargento Carneviva, nem ao commandante!...” O mulherio abriu em roda; e o Crapiúna, vendo que eu estava decidido para o que dêsse e viesse, murchou; ficou fúlo de raiva e foi sahindo, lá elle, por estas palavras: “Está bom! Não quero baticúm de bocca commigo...” E o povaréo caiu em cima delle com dicterios que faziam uma zoada doida: – Olha o valentão!... Metteu o rabo entre as pernas!... Cabra frouxo!... Vi que elle ficou damnado, mas, nem como coisa, continuei socegado o meu serviço. Quando o capitão José Sylvestre soube do caso, disse-me que eu tinha feito muito bem.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. V, p. 16)

“ — Sinharsim. **Metti os pés da rêde** quando vinham quebrando as barras e maginei que vosmecês estariam carecidas d'agua. Como estou morando, agora, na cadeia nova, para botar sentido nas obras, de noite, enchi a cabaça na jarra e fui á cidade receber as rações porque as do armazem da Comissão são

melhores e medidas com lavagem. Foi uma lembrança mandada por Deus, porque, chegando lá, topei na porta o Alexandre...". (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p. 105)

Sentido: levantar-se.

MIRAR-SE NO SEU ESPELHO

“ — Olhe para mim, Luzia; **mire-se no meu espelho...** Eu já lhe quero bem, como parente minha, por isso falo-lhe assim. Veja como estou pagando os meus peccados; veja a minha desgraça e a quanto estou sujeita...”. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p. 13)

Sentido: o mais literal possível, aplicado ao contexto, o de refletir-se a partir da experiência malsucedida de outrem.

MORRER DE UM NÓ NA TRIPA

“ — Pouco mais ou menos, contando do dia da briga, até quando a velha **morreu de um nó na tripa**. Dei graças a Deus por me haver livrado de semelhante bruxa, e resolvi voltar para a casa de meu pae, embora elle, que era teimoso e rispido, me matasse; mas, em caminho, tentou-me o demonio e fui rolando de um clado para outro, de povoação em povoação, até que a secca me apanhou. E ahi está, minha camarada, como vim bater aqui.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p.46)

Sentido: a variação registrada em Houaiss (2021) é “nó nas tripas”, brasileirismo com sentido de “ condição em que o funcionamento normal do intestino é interrompido.”

MORRER SEM LUZ

“Esse concerto esdruxulo de vozes humanas em canticos e queixumes, de rugidos da materia transformando-se aos dentes dos instrumentos, aos golpes dos martellos, de brados de commando dos mestres e feitores, essa melopéa do trabalho amargurado ou feliz, era, ás vezes, interrompido por estridulos

assobios, alarido de gritos, gargalhadas rasgadas e as vaias de meninos que se esganiçavam: era uma velha alquebrada que deixára cair a trouxa de areia; um cabra alto de hirsuta cabelleira marrafenta, lambusado de cal, que escorregára ao galgar uma desconjuntada e vacillante escada, e lançava olhares ferozes á turba que o chasqueava ; era a carreira constante das moças e meninas para as quaes o trabalho era um brinquedo; eram gritos de dôr de um machucado, rodeado pela multidão curiosa e compassiva, ou os gemidos de algum infeliz, tombando prostrado de fadiga, pedindo pelo amor de Deus, no estertor da hora extrema, não o deixassem morrer sem confissão, **sem luz**, como um bicho.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. I, p. 3)

Sentido: a expressão, hoje, hifenizada assim “sem-luz” diz da pessoa que se encontra nas trevas ou sozinha.

NÃO CAIU NO CHÃO

“A esta injuria Crapiúna cerrou os punhos, num gesto bruto de ameaça; mas, á chamada do furriel, teve de partir, dirigindo á moça uma praga obscena. - Deixa estar que me pagarás. Esta **não cahiu no chão.**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p.13)

“ — Aquelle homem é um precipicio – murmurou o soldado – Si não fosse você...Deixe estar que os desafôros **não cairam no chão...**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p.65)

“ — Faça isso. Será obra de caridade, que **não cairá no chão.**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p.54)

Sentido: pelo contexto, é difícil precisar o sentido ou mesmo mesmo a fazer uma equivalência fraseológica. Por exemplo, é cabível o sentido equivalente “de chão”, que Crapiúna iria se vingar “sem demora, de pronto; prontamente” ou a de “não deitar ao chão ou “não deixar cair no chão”, ou seja, “dar prosseguimento; abandonar”, obter a desforra, uma “praga obscena”.

NÃO PENSAR COISA COM COISA

“ – Qual, filha! Andas tão atarantada que já não pensas coisa com coisa.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p. 101)

Sentido: com o mesmo sentido de “não dizer coisa com coisa”, isto é, “não dizer coisa alguma com acerto; falar de maneira incoerente” ou ainda “não fazer coisa com coisa”, com sentido de “agir de modo disparatado, sem ordem, organização ou coerência”²⁷.

NÃO TER RABO-DE-PALHA

“ – O que?!... – exclamou a Seridó apavorada. – Pois eu sou presa por fallar a verdade? Que culpa tenho, seu delegado, do malificio dos outros? Eu, que não matei, não roubei, que nunca fiz mal a ninguem... que **não tenho rabo-de-palha!**...”. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXI, p. 82)

Sentido: brasileirismo com a noção de “ não ter mácula na honra, na reputação”²⁸.

NÃO CHEGAR AO MOIRÃO COM DUAS RAZÕES

“ – Pois fique sabendo – continuou Raulino, com muita convicção – que não foi só a mim que ella appareceu. O Izidro, rapaz destemido e caçador de fama, também viu a mãe-d’água de uma feita que estava tarrafeando curimatans. Por signal que não apanhou uma triste piaba naquella lagôa, que tinha mais peixe do que agua. Voltou da pescaria com as mãos abanando, capiongo, meio lézo e contou o caso á noiva, moça (falando com o devido respeito) bonita como uma imagem. Ella ficou desconfiada e quiz, por fina força, ir , fóra de horas, á lagôa. O rapaz fez todo o possivel

²⁷ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

²⁸ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão. Apenas, a grafia da expressão, no ano da publicação da obra, era com hífen; atualmente, temos o composto “rabo-de-palha”, este datado de 1899, referindo-se à ave cuculiforme encontrada em matas e cerrados.

para tirar-lhe da cabeça semelhante doidice; disse-lhe que era um perigo porque as mães-d'água são ciumentas das moças que estão para casar, que houvera muita desgraça por causa disso; pediu, rogou por tudo quanto havia de mais sagrado. Ella prometeu não ir, mas cada vez mais desconfiada teimou, porque mulher, quando malda, **não chega ao moirão com duas razões**. Fugiu de casa quando estavam todos recolhidos e foi á lagôa. Não lhe conto nada. Ao amanhecer, deram por falta da moça. Foi um deus nos accuda. Ninguem dava noticias della. O noivo ficou como um doido; mas, lembrando-se da historia da mãe- d'água, poz-se a rastejar e encontrou o rasto da chinellinha da infeliz, bem marcado no caminho orvalhado.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.106)

Sentido: pelo contexto, a equivalência pode ser “entornar o caldo”, com ideia de “causar desordem, confusão, conflito, especialmente agindo de modo grosseiro, estúpido, rude”²⁹.

NÃO SE AFOGAR EM POUCAS AGUAS

“ — Não supponha que ella esteja amuada... Qual o que!... Aquella **não se afoga em poucas aguas**, e a prova é que continúa a fazer o possivel para obter a sua soltura...”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVI, p. 58)

Sentido: não se embarçar com dificuldades mínimas, isto é, não se abater por coisa pouca.

NÃO SER MAIS MOÇA

“ — Sim. Aquelle infame soldado, muito metido e apresentado, que anda perseguindo a gente. E' um gabola para quem não ha mulher séria. Não se fie daquelle malvado. Conheço muitas que elle desgraçou com partes de promessa de casamento; e não teve coragem de dar-lhes um pedaço de panno para fazer uma saia. A mim andou elle a afrontar com o anelão de ouro que

²⁹ `Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

traz no dedo, como isca para as tolas. **Eu não sou mais moça**, confesso a minha desgraça, mas não me sujo com semelhante desalmado.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p.12)

Sentido: não ser mais virgem.

OLHAR PELO RABO DO OLHO

“ — Quem sou eu?... Quero evitar as más linguas, que não me poupam. Em homem nada péga, mas, em moça, tudo tisna. Eu confio em Deus acabar os meus dias, limpa como nasci do ventre da minha mãe... A pobreza não me affronta, porque tenho forças para trabalhar e ainda não cansei de soffrer. Sabe o que temo? Que façam pouco de mim, que me frechem com dicerios e caçoadas. Às vezes, tenho impetos de estraçalhar uma dessas creaturas perversas que **me olham pelo rabo do olho**, rindo pelo canto da bocca, como si eu fôra uma ridicula... Quando o senhor fôr para a sua banda e eu para a minha, tudo acabará...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIV, p. 52)

Sentido: olhar desconfiado, sem demonstração³⁰.

NÃO FICAR PARA SEMENTE

“ —Tenho esperança de rolar mais alguns dias por este mundo, e só peço a Deus que me não faça soffrer, quando chegar a minha hora. Bem sei que **não hei de ficar para semente**... Tu, que és o meu sangue, tomarás o meu lugar, sendo o que eu fui, uma mulher de bem, trabalhadeira e temente a Deus.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p. 102)

³⁰ Em Houaiss (2021), há registro da expressão “olhar com o rabo do olho”, informalmente, com sentido de “olhar de esguelha”, isto é, olhar de lado, de través, de maneira oblíqua. Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão na variação fraseológica do livro.

Sentido: ao menos, duas acepções da expressão para o contexto dado: “não ser reservado ou escolhido para a reprodução” ou ainda “não viver muito além da média”³¹.

NÃO PAGAR COM LINGUA DE PALMO

“ — Que anjo, que nada!... Sabe o que sou? Mulher e bem mulher, de cabelo na venta. Ninguem m’as faz, que **não pague com lingua de palmo**. Chegou o meu dia... com dois proveitos num sacco: Crapiúna preso e Alexandre limpo de pena e culpa... Foi uma sorte! Viva o glorioso Santo Antonio! Ah!... si eu tivesse foguetes! Xii... tô... tô!...Viva Santo Antonio!... Vivô... Vivô!...”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XX, p.80)

Sentido: de mau grado, de má vontade³².

PAGAR OS MEUS PECCADOS

“ — Olhe para mim, Luzia; mire-se no meu espelho... Eu já lhe quero bem, como parente minha, por isso falo-lhe assim. Veja como estou **pagando os meus peccados**; veja a minha desgraça e a quanto estou sujeita...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p.13)

Sentido: sofrer para se livrar do mal que causou a alguém.

PASSAR A MÃO

“ — Foi o que perguntei. Então a avoadada da Romana começou a caçar: ora o moço precisava preparar-se para o casorio; não teve duvidas; **passou a mão...**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VI, p.21)

Sentido: roubar.

PASSAR A NOITE EM CLARO

³¹ Para esta acepção, postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão. Há ainda outra acepção para a expressão: “ser a última pessoa ou coisa restante de um grupo (por não ter sido escolhido, por não ter morrido ou desaparecido)”, que não figurou na obra.

³² Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

“ — Que bonito luar, Luzia. Dá vontade à gente de **passar a noite em claro**. Como está bem visível! S. Jorge e o cavallo empinado. Dizia-me um *tapuyo* velho da Serra Grande que a lua protege a quem quer bem. Quando uma tapuya gentia tinha saudades do marido ausente, olhava para ella, e lá lhe apparecia o retrato da creatura querida, ou nela casavam, conduzidas pelos olhares, as almas do par, separado por leguas de distancia.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p. 70)

Sentido: não dormir³³.

PEDIR POR BOCCA

“ — Fosse eu você, Luzia, era só **pedir por bocca...**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VIII, p. 29)

“ — A fallar a verdade, não era de todo mau. Fiquei por medo e por não ter coragem de começar a vida de novo... Já tinha padecido tanto, que mais um pouco não me fazia móssa. Mal com elle, peor sem elle, que, tirante as venêtas de ciume, era bom para mim; dava-me tudo: era só **pedir por bocca**, como dona de casa... Maridos, casados na igreja, batem nas mulheres, quanto mais... Ora, deixei-me estar, mas pensando sempre que o meu adorado Cazuzá nunca me havia maltratado, e que eu devia, mais cedo ou mais tarde, tomar desforra; porque, apesar de franzina, ninguem m’as faz, que não as pague, tão certo como Deus estar no céu.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p. 44)

Sentido: pedir sem formalidades.

PEGAR DE GEITO

“ — Vambóra! **Pega de geito**; accerta o passo, cabroeira mofina!... Vamo, vamo, que é meio-dia... Aguenta o balanço!

³³ Houaiss (2021) registra também “passar a noite em branco”, isto é, passar a noite sem dormir. Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

Aonde vocês botam o pirão que comem? Até d'aqui a um tiquinho, sá Luzia..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVIII, p.120)

Sentido: com a noção de seguir a "ordem-unida", com ideia de "formação habitual de marcha, de parada ou de reunião dos componentes de uma tropa, que observa as distâncias e os intervalos estabelecidos".

PEGAR NO SOMNO

" — Passei por uma madorra; mas, á primeira cantada dos gallos, despertei e não houve meio de tornar a **pegar no somno.**" (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. V, p.14)

Sentido: dormir.

NÃO DEIXAR (ALGUÉM) MORRER Á MINGOA

" — Attenda-me. Essa, Gabrina, além de má, é ingrata. Quando a mãe caíu doente e foi desenganada, foi commigo que se achou para arranjar remedios e um caldo chilro para a infeliz. Eu sabia que a filha era uma doida, que apressára a morte da mãe com desgostos, arrebatos e más respostas, por isso tive sómente em mira fazer obra de caridade para **não a deixar morrer á mingoa.** Você sabe que morreu mesmo; e, então, a filha foi para a companhia da Chica Seridó; e nunca mais me ocupei com a vida de semelhante desmiolada... É verdade que não faltou quem attribuisse os meus actos a embellezamento pela moça, que dava cabo ao machado, inculcando-se..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIV, p. 52)

Sentido: a acepção da expressão está diretamente relacionada à da locução "à míngua", com sentido de "num estado de extrema pobreza; na miséria, na penúria", isto é, morrer sem socorro, sem ajuda³⁴.

³⁴ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

NÃO É POR ME GABAR

“— Faça-me esta esmola, minha dona. Veja, **não é por me gabar**, parece cabelo de branca... Pégue nelles, não tenha nojo...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IX, p. 35)

“— Eu, não. Vendo-me sozinha e desacostumada a trabalhar para comer, não tive remedio sinão me resignar á minha sorte e estar por tudo. Quando algum homem se engraçava de mim, eu fingia gostar delle. Encontrei um desalmado que me queria como uma féra; tinha maus bófes e me trazia, ciumento como o demonio, que nem negra cativa. Aquillo não era homem; era o cão em figura de gente. Por qualquer suspeita ficava damnado como se me quizesse comer viva. De uma feita, arranchou-se na casa em que moravamos como marido e mulher, um moço rico e bonito, que se poz a olhar muito para mim; e eu, ao levar-lhe o café, caí na asneira de sorrir para elle. Ah! Luzia, se você me visse naquelle tempo!... **Não é por me gabar**, alva como uma imagem, com duas rosas nas faces e carnes rijas como pau!... Meus cabellos pareciam de oiro e meus olhos eram azues e claros como duas contas. O mundo e a pobreza estragam a gente. Hoje, veja como estou murcha, engelhada, cheia de sardas... Mas, para encurtar razões, quando o moço foi embora, o homem poz-me de confissão; e, não sabendo eu o que lhe dizer para me desculpar de falta que não me passára pela cabeça, disse-me uma porção de desaforos pórcos, nomes de mãe; chamou-me sem-vergonha, safada, deslambida, e, agarrando-me pelos cabellos, deu-me tabefes...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p. 43)

Sentido: de feição muito popular na linguagem informal ou espontânea, com noção de não jactar-se, não vangloriar-se, ou seja, não ostentar os próprios méritos, sejam eles reais ou não.

NÃO PÔR PÉ EM RAMO VERDE

“ — Foi sempre uma desmiolada – accentuava uma velha. – Conheço-a desde menina. Era um diabinho em figura de gente. Também a mãe, Deus perdoe os seus peccados, não se importava

com ella; fazia-lhe todas as vontades... Sempre digo que essa criação d'agora não presta. Filhos muito senhores de si, por qualquer descuido, se desgarram. Os meus **não punham pé em ramo verde**. Muito amor, mas muito respeito e cabresto curto.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIII, p. 86)

Sentido: não permitir que alguém faça tudo o que que, não abusar; não se exceder; não poder realizar o que quer³⁵.

PERDER O JUIZO

“ — Si conseguisse isso, seria um allivio para mim. Pelo menos, deixariamos esta casa maldita, onde não se póde pregar olhos toda a noite. Já vivo com o corpo moído; dóem-me as cadeiras que, ás vezes, não me atrevo a torcer-me; tenho nos ouvidos um bezouro a zunir sem parar. Quando consigo passar por uma modorra, me veem sonhos agoniados; sonho que me caem os dentes, o Cazuza me arrasta pelos cabellos para me atirar num despenhadeiro, e acórdio em meio da quéda. Esta noite senti mãos frias que me encalcavam o peito, mãos de defuncto a me suffocarem, e ouvi uma voz fanhosa a dizer coisas sem pé nem cabeça. Despertei com o coração a saltar pela guéla. Vi, então, um vulto branco que se desmanchava no ar, com um gemido surdo e... gritei... Mamãe, que passa a noite a rezar, correu a ver o que era... Eu estava, como quem **perdeu o juizo**, apontando para o fundo escuro do quarto... Ah! Luzia! Nem pode imaginar o que tenho soffrido...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVII, p. 115)

Sentido: perder a razão, enlouquecer.

QUEBRAR AS ÁGUAS

“ — É o que digo a vocês. As outras comadres não lhe puderam dar volta e não tiveram remedio senão me procurarem, porque, não é por me gavar, todo o mundo sabe que eu sou a tira-teimas. Que

³⁵ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

horror! A mulher tinha a creança atravessada, lá nella; era cheia de dengues; e, quando vinham as dores, não havia meio de ter mão nella. Eram gritos, exclamações!... E botava a bocca no mundo, que não era para graças... Também era a primeira barriga, coitada!... Eu lhe dizia: Tenha paciencia, comadrinha... É assim mesmo. – Mas eu já não posso mais, sinhá Rosa. Estas dôres me arrebetam – respondia ella, com as mãos fincadas nas cadeiras. – Ai... ai... ai... que estou me acabando!... – É porque vosmecê não está affeita... A primeira vez custa um bocado... Nisto, vinha-lhe o somno... Ella passava por uma modorra, como se não tivesse nada. De repente, estremeia... – Lá vem... lá vêm ellas – repetia espantada. – Ai... ai... Minha Santa Virgem!... – Ah, meu maridinho... da minha alma... Ai!... Ai!... E eram ais de cortar o coração de quem não labuta, como eu, desde rapariga. Estava eu já esfalfada; não sabia mais como enganar a pobre, quando ella teve um puxo forte e **quebraram-se as aguas**. Então eu disse: D’aqui a um nadinha, se Deus quizer, está ahi a creança. – As dôres foram amiudando, umas em riba das outras e... nada... Porfim a mulher não tinha mais forças: os puxos se espaçaram muito escassos, estava lavada em suores, branca como um panno, os olhos revirados e o nariz afilado... Credo! Parecia uma defuncta... – Tenha coragem, minha comadre. Mais uma vez e estará livre... Ella não falava; berrava como uma bezerra. Peguei-me, então, com o Senhor S. Raymundo e rezei o *Magnificat*. Já estava para mandar tocar, no sino da matriz, signal de mulher de parto, quando me veio uma fé... Mandeí sugical-a por outra mulher, que estava junto, e vistoriei-a á fina força, porque, toda cheia de luxo e de vergonhas, me dava com os pés como uma desesperada. O menino estava mesmo atravessado. – Vão vêr uma botija, minha gente – disse eu. Trouxeram uma botija de zinébra vasia, onde eu mandei que ella assoprasse com toda a força. – Sobre... sobre de verdade... Vamos... vamos... mais... mais um bocadinho... Agora... agora... Nisto dei um jeito que só eu sei... A mulher largou um grito rasgado e a creança pulou!... Estava roixo como uma beringela... Mal se viu alliviada, era só arremettendo para vêr o filho... Eu, com medo de dizer que a creança parecia morta, tinha mão na mãe... A

creança não dava signal de vida. Amarrei-lhe o embigo; arrumei-lhe quatro palmadas fortes; metti-lhe o dedo na bocca cheia de gosma... Foi dito e feito: chorou logo com força, pois era um menino macho, com a graça de Deus... A mulher ficava cada vez mais branca e com uma sêde de engulir quartinhas d'água. Era um frouxo damnado. Parecia que se havia sangrado um boi... Então mandei assoprar outra vez na botija. E, como as párias não se despregassem, chamei o marido, mandei que botasse o pé em cruz na barriga da mulher enquanto esta rezava commigo: "Minha Santa Margarida, não estou prenha, nem parida, mas de vós favorecida." Ao cabo da terceira vez, estava tudo acabado. Arre! Que nem com dez mil réis me pagavam o trabalho e o susto... Ainda tenho uma dôr aqui, na ponta da costella mindinha, de uma feita que ella me empurrou o pé para fazer firmeza... Credo!..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. X, p. 36)

Sentido: o romper da bolsa amniótica, isto é, rompe-se o líquido que protege o embrião contra a desidratação e choques mecânicos.

QUEBRAR AS/DAS BARRAS

"Estava ainda longe o dia. As **barras** apenas despontavam no levante em pallido clarão e alguns farrapos de nuvens rubescentes. Exposta à bafagem da madrugada, Luzia de pé, em plena nudez, entornava sobre a cabeça cuias d'água que lhe escorria pelo corpo reluzente, um primor de linhas vigorosas, como pintava a superstição do povo o das mães-d'água lendarias, estremecendo em arrepios á liquida caricia, e abrigada no manto da espessa cabelleira anelada que lhe tocava os finos tornozelos. Ao perceber desenhar-se no lusco-fusco da nebrina matinal, já perto, o vulto da moça a contemplal-a, soltou um grito de espanto e agachou-se, cruzando os braços sobre os seios." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p. 11)

"Lentas passaram as horas para Luzia, sentada na rêde, estremecendo ao menor ruido do vento nas folhas da latada, e

aguardando, anciosa, o **quebrar das barras**, com os primeiros fulgores da aurora. Seu olhar compassivo fluctuava entre a doente, a moça adormecida e a candeia a crepitar melancolica, no caritô enfumarado.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p. 49)

“— Sinharsim. Metti os pés da rêde quando vinham **quebrando as barras** e maginei que vosmecês estariam carecidas d'agua. Como estou morando, agora, na cadeia nova, para botar sentido nas obras, de noite, enchi a cabaça na jarra e fui á cidade receber as rações porque as do armazem da Commissão são melhores e medidas com lavagem. Foi uma lembrança mandada por Deus, porque, chegando lá, topei na porta o Alexandre...”. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p. 105)

Sentido: amanhecer o dia, nascimeto do sol.

RECEBER UMA DINHEIRAMA DE COIRO E CABELLO

“— Mas a demora foi dar noticias de vosmecê, ficou ligeiro e alegre que não parecia o mesmo. Mediu... Mediu é um modo de fallar: fez a olho, as rações. Era o que a mão dava. Elle por uma banda e eu pela outra. E não fomos mais longe porque já era uma dôr de consciencia. O homem quer bem a vosmecês mesmo de verdade. Fez perguntas e reperguntas; quiz saber do puxado da tia Zephinha; si sá Luzia ainda estava na obra, si passou lá trabalhando o dia de ontem, um horror de coisas que fui respondendo só para dar-lhe gosto. Agora está como quer. Ha males que vêm para bem. Melhorou no emprego e **recebeu uma dinheirama de coiro e cabello**. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.105)

Sentido: embolsar em dinheiro de forma demasiada por algum serviço prestado, produto ou trabalho.

SER A TIRA-TEIMAS

“ — É o que digo a vocês. As outras comadres não lhe puderam dar volta e não tiveram remedio senão me procurarem, porque, não é por me gavar, todo o mundo sabe que eu **sou a tira-teimas**. Que

horror! A mulher tinha a creança atravessada, lá nella; era cheia de dengues; e, quando vinham as dores, não havia meio de ter mão nella. Eram gritos, exclamações!... E botava a bocca no mundo, que não era para graças... Também era a primeira barriga, coitada!... Eu lhe dizia: Tenha paciencia, comadrinha... É assim mesmo. – Mas eu já não posso mais, sinhá Rosa. Estas dôres me arrebetam – respondia ella, com as mãos fincadas nas cadeiras. – Ai... ai... ai... que estou me acabando!... – É porque vosmecê não está affeita... A primeira vez custa um bocado... Nisto, vinha-lhe o somno... Ella passava por uma modorra, como se não tivesse nada. De repente, estremeia... – Lá vem... lá vêm ellas – repetia espantada.– Ai... ai... Minha Santa Virgem!... –Ah, meu maridinho... da minha alma... Ai!... Ai!... E eram ais de cortar o coração de quem não labuta, como eu, desde rapariga. Estava eu já esfalfada; não sabia mais como enganar a pobre, quando ella teve um puxo forte e quebraram-se as aguas. Então eu disse: D’aqui a um nadinha, se Deus quizer, está ahi a creança. – As dôres foram amiudando, umas em riba das outras e... nada... Porfim a mulher não tinha mais forças: os puxos se espaçaram muito escassos, estava lavada em suores, branca como um panno, os olhos revirados e o nariz afilado... Credo! Parecia uma defuncta... – Tenha coragem, minha comadre. Mais uma vez e estará livre... Ella não falava; berrava como uma bezerra. Peguei-me, então, com o Senhor S. Raymundo e rezei o *Magnificat*. Já estava para mandar tocar, no sino da matriz, signal de mulher de parto, quando me veio uma fé... Mandei sugical-a por outra mulher, que estava junto, e vistoriei-a á fina força, porque, toda cheia de luxo e de vergonhas, me dava com os pés como uma desesperada. O menino estava mesmo atravessado. – Vão vêr uma botija, minha gente – disse eu. Trouxeram uma botija de zinébra vasia, onde eu mandei que ella assoprasse com toda a força. – Sobre... sobre de verdade... Vamos... vamos... mais... mais um bocadinho... Agora... agora... Nisto dei um jeito que só eu sei... A mulher largou um grito rasgado e a creança pulou!... Estava roixo como uma beringela... Mal se viu alliviada, era só arremettendo para vêr o filho... Eu, com medo de dizer que a creança parecia morta, tinha mão na mãe... A

creança não dava signal de vida. Amarrei-lhe o embigo; arrumei-lhe quatro palmadas fortes; metti-lhe o dedo na bocca cheia de gosma... Foi dito e feito: chorou logo com força, pois era um menino macho, com a graça de Deus... A mulher ficava cada vez mais branca e com uma sêde de engulir quartinhas d'agua. Era um frouxo damnado. Parecia que se havia sangrado um boi... Então mandei assoprar outra vez na botija. E, como as párias não se despregassem, chamei o marido, mandei que botasse o pé em cruz na barriga da mulher enquanto esta rezava commigo: "Minha Santa Margarida, não estou prenha, nem parida, mas de vós favorecida." Ao cabo da terceira vez, estava tudo acabado. Arre! Que nem com dez mil réis me pagavam o trabalho e o susto... Ainda tenho uma dôr aqui, na ponta da costella mindinha, de uma feita que ella me empurrou o pé para fazer firmeza... Credo!...". (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. X, p.36)

Sentido: com o sentido de ser pessoa que dirime uma questão com prova categórica.

SER CHEIA DE DENGUES

"É o que digo a vocês. As outras comadres não lhe puderam dar volta e não tiveram remedio senão me procurarem, porque, não é por me gavar, todo o mundo sabe que eu sou a tira-teimas. Que horror! A mulher tinha a creança atravessada, lá nella; **era cheia de dengues**; e, quando vinham as dores, não havia meio de ter mão nella. Eram gritos, exclamações!... E botava a bocca no mundo, que não era para graças... Tambem era a primeira barriga, coitada!... Eu lhe dizia: Tenha paciencia, comadrinha... É assim mesmo. – Mas eu já não posso mais, sinhá Rosa. Estas dôres me arrebetam – respondia ella, com as mãos fincadas nas cadeiras. – Ai... ai... ai... que estou me acabando!... – É porque vosmecê não está affeita... A primeira vez custa um bocado... Nisto, vinha-lhe o somno... Ella passava por uma modorra, como se não tivesse nada. De repente, estremecia... – Lá vem... lá vêm ellas – repetia espantada.– Ai... ai... Minha Santa Virgem!... –Ah, meu maridinho... da minha alma...

Ai!... Ai!... E eram ais de cortar o coração de quem não labuta, como eu, desde rapariga. Estava eu já esfalfada; não sabia mais como enganar a pobre, quando ella teve um puxo forte e quebraram-se as aguas. Então eu disse: D'aqui a um nadinha, se Deus quizer, está ahi a creança. – As dôres foram amiudando, umas em riba das outras e... nada... Porfim a mulher não tinha mais forças: os puxos se espaçaram muito escassos, estava lavada em suores, branca como um panno, os olhos revirados e o nariz afilado... Credo! Parecia uma defuncta... – Tenha coragem, minha comadre. Mais uma vez e estará livre... Ella não falava; berrava como uma bezerra. Peguei-me, então, com o Senhor S. Raymundo e rezei o *Magnificat*. Já estava para mandar tocar, no sino da matriz, signal de mulher de parto, quando me veio uma fé... Mandeí sugical-a por outra mulher, que estava junto, e vistoriei-a á fina força, porque, toda cheia de luxo e de vergonhas, me dava com os pés como uma desesperada. O menino estava mesmo atravessado. – Vão vêr uma botija, minha gente – disse eu. Trouxeram uma botija de zinébra vasia, onde eu mandei que ella assoprasse com toda a força. – Sobre... sobre de verdade... Vamos... vamos... mais... mais um bocadinho... Agora... agora... Nisto dei um jeito que só eu sei... A mulher largou um grito rasgado e a creança pulou!... Estava roixo como uma beringela... Mal se viu alliviada, era só arremettendo para vêr o filho... Eu, com medo de dizer que a creança parecia morta, tinha mão na mãe... A creança não dava signal de vida. Amarrei-lhe o embigo; arrumei-lhe quatro palmadas fortes; mettilhe o dedo na bocca cheia de gosma... Foi dito e feito: chorou logo com força, pois era um menino macho, com a graça de Deus... A mulher ficava cada vez mais branca e com uma sêde de engulir quartinhas d'agua. Era um frouxo damnado. Parecia que se havia sangrado um boi... Então mandei assoprar outra vez na botija. E, como as párias não se despregassem, chamei o marido, mandei que botasse o pé em cruz na barriga da mulher enquanto esta rezava commigo: “Minha Santa Margarida, não estou prenha, nem parida, mas de vós favorecida.” Ao cabo da terceira vez, estava tudo acabado. Arre! Que nem com dez mil réis me pagavam o trabalho

e o susto... Ainda tenho uma dôr aqui, na ponta da costella mindinha, de uma feita que ella me empurrou o pé para fazer firmeza... Credo!.." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. X, p. 36)

Sentido: equivalente a cheia de dengo, isto é, denguice, com acepções diversas como lamentação infantil; choradeira, lamúria, birra ou delicadeza no comportamento; meiguice, fragilidade, cabíveis ao contexto dado³⁶.

SER COMO MACACO POR BANANA

" — Estava quasi requerendo – tornou o sertanejo. Por essa bebida, **sou como macaco por banana**. No tempo da fartura, eu era capaz de tomar uma canada de café por dia." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.107)

Sentido: usada para enfatizar o gosto por determinada coisa³⁷.

(SER) MACACA VELHA

" — A pobresinha fez isso – dizia ella ao delegado, na sala de audiencia da camara municipal, apinhada de curiosos – sem maldade; e (para que hei de estar com historias mal contadas?) porque andava inclinada para seu Alexandre, depois dos beneficios que delle recebeu. Ponha o caso em si, meu senhor. Vossa senhoria sabe que mulher, quando vira a cabeça, é capaz de tudo. Quem quer bem não toma conselhos; não enxerga desgraças, nem se importa com perigos. Ella tinha no coração aquelle amor encoberto e não me disse nada. Esta bichinha que aqui vê, esta não-sei-que-diga disfarçou tão bem que eu, **macaca velha**, nada maldei. Mettia a mão no fogo por ella, creia-me... Aquelle malvado

³⁶ Podemos postular a datação de 1903 para "dengues" ou sua expressão "ser cheia de dengues". Todavia, Houaiss (2021) nos informa que dengue tem origem no espanhol (origem onomatopaica), datada de 1732, com a noção de "melindre, trejeitos afetados" ou um vocábulo de origem expressiva com remissão ao quimbondo *ndenge* no sentido de 'criança, recém-nascido, choradeira, manha.

³⁷ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

homem, percebendo que a pobre estava enciumada, seduziu-a, com promessas de mimos, a tomar uma vingança do moço. Eu sabia que seu Crapiúna gostava de Luzia-Homem, tanto assim que, uma noite, me pediu para ir fazer uma réza, na casa della para abrandar-lhe o coração. Fui com elle e mais o seu Belóta, muito contra a minha vontade; mas (para que hei de negar?) fui e não pudemos fazer nada, porque estiveram acordadas até fóra de horas. Saberá vossa senhoria que sou mulher de proposito; mesmo contra mim, falo a verdade. Fui fazer a réza, mas não ha mal nisso. É com as minhas orações e mézinhas que arranjo o bocado para a bocca, sem ser pesada a ninguem, Deus louvado.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXI, p. 80)

Sentido: indivíduo experiente, astuto, especialmente aquele que está escolado num determinado assunto ou matéria

(SER) MADEIRA DE LEI

“ — Alexandre é rijo e moço. Com alguns dias de ar livre, fica capaz de outra, do que Deus o livre. Aquillo é **madeira de lei**; o cupim da molestia hade custar a roel-a.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIII, p. 87)

Sentido: ter muita resistência.

SUJAR-SE COM O ALHEIO

“ — Eu também tenho Alexandre em conta de pessoa incapaz de **se sujar com o alheio**; mas a verdade é que foi preso e lá está, na casa da Comissão, com o delegado...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VII, p. 23)

Sentido: roubar.

TER CABELLOS NO CORAÇÃO

“ — Dizem que é criminoso. Muito provocante e atrevido, outro dia quase teve uma péga com o Alexandre por causa de

umas liberdades, que quiz tomar com a Quinotinha. Não foi por ciúme que o outro avançou em defesa da menina, uma criança inocente, coitadinha, que ainda não desceu o embainhado da saia. Só visto se acredita. Era preciso **ter cabellos no coração** para fazer o que elle fez e ter sangue de barata para supportar tamanho desafio.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p. 12)

Sentido: ser cruel ³⁸.

TER MÃO

“ — Estava num pé e noutro para ter noticias certas do barulho, quando, entrou, de repente, Bentinho. Vinha muito amarello, com a mão enrolada em um panno e acompanhado por dois cabras, armados até os dentes. — Que foi? — perguntei-lhe assustada. — “Nada, um arranhão no pulso, respondeu com voz sacudida — amarre-me, endireite-me isto, sá Quiteria.” Enquanto a velha punha mézinha na ferida, um talho que ia da palma da mão esquerda ao meio do braço, Bentinho, fóra do seu natural, com os olhos espantados, a voz surda e secca, ainda tremulo de raiva, contou-me que, chegando á feira, fóra desfeitoado por uns cabras, novatos na terra, já muito encachaçados e intimando com todo o mundo. Chamou a gente para amarral-os, mas um delles, saltando como um gato sobre o ginete, disse-lhe: — Você pensa, seu alvarinto, que amarrar homem é furtar, á traição, mulher alheia? Nisto chegou, à toda, o João Brincador com tres homens escolhidos, e eu disse-lhe: — Amarra essa cambada de desordeiros. — Em cima das minhas palavras, riscou o Bertho, e foi dizendo: — Você, póde amarral-os seu filho desta, filho daquella, mas depois de me pagar e ajustarmos as contas. — Eu e os meus, demos de

³⁸ Houaiss (2021) registra uma rica variação fraseológica, a saber: “ter cabelo no céu da boca” ou “cabelos no céu da boca”, com sentido, informal, de “ser insensível, implacável, cruel, perverso”; ou “ter cabelos no coração”, com sentido de “ter muita disposição ou muita coragem para realizar algo difícil, arriscado ou perigoso” ou “ser insensível, implacável, cruel, perverso”. Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

rédea para sairmos do meio do povo; elles, rente, atraz da nossa poeira. A certa distancia rodamos sobre os pés os animaes, e os cabras que tambem estavam bem montados, quase esbarram em riba de nós. – Aguenta, rapazes! – disse ao João, que me respondeu sorrindo: Não ha novidade, capitão. Deixe elles p’ra nós. Palavras não eram ditas, o Bertho papocou-me fogo. Abaixei-me, e a bala tirou um taco da beira do chapéu do João. – com uma descarga. O cavallo de um delles empinou-se e rodou morto por cima do cavalleiro, tambem ferido. O Bertho, então, veio secco em cima de mim, e correu dois palmos de faca do *Pasmado*. – “**Tenha mão**, capitão Bertho” – disse-lhe eu, aparando o golpe, com a minha *Parnahyba*. – **Tenha mão** que se desgraça. Mas o homem estava rôxo de raiva; espumava como um touro feroz. Avançou outra vez num impeto, que não era para graças. Suspendi o ruço-pombo passarinhando como um gato; salto p’ra aqui; pulo p’ra acolá, e o homem decidido atravessando-se na minha frente, com o cavallo preto e ligeiro que nem um tigre. Na terceira investida, metteme-me o ferro com vontade. Rebatu com a mão; mas quando senti o aço ranger-me na carne e o sangue espirrar, saquei da garrucha. O homem estava cêgo, arremetteu de novo e metteme-me o ferro outra vez aqui na aba do gibão. Vendo, então, que o diabo me matava mesmo, e que eu não podia com vantagem brigar com elle a ferro frio, perdi as cerimoniaes, e lasquei-lhe fogo... O homem soltou um berro; abriu os braços como se quizesse abraçar o vento, e derreou p’ra traz. O cavallo, sentindo falta de rédea, deu quatro galões e meio, como um poldro brabo e desembestou desapoderado, arrastando Bertho enganchado no estribo. Morreu?!... – perguntei, tiritando de frio, e batendo os dentes como se tivesse sezões. “Não sei. Foi batendo por troncos e barrancos até desaparecer de nossa vista com os dois cabras restantes mettidos em uma nuvem de poeira. Dois dos delle ficaram no barro. Da minha rapaziada, o Chico Pintado levou uma bala aqui na coxa – lá nelle; o Borburema perdeu o gibão, e foi ferido com um pontaço nas cruces; o Brincador ficou com o chapéu, novo em folha, estragado. Todo o mundo sabe que elle

tem o corpo fechado. Enquanto brigavamos, o povo fazia um barulho medonho. Todos viram que me defendi o mais que pude, negaceando, para lhe poupar a vida. O diabo do ferro cortava como navalha. O talho está doendo de verdade.” E voltando-se para mim, disse: – “Não chores, Theresa. Isto, com sumo de angico ou de maçã de algodão, sára depressa.... É uma arranhadura de nada.” Suppunha que eu chorava por elle; mas, naquella occasião, meu pensamento acompanhava Bertho, desfigurado pelos encontrões, coberto de sangue e pó, arrebatado pelo Moleque, cavallo de estimação que eu bem conhecia. Minha vontade era correr atraz do pobre, apanhar os pedaços da sua carne, arrancados pelos tócos e pedras. Talvez o encontrasse ainda vivo para pedir-lhe perdão... Desde esse dia, ficou decretada a minha desgraça. Bentinho me achava sempre triste e succumbida. Eu tinha repugnancia daquelle homem manchado com o sangue do outro. Não era já a mesma mulher... Elle parece que percebeu isso, e foi também esfriando, até que me participou o seu casamento com uma prima bonita e rica. Eu respondi que lhe fizesse bom proveito... Deu-me um maço de dinheiro e não voltou mais á casa da velha Quiteria.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p.45)

“ – Olha Zoião, meu amigo Crapiúna – implorava Belóta, entre os dois. – Nós somos todos amigos velhos. Para que este baticum de boca... Daqui a nada ouvem lá fóra... Pelo amor de Deus... Seu Candinho, você que é mais moderado **tenha mão** no Zoião, mais no Vicente...”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p.65)

“ – Que – continuou Zoião – não póde levantar a cabeça diante de homens de mãos limpas, querer ter voz altiva para insultar os outros!... **Tenha mão** nelle, que é soldado como você e deve respeitar a farda...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p.65)

“ – Aguenta; **tenha mão** nesse malvado, que já vou!...”!... (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p.122)

Sentido: para a locução, os contextos trazem algumas possibilidades de acepções, tais como “sustar o que se estava fazendo ou estava para fazer; reprimir”, “amparar, parar”, “tomar cautela”³⁹.

TER MÁS ENTRANHAS

“Avançou para elle que nem uma féra, e o cabra ficou branco como um defuncto. Todo o homem de **más entranhas**, á traição, é cascavel, mas, peito a peito, é medroso. Alexandre já andava com elle de olho por sua causa.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 10)

“ — Com aquella carinha de enfinta, — murmurava ella — de alfinim, que com qualquer coisa se derrete, não me engano. É muito másinha de bofes. Com aquella parte de gostar de você, não se lhe dava de ser causa do muito que penou na cadeia. O amor deu-lhe p’ra maldade. Era bem feito que ella fosse gemer e chorar no xadrez para saber si é bom levantar falso testemunho aos outros. Não ha nada melhor que a gente ser fingida: faz quanta perversidade ha e no fim de contas, basta se derreter em choro e ter um *vagado* para ser perdoada. Eu, não me importa de dizerem que **tenho más entranhas**. Quem me fizer paga, tão certo como dois e dois serem quatro. E então a Chica Seridó? Como ficou piedosa e innocente, ella que é a alma damnada de tudo... Aquillo tem mais artes e ronhas que diabos nas profundas do inferno... Fosse commigo, ficavam as duas ensinadas para toda a vida.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXII, p. 83)

Sentido: figurativamente, aquele que tem má índole, mau-caráter.

TER MÁOS BÓFES

“Acharam todos fôra acertada providencia tirar aquella onça do pasto para tranquillidade e segurança das moças e das

³⁹ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão, o inclui as possibilidades de acepção.

mulheres casadas, pois já era demasiada a falta de respeito escandalizadora. **Aquelle homem de mãos bófes**, era um perigo. E surdiam historias de crimes, anedotas grotescas, revelação de casos repugnantes, verdadeiros ou inventados pela phantasia do populacho nos excessos de saborear a vingança, denegrindo-lhe a reputação e deturpando-o para transformal-o de pelintra quente e apaixonado, em réles monstro horripilante.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 6)

“ — Eu, não. Vendo-me sozinha e desacostumada a trabalhar para comer, não tive remedio sinão me resignar á minha sorte e estar por tudo. Quando algum homem se engraçava de mim, eu fingia gostar delle. Encontrei um desalmado que me queria como uma féra; **tinha maus bófes** e me trazia, ciumento como o demonio, que nem negra cativa. Aquillo não era homem; era o cão em figura de gente. Por qualquer suspeita ficava damnado como se me quizesse comer viva. De uma feita, arranchou-se na casa em que moravamos como marido e mulher, um moço rico e bonito, que se poz a olhar muito para mim; e eu, ao levar-lhe o café, caí na asneira de sorrir para elle. Ah! Luzia, se você me visse naquelle tempo!... Não é por me gabar, alva como uma imagem, com duas rosas nas faces e carnes rijas como pau!... Meus cabellos pareciam de oiro e meus olhos eram azues e claros como duas contas. O mundo e a pobreza estragam a gente. Hoje, veja como estou murcha, engelhada, cheia de sardas... Mas, para encurtar razões, quando o moço foi embora, o homem poz-me de confissão; e, não sabendo eu o que lhe dizer para me desculpar de falta que não me passára pela cabeça, disse-me uma porção de desaforos pórcos, nomes de mãe; chamou-me sem-vergonha, safada, deslambida, e, agarrando-me pelos cabellos, deu-me tabefes...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p. 43)

Sentido: é antônimo de “ter bons bofes”, ou seja, aquele que tem mau gênio⁴⁰.

⁴⁰ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

TER O CORAÇÃO A SALTAR/BATER PELA/NA/AO PÉ DA GUÉLA

“Quando lhe serenou o animo attribulado, teve impetos de repellar o insulto com represalias violentas, castigando, ella mesma, o insolente, custasse-lhe isto, embora, muita vergonha, muito opprobrio, ou procurar auxilio na dedicação cega de Alexandre, com a qual sabia poder contar para a vida e para a morte; mas, demoveram-n’a desse passo, ponderações das consequencias de escandalo, um crime possivel e a punição. Não queria arriscar o moço, cuja alma impetuosa e forte, parecia adormecida sob apparencias de mansidão e doçura, como a lamina de uma faca acerada, escondida em bainha de velludo. Raulino era demasiado ardente; **tinha o coração na guéla** e seria capaz de estrepolias graves. Demais, por lhe haver prestado valioso serviço, pareceria exigir a paga com o apello ao seu concurso. Além desses, não tinha um coração amigo onde fosse haurir conselho e procurar o ineffavel allivio da confidencia, valvula benefica para o escoamento das magoas, pezares e desgostos. As moças da mesma idade, ainda não contaminadas pelo virus pecaminoso, que empestava o ambiente, evitavam-n’a com maneiras timidas, discreto acanhamento, como não fossem eguaes na condição e infortunio.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p. 14)

“ — Nada... — respondeu ella de olhos baixos, hesitante. — Sempre que tópo com aquelle soldado, **o coração me bate ao pé da guéla** e fico meio suffocada... É preciso ter muita paciencia...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p. 51)

“ — Si contas com aquella, ficas desabotoado toda a vida. Tome o meu conselho, seu Crapiúna. Quem me avisa, meu amigo é. Deixe a Luzia de mão. Olhe que lhe acontece desgraça, quando menos pensar. Você tem sangue na guelra e o Tome **coração perto da guéla**. Tome cuidado.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p. 57)

Sentido: ao certo, reforça o equivalente à “ter sangue na guelra” ou, mais popularmente, “ter sangue nas veias”, com

sentido de “ser genioso, irritadiço, ser propenso a reação exaltada”. Também ter o sangue quente⁴¹.

TER O FIO DA MEADA

“Ah! miseravel; tenho aqui o **fio da meada!**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p.71)

Sentido: figurativamente, ter o encadeamento de uma trama, uma narrativa, um raciocínio.

TER OS PÉS NA CÓVA

“ — Buzões?!... Conheci um moço que foi enfeitado por uma rapariga, embellezada por elle. A creatura, de repente, ficou toda torta, como se lhe dêsse o ar... Ave-Maria; foi murchando, seccando até ficar pelle e osso. Parecia mais um defuncto em pé, que gente viva. Desenganado de remedio de botica, foi se receitar ao padre João Chrysostomo; chupou chave de sacrário do Santíssimo, mandou fazer orações fortes... Foi bobage... A felicidade delle foi topar uma cigana, que lhe deu contra-feitiço, uns pózes para beber com leite de peito... Santo remedio, menina!... Uma coisa é vêr outra é dizer, como elle se levantou, já **tendo os pés na cóva.**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p. 48)

Sentido: estar morto.

TER PANOS PARA AS MANGAS

“ — Vamos seu Belóta – ordenou o sargento – Bote para fóra o que sabe. Vamos que **temos panos para mangas...**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XX, p. 77)

⁴¹ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão. A título de curiosidade: no século XV, a grafia goela hesitava muito, ora grafada guella ora guella.

Sentido: equivalente ao sentido de “dar panos para mangas”, isto é, dar motivo para comentários, dar o que falar⁴².

TER SANGUE DE BARATA

a) Era preciso ter cabelos no coração para fazer o que ele fez e ter sangue de barata para suportar tamanho desaforo. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p. 12)

Sentido: figurativamente, não gostar de briga, não reagir a provocações⁴³.

TER SANGUE NA GUELRA

“— Si contas com aquella, ficas desabotoado toda a vida. Tome o meu conselho, seu Crapiúna. Quem me avisa, meu amigo é. Deixe a Luzia de mão. Olhe que lhe acontece desgraça, quando menos pensar. Você **tem sangue na guelra** e o coração perto da guéla. Tome cuidado” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p. 57)

“—Ora, ora, ora!... Eu lhe conto. Seu Bertho (ele se chama Bartholomeu, mas todos o tratavam assim) foi em fins d’aguas fazer a férra em uma fazenda dos Crateús. O outro parece que soube disso, e se apresentou uma tarde, debaixo de um pé d’agua, que se diria vir o céu abaixo. Eram relampagos e trovões de encandear e ensurdecer a gente. Aboletou-se e passou a noite. Sube, então, que era um tal capitão Bentinho, de familia muito rica e poderosa. Trajava bem, gibão, guarda peito, e perneiras de coiro de capoeiro, muito macia, bordadas de flores, pospontadas á sovéla, com abotoadura e esporas de prata. Não imagina como tinha a côr fina e branca, e uma barba parecida, comparando mal, com a de Jesus Christo. Como estou fallando com o coração aberto, não tenho vergonha de confessar que me engracei d’elle, acho que por capricho ou por ser em tudo differente do outro. De

⁴² Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

⁴³ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

madrugada, ainda chuviscando e antes que a gente da casa acordasse, arrumei algumas peças de roupa e metti-as em saccos com alguns patações dados pelo Bertho; e fugimos: elle montado num possante quartau pedrez, eu á garupa. Arre! que foi uma viagem de arrebenatar. Tivemos de atravessar muitas leguas de sertão, passando rios a nado, dormindo no matto e comendo de alforge até chegarmos a uma povoação, perto da fazenda onde moravam os pais delle. Ahi fui aboletada em casa de uma velha. Passamos tres dias como noivos: elle, fino como seda; eu, cheia de denguiques e manhas, como rapariga donzella. E contudo, Luzia, você não é capaz de acreditar que, animada pelo Bentinho, todo delicadezas e cerimonias, tinha saudades do Bertho com o seu **sangue na guelra**, aquelles olhos devoradores, aquella brutalidade..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p. 67)

Sentido: figurativamente, equivalente a "ter sangue nas veias", ter gênio exaltado, enfurecer-se com facilidade⁴⁴.

TIRAR O CAVALLO DA CHUVA

" — **Tira o cavallo da chuva** e conta a historia direito, Crapiúna. Todas as mulheres são iguaes e merecem tudo; a demora é grelar no coração o capricho, principalmente, quando resistem. Fôra ella um monstro da natureza; paixão não enxerga nem repara e, quando nos ataca, é como o sarampo: até jasmim de cachorro é remédio. E deixa falar quem quizer, que é soberba, sonsa, mal ensinada... Ella não é nenhum peixe podre. Não reparaste naquelles quartos redondos, no cacúlo do queixo, na bocca encarnada como um cravo?! E o buço?!... Sou caidinho por um buço... Ella quasi que tem passa-piolho, o demonio da cabrocha..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 6)

Sentido: desistir de ideia, projeto ou pretensão, por não haver hipótese de êxito. Também se diz " tirar o cavalinho da chuva"⁴⁵.

⁴⁴ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

⁴⁵ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

TOMAR A PEITO

“Desde que **tomára a peito** quebrar o encanto de Luzia-Homem, andava-lhe a sorte arrevesada. Perseguiu-o um caiporismo incessante, que o tornava ainda mais irritadiço e trefego, principalmente quando Belóta, chasqueando, insinuava que elle estava contra o sentido do rifão, sendo infeliz no jogo e no amor, e attribuiu as perdas consideraveis, que elle soffria, ao facto de andar com o juizo passeando, em vez de fixal-o nas cartas ensebadas e sujas do baralho, recurvado em fórmula de telha pela pressão do partir, repetindo-lhe a cada pichotada, que jogador não guarda cabras.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p. 63)

Sentido: dedicar-se a alguma coisa com grande empenho e interesse. Atualmente, também se diz, com o mesmo sentido, “levar a peito”⁴⁶.

TOMAR DORES

a) “Você não é nada meu para tomar dores por mim... Aquilo não tem entranhas de cristão: é um malfazejo...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. III, p. 9)

Sentido: ficar (alguém) ressentido por ofensa dirigida a outrem, assumindo-lhe a defesa; doer-se por alguém⁴⁷.

VER COM OS OLHOS E COMER COM A TESTA

“E como o soldado, em cujo coração se derramara fel, ficasse a scismar, Belota affastou-se com um gracejo ferino: – Alli é **vêr com os olhos e comer com a testa ou lamber vidro de veneno por fóra**, como rato de botica. Toma o meu conselho. Não te mettas com a bruxa que cheiras vara!”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 7)

⁴⁶ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão

⁴⁷ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão. Não há registro em Houaiss (2021)

Sentido: admirar e não poder possuir.

VIRAR A CABEÇA

“— Você não sabe de quanto o bicho mulher é capaz, quando **vira a cabeça**.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p. 44)

“— A pobresinha fez isso – dizia ella ao delegado, na sala de audiencia da camara municipal, apinhada de curiosos – sem maldade; e (para que hei de estar com historias mal contadas?) porque andava inclinada para seu Alexandre, depois dos beneficios que delle recebeu. Ponha o caso em si, meu senhor. Vossa senhoria sabe que mulher, quando **vira a cabeça**, é capaz de tudo. Quem quer bem não toma conselhos; não enxerga desgraças, nem se importa com perigos. Ella tinha no coração aquelle amor encoberto e não me disse nada. Esta bichinha que aqui vê, esta não-sei-que-diga disfarçou tão bem que eu, macaca velha, nada maldei. Mettia a mão no fogo por ella, creia-me... Aquelle malvado homem, percebendo que a pobre estava enciumada, seduziu-a, com promessas de mimos, a tomar uma vingança do moço. Eu sabia que seu Crapiúna gostava de Luzia-Homem, tanto assim que, uma noite, me pediu para ir fazer uma réza, na casa della para abrandar-lhe o coração. Fui com elle e mais o seu Belóta, muito contra a minha vontade; mas (para que hei de negar?) fui e não pudemos fazer nada, porque estiveram acordadas até fóra de horas. Saberá vossa senhoria que sou mulher de proposito; mesmo contra mim, falo a verdade. Fui fazer a réza, mas não ha mal nisso. É com as minhas orações e mézinhas que arranjo o bocado para a bocca, sem ser pesada a ninguem, Deus louvado.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXI, p. 80)

Sentido: figurativamente, modificar para pior a forma de comportamento; perder o juízo⁴⁸.

⁴⁸ Postulamos o ano de 1903 para a a datação da expressão.

VIRAR PELO AVESSO O JUÍZO DE UMA CREATURA

“Craipiúna sabia dessas más ausencias, das calumnias e falsos testemunhos que lhe levantavam, cobardemente, pelas costas; das pragas e esconjuros, irrogados pelas suas victimas e desaffectedos. Safados uns, ingratos outros. Corja de mal agradecidos, que já se não lembravam dos beneficios de hontem. A muitos delles, desses que agora o malsinavam por intrigas de mulheres, havia morto a fome. Não se tinha em conta de santo, confessava; fizera certas vadiações de homem solteiro, que não tinha contas que dar; mas ninguem lhe podia lançar em rosto o haver aforcido mulheres honestas. Quanto á remoção, até dava graças a Deus por se vêr livre daquella cambada de retirantes nojentos e leprosos, cujo aspecto, em jejum, causava engulhos; seria, entretanto, melhor sahir da obra por sua livre vontade e não por queixa... E logo de quem? De Luzia-Homem... Oh? o diabo daquella sonsa era capaz de **virar pelo avesso o juízo de uma creatura**, e provocar muita desgraça por causa daquelle imposão de querer ser melhor que as outras... Tirando-lhe a força bruta, não passava de uma pobre tatú, que só tem por si o dia e a noite.”. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 6)

Sentido: figurativamente, modificar para pior a forma de comportamento⁴⁹.

LOCUÇÕES NOMINAIS

ABERTA DOS PEITOS

“Therezinha ficou. Passou a fazer parte da familia pois não tinha animo de abandonar as duas creaturas, repassadas de amargos soffrimentos, sósinhas naquella casa, sem uma alma condoída que as consolasse. Sabia quanto custava a privação subita da companhia affectuosa de um ente querido; tinha a

⁴⁹ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

dolorosa experiencia do abandono e das fataes consequencias da orphandade do coração. Era quem cuidava da doente nas ausencias de Luzia, muito preocupada no andamento do inquérito sobre o roubo. A's provisões que, escassamente, chegariam para mantel-as, ajuntava o pouco que podia conseguir: algumas gulodices, ovos, manteiga e assucar, adquiridas por preços absurdos. Tomára a seu cargo os serviços da casa, menos os braçaes, como rachar lenha e pilar café, porque era **aberta dos peitos** e cuspiu sangue sempre que abusava dos seus delicados musculos." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VIII, p. 28)

"Entre o terror de se achar a sós com o soldado em tão estreito espaço, ser por elle presentida e descoberta, testemunhando o terrível segredo, e o prazer de haver colhido certeza da autoria do crime, Theresinha vacillava na resolução por tomar, sem se embaraçar nas malhas da rêde, em que pretendia apanhar o criminoso. Teve impetos de gritar, de surprehende-lo em flagrante, e arrastal-o á presença do delegado. Isso, porém, seria perder-se, sacrificar-se, inutilmente, porque Crapiúna seria capaz de eliminal-a, estrangulal-a, sem piedade. Ella não poderia lutar, fragil como era e **aberta dos peitos**, contra um homem vigoroso e armado de uma faca hedionda, cujo cabo de chifre, incrustado de arabescos de oiro, surgia-lhe da ilharga. Ah! si tivesse os musculos de Luzia!" (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p. 66)

"Á recordação dessa divida, surgia a horrível idéa de ser forçada a volver ao poste da infamia, onde passara noites acorada á soleira da porta, fumando cigarros, mutuando gracejos torpes com as visinhas; ou, solitaria, bocejando, a lutar com o somno, aguardando o inesperado amante, que a provesse de alimento para o dia seguinte deixando-lhe o immundo bafio hircico de homem luxurioso, impregnado na sua pelle. Vinha-lhe, então, invencível nojo á passividade abjecta de coisa que se vende, taboa de lavar roupa, como dissera Crapiúna; assaltava-a o terror de volver aquelle lamaçal infecto, como si o contagio da pureza, o exemplo da honestidade impolluta e forte, em combate com a miseria, lhe houvessem infundido no coração, fechado aos

affectos são e bemfazejos, um nobre impulso de amor próprio. Faltava-lhe, porém, coragem para resistir ao pendor criminoso, volver a trabalhar como as outras desgraçadas, nas obras da Comissão, carregar água, tijólos, areia. Que poderia fazer para ganhar, além da ração, algum dinheiro, uma creatura franzina, desacostumada a esforços musculares, e, por cumulo de males, **aberta dos peitos?...**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIV, p. 91)

Sentido: brasileirismo, que tem os músculos peitorais relaxados em consequência de esforço excessivo e cai facilmente. Interessante assinalar a expressividade do texto impressionista (ou naturalista) posto que a expressão, com este sentido, em geral, diz-se de animal de sela, carga ou tiro)⁵⁰.

Á BOCCA DA NOITE

“— Eu? Como pobre. Não estou bem em pé, mas encostado, e vou furando, como Deus é servido, o ôco deste mundo, até topar na morte. Estão aqui as rações: a sua, sá Luzia, e mais a da velha. Como você não póde ir trabalhar o capitão José Sylvestre me perguntou se eu podia trazel-as. Então respondi: Que é que eu não farei por semelhante gente? Era para vir hontem de tarde, mas porém fui pegar um veado de estimação, que fugiu da casa do doutor e só pude dar com o bicho **á bocca da noite**, lá perto do correjo da Roça. Então resolvi vir agora de manhãzinha.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IX, p. 33)

Sentido: ao anoitecer.

A EXPERIENCIA DE SANTA LUZIA

“Não havia mais esperança. Os horoscopos populares aceitos pela credence, como infalliveis: **a experiencia de Santa Luzia**, as indicações do Lunario Perpetuo e a tradição conservada pelos velhos mais atilados, eram negativas, e affirmavam uma secca peor

⁵⁰ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

que a de 1825, de sinistra impressão na memoria dos sertanejos, pois olhos dagua, mananciaes que nunca haviam estancado, já não merejavam.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VI, p.18)

Sentido: na crendice popular, se o dia 13 de dezembro, o céu apresentar sinais de chuva, janeiro será chuvoso; nada havendo, será seco. Há ainda experiência com as pedrinhas de sal: na noite de 12 de dezembro, véspera de Santa Luzia, onde se colocam, em um prato, seis pedrinhas ou ruminhas de sal, e em seguida devem ser expostas ao sereno: a 1ª representa janeiro, a 2ª fevereiro, a 3ª março, a 4ª abril, e assim por diante. Ao amanhecer o dia 13, antes do sol aparecer, vai-se examinar o estado delas. Se estiverem umedecidas estão a indicar inverno mais ou menos intenso. As que estiverem derretidas indicam, assim, inverno intenso, no mês correspondente. E as que se apresentarem secas indicam que nestes meses não choverá.

Á FINA FORÇA

“Que zangada!... Aquillo foi um repiquête de ciumes. Quiz, á **fina força**, fingir de coração duro e forte, mas desenganou-se. Uma penca de corações não vale um grão de milho. Deu-lhe a paixão na fraqueza, e aquella creatura, forte como um boi, entrou a fazer coisas de creança: ficou logo meia léza e capionga; deu-lhe para maginar, olhando para o tempo e querendo sustentar capricho, mesmo depois de haver sabido, pela Quinotinha, do aleive da Gabrina.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXII, p. 83)

Sentido: Sem atender a razões⁵¹.

A LEITE DE PATO

“ — Vossa senhoria me perdoe... Foi, foi... uma brincadeira... a... a **leite de pato**.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XX, p. 77)

⁵¹ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

Sentido: diz-se de atividade sem remuneração e de jogo sem ser a dinheiro; sem proveito

A PIQUE

“Bateram-se os vastos curraes, de grossos esteios de aroeira, **fincados a pique**, rijos como barras de ferro, curraes seculares, obra cyclopica, da qual restava apenas, como lugubre vestigio, o moirão ligeiramente inclinado, adelgado no centro, pollido pelo continuo attrito das cordas de laçar as victimas, que a elle eram arrastadas aos empuchões, bufando, resistindo, ou entregando, resignadas e mansas, o pescoço á faca do magarefe. Alli, no sitio de morte, fervilhavam, então, em ruidosa diligencia, legiões de operarios construindo a penitenciaria de Sobral.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. I, p. 2)

“Os outros parceiros não se davam bem com elle, por ser muito resinguento. Por qualquer pretexto, armava barulho e, muita vez, estivera **a pique** de fazer agua suja, inconveniente aos creditos da casa.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p. 63)

“O soldado, dextro como um gato, saltou por cima do muro, e dirigindo-se para o fundo, suspendeu um velho caixão, atulhado de coisas imprestaveis, tirou de sob o qual uma bolsa de coiro de onça, cheia de dinheiro. Emquanto o soldado contava, umedecendo os dedos na lingua, as notas miudas, dilaceradas e sordidas, Theresinha, no esconderijo, procurava, em vão, conter as pernas vacillantes, quasi a vergarem. Pelos seus olhos espavoridos, passou a visão do responsorio, em casa de Rosa Veado. Uma das sombras, aquella que, com esgares de louco, a arrebatava em volteios macabros pelo ar, em nuvens de fumaça suffocante, estava alli corporizada, bem nitida, contando o dinheiro furtado. O glorioso Santo Antonio operara o milagre. Por precaução criminosa, talvez para arriscal-a, Crapiúna escondera o furto, denuncia-la-ia mais tarde, e ella seria, como cumplice de Alexandre, victima de uma prova esmagadora.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p. 69)

“A estrada colleava pelo terreno ondulado, cômoros calvos e valles cortados pelos sulcos dos regatos extinctos, e alteando insensivelmente, ao passo que, com a montanha, se approximavam, cada vez mais nitidos, o arvoredo, as manchas pelladas dos roçados estereis, as cintas de granito, os talhados a **pique**, em precipicios medonhos, e grotões sombrios, destacados, num esmalte bronzeado de nebrina vaporosa.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVIII, p. 119)

Sentido: na maior parte do exemplário, podemos decidir pela acepção “em posição vertical; perpendicularmente, a prumo”⁵².

Á TÔA/ Á-TÔA/À TÔA

“O tão severo, merecido castigo penetrou fundo no duro coração do soldado, remexendo a vasa de instinctos, alli sedimentada em demorado repouso. Mais ainda lhe moeram os melindres, os commentarios irreverentes, os applausos, as insinuações ferinas e o chasco de ser punido por queixa da mulher apetedida, a quem elle, com fingido desdém, chamara uma retirante **á tôa**, sem eira nem beira, toda arrebitada de luxos e medeixes. E ainda mais o estomagava o ser a opinião, em esmagadora maioria, favoravel ao castigo.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 6)

“ — Um palpite **à-toa**?...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p. 68)

“Belóta, sempre cheio da intransigencia das ameaças do sargento, acobardou-se e contou o caso, amenisando-o com disparatadas justificativas. Fora uma brincadeira de amigo, uma coisa **á tôa**, que terminara num bate-bocca.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XX, p. 78)

“Considerava depois, que não mudaria o seu destino si elles fossem felizes. Ella seria esquecida, porque o dia do beneficio é vespera da ingratição. Na embriaguez de gozos divinos, não se

⁵² Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

lembrariam della que havia soffrido por elles; não teriam uma palavra de dó da pobre Theresinha, mulher à tóa, desprezada como vil trapo humano, atirado ao monturo dos residuos sociaes, vagabunda sem rumo, sem triste vintem para comprar um bocado, carecendo de tudo e não sabendo onde buscar cinco patacas do aluguel do quarto, abandonado, havia mais de mez.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIV, p. 90)

“— Os cravos! É verdade que, um dia, elle me disse: “si casassemos, iriamos viver juntos em uma casinha da ladeira da Matta-fresca.” Não respondi sim, nem não. Depois appareceu o impute, e foi preso. Soffri mais com essa desgraça do que elle; até parecia que todos me olhavam como ladra, e só o abandonei quando suspeitei que era igual aos outros homens, queria bem a outra e me enganava cruelmente. A ultima vez que vi elle, deixei-lhe os cravos na grade da cadeia. Essas pobres flores, guardadas no meu seio, como um breve milagroso, não podiam mais ficar commigo. Elle que as desse a outra. Mais tarde arrependi-me: revoltei-me contra esse ciume á tóa, que não me envergonhava, porque as mulheres ricas tambem se enciumam; mas era uma fraqueza. Tive impetos de pedir-lhe perdão. Uma voz, que vinha daqui, do coração, aconselhava que eu quebrasse a teima de abandonal-o e fugir delle... Seria rebaixar-me, fazer como essas que continuam a querer bem ao homem que as despreza, surra e maltrata; seria contra o meu genio de não dar braço a torcer, de não dar parte de fraca, de soffrer calada.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p. 100)

Sentido: no exemplário, parece predominar ora o sentido pejorativo de “reputação duvidosa” ora o sentido de “ sem razão ou fundamento, por motivo frívolo”.

AO CAIR DA TARDE

“**Ao cair da tarde**, quando cálida neblina irradiava da terra abrazada, esbatia o recórte das montanhas ao longe, e adelgacava o colorido da paisagem em tons pardacentos e confusos, o sino da

matriz, como um colossal lamento, troava a Ave- Maria. Cessava o rumor e o mestre-de-obras batia com o pesado martello o prégo, em solemne cadencia, annunciando o termo do trabalho.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. I, p. 3)

Sentido: pôr do sol, inicio da noite

AO DEUS DARÁ

“— Nestes tempos de miseria – ponderou um carpinteiro idoso – ninguem tem folga para cuidar da criação dos filhos. Não se criando **ao deus dará**, como filhos de pobre.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIII, p. 86)

Sentido: atualmente, grafado deus-dará, com sentido de “ao acaso, à sorte, à ventura”.

ARMADOS ATÉ OS DENTES

“— Estava num pé e noutro para ter noticias certas do barulho, quando, entrou, de repente, Bentinho. Vinha muito amarello, com a mão enrolada em um panno e acompanhado por dois cabras, **armados até os dentes**. – Que foi? – perguntei-lhe assustada. – “Nada, um arranhão no pulso, respondeu com voz sacudida – amarre-me, endireite-me isto, sá Quiteria.” Enquanto a velha punha mézinha na ferida, um talho que ia da palma da mão esquerda ao meio do braço, Bentinho, fóra do seu natural, com os olhos espantados, a voz surda e secca, ainda tremulo de raiva, contou-me que, chegando á feira, fóra desfeitoado por uns cabras, novatos na terra, já muito encachaçados e intimando com todo o mundo. Chamou a gente para amarral-os, mas um delles, saltando como um gato sobre o ginete, disse-lhe: – Você pensa, seu alvarinto, que amarrar homem é furtar, á traição, mulher alheia? Nisto chegou, à toda, o João Brincador com tres homens escolhidos, e eu disse-lhe: – Amarra essa cambada de desordeiros. – Em cima das minhas palavras, riscou o Bertho, e foi dizendo: – Você, póde amarral-os seu filho desta, filho daquela, mas depois de me pagar

e ajustarmos as contas. – Eu e os meus, demos de rédea para sairmos do meio do povo; elles, rente, atraz da nossa poeira. A certa distancia rodamos sobre os pés os animaes, e os cabras que tambem estavam bem montados, quase esbarram em riba de nós. – Aguenta, rapazes! – disse ao João, que me respondeu sorrindo: Não ha novidade, capitão. Deixe elles p’ra nós. Palavras não eram ditas, o Bertho papocou-me fogo. Abaixei-me, e a bala tirou um taco da beira do chapéu do João. – com uma descarga. O cavallo de um delles empinou-se e rodou morto por cima do cavalleiro, tambem ferido. O Bertho, então, veio secco em cima de mim, e correu dois palmos de faca do *Pasmado*. – “Tenha mão, capitão Bertho” – disse-lhe eu, aparando o golpe, com a minha *Parnahyba*. – Tenha mão que se desgraça. Mas o homem estava rôxo de raiva; espumava como um touro feroz. Avançou outra vez num impeto, que não era para graças. Suspendi o ruço-pombo passarinhando como um gato; salto p’ra aqui; pulo p’ra acolá, e o homem decidido atravessando-se na minha frente, com o cavallo preto e ligeiro que nem um tigre. Na terceira investida, metteu-me o ferro com vontade. Rebatí com a mão; mas quando senti o aço ranger-me na carne e o sangue espirrar, saquei da garrucha. O homem estava cégo, arremetteu de novo e metteu-me o ferro outra vez aqui na aba do gibão. Vendo, então, que o diabo me matava mesmo, e que eu não podia com vantagem brigar com elle a ferro frio, perdi as cerimonias, e lasquei-lhe fogo... O homem soltou um berro; abriu os braços como se quizesse abraçar o vento, e derreou p’ra traz. O cavallo, sentindo falta de rédea, deu quatro galões e meio, como um poldro brabo e desembestou desapoderado, arrastando Bertho enganchado no estribo. Morreu?!... – perguntei, tiritando de frio, e batendo os dentes como se tivesse sezões. “Não sei. Foi batendo por troncos e barrancos até desaparecer de nossa vista com os dois cabras restantes mettidos em uma nuvem de poeira. Dois dos delle ficaram no barro. Da minha rapaziada, o Chico Pintado levou uma bala aqui na coxa – lá nelle; o Borburema perdeu o gibão, e foi ferido com um pontaço nas cruces; o Brincador ficou com o chapéu, novo em folha, estragado. Todo o mundo sabe que elle tem o corpo fechado.

Enquanto brigavamos, o povo fazia um barulho medonho. Todos viram que me defendi o mais que pude, negaceando, para lhe poupar a vida. O diabo do ferro cortava como navalha. O talho está doendo de verdade.” E voltando-se para mim, disse: – “Não chores, Theresa. Isto, com sumo de angico ou de maçã de algodão, sára depressa.... É uma arranhadura de nada.” Suppunha que eu chorava por elle; mas, naquella occasião, meu pensamento acompanhava Bertho, desfigurado pelos encontrões, coberto de sangue e pó, arrebatado pelo Moleque, cavallo de estimação que eu bem conhecia. Minha vontade era correr atrás do pobre, apanhar os pedaços da sua carne, arrancados pelos tócos e pedras. Talvez o encontrasse ainda vivo para pedir-lhe perdão... Desde esse dia, ficou decretada a minha desgraça. Bentinho me achava sempre triste e succumbida. Eu tinha repugnancia daquelle homem manchado com o sangue do outro. Não era já a mesma mulher... Elle parece que percebeu isso, e foi também esfriando, até que me participou o seu casamento com uma prima bonita e rica. Eu respondi que lhe fizesse bom proveito... Deu-me um maço de dinheiro e não voltou mais á casa da velha Quiteria.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p. 45)

Sentido: com grande quantidade de armas⁵³.

AS INDICAÇÕES DO LUNÁRIO PERPÉTUO

a) “Não havia mais esperança. Os horóscopos populares aceitos pela credence, como infalíveis: a experiência de Santa Luzia, **as indicações do Lunário Perpétuo** e a tradição conservada pelos velhos mais atilados, eram negativas, e afirmavam uma seca pior que a de 1825” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VI, p.18)

Sentido: Data do ano de 1473, em Portugal, o Lunário perpétuo, documento destinado a ensinar ciclos solares, lunares, religiosos e civis e assuntos relacionados ao tempo passado, ao presente e ao vindouro.

⁵³ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

AZUL DOCE DE LIQUIDA SAPHYRA

“A população da cidade triplicava com a extraordinária affluencia de retirantes. Casas de taipa, palhoças, latadas, ranchos e abarracamentos do suburbio, estavam repletos a transbordarem. Mesmo sob os tamarineiros das praças se aboletavam familias no extremo passo da miseria-residuos da torrente humana que dia e noite atravessava a rua da Victoria, onde entroncavam os caminhos e a estrada real, traçado ao lado esquerdo do rio Acaracú, até ao mar. Eram pedaços da multidão, varrida dos lares pelo flagello, encalhando no lento percurso da tetrica viagem atraves do sertão tostado, como terra de maldição ferida pela ira de Deus; esqualidas creaturas de aspecto horripilante, esqueletos automaticos dentro de phantasticos trajes, rendilhados de trapos sordidos, de uma sujidade nauseante, empapados de sangue purulento das ulceras, que lhes carcomiam a pelle, até descobrirem os ossos, nas articulações deformadas. E o céu limpido, sereno, de um **azul doce de liquida saphyra**, sem uma nuvem mensageira de esperança, vasculhado pela viração aquecida, ou intermitentes redomoinhos a sublevarem bulções de pó amarello, envolvendo como um nimbo, a tragica procissão do exodo.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. III, p. 6)

Sentido: a força poética da expressão reforça a expressividade estilística para a expressão anterior “céu límpido”, levando o leitor a entender a expressão em tela como azul-celeste, isto é, a cor azul-clara, como a do céu quando limpo.

CABRESTO CURTO

“— Foi sempre uma desmiolada – accentuava uma velha. – Conheço-a desde menina. Era um diabinho em figura de gente. Também a mãe, Deus perdoe os seus peccados, não se importava com ella; fazia-lhe todas as vontades... Sempre digo que essa criação d’agora não presta. Filhos muito senhores de si, por qualquer descuido, se desgarram. Os meus não punham pé em

ramo verde. Muito amor, mas muito respeito e **cabresto curto**.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIII, p. 86)

Sentido: brasileirismo com a noção de “sob domínio de alguém, sem liberdade”⁵⁴.

CALIBRE DE SANGUE

“ — Aquillo, mulher, é **calibre do sangue**. Nem o demonio tira. Por isso é que vive sempre apartada das outras, mettida com ella cheia de coisas como se fôra uma senhora dona.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p. 99)

Sentido: para reforça a de uma mulher que tem gênio exaltado; dada a encolerizar-se facilmente, de enfurecer-se com facilidade.

CARA DE LUA CHEIA

“ — Há gente que usa cabellos postiços. A Maria Caiçara, aquella **cara de lua cheia**, que é caseira do Belota, tem um enxumaço, que parece della mesma. Algumas moças brancas e ricas também gostam disso. Dizem até que comprem cabellos de defunctas, cortados pelos coveiros do cemiterio... Credo!... Eu teria um nojo...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IX, p. 32)

Sentido: no interior cearense (em Portugal atualmente), a expressão faz referência à pessoas com o rosto redondo ou arredondado.

CARNE DE XARQUE

“Acertára a Commissão de Soccorros em substituir a esmola depressora pelo salario emulativo, pago em rações de farinha de mandioca, arroz, **carne de xarque**, feijão e bacalháo, verdadeiras gulodices para infelizes creaturas, açoitadas pelo flagello da secca,

⁵⁴ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

a calamidade estupenda e horrível que devastava o sertão combusto. Vinham de longe aquelles magotes heroicos, atravessando montanhas e planicies, por estradas asperas, quasi nús, nutridos de cardos, raízes intoxicantes e palmitos amargos, devoradas as entranhas pela sêde, a pelle curtida pelo implacavel sol incandescente.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. I, p. 2)

Sentido: a rica sinonímia da expressão (carne de ceará, carne de charque, carne do ceará, carne do seridó, carne do sertão, carne do sul, carne-seca, carne-velha, ceará, iabá, jabá, sambamba, sumaca) refere-se à carne bovina cortada em mantas, salgada e seca ao sol ou por processos afins, inclusive com utilização hoje de produtos químicos.

ESTOMAGO EM CARNE VIVA

“Passou o dia preocupada, e procurando espairecer com desvelos á mãe, mais acalmada com a poção de iodureto de potassio, o venenoso remedio, que, na opinião da Seridó, fazia apodrecerem os ossos, cahirem os dentes e pôr o **estomago em carne viva**, quando seria mais efficaz a purga de mel de abelha e um emplastro de sabão da terra com um pinto pisado vivo; ou com o vomitorio de cardo-santo, chá de herva-doce para desempachar o ventre, e raiz de péga-pinto por causa da retenção de ourinas.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVIII, p. 120)

Sentido: sem pele; esfolada (ferida).

CHUVAS DE CAJÚ

“Olhares anciosos procuravam, em vão, o fuzilar de relampagos longinquos a pestanejarem no rumo do Piauhy, desvelando o perfil negro da Ibyapaba. Nada; nem o mais **ligeiro prenuncio das chuvas de cajú**.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VI, p.18)

Sentido: chuva rápida que cai nos meses de setembro e outubro e que é favorável ao amadurecimento dos cajus.

COM A ALMA NOS OLHOS

“Luzia e a mãe ouviram a narrativa, num enlevo de alegria, num enlevo de pasmo, **com as almas nos olhos**, como si lhes revelassem casos fabulosos, casos sobre-humanos. Era possível que Theresinha houvesse realizado tão assombrosa façanha?” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XX, p. 79)

Sentido: pelo contexto, certamente, equivalente à expressão “com a alma lavada” ou “de alma lavada”, com sentido de “especialmente satisfeito ou vingado”⁵⁵.

DEFUNCTO SEM CHORO

“— Não quer saber de mim? – pensava ella. – Melhor. Fosse eu outra, faria o mesmo. Deixal-o-ia entregue á sua sorte, desobrigando-me de tamanha canseira, pois muito tenho feito para demonstrar-lhe a minha gratidão. Talvez isso lhe conviesse para desembaraçar-se do compromisso de ligar á sua vida, uma mulher pobre com a mãe doente, duas boccas a reclamarem de comer, neste tempo de carestia, e maior somma de trabalho. Seria uma loucura pensar em casamento em semelhante crise. Elle, sosinho, poderia supportar privações, vencel-as ou succumbir consolado de não fazer falta a ninguém, como **defuncto sem choro...**”.. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p. 69)

Sentido: diz-se de quem é desprotegido, desprezado⁵⁶.

DIA-SANTO

“ — Vamos que são quasi horas de ir para a obra... Ah! nem me lembrava que hoje é **dia-santo**... Esta minha cabeça...

(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p. 13)

⁵⁵ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

⁵⁶ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

“ — Hoje é **dia-santo**. Achava bom ires á missa...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. V, p. 14)

Sentido: no âmbito da religião, “aquele dia que é consagrado pela Igreja ao culto divino, e em que os católicos não devem trabalhar nem deixar de assistir à missa inteira; dia santificado, dia santo de guarda”. Já a forma dia-santo, hifenizada, portanto, composto, refere-se a “furo em meia ou em outra peça do vestuário”.

ENTE QUERIDO

“Therezinha ficou. Passou a fazer parte da família pois não tinha animo de abandonar as duas criaturas, repassadas de amargos sofrimentos, sósinhas naquella casa, sem uma alma condoída que as consolasse. Sabia quanto custava a privação subita da companhia affectuosa de um **ente querido**; tinha a dolorosa experiencia do abandono e das fataes consequencias da orphandade do coração. Era quem cuidava da doente nas ausencias de Luzia, muito preocupada no andamento do inquérito sobre o roubo. A’s provisões que, escassamente, chegariam para mantel-as, ajuntava o pouco que podia conseguir: algumas gulodices, ovos, manteiga e assucar, adquiridas por preços absurdos. Tomára a seu cargo os serviços da casa, menos os braçaes, como rachar lenha e pilar café, porque era aberta dos peitos e cuspiam sangue sempre que abusava dos seus delicados musculos.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VIII, p. 27)

Sentido: de imediato, quer dizer o ser humano; pessoa, indivíduo. Em geral, a expressão refere-se à pessoa falecida, segundo os familiares e amigos⁵⁷.

FINS D’AGUAS

“ — Ora, ora, ora!... Eu lhe conto. Seu Bertho (ele se chama Bartholomeu, mas todos o tratavam assim) foi em **fins d’aguas**

⁵⁷ Sem registro em Houaiss (2021), postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

fazer a férra em uma fazenda dos Crateús. O outro parece que soube disso, e se apresentou uma tarde, debaixo de um pé d'água, que se diria vir o céu abaixo. Eram relampagos e trovões de encandear e ensurdecer a gente. Aboletou-se e passou a noite. Sube, então, que era um tal capitão Bentinho, de família muito rica e poderosa. Trajava bem, gibão, guarda peito, e perneiras de coiro de capoeiro, muito macia, bordadas de flores, pospontadas á sovêla, com abotoadura e esporas de prata. Não imagina como tinha a côr fina e branca, e uma barba parecida, comparando mal, com a de Jesus Christo. Como estou fallando com o coração aberto, não tenho vergonha de confessar que me engracei d'elle, acho que por capricho ou por ser em tudo differente do outro. De madrugada, ainda chovendo e antes que a gente da casa acordasse, arrumei algumas peças de roupa e metti-as em sacco com alguns patações dados pelo Bertho; e fugimos: elle montado num possante quartau pedrez, eu á garupa. Arre! que foi uma viagem de arrebentar. Tivemos de atravessar muitas leguas de sertão, passando rios a nado, dormindo no matto e comendo de alforge até chegarmos a uma povoação, perto da fazenda onde moravam os pais d'elle. Ahi fui aboletada em casa de uma velha. Passamos tres dias como noivos: elle, fino como seda; eu, cheia de denguiques e manhas, como rapariga donzella. E contudo, Luzia, você não é capaz de acreditar que, amimada pelo Bentinho, todo delicadezas e cerimonias, tinha saudades do Bertho com o seu sangue na guelra, aquelles olhos devoradores, aquella brutalidade..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p. 44)

Sentido: final do período de chuvas⁵⁸. Atualmente, com o mesmo sentido, é uma palavra composta: fins-d'água.

FÓRA DE HORAS

“ — E' o que lhe estou dizendo, minha camarada. Está preso e não tem quem púna por elle: todos o accusam, porque tinha a

⁵⁸ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

chave do armazem; appareceu hoje **fóra de horas...**". (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VI, p. 21)

" – Não é a primeira vez que ouço esses passos furtados, **fóra de horas**, alli pela cêrca e no terreiro... Parece que alguém nos espia.' (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p. 47)

" – Varias noites, Crapiúna e Belóta andaram a cantar **fóra de horas**, aqui por perto...". (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p. 48)

" – A pobresinha fez isso – dizia ella ao delegado, na sala de audiencia da camara municipal, apinhada de curiosos – sem maldade; e (para que hei de estar com historias mal contadas?) porque andava inclinada para seu Alexandre, depois dos beneficios que delle recebeu. Ponha o caso em si, meu senhor. Vossa senhoria sabe que mulher, quando vira a cabeça, é capaz de tudo. Quem quer bem não toma conselhos; não enxerga desgraças, nem se importa com perigos. Ella tinha no coração aquelle amor encoberto e não me disse nada. Esta bichinha que aqui vê, esta não-sei-que-diga disfarçou tão bem que eu, macaca velha, nada maldei. Mettia a mão no fogo por ella, creia-me... Aquelle malvado homem, percebendo que a pobre estava enciumada, seduziu-a, com promessas de mimos, a tomar uma vingança do moço. Eu sabia que seu Crapiúna gostava de Luzia-Homem, tanto assim que, uma noite, me pediu para ir fazer uma réza, na casa della para abrandar-lhe o coração. Fui com elle e mais o seu Belóta, muito contra a minha vontade; mas (para que hei de negar?) fui e não pudemos fazer nada, porque estiveram acordadas até **fóra de horas**. Saberá vossa senhoria que sou mulher de proposito; mesmo contra mim, falo a verdade. Fui fazer a réza, mas não ha mal nisso. É com as minhas orações e mézinhas que arranjo o bocado para a bocca, sem ser pesada a ninguem, Deus louvado."(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXI, p. 80)

" – Não teimes em esperar, filha – observou a mãe – até **fóra de horas**. – Anda, e fecha bem a porta. Eu não descanso enquanto estiveres ahi a rondar de um lado para outro, como quem está malucando." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p. 103)

“—Pois fique sabendo – continuou Raulino, com muita convicção – que não foi só a mim que ella appareceu. O Izidro, rapaz destemido e caçador de fama, também viu a mãe-d’água de uma feita que estava tarrafeando curimatans. Por signal que não apanhou uma triste piaba naquella lagôa, que tinha mais peixe do que agua. Voltou da pescaria com as mãos abanando, capiongo, meio lézo e contou o caso á noiva, moça (falando com o devido respeito) bonita como uma imagem. Ella ficou desconfiada e quiz, por fina força, ir , **fóra de horas**, á lagôa. O rapaz fez todo o possivel para tirar-lhe da cabeça semelhante doidice; disse-lhe que era um perigo porque as mães-d’água são ciumentas das moças que estão para casar, que houvera muita desgraça por causa disso; pediu, rogou por tudo quanto havia de mais sagrado. Ella prometeu não ir, mas cada vez mais desconfiada teimou, porque mulher, quando malda, não chega ao mourão com duas razões. Fugiu de casa quando estavam todos recolhidos e foi á lagôa. Não lhe conto nada. Ao amanhecer, deram por falta da moça. Foi um deus nos accuda. Ninguém dava noticias della. O noivo ficou como um doido; mas, lembrando-se da historia da mãe- d’água, poz-se a rastejar e encontrou o rasto da chinellinha da infeliz, bem marcado no caminho orvalhado.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p. 106)

Sentido: a uma hora inabitual⁵⁹.

MUITAS JUNTAS DE BOIS MAGROS

“Na rua, atravancada por enormes e pezados carros toscos, arrastados por **muitas juntas de bois magros**, escapados da devastação do gado, carros de pesadas rodas inteiriças e oblongas para que as excrescencias do circulo, os tombadores, diminuisssem o esforço da tracção, sobrecarregados de fardos, caixas de viveres e mercadorias, amarradas entre os altos fueiros; por entre elles e os

⁵⁹ Houaiss(2021) registra tanto “fora de hora” ou “fora de horas”. Na variante ortográfica da obra, registra-se “fora de horas”. Em todo caso, postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

bois, deitados, rendidos de fadiga, e ruminando tranquilos, somnolentos, e os lábios cinzentos, lubrificadas de baba espessa, deslisava a intermina torrente de retirantes andrajosos, esqualidos, torpemente sordidos, parando de porta em porta, a mendigarem uma migalha, ossos, membranas intragáveis, os resíduos destinados a repasto de cães.”.. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p. 55)

Sentido: o coletivo junta, isolado, tem a acepção de “conjunto de dois animais, especialmente de carga; par, parelha”. O autor traz elementos determinantes (muitas, magros) e complemento nominal (de bois) para alcançar maior efeito estilístico.

VELHO COMO A SERRA DOS CÔCOS

“Tambem fizera uma promessa a **S. Gonçalo da Serra dos Côcos** e a outros patronos celestiaes, não menos afamados pelo prestigio de sarar enfermos, desesperados da saude. Estava em verdadeiro apuro para dar conta de todas ellas; mas, o padre Antonio Fialho, ouvindo-a em confissão, lh’as commutára em leve penitencia, impondo-lhe a obrigação de rezar algumas corôas, terços e o officio de Nossa Senhora, hymno myrifico, que, quando é cantado na terra, os anjos se ajoelham no céu. Nas horas de allivio, ella se penitenciava debulhando, entre vagos fulgores de esperança, as contas luzidias de um rosario bento pelo santo missionario frei Vidal.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIV, p. 50)

“ —Ora! Isso é **velho para mim, como a serra dos Côcos.**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XX, p. 76)

Sentido: a escritora Dalinha Catunda, natural de ipueiras, radicada no Rio de Janeiro, conta⁶⁰ em “A Lenda de São Gonçalo da serra dos cocos”, o que vale a pena registrar aqui integralmente seu texto, a título de curiosidade: “Uma família estava fugindo da seca e passou na serra dos cocos. Traz um filho pequeno. A fome era tanta que para não ver o filho morrer seguiu viagem, deixando-

⁶⁰ Texto publicado no site <http://www.primeiracoluna.com.br/>, edição de 21/03/2016.

o debaixo de uma palmeira. Uma mulher foi catar cocos e encontrou o menino. De início, pensou que ele estava morto. Furou-lhe o braço com um espinho e saiu sangue. Viu que ele estava vivo e que era um santo. Chamou-o São Gonçalinho e levou-o para casa e guardou num quarto. Quando o marido chegou, à noitinha, a mulher foi mostrar lhe o santo mas não o encontrou. No dia seguinte, foram ao local, onde fora encontrado e lá estava. Levaram-no para casa, de novo. Trancaram num baú. Mesmo assim ele saiu e voltou para o seu lugar. Isto se deu por varias vezes. Então, o pessoal resolveu fazer uma capela pra ele. Depois de pronta colocou-o no altar. Mas ele não ficou, voltou para as palmeiras. Decidiram, enfim, botar duas palmeirinhas, de um lado e do outro do altar, aí ele ficou. O pessoal ficou chamando São Gonçalinho da serra dos cocos.” Em substância, o histórico da paróquia de São Sebastião do Ipu se deu numa imensa área habitada por índios bravios e de uma inóspita chamada de Serra dos Cocos.

MÁO/MÁU OLHADO

“ – Você está... – mas é fígado pela macho e femea – arriscou o camarada Belota que lhe ouvia a confidencia – Aquilo tem mandinga... Quem sabe se não te enfeitiçou!... Olha que ella tem uns olhos que furam a gente... E então aquella cabelleira... Acho melhor pedir á Chica Seridó uma oração forte para desmanchar quebrantos e fechar o corpo contra **máo olhado**.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 6)

“Teria má sina, **máo olhado**?... Seria dessas creaturas fatidicas, cujo contacto desorganisa e destróe? Conhecêra uma formosa moça, em cujas mãos, óvos batidos para malassadas, não cresciam e desandavam em aguadilha chóca; talhava o leite; definhava e morria a planta de que ella colhesse uma flôr, ou matava com o olhar ninhadas de pintos espertos e lindos, como macias borlas de velludo? Havia, então, creaturas, predestinadas para o bem e para o mal?... Nasciam umas para o soffrimento, outras para o goso, da mesma fórmula que as havia destinadas ao céu ou ao inferno?... E Deus, Deus,

pai de misericórdia, permittia isso, essa iniquidade revoltante?!...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p. 49)

“ – Não é mais aquella mulhersinha espevitada e alegre. Não fala quasi. A modos que lhe botaram **máu olhado!**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p. 49)

Sentido: olhar a que se atribuem poderes de causar malefícios, infortúnios; afito, jetatura, olhado⁶¹.

MACHO E FEMEA

“ – Você está... – mas é fígado pela **macho e femea** – arriscou o camarada Belota que lhe ouvia a confidencia – Aquilo tem mandinga... Quem sabe se não te enfeitiçou!... Olha que ella tem uns olhos que furam a gente... E então aquella cabelleira... Acho melhor pedir á Chica Seridó uma oração forte para desmanchar quebrantos e fechar o corpo contra máo olhado.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap.II, p. 6)

“ – Ninguém – respondeu Alexandre surprehendido pela inesperada pergunta, feita em tom de indiferença. Ninguém, nada me impede... Mas a gente nem sempre faz o que quer. Muita vez a cabeça vira para um lado e o coração para outro. Quando morreu minha mãe e vi-me só no mundo, estive em termos de assentar praça, porque quando um homem é soldado vira outro, fecha a alma e não se pertence mais. Estava maginando nisso, em me affastar da terra da sepultura, onde descansava a minha defuncta velhinha, quando topei com você, sa Luzia, servindo no trabalho da cadeia. Por signal que, nessa occasião, lembra-se? a maltratavam. Era uma canzoada de mulheres e meninos, gritando: Olha a Luzia-Homem, a **macho e femea!** O povo todo corria de morro abaixo e eu tambem fui ver o que era. Você vinha subindo, trazendo nos braços Raulino Uchôa, quasi morto, ensanguentado e coberto de poeira. Contou-me, então, o Antônio Siéba, pae

⁶¹ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão, atualmente hifenizada.

daquella moça bonita, que canta como um canario, o que se havia passado. O Raulino apostára derribar, a toda a carreira, um boi pelo rabo. Na verdade o homem corria como um veado e, era pegar na sáia da rez e viral-a, na poeira, de pernas para o ar; mas, naquelle dia, foi caipóra; falseou-lhe o pé; o boi voltou-se como um gato e mataria o pobre diabo se, dentre o povo, que disparava espantado, não surgisse uma moça afoita e destemida que agarrou o bicho pelas galhadas e o sugicou que nem um cabrito.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. V, p. 15)

Sentido: em 1899, a acepção era de cunho pejurativo, referindo-se à mulher hermafrodita. Tanto a definição biológica (aquele tem concomitantemente os órgãos reprodutores de ambos os sexos ou apresenta características sexuais secundárias masculinas e femininas) como a médica (quem pessoa que apresenta, concomitantemente, tecido ovariano e testicular) são aparentemente exploradas expressivamente pelo autor. Certamente, esta noção de “marimacho” e “machona (no sentido de 'mulher masculinizada') ou, ainda, “mulher-macho” é a que prevalece no LH e tem sido a motivação (postulação de nossa parte) para a grafia do título da obra (Luzia-Homem)⁶².

CREIO EM DEUS PADRE

“ – Réze o **Creio em Deus Padre** – ordenou Rosa Veado, com voz soturna.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. X, p.38)

Sentido: na liturgia católica, oração cristã, em latim, que começa com as palavras *credo in unum Deum Patrem* (“creio em Deus pai”) e contém os artigos essenciais da fé católica: “Creio em Deus, Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder

⁶² Atualmente, sem hífen, tal como se registra na obra, traz esta acepção em Houaiss (2021): “sambladura que faz a junção entre duas peças que têm entalhadas, em certos casos, a lingueta em uma e a ranhura em outra, e, em outros, a respiga em uma e a mecha em outra”.

do Espírito Santo; nasceu da Virgem Maria; padeceu sob Pôncio Pilatos; foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia; subiu aos céus; está sentado à direita de Deus, Pai Todo-Poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Católica; na comunhão dos Santos; na remissão dos pecados; na ressurreição da carne; na vida eterna. Amém.”

O DIABO RONCOU-LHE NA TRIPA

“ — O **diabo roncou-lhe na tripa** – disse Theresinha triunfante, mostrando a Luzia, a lamina nua do grande canivete de molla. – Era tocarem na porta, eu fisgar logo um delles, para não ser atrevido.” (OLYMPPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p.48)

Sentido: golpe com canivete (“o diabo”).

O QUEBRAR DAS BARRAS

“Lentas passaram as horas para Luzia, sentada na rêde, estremecendo ao menor ruido do vento nas folhas da latada, e aguardando, anciosa, o **quebrar das barras**, com os primeiros fulgores da aurora. Seu olhar compassivo fluctuava entre a doente, a moça adormecida e a candeia a crepitar melancolica, no caritô enfumarado.” (OLYMPPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p. 49)

Sentido: amanhecer.

OLHOS D'AGUA VIVOS

“ — Ouvi estarem falando, na casa da Commissão, que o doutor José Julio deu ordem para facilitar a saída do povo. Quem quiser embarcar deve procurar a Barra ou o Camocim, onde ha vapores para conduzir a gente. Quem quiser ficar tem trabalho na estrada de ferro e nos açudes. Mas, assim mesmo, não se póde dar vencimento ao puticí de povo, que vem derramado por esse sertão afóra. Disse-me o capitão Marçal que vão principiari as obras do cemiterio novo e da estrada para a Meruóca. Já estão engenheiros medindo a ladeira

da Matta-Fresca. Era o caso de irmos nós trabalhar na fresca da serra, onde ainda ha **olhos d'agua vivos**. Pelo meu gosto já não estava mais aqui..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. V, p. 15)

"Não havia mais esperança. Os horoscopos populares aceitos pela credence, como infalliveis: a experiencia de Santa Luzia, as indicações do Lunario Perpetuo e a tradição conservada pelos velhos mais atilados, eram negativas, e affirmavam uma secca peor que a de 1825, de sinistra impressão na memoria dos sertanejos, pois **olhos dagua**, mananciaes que nunca haviam estancado, já não merejavam." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VI, p. 18)

"— É meio esquisito, mas é de gente muito graúda, de muitas posses e honrarias, espalhada por estes sertões numa parentalha, que nunca mais se acaba, como a **gente dos Olhos-d'Agua do Pagé⁶³, os Rochas e os Cavalcantes**... Agora, vou mesmo que já tocou a primeira vez da missa do dia." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p. 108)

"Luzia foi subindo após elles, sem esforço, lentamente, até á primeira volta da ladeira, dahi em diante cavada na aresta das rochas, talhadas, a prumo, sobre o grotão profundo. Desse sitio agreste, descortinou o panorama do sertão, cinzento de mormaço, terminando no recórte azulado das serranias, ao nascente, avultando, erectos, denteados e finos, como agulhas de cathedral gothica, os picos, que eriçam as **cráteras extinctas dos Olhos d'Agua do Pagé**. Uma facha verde-escuro, serpeando a perder-se no horizonte, assinalava o interminavel renque de oiticicas seculares, marcando o sulco do rio estanque; depois espelhavam ao sol glorioso daquelle dia abrazador, a cidade em agrupamento informe, apenas esboçado, as casas das fazendas abandonadas,

⁶³ A título de curiosidade, o Olho D'Água do Pajé (assim grafado com j) está localizado no distrito de Aracatiaçu (a 64,8 km da sede do município de Sobral pela via CE-362), um lugar de lazer que recebe um grande número de visitantes da mesorregião noroeste do Estado do Ceará. O Olho D'Água do Pajé é uma nascente de água onde os moradores construíram dois tanques, um de água morna e outro de água fria, interligados cujas águas escoam para um terceiro tanque, bem maior, onde as crianças se divertem tomando banho enquanto as mães (em geral, lavadeiras) lavam roupa.

ponteando, aqui e alli, a planície devastada e quiéta, como um imenso pantano.”(OLYMPPIO, [1903] 1929, cap. XXVIII, p. 120)

Sentido: nascente de água no solo, ou seja, lugar de onde se jorra água.

PÉ ANTE PÉ

“Os rapidos instantes que se alli demorára o soldado lhe pareceram infindaveis; e quando recobrou a posse de si mesma, saindo do esconderijo, **pé ante pé**, com meticulosas precauções, livida, espavorida, viu que o quintal estava deserto. Nada denunciava a presença delle: o caixão estava no mesmo lugar, onde permanecia, havia muito tempo; não viu pegadas no chão, nem o mais leve vestigio.” (OLYMPPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p. 66)

Sentido: com cuidado, vagorosamente; na ponta dos pés.

PÉ D'ÁGUA (DE ALAGAR)

“— Ora, ora, ora!... Eu lhe conto. Seu Bertho (ele se chama Bartholomeu, mas todos o tratavam assim) foi em fins d'aguas fazer a férra em uma fazenda dos Crateús. O outro parece que soube disso, e se apresentou uma tarde, debaixo de um **pé d'agua**, que se diria vir o céu abaixo. Eram relampagos e trovões de encandear e ensurdecer a gente. Aboletou-se e passou a noite. Sube, então, que era um tal capitão Bentinho, de familia muito rica e poderosa. Trajava bem, gibão, guarda peito, e perneiras de coiro de capoeiro, muito macia, bordadas de flores, pospontadas á sovéla, com abotoadura e esporas de prata. Não imagina como tinha a côr fina e branca, e uma barba parecida, comparando mal, com a de Jesus Christo. Como estou fallando com o coração aberto, não tenho vergonha de confessar que me engracei delle, acho que por capricho ou por ser em tudo differente do outro. De madrugada, ainda choviscando e antes que a gente da casa acordasse, arrumei algumas peças de roupa e metti-as em saccos com alguns patações dados pelo Bertho; e fugimos: elle montado

num possante quartau pedrez, eu á garupa. Arre! que foi uma viagem de arrebrantar. Tivemos de atravessar muitas leguas de sertão, passando rios a nado, dormindo no matto e comendo de alforge até chegarmos a uma povoação, perto da fazenda onde moravam os pais delle. Ahi fui aboletada em casa de uma velha. Passamos tres dias como noivos: elle, fino como seda; eu, cheia de denguiques e manhas, como rapariga donzella. E contudo, Luzia, você não é capaz de acreditar que, amimada pelo Bentinho, todo delicadezas e cerimonias, tinha saudades do Bertho com o seu sangue na guelra, aquelles olhos devoradores, aquella brutalidade..."(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p. 44)

"Os maioraes dessa commissão eram homens de saber, Capanema, Gonçalves Dias, Gabaglia, um tal de Freire Allemão, e um doutô medico chamado Lagos e outros. Andavam encoirados como nós vaqueiros; davam muita esmola e tiravam, de graça, o retrato da gente, com uma geringonça, que parecia arte do demonio. Apontavam para a gente o oculo de uma caixinha parecida gaita de folles e a cara da gente, o corpo e a vestimenta saíam pintados, escarrados e cuspidos, num vidro esbranquiçado como coalhada. Uma tarde, chegaram, ao pôr do sol, á fazenda do velho. Iam no rumo da gruta do Ubajarra. Aboletaram-se no copiar, derrubando o comboio, que era um estandarte de malas, instrumentos, espingardas, na casa dos passageiros. Depois de jantarem um bom tassalho de carne de vacca gorda que parecia um leitão, assada no espeto, algumas linguiças e um chibarro aferventado com pirão escaldado, armaram as redes nos esteios. Veio a noite, clara como dia, sem uma nuvem no céo, lizo como um espelho. Convidava mesmo a gente a dormir na fresca do alpendre. Alli pelas sete horas, disse a elles o velho: "Achava melhor vossas senhorias passarem cá para dentro, porque vem ahi um **pé d'agua de alagar**." Ora, os doutores, que sabiam tudo e adivinhavam pelas estrellas as mudanças de tempo, zombaram do aviso; saíram para o terreiro e olharam para o céo, sempre limpo e claro, para verem o que diziam as estrellas. O mais sabido delles, o doutô Capanema, disse que o velho estava sonhando com

chuva, mania de sertanejos, que não pensam noutra coisa. Teimaram em ficar no alpendre, embora o velho continuasse a assegurar que se arrependeriam. Quando estavam ferrados no somno, alli pelas onze horas, acordaram debaixo d'agua e correram com a rêde nas costas, em procura de abrigo dentro de casa, todos admirados uns dos outros, como haviam mangado do velho. De manhã, antes de deixarem o rancho, foram agradecer a hospedagem, e um deles perguntou ao velho: "Como é que vossa senhoria percebeu sinais de chuva, que escaparam a nós outros scientificos, envergonhados do quináu de mestre que nos deu?" O velho sorriu, e respondeu: "É muito simples. Tenho alli, no cercado, um burro velho que, quando se está formando chuva, rincha de certo modo: é aquella certeza. A chuva vem sem demora. Foi por isso que avisei a vossa senhoria." O tal de Gonçalves Dias, pequenino, muito ladino e esperto, começou a bulir com os outros, dizendo a elles: "Estamos numa terra, onde burros sabem mais que astronomos." Foi gargalhada geral. Ahi está – concluiu Raulino – de quanto é capaz um burro velho. Ninguem se fie em semelhante raça de bicho..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p. 116)

Sentido: chuva forte, repentina e de pouca duração; aguaceiro.

PÉ-DE-PATO

" – Credo! – gritaram as mulheres, recuando de medo. – Te desconjuro, **pé-de-pato!**" (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIV, p. 96)

Sentido: o diabo⁶⁴.

PEITO A PEITO

" – Avançou para elle que nem uma féra, e o cabra ficou branco como um defuncto. Todo o homem de más entranhas, á traição, é cascavel, mas, **peito a peito**, é medroso. Alexandre já

⁶⁴ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

andava com elle de olho por sua causa..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p. 12)

Sentido: de frente; corajosamente⁶⁵.

POR FORÇA

" – **Por força!**... Eu não devia receber pagamento pelo que fiz por caridade." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. V, p. 15)

" – Qual!... Aquillo foi, **por força**, arte do cão... Que horror!.. Disse-me a Rosa que esperasse com fé... Vamos ver..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XI, p. 40)

" – Tambem eu – ajuntou Luzia – já pensei nisso... Um homem, como Alexandre, não teria astucia para tanto... Além disso haviam de, **por força**, desconfiar delle..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XI, p. 41)

Sentido: fatalmente; inevitavelmente⁶⁶.

POR PIQUE

" – Tudo **por pique**. Ciume faz reinação do demonio, e torna uma pessoa boa, malvada como uma cascavel. Depois ella e Crapiúna se entendem; soffrem do mesmo mal; andam os dois com o juizo entornado: ella pelo Alexandre, elle pela Luzia-Homem. Não sei como isso acabará. Talvez nalguma desgraça." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p. 63)

" – Não perguntou porque?... Porque você, **por pique**, não foi mais á cadeia. Você é caprichosa, elle tambem... Mas não se me dava de apostar como ambos os dois estão arrependidos..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p. 70)

" – Eu? Como em Deus estar no céu... Por signal que elle abandonou, quando ella disse que, si duvidasse, não se dava de contar tudo; que mentira **por pique**, para se vingar de Alexandre..."

⁶⁵ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

⁶⁶ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

que não fazia caso della... O soldado ficou calado um instantinho e pediu-lhe que não fosse másinha, que si falasse, seria presa com elle, desgraçando-se os dois para fazerem beneficio a um homem que, além de tudo, a despresava por causa de outra mulher. Si ficasse quiéta e fizesse o que elle queria, poderiam viver, sem ninguem desconfiar, como Deus com os anjos. – “Olhe – disse elle por fim – si eu fosse malvado, poderia encalacral-a... Mas não faço isso, porque você é o meu unico amor da minha alma.” Continuaram a conversar, mas tão baixinho, que não pude ouvir, até que a Chica Seridó gritou lá de dentro por ella... Então, eu disse commigo: Que gente malvada! Vou contar tudo a sá Luzia. Não contei logo, porque tive medo que ralhasse commigo por eu andar escutando conversa de gente grande...”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIX, p. 74)

Sentido: de propósito ou por teima⁶⁷.

QUE COBRA TE MORDEU

“ – Você, então, cabra velho, está mesmo hervado?... *Tíbes!* **Que cobra te mordeu!...**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p. 56)

Sentido: ao certo, equivalente, pelo contexto, “engolir a língua”, “manter-se obstinadamente silencioso; ficar calado de propósito”, “enrolar a língua”, calar-se; ou, ainda, “morder a língua”, com sentido de “conter-se ante alguma coisa que iria ser pronunciada; deixar de falar algo; calar-se”.

RESPONSÓRIO/RESPONSIO DE SANTO ANTÔNIO

“ – Diz-me o coração – atalhou Therezinha – que elle está penando injustamente... Mas... deixem estar que vou farejar o ladrão... Conheço uma velha que faz a adivinhação da *urupema* e sabe rezar o **responsio de Santo Antonio**. Não ha furto que não descubra. Uma coisa é vêr, outra é dizer. Parece que tem parte com o cão... Meu Deus perdoae-me...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VII, p.27)

⁶⁷ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

“Emquanto a moça repetia, machinalmente, a oração, ela murmurava o **responsorio**, que terminou implorando a Santo Antonio, deparador do perdido áquelles que recorriam á sua intercessão junto do Throno do Altissimo, fizesse a graça de indicar o ladrão por quem estava padecendo um innocente.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. X, p.57)

“É o que eu digo. Tudo isso é medo... Bem se vê que você nunca assistiu a **responsio**. Dahi, bem póde ser que o glorioso Senhor **Santo Antonio** tivesse feito o milagre...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. X, p.58)

Sentido: oração que se dirige a santo Antônio, para recuperar objetos desaparecidos.

(METTER) DE GORRA COM (ALGUÉM)

“ — Não ha perigo. A Joanna Cangaty sabe fazer a mandinga. Mas o diabo da velha Zephinha não dorme; passa a noite tossindo e gemendo; e, agora, havia a Theresinha de se **metter de gorra com ellas** para me atrapalhar. Tem-me dado vontade de torcer o pescoço daquella galinha...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p. 56)

Sentido: meter-se aliado, conluiado com (alguém) para algum empreendimento.

SEM EIRA NEM BEIRA

“ — Antes fosse!... Outros gallos me cantariam. Não andaria aqui, **sem eira nem beira**, metida nesta canalhada de retirantes... Quem me déra ser como Luzia, moça de respeito e de vergonha...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 5)

“O tão severo, merecido castigo penetrou fundo no duro coração do soldado, remexendo a vasa de instinctos, alli sedimentada em demorado repouso. Mais ainda lhe moeram os melindres, os commentarios irreverentes, os applausos, as insinuações ferinas e o chasco de ser punido por queixa da mulher apeteçada, a quem elle, com fingido desdém, chamara uma retirante

á tã, **sem eira nem beira**, toda arrebitada de luxos e medeixes. E ainda mais o estomagava o ser a opiniã, em esmagadora maioria, favoravel ao castigo.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 6)

“ — Que tem isso?... Elle é senhor do seu coração, póde dal-o a quem quizer. Demais, querer bem não é obrigação. Eu não poderia exigir que elle me pagasse alguns serviços de amizade, ligando-se a mim, elle um moço branco, eu uma pobre mulher de côr, **sem eira nem beira**, com a mãe doente ás costas, neste tempo de secca e carestia de tudo. Além disso, ninguem gostaria de casar com uma creatura, que tem o appellido de Luzia-Homem, como esse que o meu fado ruim me deu...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p. 54)

Sentido: sem recursos; na miséria.

COISA (S) SEM PÉ NEM CABEÇA

“ — Que **coisa sem pé nem cabeça**? Estou estranhando isso... Socega... Theresinha, tão boa para nós, não tarda ahi, quando a lua nascer.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p. 101)

“ — Si conseguisse isso, seria um allivio para mim. Pelo menos, deixariamos esta casa maldita, onde não se póde pregar olhos toda a noite. Já vivo com o corpo moído; dóem-me as cadeiras que, ás vezes, não me atrevo a torcer-me; tenho nos ouvidos um bezouro a zunir sem parar. Quando consigo passar por uma modorra, me veem sonhos agoniados; sonho que me caem os dentes, o Cazuza me arrasta pelos cabellos para me atirar num despenhadeiro, e acórdo em meio da quéda. Esta noite senti mãos frias que me encalcavam o peito, mãos de defuncto a me suffocarem, e ouvi uma voz fanhosa a dizer **coisas sem pé nem cabeça**. Despertei com o coração a saltar pela guéla. Vi, então, um vulto branco que se desmanchava no ar, com um gemido surdo e... gritei... Mamãe, que passa a noite a rezar, correu a ver o que era... Eu estava, como quem perdeu o juizo, apontando para o fundo escuro do quarto... Ah! Luzia! Nem pode imaginar o que tenho soffrido...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVII, p. 115)

Sentido: que se opõe à razão e ao bom senso; destituído de sentido; absurdo⁶⁸.

SÓ SE FÔR NA TESTA!

“ — Aquela não é dessas. Luza é séria... — Ora, adeus, seu Crapiúna. Quando dorme... — E honrada... — **Só se fôr na testa.** (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p. 56)

Sentido: ao certo, equivalente a “de testa”, com sentido de frente.

UM HORROR DE COISA

“ — Mas a demora foi dar notícias de vosmecê, ficou ligeiro e alegre que não parecia o mesmo. Mediu... Mediu é um modo de fallar: fez a olho, as rações. Era o que a mão dava. Elle por uma banda e eu pela outra. E não fomos mais longe porque já era uma dôr de consciencia. O homem quer bem a vosmecês mesmo de verdade. Fez perguntas e reperguntas; quiz saber do puxado da tia Zephinha; si sá Luzia ainda estava na obra, si passou lá trabalhando o dia de ontem, um **horror de coisas** que fui respondendo só para dar-lhe gosto. Agora está como quer. Ha males que vêm para bem. Melhorou no emprego e recebeu uma dinheirama de coiro e cabelo.

(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p. 105)

Sentido: equivalente a horrores, com “ações ou situações aterrorizantes, horrorizantes, cruéis e hediondas”, “Grande número; grande quantidade de coisas; horror, montão” e “Comentários depreciativos a respeito de outrem”. Atualmente, o linguajar cearense se emprega amiúde a expressão “ruma de coisas” (com o mesmo sentido de “quantidade de coisas sobrepostas; pilha, montão”).

⁶⁸ Houaiss(2021) registra “sem pés nem cabeça”. Postulamos a variação fraseológica do livro o ano de 1903 para a datação da expressão.

VERDES ANNOS

“Não faltavam ao soldado feitos que lhe aumentassem o prestígio de pessoa bem conformada, sem vícios que lhe dessem o realce de um afortunado. Dizia-se, á puridade, nos colloquios da protervia popular, que, antes de ser recrutado por audacias sensuaes, e envergar a farda, fôra guarda-costas de um famigerado fazendeiro da Barbalha, onde executára proezas crueis, de pasmar, em **verdes annos**, pois mal lhe despontava, então, o buço. Tinha o activo de tres mortes e outros crimes menores, valendo-lhe isto por titulo ao temeroso respeito do povo.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 5)

Sentido: figurativamente, o que tem o frescor, o viço, a energia do que é novo ou do que se inicia, com pouca idade, juventude.

VONTADE DE REINAR

“Sei o que hei de fazer, e ando de redeas tezas. Quando a vejo, ardo por dentro; dá-me **vontade de reinar**, mas fico quiéto e mudo como cascavel de tocaia, esperando a minha vez para dar bôte certo. Então nem réza de cigano, nem oração de padre velho a livra de mim. Eu cá sou homem de tenencia. Quando viro a cabeça para uma banda, nem o diabo a endireita...

(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p. 57)

Sentido: o contexto permite ao leitor, ao menos, duas acepções: a de fazer traquinagem ou a de buscar conquista amorosa (de forma impertinente ou insistente ou tentar namorar).

COMPOSTOS

AMOR PROPRIO

“A insinuação de Romana ferira certo o alvo, e assanhara a secreta cupidez de Crapiúna, que não se conformava com os modos retrahidos e a impassivel frieza da mulher-homem,

resistencia passiva e calma, ante a qual se amesquinhava a sua fama e sentia arranhado o **amor proprio de victorioso em faceis conquistas**. Sempre que a encontrava, dirigia-lhe, com saudações reverentes, palavras de ternura e erotismos incontinentes, olhares e gestos de desejos mal sofreados. E, tão frequentes se tornaram esses meios de obsessão, que um dia a moça os rebateu seccamente, com firmeza ineluctavel: Deixem-me socegada. Não se metta com a minha vida. Eu não sou o que o senhor supõe...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 5)

“Luzia por sua vez, meditava, com os claros olhos fitos na clara lua, a librar-se no céu, de um fino e doce azul. Seu pensamento adejava em redor de Alexandre, que, indiferente, não perguntara por ella, merecedora do castigo desse desdem, e rendida á voz diabolica que, das entranhas, lhe bradava, com insistencia lancinante: “és, culpada pelo teu **excessivo amor proprio**, pela tua soberba!...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p. 69)

“Á recordação dessa divida, surgia a horrivel idéa de ser forçada a volver ao poste da infamia, onde passara noites acorada á soleira da porta, fumando cigarros, mutuando gracejos torpes com as vizinhas; ou, solitaria, bocejando, a lutar com o somno, aguardando o inesperado amante, que a provesse de alimento para o dia seguinte deixando-lhe o immundo bafio hircico de homem luxurioso, impregnado na sua pelle. Vinha-lhe, então, invencível nojo á passividade abjecta de coisa que se vende, taboa de lavar roupa, como dissera Crapiúna; assaltava-a o terror de volver aquelle lamaçal infecto, como si o contagio da pureza, o exemplo da honestidade impolluta e forte, em combate com a miseria, lhe houvessem infundido no coração, fechado aos affectos são e bemfazejos, **um nobre impulso de amor proprio**. Faltava-lhe, porém, coragem para resistir ao pendor criminoso, volver a trabalhar como as outras desgraçadas, nas obras da Commissão, carregar agua, tijólos, areia. Que poderia fazer para ganhar, além da ração, algum dinheiro, uma creatura franzina, desacostumada a esforços musculares, e, por cumulo de males, aberta dos peitos?...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIV, p. 90)

Sentido: sentimento de dignidade, estima ou respeito que cada qual tem por si mesmo

ASA/AZA-NEGRA

“— Aqui está, seu doutor – exclamou ella, indicando o soldado, com um soberbo gesto de indignação. – Aqui está o **asa-negra** que me persegue, pensando que eu sou da laia delle... Este homem me atormenta com malcriações, com cartas... Espere... Tenho uma commigo.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VII, p. 25)

“— Depois? Enquanto durou o dinheiro, quase um anno, fiquei com a tal velha que foi a minha **aza-negra**. Tomou conta de mim como de uma bêsta de carga; fazia de mim o que queria; mandava e eu me sujeitava, callejada, estando por tudo sem protestar, sem me aborrecer. A velha, que era toda agrados enquanto eu estava rica, virou para me insultar e, uma vez por outra, me atirava á cara que era necessario ganhar com que pagar o pirão que eu comia, porque não era minha escrava...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p. 46)

Sentido: indivíduo que prejudica ou dificulta constantemente as ações de outro⁶⁹.

AVE-MARIA/AVES-MARIAS

“— Ao cair da tarde, quando cálida neblina irradiava da terra abrazada, esbatia o recórte das montanhas ao longe, e adelgaçava o colorido da paisagem em tons pardacentos e confusos, o sino da matriz, como um colossal lamento, troava a **Ave-Maria**. Cessava o rumor e o mestre-de-obras batia com o pesado martello o prégo, em solemne cadencia, annunciando o termo do trabalho.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. I, p. 3)

“Buzões?!... Conheci um moço que foi enfeitado por uma rapariga, embellezada por elle. A creatura, de repente, ficou toda

⁶⁹ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

torta, como se lhe dêsse o ar... **Ave-Maria**; foi murchando, seccando até ficar pelle e osso. Parecia mais um defuncto em pé, que gente viva. Desenganado de remedio de botica, foi se receitar ao padre João Chrysostomo; chupou chave de sacrário do Santíssimo, mandou fazer orações fortes... Foi bobage... A felicidade d'elle foi topar uma cigana, que lhe deu contra-feitiço, uns pózes para beber com leite de peito... Santo remedio, menina!... Uma coisa é vêr outra é dizer, como elle se levantou, já tendo os pés na cóva.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p. 48)

“Enlevada no doce conforto do becco, Theresinha foi subindo a rua do Rosario até ao largo. Em redór do cruzeiro, erguido defronte da egreja, sobre um solido pedestal de alvenaria, crenes, ajoelhados, rezavam padre-nossos, **ave-marias** e o terço, murmurado, nuns tons soturnos de devota cadencia.”. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p. 67)

“Ao penetrar no asylo de duendes, onde se ouviam, á noite, gemidos lancinantes, rumores de correntes arrastadas, assobios diabolicos, Rosa Veado, que se encarregara de preparal-a para aboletar os hospedes, persignou-se, balbuciou uma **Ave-Maria** e acostou-se ás outras mulheres, apiedadas da familia de Marcos. Mal acenderam a vela, uma coruja espantada esvoaçou, gaguejando pavorosa gargalhada de louco, e enormes vampiros agitaram a luz, o ar deslocado pelo remigio das grandes azas desvairadas.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIV, p. 96)

Sentido: oração que se inicia pelas palavras ave e maria, consagrada à Virgem Maria, com inicial por vezes maiúscula (assim considerada em minúsculas como aves-marias), o que é o caso do registro na obra.

BATE-BOCCA

“— Eu fazia idéa da furia, da damnção d'elle, quando deu por falta de mim, da cunhãsinha russa. Imaginei os berros, os despropositos, as pragas, que me irrogou, as ameaças de desforra, pois sabia que não era homem para se conformar com o roubo da

mulher. Meu dito, meu feito. Um dia chegou Bentinho muito assustado, recomendando que me escondesse, porque lhe haviam inculcado gente do Bertho nos arredores da povoação. Fiquei mais morta do que viva. Não me podia levar para a fazenda, porque a família, que tudo ignorava, não consentiria nisso. A velha que quase não dava fé de mim e vivia muito ocupada na criação, entrou a tomar precauções para ninguém suspeitar a minha estada em sua casa. Um dia, era dia de, feira, e eu tinha um desejo doido de ver a reunião de gente de uma redondeza de vinte leguas, vendendo legumes, farinha, rapadura e outras produções da lavoura; mas a megéira não consentiu que eu botasse o nariz de fóra. Alli por volta de meio-dia, ouvimos tiros de bacamarte e uma algazarra dos demonios, um **bate-bocca desadorado**. Pouco depois soubemos que houvera um péga entre cangaceiros, desconhecidos no lugar, e a gente do Bentinho, e que já havia morrido um homem... Que seria?... Fiquei numa afflicção, tremendo de susto, mas experimentava uma secreta satisfação que fosse por minha causa a briga e o sangue derramado.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p.45)

“Belóta, sempre cheio da intransigencia das ameaças do sargento, acobardou-se e contou o caso, amenisando-o com disparatadas justificativas. Fora uma brincadeira de amigo, uma coisa á tôa, que terminara num **bate-bocca**.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XX, p.78)

Sentido: informalmente, “discussão agressiva, troca de palavras ásperas; bate-barba, dize tu direi eu”, “clamor de briga; vozerio de pessoas em altercação” ou ainda “conversa amigável e despreziosa”, cabíveis ao contexto acima dado⁷⁰.

⁷⁰ Temos o registro em Houaiss (2021) de “bater boca”: discutir acalorada e demoradamente (com alguém)

BEM QUERIDO

“Seria horrível. E Luzia estremecia, sob um pavor, como se fôra ameaçada do espolio de um bem inestimável, de coisa a que tinha direito sagrado, coisa que ella criara, e á qual transmittira parte da sua alma, planta que tratara com desvelado carinho, regada com o suor das suas aflicções e o orvalho das suas lagrimas, ameaçada de ser desarraigada por mão criminosa, quando lhe desabrochavam, pujantes de viço, coloridas e perfumosas, as primeiras flôres. Não tinha energias varonis, musculos poderosos para defender o seu **bem querido**, e esmagar o espoliador!?... Não tinha o indeclinavel dever de lutar pelo que era seu, e constituía, já, elemento essencial da sua existencia, como si defendesse a propria vida, o patrimonio inexaurível dos thezouros do coração, o precioso quinhão da ineffavel ventura que, neste mundo, só no amor se encontra?” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p. 69)

“Quem quizer ser **bem querido**,/Não se mostre afeiçoado,/Que o affecto conhecido,/E’ sempre o mais desprezado.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VI, p. 20)

Sentido: hoje, mesmo que benquisto, isto é, que é objeto de bem-querer ou aquele que é bem considerado; bem-visto⁷¹.

BEM-QUERER/BEMQUERER

“Seria isso **bem-querer**, como imaginava; duas creaturas confundidas de corpo e alma em harmonia ininterrupta de affectos e idéas, vivendo da mesma nutrição moral, dos mesmos anhelos, eternamente ligados no prazer e na dôr, na vida e na morte?!”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XI, p. 42)

“— Por certo... Demais, que tenho eu com os seus particulares?... Você não tem necessidade de negar... Mentira ou verdade, é livre, desempedido, senhor da sua vontade para

⁷¹ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

empregar o **bemquerer** em quem fôr do seu agrado. Isto não é da minha conta...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIV, p. 51)

“ – Arre lá! – exclamava indignada. – Que se arranjem, que se separem, cada um para o seu lado. Que me importa!... **Bem-querer** não é obrigado, nem eu tenho nada com isso. Eu me intrometti demais em negocios alheios... Chega a metter-me raiva tamanha cerimonia entre pobres diabos, que não teem onde cairem mortos, quanto mais vivos...”. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIV, p. 90)

Sentido: palavra datada por Houaiss (2021) de 1552, com as seguintes acepções aplicáveis ao contexto dado: sentimento de amizade, afeição; benquerença; boa disposição de ânimo; benevolência; e pessoa amada ou estimada; bem-amado. Interessante assinalar a forma opcional, na mesma edição, bemquerer.

BEM-VINDA

“ – Seja **bem-vinda**, tia Zephinha!... – disse Theresinha, com largos ademanos maneirosos. – Abanque-se aqui, no alpendre, que está mais fresco. Ora, até que enfim... Não ha mal que sempre dure.(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIV, p.50)

Sentido: cabível, pelo contexto, ao menos duas acepções: “que chega ou chegou bem, a salvo”; e “bem acolhido à chegada; bem recebido”.

BUMBA-MEU-BOI

“Nessa evocação saudosa de um passado morto, ressurgiram as adoráveis peripecias da infancia, os episodios da vida de adolescente na penumbra da puberdade, salteada pelas primeiras investidas dos instinctos; as festas, os S. Gonçalos, os **Bumba-meu-boi**, as vaquejadas, as caçadas de avoantes nos bebedoiros, a colheita dos ovos que ellas, abatendo-se em nuvens sobre as varseas, punham aos milhões, junto dos seixos, das touceiras de capim, ou nas barrocas feitas, durante o inverno, pelas patas do gado. Sentia ainda zumbir o vento nos ouvidos, quando, em

desapoderada carreira, o castanho perseguia, através dos campos em flor, as novilhas lisas ou os fuscos barbatões, que espirravam dos magôtes; o ecoar da voz gutural do pae, cavalgando, á ilharga, o melado caxito, e bradando-lhe, quente de entusiasmo: Atalha, rapariga!... Não deixes ganharem a catinga!... E quando ella, triunphante das façanhas do campeio, o castanho a passarinhar nas pontas dos cascos, garboso, vibratil de árdego, as ventas resfolegantes, os grandes e meigos olhos rutilantes, todo elle reluzente de suor, como um bronze iluminado, o enlevo do pae a contemplal-a, orgulhoso, e indicando-a aos outros vaqueiros: Vejam, rapaziada!... Isto não é rapariga, é um homem como trinta, o meu braço direito, uma prenda que Deus me deu... E as moças, suas companheiras, murmuravam espantadas: Virgem Maria! Credo!... Como é que a Luzia não tem vergonha de montar escanchada!..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IX, p.31)

Sentido: os dicionários gerais assinalam a definição do termo assim: " Dança dramática do ciclo natalino, difundida em todo o Brasil com variedades locais, cujo personagem central é um boi que morre e ressuscita [sinóníma.: boi-bumbá, boi-calemba, boi-calumba, boi-culemba, boi de mamão, boi de matraca, boi de melão, boi de orquestra, boi de reis, boi de zabumba, boi-melão, boi-pintadinho, boi-surubi, boi-surubim, boizinho, bumba, bumba-boi, cavalo-marinho, folguedo do boi, rei de boi] (HOUAISS, 2021)

CABEÇAS-VERMELHAS

"Ao espectáculo do alvorecer sem alegria, o campo desolado, sem canticos de passaros e rumores harmoniosos do trabalho venturoso e fecundante, ella revia a infancia, na fazenda Ipueiras: a campina verdejante umedecida de orvalho congregado no concavo das folhas em gottas tremulas, os **cabeças-vermelhas** gorgeando nos mais altos ramos dos joazeiros frondosos; caraúnas airosas papeando em volatas vibrantes nos leques das carnaúbas esguías; rôlas arripiadas e friorentas aguardando, aos casaes quietos, bem juntinhas, os primeiros raios do sol. Ouvia o mugir lamentoso das

vaccas presas nos curraes, o gemido soturno e tímido dos bezerros e monjóllos famintos; o balir das ovelhas irrequietas no fumegante chiqueiro; o gaguejar dos bódes lubricos, ébrios de luxuria; e o relincho triunphante do fogoso cavallo castanho, a galopar peiado das mãos, de crinas eriçadas, de orelhas espetadas e de rubidas narinas accesas. E com o cheiro do pasto florido, dos aguapés fluctuantes na lagôa azulada, nenuphares de caçoilas entreabertas, sentia o fartum da prodigiosa terra exuberante, e o bafio agro dos rebanhos fecundados. Recordava-se do banho na lagôa, que espelhava o céo, e a paisagem pittoresca, e onde ella nadava como as marrécas ariscas; mergulhava e voltava á flux, espadanando a agua com o açoite de cangapés acrobaticos, espantando os paturys e jaçanans medrosos, os graves socós pousados sobre uma perna e os bandos de alvas garças elegantes. Como era saboroso o leite morno, espumando nas cuias; o tassalho de carne de sol chiando no espeto, o cuscús vaporoso e os queijinhos de cabra, em fórmula de peito de moça; as merendas e o mel de rapadura e macaxeira, o mocunzá com côco da praia, a coalhada escorrida e os fôfos *manuês* assados em folha de bananeira?!...”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IX, p.31)

Sentido: cardeal, de plumagem negra ou cinzenta e branca, no corpo, e vermelha, na cabeça, sendo esta de coloração mais intensa no macho.

CAPELLA-MOR

“A immensa nave da matriz desbordava de fieis, amontoados, em confusa massa inquieta, illuminada pelos jorros de crúa luz, que se projectavam das arcadas lateraes, recentemente rasgadas nas formidaveis paredes de pedra e cal, sobre os mantos alvissimos das mulheres ajoelhadas. No fundo resplendia a **capella-mor**, o tabernaculo, esculpido pelo cinzel do mestre João Francisco, o entalhador, com duas series de elegantes columnas corynthias, enleizadas de parreira, a vinha do Senhor, e rematadas de folhas de acantho, todas brancas, de figos doirados e sustendo a architrave e a curva do arco que emmoldurava a grande tēla de

Bindsay, a Assumpção de Nossa Senhora. Mais abaixo, dominando a banquetta de prata massiça e os bustos dos Apostolos, emergia, dentre palmas, dentre flores, a imagem da Virgem da Conceição, a padroeira da cidade, coroada de oiro, de pedrarias, quasi escondida no amplo manto de velludo azul, marchetado de estrellas, bordado com carinho pelas orphãs da Casa de Caridade. As chamas dos cyrios esmoreciam na sumptuosa claridade da manhã, como pallidas placas, dissolvendo-se em tenues fios de fumo, a sumirem-se no ambiente saturado de incenso e de um odor agro de cêra derretida.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.109)

Sentido: a capela principal de uma igreja.

VOMITORIO DE CARDO-SANTO

“Passou o dia preocupada, e procurando espairecer com desvelos á mãe, mais acalmada com a poção de iodureto de potassio, o venenoso remedio, que, na opinião da Seridó, fazia apodrecerem os ossos, cahirem os dentes e pôr o estomago em carne viva, quando seria mais efficaz a purga de mel de abelha e um emplastro de sabão da terra com um pinto pisado vivo; ou com o **vomitorio de cardo-santo**, chá de herva-doce para desempachar o ventre, e raiz de péga-pinto por causa da retenção de ourinas.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VI, p. 20)

Sentido: refere-se à planta anual (cardo-santo), com folhas alternas, flores amarelas e cápsulas indeiscentes, contendo numerosas sementes pretas, usada na medicina caseira, e cada uma de suas partes, das raízes às sementes, tem emprego distinto. O vomitório refere-se ao que provoca vômito, isto é, o cardo-santo é emético.

CARNE DE SOL

“Ao espectaculo do alvorecer sem alegria, o campo desolado, sem canticos de passaros e rumores harmoniosos do trabalho venturoso e fecundante, ella revia a infancia, na fazenda Ipueiras:

a campina verdejante umedecida de orvalho congregado no concavo das folhas em gottas tremulas, os cabeças-vermelhas gorgeando nos mais altos ramos dos joazeiros frondosos; caraúnas airoas papeando em volatas vibrantes nos leques das carnaúbas esguías; rôlas arripiadas e friorentas aguardando, aos caseas quietos, bem juntinhas, os primeiros raios do sol. Ouvia o mugir lamentoso das vaccas presas nos curraes, o gemido soturno e tímido dos bezerros e monjólos famintos; o balir das ovelhas irrequietas no fumegante chiqueiro; o gaguejar dos bódes lubricos, ébrios de luxuria; e o relincho triunphante do fogoso cavallo castanho, a galopar peiado das mãos, de crinas eriçadas, de orelhas espetadas e de rubidas narinas accesas. E com o cheiro do pasto florido, dos aguapés fluctuantes na lagôa azulada, nenuphars de caçoilas entreabertas, sentia o fartum da prodigiosa terra exuberante, e o bafio agro dos rebanhos fecundados. Recordava-se do banho na lagôa, que espelhava o céo, e a paisagem pittoresca, e onde ella nadava como as marrécas ariscas; mergulhava e voltava á flux, espadanando a agua com o açoitado de cangapés acrobaticos, espantando os paturys e jaçanans medrosos, os graves socós pousados sobre uma perna e os bandos de alvas garças elegantes. Como era saboroso o leite morno, espumando nas cuias; o **tassalho de carne de sol** chiando no espeto, o cuscús vaporoso e os queijinhos de cabra, em fórmula de peito de moça; as merendas e o mel de rapadura e macaxeira, o mocunzá com côco da praia, a coalhada escorrida e os fôfos *manuês* assados em folha de bananeira?!..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IX, p.31)

Sentido: charque de carne bovina levemente salgada e seca ao sol ou ao vento⁷².

DE-COMER/DECOMER

⁷² Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

“ – Imagina que eu voltava da obra e, quando dei por mim, foi com a gralhada de Romana, aplaudindo com as parceiras. Aquellas *não-sei-que-diga* riam como doidas varridas. Uma dizia: Foi bem feito! A outra resmungava: Bulir com o **de-comer** dos pobres!... Que miseria!... Se fosse só feijão – grazinava a deslambida da Romana – meu Deus, perdoai-me...Passou as unhas no dinheiro. Quem hávêra de dizer – rosnava a Joanna Cangaty, aquella serigaita, que tem o buxo caído – que aquelle sonso...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VI, p. 20)

“ – Seu **decomer** – disse-lhe Therezinha – está guardado...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VIII, p. 27)

“ – Sim, coisas que davam logo na vista... Quem só vive do trabalho, que mal dá para o **decomer** e arranjar um molambo para cobrir, não poderia esconder semelhante furto... Quando apparecesse com roupa nova ou fizesse gastos...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XI, p. 41)

“ – Não venha mais, Luzia... – murmurou o prezo. – Não vale a pena fazer mais sacrificios por mim... Arranjarei aqui mesmo o **de-comer**. Basta. Não mereço tamanha dedicação... Deixe-me de mão, já que não quer ser ridicula...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIV, p. 52)

“ – Mas, por isso, não deve recusar o **de-comer**, que ella mesma preparou com tanto gosto.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVI, p. 58)

“Theresinha commentava o facto, os males que vêm para bem, e, logo, achou muito justo esse procedimento da Comissão; e, todavia, observava que o dinheiro lhe não pagaria as ruínas da saúde, os incommodos e, mais que tudo, a vergonha de ser apontado como ladrão, como um infame que havia roubado o **decomer dos pobres famintos**, para saciar vícios abjetos, tudo por causa de suspeitas que ella, mulher ignorante, mal sabendo ler por cima e assignar o nome, repellira desde o primeiro momento, porque o coração lhe dizia que elle não tinha cara de se sujar com o alheio. Admirava como os homens da justiça, que sabiam ler em grandes livros de letras embaraçadas, homens de olhos, que sabem

tudo, não tinham logo percebido que o criminoso não era outro senão Crapiúna. Quantos innocentes não estariam pagando culpas alheias por causa da cegueira da justiça! Quantos não ficam livres de pena e culpa, apesar de autores de crimes escandalosos, perpetrados perante Deus e o mundo, a luz do dia, como aquelle nefasto Bentinho que matara Bertho, como quem mata um cão, e apenas ficou recolhido alguns dias á sala livre, por ser capitão e filho do maioral da terra!" (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXII, p. 84)

"Agglomeravam-se retirantes á porta do armazem para verem Alexandre, cujo prestigio de martyr augmentava com as novas attribuições de administrador. Uns, sinceramente, lamentavam o facto; outros o adulavam com fingidas lamurias, para serem preferidos na distribuição de rações bem medidas, com lavagem, como elles diziam, porque outros empregados de coração duro mediam farinha e feijão sem *cacúlo*, rapando a bocca do litro, poupando, como usurarios, os dinheiros do governo e o **decomer** que a rainha mandara dar de esmola aos pobres." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXII, p. 84)

Sentido: aquilo que se come; alimento, comida. Registra-se na obra a variante "decomer"⁷³.

DIA A DIA

"No cabeço saturado de sangue, nú e arido, destacando-se do perfil verde-escuro da serra Meruóca, e dominando o valle, onde repousava, reluzente ao sol, a formosa cidade intellectual, a casaria branca alinhada em ruas extensas e largas, os telhados vermelhos e as altas torres dos templos, rebrilhando em esplendores abrazados, surgia em linhas severas e fortes, o castello da prisão, traçado pelo engenho de João Braga, massa ainda informe, aspera e escura, de muralhas sem reboco, enleidadas em confusa floresta de andaimes a esgalharem e crescerem, **dia a dia**, numa exuberancia fantastica de vegetação despida de folhas,

⁷³ Já devidamente datado em Houaiss (2021) com o ano de 1903.

de flores e fructos. Pela encosta de cortante piçarra, desagregada em finissimo pó, subia e descia, em fileiras tortuosas, o formigueiro de retirantes, velhos e moços, mulheres e meninos, conduzindo materiaes para a obra. Era um incessante vae e vem de figuras pittorescas, esqualidas, pacientes, recordando os heroicos povos captivos, erguendo monumentos immortaes ao vencedor.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. I, p. 2)

Sentido: como locução adverbial, com sentido de “ à medida que os dias passam; com o correr dos dias”⁷⁴.

CHÁ DE HERVA CIDREIRA

“A velha sentou-se, acariciada pela filha, que lhe endireitou as dóbras da saia e o lenço da cabeça, enquanto Theresinha preparava o **chá de herva cidreira**, que ella tomava todas as manhãs.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIV, p.50)

Sentido: erva aromática de folhas ovais, flores brancas ou róseas e aquênios oblongos, pardos e lisos, muito usada na medicina caseira, como antiespasmódico, antinevrálgico e calmante.

CHÁ DE HERVA-DOCE

“Passou o dia preocupada, e procurando espaiarecer com desvelos á mãe, mais acalmada com a poção de iodureto de potassio, o venenoso remedio, que, na opinião da Seridó, fazia apodrecerem os ossos, cahirem os dentes e pôr o estomago em carne viva, quando seria mais efficaz a purga de mel de abelha e um emplastro de sabão da terra com um pinto pisado vivo; ou com o vomitorio de cardo-santo, **chá de herva-doce** para desempachar o ventre, e raiz de péga-pinto por causa da retenção de ourinas. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VI, p. 20)

Sentido: mesmo que anis, isto é, erva aromatizante, usada em balas, xaropes e licores.

⁷⁴ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

EXTREMA UNCCÃO/UNCCÃO AOS MORIBUNDOS

“Luzia permaneceu, no recinto sagrado, ajoelhada, até que se esvaiou a imensa nave; e, quando se dispunha a sahir, foi atrahida pelo choro das crianças e pelo doloroso contraste das mães venturosas e das mães afflictas: umas, radiantes de amor; outras, tristes. acabrunhadas de magoa, animando, desenganadas, as innocentes victimas, para as quaes a agua lustral seria a **extrema unccão.**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p. 110)

“Voltando, então, para junto do corpo de Luzia, Raulino curvou-se compungido; apalpou-lhe o peito, ainda morno; e, approximando os labios da divina cabeça da heroína, gemeu com intensa amargura, as palavras doloridas de **unccão aos moribundos**:– Jesus!... Jesus!... Seja comtigo!... Jesus, Maria e José!...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVIII, p. 194)

Sentido: também dito “unção dos enfermos”. Na religião católica, unção dos moribundos com os santos óleos é um dos sete sacramentos da Igreja católica.

FRÉCHAES DE FREI-JORGE

“Cercava o edificio em construcção, um exotico arraial de latadas, de choupanas, de ranchos improvisados, onde trabalhavam carpinteiros falqueando longas vigas de pao-d'arco, **fréchaes de frei-jorge** e gonçalo-alves, ou serrando e aplainando cheirosas taboas de cédro. Marcando a subida do morro, se alinhavam em rua tortuosa, pequenas barracas feitas de costaneiras, cascas e sarrafos, as quaes serviam de abrigo ás costureiras, fazendo, dos saccos de viveres, roupa para os esmolambados, envoltos em nojentos trapos que lhes mal disfarçavam o pudor e a horrenda magreza esqualida. De outras barracas subia ao ar, em novellos espessos ou tenues espiraes azuladas, o fumo de lareiras, onde, sobre toscas trempes de pedra, ferviam, roncando aos borbotões, grandes panelas de ferro, repletas de comida.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. I, p. 3)

Sentido: mesmo que freijó (árvore nativa do Brasil, com madeira nobre ou de qualidade. Pelo contexto, os frechais referem-se a cada uma das vigas horizontais sobre as quais se erguem os frontais (fachadas) de cada pavimento ou na qual se pregam os caibros à beira do telhado.

GARRANCHOS

“Ella, com effeito, peregrinara pelo vasto sertão, de miseria em miseria, rastolhando, perdida como um pedaço de páu arrastado pela correnteza do rio, caíndo nas cachoeiras, mergulhando nos rebójos, surgindo adiante, para bater de novo sobre pedras, tornando a ser arrebatado, até que, ao baixar das aguas, pára, coberto de paúl e hervas seccas, **garranchos** e flores, que transportou de longe, esperando a enchente na próxima estação, e continuando a tragica jornada, até apodrecer em ribas desoladas, ou perder-se na immensidade do oceano.”[1903] 1929, cap. XII, p. 70-72)

Sentido: galho fino de árvore ou de arbusto; graveto.

GONÇALO- ALVES

“Cercava o edificio em construcção, um exotico arraial de latadas, de choupanas, de ranchos improvisados, onde trabalhavam carpinteiros falqueando longas vigas de pao-d'arco, fréchaes de frei-jorge e **gonçalo-alves**, ou serrando e aplainando cheirosas taboas de cédro. Marcando a subida do morro, se alinhavam em rua tortuosa, pequenas barracas feitas de costaneiras, cascas e sarrafos, as quaes serviam de abrigo ás costureiras, fazendo, dos saccos de viveres, roupa para os esmolambados, envoltos em nojentos trapos que lhes mal disfarçavam o pudor e a horrenda magreza esqualida. De outras barracas subia ao ar, em novellos espessos ou tenues espiraes azuladas, o fumo de lareiras, onde, sobre toscas trempes de pedra,

ferviam, roncando aos borbotões, grandes painéis de ferro, repletas de comida.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. I, p. 3)

Sentido: árvore frondosa, com madeira nobre, dura e brilhante, casca que exsuda substância resinosa, usada em curtume, folhas compostas e inflorescências paniculadas.

GUARDA-COSTAS

“Não faltavam ao soldado feitos que lhe aumentassem o prestígio de pessoa bem conformada, sem vícios que lhe dessem o realce de um afortunado. Dizia-se, á puridade, nos colloquios da protervia popular, que, antes de ser recrutado por audacias sensuaes, e envergar a farda, fôra **guarda-costas** de um famigerado fazendeiro da Barbalha, onde executára proezas crueis, de pasmar, em verdes annos, pois mal lhe despontava, então, o buço. Tinha o activo de tres mortes e outros crimes menores, valendo-lhe isto por titulo ao temeroso respeito do povo.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 5)

Sentido: pessoa encarregada de acompanhar outra para protegê-la de agressões⁷⁵.

HERVAS SECCAS

“Ella, com effeito, peregrinara pelo vasto sertão, de miseria em miseria, rastolhando, perdida como um pedaço de páu arrastado pela correnteza do rio, caíndo nas cachoeiras, mergulhando nos rebójos, surgindo adiante, para bater de novo sobre pedras, tornando a ser arrebatado, até que, ao baixar das aguas, pára, coberto de paúl e **hervas seccas**, garranchos e flores, que transportou de longe, esperando a enchente na próxima estação, e continuando a tragica jornada, até apodrecer em ribas desoladas, ou perder-se na immensidade do oceano.” [1903] 1929, cap. XII, p. 70-72)

⁷⁵ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

Sentido: considerando apenas o contexto acima definido, nos parece que o autor está se referindo a plantas fanerógamas não lignificadas, pequenas, porque, inclusive, fala em “garranchos e flores”

HERVAS MORTAS

“ — Virgem Maria!... Credo! – exclamaram Maria da Graça e Clara, numas projecções espavoridas de olhos sobre a velha casa desaprumada, cujas paredes, esburacadas e marcadas de grandes chagas de rebôco, pareciam apoiadas nos rochedos. **Hervas mortas** pendiam das goteiras desdentadas, donde esguichavam piando, em desordenado vôo, grandes morcegos, estonteados pela tenue luz crepuscular.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIV, p. 150)

“A casa mal assombrada era quasi uma tapéira. O repuxo das paredes; os esteios esconsos, cobertos de colmeias abandonadas; o tecto, velado sob empoeiradas colgaduras de teias de aranha; o telhado desfalcado, invadido de **hervas mortas**; as portas emperradas e o chão, aluido por tuneis de formigueiros, signalavam longo abandono. Essa vivenda maldita, preservada pela superstição, estivera sempre fechada. Ninguem lhe conhecia já o proprietario, cujo procurador, morto havia muitos annos, deixára a chave á custodia de Marciana.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIV, p. 153)

Sentido: o fato de, por duas vezes”, ao longo do livro, o autor recorrer à expressão, e por essa razão, chama-nos a atenção seu emprego recorrente e parece sugerir ao leitor um tipo de erva venenosa que ocorre nas pastagens; ou ainda, talvez, a plantas usadas para dar sabor e aroma na culinária, como, a salsa, a cebolinha, o coentro, o manjeriço e o alecrim, mas não nos parece este último caso, considerando o contexto da obra.

HERVAS DANINHAS

“Havia, entre essas miserias, culpadas por depravação moral, desviadas pela educação, contaminadas pelo contagio do

exemplo. A enorme maioria, porém, era de inconscientes, sem imputação, dignas de perdão como pensava ella, que não podia expungir do coração os máus instinctos, que o dominavam e alli grélavam, como **hervas daninhas**, á sombra propicia da suspeita e do despeito. E Luzia que padecera pela prisão do homem amado, que sentira nas proprias carnes o stygma com que o pretendiam marcar, que seria capaz de fazer por ele o extremo sacrificio da propria vida, seria capaz de estrangulal-o, de arrancar-lhe as entranhas, de cevar-se no seu sangue, á simples idéa de vel-o nos braços de outra mulher.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p. 163)

Sentido: no texto literário, em geral, o leitor tem uma expectativa de que o emprego da expressão seja figurado “, em que a noção de “daninhas” é “o que conspurca, o que é pernicioso, o que prejudica”, mas não nos parece o caso em tela; e sim, o sentido é denotativo de “erva que nasce espontaneamente e se propaga no meio de certas culturas, prejudicando o seu desenvolvimento”, mas, mesmo por sugerir metaforicidade, traz, também, bastante expressividade ao texto no exemplário acima.

JASMIM DE CACHORRO

“ —Tira o cavallo da chuva e conta a historia direito, Crapiúna. Todas as mulheres são iguaes e merecem tudo; a demora é grelar no coração o capricho, principalmente, quando resistem. Fôra ella um monstro da natureza; paixão não enxerga nem repara e, quando nos ataca, é como o sarampo: até **jasmim de cachorro** é remédio. E deixa falar quem quizer, que é soberba, sonsa, mal ensinada... Ella não é nenhum peixe podre. Não reparaste naquelles quartos redondos, no cacúlo do queixo, na bocca encarnada como um cravo?! E o buço?!... Sou caidinho por um buço... Ella quasi que tem passa-piolho, o demonio da cabrocha...”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 7)

Sentido: a preposição “até” (com a noção de também, inclusive, mesmo, ainda), expressivamente, parece sugerir ao leitor, no

contexto dado, o sentido de “excremento seco de cachorro; jasmim do campo [A medicina popular usa em infusão, para tratamento da coqueluche e sarampo.], em que pese o registro também, atualmente, de “jasmim-de-cachorro”, café-do-mato, árvore de até 7 m, com látex abundante, madeira branca ou amarelada, casca com usos medicinais, que, talvez, não se aplique ao caso.

LUSCO-FUSCO

“Estava ainda longe o dia. As barras apenas despontavam no levante em pallido clarão e alguns farrapos de nuvens rubescentes. Exposta à bafagem da madrugada, Luzia de pé, em plena nudez, entornava sobre a cabeça cuias d'água que lhe escorria pelo corpo reluzente, um primor de linhas vigorosas, como pintava a superstição do povo o das mães-d'agua lendarias, estremecendo em arrepios á liquida caricia, e abrigada no manto da espessa cabelleira anelada que lhe tocava os finos tornozelos. Ao perceber desenhar-se no **lusco-fusco da nebrina matinal**, já perto, o vulto da moça a contemplal-a, soltou um grito de espanto e agachou-se, cruzando os braços sobre os seios.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VI, p.11)

“Recolheram ao quarto. Luzia abeirou-se da rêde onde, encolhida como uma creança, a velha ressonava tranquilla. Theresinha ficou a espreitar, cosida á porta entreaberta em estreita fenda; com um aceno de alvoroço, chamou a outra,e viram, ao **lusco-fusco**, um grupo.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p.48)

“O grupo desapareceu. Passaram depois desconhecidos que, confundidos ao **lusco-fusco**, a saudavam com boa-noite.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p.99)

Sentido: crepúsculo matutino; o alvorecer. Também o autor faz referência à hora crepuscular, momento de transição entre o dia e a noite, anoitecer.

LUZIA-HOMEM

“Crapiúna sabia dessas más ausencias, das calumnias e falsos testemunhos que lhe levantavam, cobardemente, pelas costas; das pragas e esconjuros, irrogados pelas suas victimas e desaffectedos. Safados uns, ingratos outros. Corja de mal agradecidos, que já se não lembravam dos beneficios de hontem. A muitos delles, desses que agora o malsinavam por intrigas de mulheres, havia morto a fome. Não se tinha em conta de santo, confessava; fizera certas vadições de homem solteiro, que não tinha contas que dar; mas ninguem lhe podia lançar em rosto o haver aforcado mulheres honestas. Quanto á remoção, até dava graças a Deus por se vêr livre daquella cambada de retirantes nojentos e leprosos, cujo aspecto, em jejum, causava engulhos; seria, entretanto, melhor sahir da obra por sua livre vontade e não por queixa... E logo de quem? De **Luzia-Homem**... Oh? o diabo daquella sonsa era capaz de virar pelo avesso o juízo de uma creatura, e provocar muita desgraça por causa daquelle imposão de querer ser melhor que as outras... Tirando-lhe a força bruta, não passava de uma pobre tatú, que só tem por si o dia e a noite.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p.6)

“ — Aggravar-me?!... Não pensei nisso. Não quero que se sacrifique por mim, que já muito lhe devo – favores que só Deus pagará. Imagine a briga de dois homens, pancadas, ferimentos, um crime e o meu nome detestado passando de bocca em bocca, **Luzia-Homem causadora de tudo**... Não quero, não. Faça de conta que aquelle mal- encarado homem não existe... Não tenha receio, Alexandre, eu sei defender-me. De mais a mais... tudo passa...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. III, p.12)

“Sob os **musculos poderosos de Luzia-Homem** estava a mulher timida e fragil, afogada no soffrimento que não transbordava em pranto, e só irradiava, em chispas fulvas, nos grandes olhos de luminosa treva.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. III, p.13)

“Muitas se afastavam della, da orgulhosa e **secca Luzia-Homem** com secreto terror, e lhe faziam a furto figas e cruces. Mulher que tinha buço de rapaz, pernas e braços forrados de

pellucia crespa e entonos de força, com ares varonis, uma virágo, avessa a homens, devêra ser um desses erros da natureza, marcados com o estigma dos desvios monstruosos do ventre maldicto que os concebera. Desgraça que lhe acontecesse não seria lamentada; ninguém se apiedaria della, que mais se diria um reprobado, abandonado, separado pela cerca de espinhos da ironia malquerente, em redor da qual gyrava o povilhéo feroz a lapidalla com chacotas, dicterios e remoques. Tal se lhe figurava, através dos exageros pessimistas, a sua triste situação.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. III, p.15)

“ — Ninguém – respondeu Alexandre surprehendido pela inesperada pergunta, feita em tom de indiferença. Ninguém, nada me impede... Mas a gente nem sempre faz o que quer. Muita vez a cabeça vira para um lado e o coração para outro. Quando morreu minha mãe e vi-me só no mundo, estive em termos de assentar praça, porque quando um homem é soldado vira outro, fecha a alma e não se pertence mais. Estava imaginando nisso, em me affastar da terra da sepultura, onde descansava a minha defuncta velhinha, quando topei com você, sa Luzia, servindo no trabalho da cadeia. Por signal que, nessa occasião, lembra-se? a maltratavam. Era uma canzoada de mulheres e meninos, gritando: Olha a **Luzia-Homem**, a macho e femea! O povo todo corria de morro abaixo e eu tambem fui ver o que era. Você vinha subindo, trazendo nos braços Raulino Uchôa, quasi morto, ensanguentado e coberto de poeira. Contou-me, então, o Antônio Siéba, pae daquella moça bonita, que canta como um canario, o que se havia passado. O Raulino apostára derribar, a toda a carreira, um boi pelo rabo. Na verdade o homem corria como um veado e, era pegar na sáia da rez e viral-a, na poeira, de pernas para o ar; mas, naquelle dia, foi caipóra; falseou-lhe o pé; o boi voltou-se como um gato e mataria o pobre diabo se, dentre o povo, que disparava espantado, não surgisse uma moça afoita e destemida que agarrou o bicho pelas galhadas e o sugicou que nem um cabrito.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. V, p.21-22)

“ — Quem seria o audacioso criminoso? O nome de Alexandre, pronunciado por labios anonymos, no meio da turba, foi logo envolvido pela sinistra atmosphaera da suspeita. Elle guardava as chaves do armazem; era empregado de inteira confiança, conquistada pelo mais irreprehensivel procedimento, e os mais abonados precedentes; mas não se podia eximir da responsabilidade do fato, senão por desidia, por falta de vigilancia. Demais, naquelle dia, elle sempre pontual, chegara tarde, notando-se-lhe no semblante profunda perturbação ao encontrar a porta aberta, e o almoxarife, que o interrogava com o olhar severo. Não pudéra, no primeiro momento, se justificar ou explicar as circunstancias que o denunciavam. Indicações vagas, circulando na massa de retirantes, alludiam a factos que davam corpo ás suspeitas. Elle estava para casar; pretendia deixar a cidade; era bem possivel que a **paixão por Luzia-Homem** o allucinasse ao ponto de arrastal-o a tamanha desgraça. Por outro lado, alguns amigos que o não abandonaram na hora do infortunio, allegavam que, tendo as chaves, não necessitaria de deixar a porta aberta, apenas encostada, recorriam aos precedentes de porte illibado, a doçura de character, maneiras de pessoa bem ensinada e de boa procedencia.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VII, p.33)

“ — Ella alludia a gritos e gargalhadas do povilhéo, bradando na rua: **Luzia-Homem!**... Mettam ella na cadeia que se descobre tudo!... Aviem os pobres que estão aqui esperando com fome!...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VII, p.35)

“ — Não; não fôra feita para amar. Seu destino era penar no trabalho; por isso, fôra marcada com stygma varonil: por isso, a voz do povo, que é o écho da de Deus, lhe chamava **Luzia-Homem.**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap.XI, p.63-64)

“ — Que tem isso?... Elle é senhor do seu coração, pôde dal-o a quem quizer. Demais, querer bem não é obrigação. Eu não poderia exigir que elle me pagasse alguns serviços de amizade, ligando-se a mim, elle um moço branco, eu uma pobre mulher de côr, sem eira nem beira, com a mãe doente ás costas, neste tempo de secca e

carestia de tudo. Além disso, ninguém gostaria de casar com uma creatura, que tem o **appellido de Luzia-Homem**, como esse que o meu fado ruim me deu..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap.XV, p.84)

" — Você não tirou ainda o **juizo da Luzia-Homem**? — perguntou a Crapiúna o Cabecinha, que fazia com elle, o serviço de policiar a feira." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap.XV, p.86)

"Quando Luzia se apresentou ao apontador, houve um movimento geral de surpresa e curiosidade. Ninguém a esperava vêr de novo; era considerado morto ou emigrado o trabalhador que desaparecia da obra. Notavam que estava mais esbelta, graciosa, a côr mais clara pelo repouso de alguns dias. Havia mysteriosa alteração no seu semblante. As vigorosas linhas de energia masculina se contrahiam em curvas melancolicas, e, nos olhos meigos, fluctuava a sombra do idéal morto entre chispas fulvas de anhelos incontentados. As attitudes languidas e os gestos lentos denunciavam fadiga moral, ou a preguiça voluptuosa das felinas amorosas. Dir-se-ia que se lhe haviam attenuado os tons varonis, e, da **crysalida Luzia-Homem**, surgira a mulher com a doçura e fragilidade encantadora do sexo em plena florescencia sumptuosa. Irradiavam dela fluidos de sympathia, empolgando os companheiros de infortunio, como prestigiosa transfiguração. Estes não experimentavam já a repulsa que lhes causava a moça bisonha, arredia, taciturna, sempre enrolada no amplo lençól de mandapolão branco."(OLYMPIO, [1903] 1929, cap.XVI, p.92)

" — Qual o que! — continuou Romana — a Gabrina que o diga. Quando soube que elle estava todo babado pela **Luzia-Homem**, desembuchou e contou tudo..."(OLYMPIO, [1903] 1929, cap.XVI, p.98)

"Desde que tomára a peito quebrar o **encanto de Luzia-Homem**, andava-lhe a sorte arreesada. Perseguia-o um caiporismo incessante, que o tornava ainda mais irritadiço e trefego, principalmente quando Belóta, chasqueando, insinuava que elle estava contra o sentido do rifão, sendo infeliz no jogo e no amor, e attribuia as perdas consideraveis, que elle soffria, ao facto de andar com o juizo passeando, em vez de fixal-o nas cartas

ensebadas e sujas do baralho, recurvado em fôrma de telha pela pressão do partir, repetindo-lhe a cada pichotada, que jogador não guarda cabras.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap.XVII, p.100)

“ – Vocês não imaginam – continuou ella – como tinha povo na rua. Parecia procissão, quando levaram os soldados para o xadrez. E a cara do Crapiúna?... Ficou verde, amarello, encarnado como uma pimenta; botava-me uns olhos ensangüentados que me varavam... Eu, que vi o bicho bem seguro, ferrei também os olhos nelle como quem diz – arre diabo!... Quando passou por mim, resmungou: – “Deixa estar sua aquella, que me pagará... Diz á tua **parceira Luzia-Homem**, que não hei de ficar toda a vida preso...” Senti um frio no coração, quando o malvado disse isto.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap.XX, p.126)

“ – A pobresinha fez isso – dizia ella ao delegado, na sala de audiencia da camara municipal, apinhada de curiosos – sem maldade; e (para que hei de estar com historias mal contadas?) porque andava inclinada para seu Alexandre, depois dos beneficios que delle recebeu. Ponha o caso em si, meu senhor. Vossa senhoria sabe que mulher, quando vira a cabeça, é capaz de tudo. Quem quer bem não toma conselhos; não enxerga desgraças, nem se importa com perigos. Ella tinha no coração aquelle amor encoberto e não me disse nada. Esta bichinha que aqui vê, esta não-sei-que-diga disfarçou tão bem que eu, macaca velha, nada maldei. Mettia a mão no fogo por ella, creia-me... Aquelle malvado homem, percebendo que a pobre estava enciumada, seduziu-a, com promessas de mimos, a tomar uma vingança do moço. Eu sabia que seu Crapiúna gostava de **Luzia-Homem**, tanto assim que, uma noite, me pediu para ir fazer uma réza, na casa della para abrandar-lhe o coração. Fui com elle e mais o seu Belóta, muito contra a minha vontade; mas (para que hei de negar?) fui e não pudemos fazer nada, porque estiveram acordadas até fóra de horas. Saberá vossa senhoria que sou mulher de proposito; mesmo contra mim, falo a verdade. Fui fazer a réza, mas não ha mal nisso. É com as minhas orações e mézinhas

que arranjo o bocado para a bocca, sem ser pesada a ninguém, Deus louvado.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap.XXI, p.126)

“ – Quando tal acontecesse, quando Deus me castigasse com essa desgraça, eu teria coragem para suportal-a. O trabalho não mette medo a **Luzia-Homem**.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p.163)

“ – Tu!... Pois não és mulher forte, capaz de viver sósinha, sem ser pesada a ninguém, trabalhando para comer?... Não és **Luzia-Homem**?...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.164)

– É a Luzia!... A Luzia-Homem!...(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.173)

“Prostrada á meia-sombra de um confissionario de jacarandá, salientemente adornado de arabescos estranhos, absorta em sincera préce, ella ouviu a missa, celebrada pelo vigario Vicente Jorge de Souza, cuja voz sonora e forte, recitando as orações do ritual, dominava os pigarros, as tosses incontinentes e o choro classico das crianças que aguardavam o baptismo, occultas sob os lençóes das mães, que allí mesmo, as amamentavam. Rezou pela mãe entrevada, por Therezinha; rendeu graças a Deus pela libertação de Alexandre; e quando se ergueu a Hostia, ao ruido de peitos percutidos, do som argentino da campainha, tangida pelo sacristão, José Fialho, um velho doce e respeitavel, pediu ao Deus soffredor e resignado, ao Deus de amor e misericordia, como Jesus pedira ao pai celestial perdão para os algozes que o flagellaram e o crucificaram, se apiedasse do infeliz soldado, victima da insania de uma paixão brutal. E, como se esse generoso impulso rompesse os diques á ineffavel caudal de consolação, sentiu-se alvoroçada de suavissima alegria, desse gozo incomparavel da alma purificada, expungida das sombras do remorso. Seus olhos, fitos no doce semblante da imagem da Virgem, e aljofraram de pranto, lágrimas de reconhecimento, porque Deus se compadecera de **Luzia-Homem**, ouvira a sua prece.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.173-174)

“ – Está, sim, senhora – respondeu a rapariguinha. – Aqui no fim tem um pé, que diz: “Alexandre, a victima da perversa aleivosia do soldado, que, assim, desdoira a farda dos bravos heróes do

Paraguay, companheiros de jornada gloriosa dos lendários Sampaio e Tiburcio, é **noivo de Luzia-Homem**, a extraordinária mulher, que é uma das melhores operárias da construção da penitenciária.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.175)

“Luzia conduziu a mãe, e voltou a cuidar da cosinha. Atordoada ainda pela leitura do jornal, ficou algum tempo pensativa, percebendo, então, por que toda a gente a contemplava no trajecto para a igreja, por que tanto se arrebatava Crapiúna, e os cochixos das mulheres durante a missa. Era uma vergonha estar na folha com aquelle horrível nome – **Luzia-Homem**, tanto se lhe agarrara o cruel stygma. Ao emergir desse scismar, olhou, de sóslao, para o caminho, e, divisando um vulto de homem que se aproximava devagar, correu para o quarto com a tijela de caldo para a mãe.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.175)

“ – Esta é a **Luzia-Homem**? – perguntou a ingenua Maria da Graça. – Pois é bonita moça. Não tem nada de homem... Não é, mamãe?...”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.184)

“Então está feito? Nós ficamos muito agradecidos a vossa senhoria, que nos faz um favorão. Esta moça é **sá Luzia-Homem**. Ella, estava com acanhamento de falar.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.186)

“ – Pensas – continuou Crapiúna, recuando, transfigurado o rosto por diabolico sorriso. – Pensas que tenho **medo de Luzia-Homem**? Desgraça pouca é bobage...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.193)

Sentido: protagonista do romance homônimo. Considerando os dados ideológicos e estéticos de LH, acolhemos a posição de José Leite de Oliveira Júnior ⁷⁶ da inclusão de LH como um romance impressionista, em sua forma literária, classificação mais próxima para o presente estudo léxico-estilístico aqui realizado. Nossa hipótese é a de que a motivação morfológica e semântica do autor

⁷⁶ Cf. OLIVEIRA JÚNIOR, José Leite de. **O Pictório em Luzia-Homem**. 1992. 129f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 1992.

para a definição do título da obra, posteriormente a definição do nome da protagonista, reside no composto “mulher-macho” (figurativamente com a noção de mulher de princípios firmemente estabelecidos, lutadora) ou “mulher-homem” (no sentido de mulher masculinizada, mas sem conotação de preferência sexual).

MÁCRIAÇÃO

“ — Eu lhe conto. Sá Luzia sabe onde é a casa de Chica Seridó? Pois fui lá, outro dia, buscar um remedio, que a mamãe mandou pedir e estava esperando entretida com a Gabrina, aquella mocinha bonita, que também gosta de seu Alexandre, quando ella me largou de repente, e foi para o terreiro conversar com uma pessoa. Espiei para fóra e fiquei tremendo de medo: era o Crapiúna, aquelle soldado que de uma feita, quase se pegou com seu Alexandre... Fiquei quieta e, então, ouvi elle falar muito zangado: ralhava tanto, que fiquei com pena de Gabrina. Ele dizia: — Você não tem palavra. Ficou de ir lá em casa e me enganou! Ella respondeu por aqui assim: — A Chica estava com os olhos em riba de mim, que não me deixou um instante. — Você está mentindo, menina — tornou elle a dizer-lhe com muita **mácriação**. — Nem por eu lhe dar o par de brincos de ouro e os córtes de chita... — Mas eu não fiz o que você disse? — respondeu a rapariga, também com maus modos. Não fui jurar em casa do delegado?...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIX, p.74)

Sentido: atitude ou palavra grosseira, indelicada; incivilidade.

MÃES-D'AGUA

“Estava ainda longe o dia. As barras apenas despontavam no levante em pallido clarão e alguns farrapos de nuvens rubescentes. Exposta à bafagem da madrugada, Luzia de pé, em plena nudez, entornava sobre a cabeça cuias d'água que lhe escorria pelo corpo reluzente, um primor de linhas vigorosas, como pintava a superstição do povo o das **mães-d'agua lendarias**, estremecendo em arrepios á liquida caricia, e abrigada no manto

da espessa cabelleira anelada que lhe tocava os finos tornozelos. Ao perceber desenhar-se no lusco-fusco da nebrina matinal, já perto, o vulto da moça a contemplal-a, soltou um grito de espanto e agachou-se, cruzando os braços sobre os seios.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IV, p. 11)

“ — Ora, — continuou o sertanejo — eu não entendi bem o que a dona queria dizer, mas fiquei malinando que também gosta, como todo o mundo, d’essa sua cabelleira, comparando mal, parecida com as das **mães-d’água encantadas**, lavando-se na lagôa em noite de luar, com os cabellos de vara e meia boiando e embaraçando-se nos aguapés cheirosos, como eu vi com estes olhos, que a terra fria ha de comer, de uma feita, que eu estava de tocaia, esperando patarrões brabos. A noite estava clara que nem dia. Cansado de esperar e resfriado pela fresca do sereno, passei por uma madôrra.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p. 105)

“ — Pois fique sabendo — continuou Raulino, com muita convicção — que não foi só a mim que ella appareceu. O Izidro, rapaz destemido e caçador de fama, também viu a mãe-d’água de uma feita que estava tarrafeando curimatans. Por signal que não apanhou uma triste piaba naquella lagôa, que tinha mais peixe do que agua. Voltou da pescaria com as mãos abanando, capiongo, meio lézo e contou o caso á noiva, moça (falando com o devido respeito) bonita como uma imagem. Ella ficou desconfiada e quiz, por fina força, ir, fóra de horas, á lagôa. O rapaz fez todo o possivel para tirar-lhe da cabeça semelhante doidice; disse-lhe que era um perigo porque as **mães-d’água** são ciumentas das moças que estão para casar, que houvera muita desgraça por causa disso; pediu, rogou por tudo quanto havia de mais sagrado. Ella prometteu não ir, mas cada vez mais desconfiada teimou, porque mulher, quando malda, não chega ao mourão com duas razões. Fugiu de casa quando estavam todos recolhidos e foi á lagôa. Não lhe conto nada. Ao amanhecer, deram por falta da moça. Foi um deus nos accuda. Ninguem dava noticias della. O noivo ficou como um doido; mas, lembrando-se da historia da mãe- d’água, poz-se a rastejar e

encontrou o rasto da chinellinha da infeliz, bem marcado no caminho orvalhado.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p. 106)

Sentido: figura lendária e mitológica que habita nas águas. Segundo a lenda, tem um canto hipnótico.

Sentido: em que pese o sentido inicial deste termo etnográfico ter, aparentemente, uma a noção de “mito ofídico das águas, elemento cosmogônico das populações indígenas brasileiras, cuja crença ainda sobrevive em certas áreas”; no entanto, é possível ou mais cabível aqui na obra a acepção temporal, considerando segunda metade do sXIX em diante (LH foi publicada em 1903, início do século XX), de “mito hídrico influenciado pela sereia europeia, ser meio mulher, meio peixe, que habita rios e lagos”, mesmo porque o narrador faz referênci à “lagôa em noite de luar”. A partir de 1917, ganha força o sentido de “um dos epítetos de Iemanjá, cuja representação popular também é a da sereia europeia”, o que não parece ser considerado no contexto em tela.

MALASSOMBRADA/MAL ASSOMBRADA

“ — Deram-me – balbuciu Theresinha, hesitante de medo – chave daquela casa, a casa da fortaleza, onde ninguém mora ha muitos annos, porque é **malassombrada...**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIV, p.94)

“Marcos desatou da cintura uma faixa elastica, tecida de algodão, e tirou della alguns patacões de prata. Á vista das moedas, desapareceram as hesitações de Marciana, que se desmanchou logo em cumprimentos e palavras de pezar pela sorte da familia e prometeu provel-a, sem demora, do necessario, preparando a **casa malassombrada** para aboletal-a com a possivel commodidade naquella noite.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIV, p.95)

“Haviam chegado ao renque de casas da Leonor, que terminava na **casa mal assombrada.**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVII, p.114)

“A **casa mal assombrada** era quasi uma tapéra. O repuxo das paredes; os esteios esconsos, cobertos de colmeias abandonadas; o

tecto, velado sob empoeiradas colgaduras de teias de aranha; o telhado desfalcado, invadido de ervas mortas; as portas emperradas e o chão, aluido por tuneis de formigueiros, sinalavam longo abandono. Essa vivenda maldita, preservada pela superstição, estivera sempre fechada. Ninguém lhe conhecia já o proprietário, cujo procurador, morto havia muitos annos, deixára a chave á custodia de Marciana.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIV, p.153)

Sentido: pelo contexto, que está sob a ação de feitiço; enfeitado, embruxado.

MAL-ENCARADO

“ — Aggravar-me?!... Não pensei nisso. Não quero que se sacrifique por mim, que já muito lhe devo – favores que só Deus pagará. Imagine a briga de dois homens, pancadas, ferimentos, um crime e o meu nome detestado passando de bocca em bocca, Luzia-Homem causadora de tudo... Não quero, não. Faça de conta que **aquelle mal-encarado** homem não existe... Não tenha receio, Alexandre, eu sei defender-me. De mais a mais... tudo passa... (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. III, p. 9)

Sentido: cuja aparência sugere má índole.

MEIA AGUA

“Na maioria das barracas, em **forma de meia agua**, coberta de folhas de carnaúbeira, d. Ignacinha, que, desde as missões do padre Ibyapina, renunciara os ephemeros gozos mundanos, para se fazer beata professa, distribuia o serviço de agulha em tarefas. A Luzia, coube um enrolado de algodãozinho, onde estava cravada uma agulha, atravessando um molho de linha e sustentando, sobreposto, um dedal de cobre.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVI, p.60)

Sentido: moradia com telhado formado de um só plano⁷⁷.

⁷⁷ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

MEIO-DIA

“— Eu fazia idéa da furia, da damnção d'elle, quando deu por falta de mim, da cunhãsinha russa. Imaginei os berros, os despropositos, as pragas, que me irrogou, as ameaças de desforra, pois sabia que não era homem para se conformar com o roubo da mulher. Meu dito, meu feito. Um dia chegou Bentinho muito assustado, recomendando que me escondesse, porque lhe haviam inculcado gente do Bertho nos arredores da povoação. Fiquei mais morta do que viva. Não me podia levar para a fazenda, porque a familia, que tudo ignorava, não consentiria nisso. A velha que quase não dava fé de mim e vivia muito occupada na criação, entrou a tomar precauções para ninguem suspeitar a minha estada em sua casa. Um dia, era dia de, feira, e eu tinha um desejo doido de ver a reunião de gente de uma redondeza de vinte leguas, vendendo legumes, farinha, rapadura e outras produções da lavoura; mas a megéra não consentiu que eu botasse o nariz de fóra. Alli **por volta de meio-dia**, ouvimos tiros de bacamarte e uma algazarra dos demonios, um bate-bocca desadorado. Pouco depois soubemos que houvera um péga entre cangaceiros, desconhecidos no logar, e a gente do Bentinho, e que já havia morrido um homem... Que seria?... Fiquei numa afflicção, tremendo de susto, mas experimentava uma secreta satisfação que fosse por minha causa a briga e o sangue derramado.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p.45)

“ — Vambóra! Pega de geito; accerta o passo, cabroeira mofina!... Vamo, vamo, que é **meio-dia**... Aguenta o balanço! Aonde vocês botam o pirão que comem? Até d’aqui a um tiquinho, sá Luzia...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVIII, p.120)

Sentido: o meio do dia, momento intermediário entre a manhã e a tarde, quando o Sol está mais alto no céu.

MULHER-HOMEM

“A insinuação de Romana ferira certo o alvo, e assanhara a secreta cupidez de Crapiúna, que não se conformava com os modos retrahidos e a **impassivel frieza da mulher-homem**, resistencia passiva e calma, ante a qual se amesquinhava a sua fama e sentia arranhado o amor proprio de victorioso em faceis conquistas. Sempre que a encontrava, dirigia-lhe, com saudações reverentes, palavras de ternura e erotismos incontinentes, olhares e gestos de desejos mal sofreados. E, tão frequentes se tornaram esses meios de obsessão, que um dia a moça os rebateu seccamente, com firmeza ineluctavel: — Deixe-me socegada. Não se metta com a minha vida. Eu não sou o que o senhor supõe...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p.5)

Sentido: pelo contexto, o mesmo que machona (no sentido de 'mulher masculinizada'), descartando, de logo, a noção de “mulher cuja preferência sexual ou cujas relações afetivas e/ou sexuais são com pessoa(s) do mesmo sexo; lésbica”. O foco da obra, considerando o próprio título (curioso paralelismo mulher-homem/Luzia-Homem), é o aparente hermafroditismo de Luzia, de “afecção congênita rara, caracterizada pela presença, em um mesmo indivíduo, de tecido ovariano e tecido testicular “ (hermafroditismo verdadeiro), mas logo dissipa essa ideia ao longo da obra, sendo, pois, considerado, o pseudo-hermafroditismo, isto é, “anomalia congênita caracterizada pela presença de órgãos genitais que se assemelham aos do outro sexo num indivíduo de cromossomos sexuais e glândulas sexuais (ovários ou testículos) normais [Ao contrário dos verdadeiros hermafroditas, os pseudo-hermafroditas têm ou tecido ovariano ou testicular, nunca ambos os tecidos.]”. Talvez, pudéssemos falar, a partir do contexto da obra, em “pseudo-hermafroditismo feminino” em que o indivíduo (no caso, Luzia) apresenta “genitália externa semelhante à do sexo masculino, embora possua cromossomos sexuais (XX) e gônadas (ovários) normais [Ger. é causado por problemas endócrinos do feto.]”, uma questão

que fica em aberto para discussões da exegese da obra. No Capítulo IV, trechos em que Theresinha surpreende Luzia, em plena nudez, diz: “Agora sou sua defensora – continuou a outra torcendo os cabellos ensopados – Hei de punir por você em toda parte, porque vi com os meus olhos que é uma mulher como eu, e que mulherão!...” (p.16)

NÃO-SEI-QUE-DIGA

“ – Imagina que eu voltava da obra e, quando dei por mim, foi com a gralhada de Romana, aplaudindo com as parceiras. Aquellas *não-sei-que-diga* riam como doidas varridas. Uma dizia: Foi bem feito! A outra resmungava: Bulir com o de-comer dos pobres!... Que miseria!... Se fosse só feijão – grazinava a deslambida da Romana – meu Deus, perdoai-me...Passou as unhas no dinheiro. Quem hávera de dizer – rosnava a Joanna Cangaty, aquella serigaita, que tem o buxo caído – que aquelle sonso...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VI, p. 20)

“ – Eis – continuou treêmula de colera – a carta que este... **não-sei-que-diga**... me mandou hoje...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VII, p. 25)

“ – Já agora é impossível recuar. Por causa daquella **não-sei-que-diga** tenho perdido noites de somno, maginando na raiva que ella tem de mim, só porque me engracei della...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p. 56)

“ – A pobresinha fez isso – dizia ella ao delegado, na sala de audiencia da camara municipal, apinhada de curiosos – sem maldade; e (para que hei de estar com historias mal contadas?) porque andava inclinada para seu Alexandre, depois dos beneficios que d'elle recebeu. Ponha o caso em si, meu senhor. Vossa senhoria sabe que mulher, quando vira a cabeça, é capaz de tudo. Quem quer bem não toma conselhos; não enxerga desgraças, nem se importa com perigos. Ella tinha no coração aquelle amor encoberto e não me disse nada. Esta bichinha que aqui vê, esta **não-sei-que-diga** disfarçou tão bem que eu, macaca velha, nada

maldei. Mettia a mão no fogo por ella, creia-me... Aquelle malvado homem, percebendo que a pobre estava enciumada, seduziu-a, com promessas de mimos, a tomar uma vingança do moço. Eu sabia que seu Crapiúna gostava de Luzia-Homem, tanto assim que, uma noite, me pediu para ir fazer uma réza, na casa della para abrandar-lhe o coração. Fui com elle e mais o seu Belóta, muito contra a minha vontade; mas (para que hei de negar?) fui e não pudemos fazer nada, porque estiveram acordadas até fóra de horas. Saberá vossa senhoria que sou mulher de proposito; mesmo contra mim, falo a verdade. Fui fazer a réza, mas não ha mal nisso. É com as minhas orações e mézinhas que arranjo o bocado para a bocca, sem ser pesada a ninguem, Deus louvado.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXI, p. 80)

Sentido:informalmente, o diabo⁷⁸.

PAPA-ARROZ

“Acompanhou-o com outras pessoas, tambem rastejadoras, e foram bater na beira d'agua. Estavam imaginando no que teria acontecido, quando ouviram uma risada de mangação. Pensaram que era a moça escondida para zombar delles. Bateram o matto em redór, o pacoval, cheio de ninhos de azulões e **papa-arroz**. Nada. Os passarinhos fugiam espavoridos, e um bando de garças, alvas como capuchos de algodão, voava remando no ar. Os homens olharam uns para os outros sem saberem o que fizessem. O Izidro, mais morto do que vivo, numa afflicção de metter dó, encarou nagua como si quizesse ver-lhe o fundo. Quem déra a risada? Aonde fôra a moça parar? Onde se escondera? O rasto alli estava provando que ella não voltára para traz...”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p. 106)

Sentido: refere-se à ave passeriforme conhecida em todo o Brasil; macho azul-violeta fortemente brilhante, fêmeas totalmente negras, porém menos reluzentes. Também chamada> anu, anum,

⁷⁸ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

arumará, azulão, azulego, boiadeiro, brió, carixo, catre, chopimgaudério, corixo, curixo, corrixo, corvo, engana-tico, engana-tico-tico, gaudério, godério, godero, gorrixo, grumará, iraúna, maria-preta, negrinho, parasita, parasito, pássaro-preto, uiraúna, vaqueiro, vira, vira-bosta, vira-vira. Seus bandos podem causar problemas para a lavoura.

PAPA-CEIA

“Cada vez mais espessa, a nebrina da tarde, com uns restos de calor, entrava a redondeza. Casas, arvores mortas confundiam-se desconformes, no esboço da paisagem, esfumada em claro-escuro. As manchas das sombras alastravam, como um liquido negro, devorando os tons luminosos. No céu, purissimo, piscavam, espertas, álares, como uns pequeninos olhos, estrelas e constelações. **Papa-ceia**, o astro da melancolia, librava-se no poente ainda claro, como lucida lagrima, mensageira da dôr ignota, occulta nas profundezas mysteriosas do espaço, tremeluzia prateada como pólo das esperanças e das magoas dos tristes, e parecia vacillar attrahida pelo sol, atufado em nuvens purpureas.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p.99)

Sentido: refere-se à Vênus, segundo planeta em ordem de afastamento do Sol, com órbita entre Mercúrio e a Terra⁷⁹.

PAREDES MEIAS/PAREDES-MEIAS

“O becco da Gangorra terminava na várzea, que o rio Acaracú inundava nas cheias, em um renque de casas velhas habitadas por michelas e soldados do destacamento. Belóta occupava uma dellas, **paredes meias** com o quarto de Theresinha, que só alli apparecia, raramente, para mudar de roupa, ou, consoante ella dizia, vigiar os seus terens, um bahú tauxeado de pregos doirados, uma pequena mesa desconjuntada, o pote

⁷⁹ Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

d'agua e alguns objectos de cosinha." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVI, p.62)

" – Então o senhor – atalhou Theresinha, pulando, irritada pela injuria – não esteve quase se pegando com os outros? Não foi aqui o seu Belóta, quem apartou a briga!?... Não é verdade que, quando elles foram embora, saltou para o meu quintal **paredes-meias**? (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XX, p.124)

Sentido: parede comum construída na divisa de dois prédios contíguos; meia-parede.

PASSA-PIOLHO

" – Tira o cavallo da chuva e conta a historia direito, Crapiúna. Todas as mulheres são iguaes e merecem tudo; a demora é grelar no coração o capricho, principalmente, quando resistem. Fôra ella um monstro da natureza; paixão não enxerga nem repara e, quando nos ataca, é como o sarampo: até jasmim de cachorro é remédio. E deixa falar quem quizer, que é soberba, sonsa, mal ensinada... Ella não é nenhum peixe podre. Não reparaste naquelles quartos redondos, no cacúlo do queixo, na bocca encarnada como um cravo?! E o buço?!... Sou caidinho por um buço... Ella quasi que tem **passa-piolho**, o demonio da cabrocha...". (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p. 7)

Sentido: corte de barba que vai de uma orelha a outra, passando sob o queixo

PAU-D'ARCO/PÁO-D'ARCO

"Cercava o edificio em construcção, um exotico arraial de latadas, de choupanas, de ranchos improvisados, onde trabalhavam carpinteiros falqueando **longas vigas de pao-d'arco**, fréchaes de frei-jorge e gonçalo-alves, ou serrando e aplainando cheirosas taboas de cédro. Marcando a subida do morro, se alinhavam em rua tortuosa, pequenas barracas feitas de costaneiras, cascas e sarrafos, as quaes serviam de abrigo ás

costureiras, fazendo, dos saccos de viveres, roupa para os esmolambados, envoltos em nojentos trapos que lhes mal disfarçavam o pudor e a horrenda magreza esqualida. De outras barracas subia ao ar, em novellos espessos ou tenues espiraes azuladas, o fumo de lareiras, onde, sobre toscas trempes de pedra, ferviam, roncando aos borbotões, grandes panelas de ferro, repletas de comida.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. I, p. 3)

“Theresinha despejou o café fumegante no pilão, e Luzia tomando da mão pesada de **pá-o-d’arco**, em poucos minutos, a golpes firmes e cadenciados, reduziu os grãos a leve pó inebriante.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. IX, p. 33)

“As paredes mestras estavam quasi concluidas: trabalhava-se com afinco no madeiramento da coberta, e já estava em construção a muralha em volta do edificio, formando um recinto, onde os sentenciados pudessem trabalhar ao ar livre, ou sob telheiros destinados ás officinas. Nas barracas improvisadas moirejavam carpinteiros, de troncos nús e suarentos, no preparo das grandes vigas das amendoeiras e tacaniças do tabuado para o soalho e portas e da obra de esquadria. Ao ruido das enxós, falquejando o **rijo páu d’arco**, ao sibilar das plainas e cepilhos raspando das pranchas de cedro, longas espiraes encaracoladas e cheirosas, misturavam-se a dos malhos nas bigornas sonoras, onde grossos vergalhões de ferro, candentes nas extremidades, disparavam chispas de encontro aos aventaes de coiro dos ferreiros, ennegrecidos de fumaça e carvão, fabricando grades invenciveis, junto dos grandes folles offegantes, como pulmões de um monstro.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVI, p. 58)

Sentido: designação comum a várias árvores e arbustos muito cultivados como ornamentais e pelas madeiras de qualidade.

PÁU MOCÓ

“Nem viv’alma. Estavam todos, áquella hora, recebendo, em razão, o salario da semana, pago aos sabbados, nos postos de distribuição de socorros, ou na obra da penitenciaria. Ella via as

suas meninas amadas, Quinotinha e outras da tenda de costuras, sobraçando saquinhos cheios de viveres; as suas companheiras de trabalho aguardando a chamada, a tagarelarem com a garridice de maracanans nos roçados; outras tristes, desconsoladas, recebendo os quinhões que deveriam passar às mãos de atravessadores, em paga de adiantamentos usurarios; muitas agrupadas em torno da figura herculea, vermelha e ruiva de Raulino Uchoa, com a distincção de typo de outra raça, entre os ouvintes, emaciados de privações, minados pelos toxicos das raizes de mucunan, de **páu mocó**, esboroadas em farinha. Elle costumava matar o tempo com a narrativa pintoresca das façanhas inverossimeis de amansador de animaes bravios, orelhudos que nunca tinham visto gente, as africanas de vaqueiro de fama, temido dos barbatões mais ferozes das catingas e carrascões impenetraveis, as proezas de caçadas de onças acuadas em furnas sombrias, onde elle as aggreidia, armado de uma simples azagaia. Contava das viagens extraordinarias, aventureosas pelo sertão inundado, da intrepidez com que affrontava o impeto dos rios desbordantes, nadando em cavaletes de molungú no tempo – até parecia sonho – em que Deus ainda se lembrava, piedoso, do Ceará, para dar-lhe chuvas copiosas e fertilisadoras dos campos, trombas d'agua devastadoras, rôtas nas cumeadas das serras, descendo em catadupas raivosas, invenciveis, pelos telhados, encostas verdejantes, arrastando rochedos, arvores, plantações, até se espriarem na planicie, á maneira de um mar, arrombando açudes, soterrando bebedoiros, cavados durante a secca. Descrevia com a linguagem fantasiosa, ardente, de vigoroso colorido, com as imagens vivas, suggestivas do rude estylo sertanejo, o fragor das correntes raivosas de concerto como ribombo ininterrupto da trovoada, o relampear das nuvens negras e massiças, os zig-zags fulvos a riscarem o céu, com letras cabalisticas, ameaçadoras, traçadas pela ira de Deus; o estrondo horrivel dos coriscos, o pavor do gado, haurindo, a largos sorvos; o ar saturado de ozona, reunido, em magótes, nos comoros da planicie encharcada.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p. 99)

Sentido: também chamado pau-de-chapada (*Luetzelburgia auriculata*), com sentido de “árvore pequena nativa do Brasil (PI, CE) de folhas coriáceas verde-escuras e raízes tuberosas comestíveis⁸⁰.

RAIZ DE PÉGA-PINTO

“Passou o dia preocupada, e procurando espairecer com desvelos á mãe, mais acalmada com a poção de iodureto de potassio, o venenoso remedio, que, na opinião da Seridó, fazia apodrecerem os ossos, cahirem os dentes e pôr o estomago em carne viva, quando seria mais efficaz a purga de mel de abelha e um emplastro de sabão da terra com um pinto pisado vivo; ou com o vomitorio de cardo-santo, chá de herva-doce para desempachar o ventre, e **raiz de péga-pinto** por causa da retenção de ourinas. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VI, p. 20)

Sentido: planta nictaginácea, de propriedades medicinais, também conhecida como *amarra-pinto*, e *erva-tostão*⁸¹.

PÔR DO SOL

“Os maioraes dessa commissão eram homens de saber, Capanema, Gonçalves Dias, Gabaglia, um tal de Freire Allemão, e um doutô medico chamado Lagos e outros. Andavam encoirados como nós vaqueiros; davam muita esmola e tiravam, de graça, o retrato da gente, com uma geringonça, que parecia arte do demonio. Apontavam para a gente o oculo de uma caixinha parecida gaita de folles e a cara da gente, o corpo e a vestimenta saíam pintados, escarrados e cuspidos, num vidro esbranquiçado como coalhada. Uma tarde, chegaram, ao **pôr do sol**, á fazenda do velho. Iam no rumo da gruta do Ubajarra. Aboletaram-se no

⁸⁰ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

⁸¹ Postulamos a retrodatação de pega-pinto, datada em Houaiss (2021) de 1911, para o ano de 1903.

copiar, derrubando o comboio, que era um estandarte de malas, instrumentos, espingardas, na casa dos passageiros. Depois de jantarem um bom tassalho de carne de vacca gorda que parecia um leitão, assada no espeto, algumas linguças e um chibarro aferventado com pirão escaldado, armaram as redes nos esteios. Veio a noite, clara como dia, sem uma nuvem no céu, lizo como um espelho. Convidava mesmo a gente a dormir na fresca do alpendre. Alli pelas sete horas, disse a elles o velho: “Achava melhor vossas senhorias passarem cá para dentro, porque vem ahi um pé d’agua de alagar.” Ora, os doutores, que sabiam tudo e adivinhavam pelas estrellas as mudanças de tempo, zombaram do aviso; saíram para o terreiro e olharam para o céu, sempre limpo e claro, para verem o que diziam as estrellas. O mais sabido delles, o doutô Capanema, disse que o velho estava sonhando com chuva, mania de sertanejos, que não pensam noutra coisa. Teimaram em ficar no alpendre, embora o velho continuasse a assegurar que se arrependeriam. Quando estavam ferrados no somno, alli pelas onze horas, acordaram debaixo d’agua e correram com a rêde nas costas, em procura de abrigo dentro de casa, todos admirados uns dos outros, como haviam mangado do velho. De manhã, antes de deixarem o rancho, foram agradecer a hospedagem, e um deles perguntou ao velho: “Como é que vossa senhoria percebeu sinais de chuva, que escaparam a nós outros scientificos, envergonhados do quináu de mestre que nos deu?” O velho sorriu, e respondeu: “É muito simples. Tenho alli, no cercado, um burro velho que, quando se está formando chuva, rincha de certo modo: é aquella certeza. A chuva vem sem demora. Foi por isso que avisei a vossa senhoria.” O tal de Gonçalves Dias, pequenino, muito ladino e esperto, começou a bulir com os outros, dizendo a elles: “Estamos numa terra, onde burros sabem mais que astrônomos.” Foi gargalhada geral. Ahi está – concluiu Raulino – de quanto é capaz um burro velho. Ninguem se fie em semelhante raça de bicho...”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVII, p.116)

Sentido: sem hífen, com a acepção de " momento em que o Sol desaparece no horizonte; crepúsculo vespertino"

RUÇO-POMBO

“– perguntei-lhe assustada. – “Nada, um arranhão no pulso, respondeu com voz sacudida – amarre-me, endireite-me isto, sá Quiteria.” Enquanto a velha punha mézinha na ferida, um talho que ia da palma da mão esquerda ao meio do braço, Bentinho, fóra do seu natural, com os olhos espantados, a voz surda e secca, ainda tremulo de raiva, contou-me que, chegando á feira, fôra desfeitoado por uns cabras, novatos na terra, já muito encachaçados e intimando com todo o mundo. Chamou a gente para amarral-os, mas um delles, saltando como um gato sobre o ginete, disse-lhe: – Você pensa, seu alvarinto, que amarrar homem é furtar, á traição, mulher alheia? Nisto chegou, à toda, o João Brincador com tres homens escolhidos, e eu disse-lhe: – Amarra essa cambada de desordeiros. – Em cima das minhas palavras, riscou o Bertho, e foi dizendo: – Você, póde amarral-os seu filho desta, filho daquella, mas depois de me pagar e ajustarmos as contas. – Eu e os meus, demos de rédea para sairmos do meio do povo; elles, rente, atraz da nossa poeira. A certa distancia rodamos sobre os pés os animaes, e os cabras que tambem estavam bem montados, quase esbarram em riba de nós. – Aguenta, rapazes! – disse ao João, que me respondeu sorrindo: Não ha novidade, capitão. Deixe elles p’ra nós. Palavras não eram ditas, o Bertho papocou-me fogo. Abaixei-me, e a bala tirou um taco da beira do chapéu do João. – com uma descarga. O cavallo de um delles empinou-se e rodou morto por cima do cavalleiro, tambem ferido. O Bertho, então, veio secco em cima de mim, e correu dois palmos de faca do *Pasmado*.– “Tenha mão, capitão Bertho” – disse-lhe eu, aparando o golpe, com a minha *Parnahyba*. – Tenha mão que se desgraça. Mas o homem estava rôxo de raiva; espumava como um touro feroz. Avançou outra vez num impeto, que não era para graças. Suspendi o **ruço-pombo** passarinhando como um gato;

salto p'ra aqui; pulo p'ra acolá, e o homem decidido atravessando-se na minha frente, com o cavallo preto e ligeiro que nem um tigre. Na terceira investida, mettem-me o ferro com vontade. Rebatí com a mão; mas quando senti o aço ranger-me na carne e o sangue espirrar, saquei da garrucha. O homem estava cego, arremetteu de novo e mettem-me o ferro outra vez aqui na aba do gibão. Vendo, então, que o diabo me matava mesmo, e que eu não podia com vantagem brigar com elle a ferro frio, perdi as cerimoniaes, e lasquei-lhe fogo... O homem soltou um berro; abriu os braços como se quizesse abraçar o vento, e derreou p'ra traz. O cavallo, sentindo falta de rédea, deu quatro galões e meio, como um poldro brabo e desembestou desapoderado, arrastando Bertho enganchado no estribo. Morreu?!... – perguntei, tiritando de frio, e batendo os dentes como se tivesse sezões. “Não sei. Foi batendo por troncos e barrancos até desaparecer de nossa vista com os dois cabras restantes mettidos em uma nuvem de poeira. Dois dos d'elle ficaram no barro. Da minha rapaziada, o Chico Pintado levou uma bala aqui na coxa – lá nelle; o Borburema perdeu o gibão, e foi ferido com um pontaço nas cruzes; o Brincador ficou com o chapéo, novo em folha, estragado. Todo o mundo sabe que elle tem o corpo fechado. Enquanto brigavamos, o povo fazia um barulho medonho. Todos viram que me defendi o mais que pude, negaceando, para lhe poupar a vida. O diabo do ferro cortava como navalha. O talho está doendo de verdade.” E voltando-se para mim, disse: – “Não chores, Theresa. Isto, com sumo de angico ou de maçã de algodão, sára depressa.... É uma arranhadura de nada.” Suppunha que eu chorava por elle; mas, naquella occasião, meu pensamento acompanhava Bertho, desfigurado pelos encontrões, coberto de sangue e pó, arrebatado pelo Moleque, cavallo de estimação que eu bem conhecia. Minha vontade era correr atrás do pobre, apanhar os pedaços da sua carne, arrancados pelos tócos e pedras. Talvez o encontrasse ainda vivo para pedir-lhe perdão... Desde esse dia, ficou decretada a minha desgraça. Bentinho me achava sempre triste e succumbida. Eu tinha repugnancia daquelle homem manchado com o sangue do

outro. Não era já a mesma mulher... Elle parece que percebeu isso, e foi também esfriando, até que me participou o seu casamento com uma prima bonita e rica. Eu respondi que lhe fizesse bom proveito... Deu-me um maço de dinheiro e não voltou mais á casa da velha Quiteria.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p.45)

Sentido: pelo contexto, é possível que o personagem esteja se referindo à “diz-se da cavalgadura (besta cavalgar, muar ou asinina usada para montar) que tem *o pelo* misturadamente ruço e pombo” A título de curiosidade, podemos especular, ao menos, duas retrodatações. Primeiramente, considerando a publicação, em 1870, de **O gaúcho : romance brasileiro** (Volume 2), de José de Alencar, no seguinte trecho: “Nesse ponto, pela estrada que lhes atravessava em frente, na distancia de duas braças, passou um **cavallo ruço pedrez**, baralhando em rápida g*uenilha. Ia montado por um pião com poncho de baeta encarnada , e levava de garupa uma rapariga de seus vinte annos. Com o vento, a saia de chita da rapariga levantava, mostrando as pernas bem torneadas e descalsas. (p.30). Por outro lado, Franklin Távora, em **O cabelleira : historia pernambucana**, publicação posterior, em 1876, registra a expressão “**cavallo russo-pombo**”: “Estou me lembrando de tudo, proseguiu o bandido. Eu estava sentado, com o elavinote atravessado nas pernas debaixo daquelle pé de pau. Ouvi as pizadas de um cavallo, e o cstrallar de garranchos e cipós que se quebravam. Metti-me um pouco mais para dentro, a fim de ver, sem ser visto, quem é que vinha. Eu estava com fome, c não tinha dinheiro nenhum. «Si fosse um homem que trouxesse dinheiro — pensei eu — estava muito bem » !! Neste momento o cavalleiro passou por diante de mim. Trazia chapéu novo, um gibão de panno-fino azul, botas lustrosas e esporas de prata; montava um **cavallo russo-pombo**, gordo c passeiro. Conheci logo que era um marchante. Levei o bacamarte ao rosto, e quando o cavalleiro quebrou alli á direita para tomar o vau do rio, fiz-lho fogo na cabeça. Corri com a minha faca na mão ao lugar onde elle havia cahido. Estava morto; a baila tinhalhe entrado ao pé da orelha direita e sahido acima do olho esquerdo. Ambos os olhos estavam da banda de fora, o cabello e a barba

nadavam em sangue. Tirei-lhe um maço de patações que trazia em um dos bolsos do gibão, o punhal aparelhado de prata, os O CABELLEIRA. 237 botões de ouro, o relógio e as esporas; e metti-me no mato virgem.”(p.236-237)

SANGUE-FRIO

“Contou, então, como descobrira o esconderijo do dinheiro, as afflicções supportadas com heroismos, fanfarroneou a coragem, o **sangue-frio**, apesar de fraca, não era mofina, e mais não morrera de terror quando se viu a sós com o malfasejo soldado, e passou a narrar a entrevista com o sargento Carneviva.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XX, p.76)

Sentido: tranquilidade, domínio de si, presença de espírito diante de situações que envolvam sofrimento, perigo, dificuldades.

SETESTRELLO

“O **Setestrello** já está alto e as Tres marias estão descambando. Ainda agorinha tive um susto! Correu uma zelação, que parecia uma tocha.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p.103)

Sentido: atualmente, grafado sete-estrela, com sentido de “denominação das estrelas visíveis do grupo denominado Plêiades, que faz parte da constelação de Touro [A denominação é semanticamente motivada porque que o sete-estrela é formado por sete estrelas, compõe-se na verdade de centenas delas, das quais seis são bem visíveis a olho nu⁸².

SOBRE-HUMANOS

“Luzia e a mãe ouviram a narrativa, num enlevo de alegria, num enlevo de pasmo, com as almas nos olhos, como si lhes revelassem casos fabulosos, **casos sobre-humanos**. Era possível

⁸² Postulamos o ano de 1903 para a datação desta expressão.

que Theresinha houvesse realizado tão assombrosa façanha?” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XX, p.79)

Sentido: que vai além da natureza humana; sobrenatural, transumano, super-humano.

TRES MARIAS

“— O Setestrello já está alto e as **Tres marias** estão descambando. Ainda agorinha tive um susto! Correu uma zelação, que parecia uma tocha.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p.103)

Sentido: popularmente, as estrelas, que formam o cinto da constelação órion⁸³.

VAE E VEM/VAE-E-VEM

“No cabeça saturado de sangue, nú e arido, destacando-se do perfil verde-escuro da serra Meruóca, e dominando o valle, onde repousava, reluzente ao sol, a formosa cidade intellectual, a casaria branca alinhada em ruas extensas e largas, os telhados vermelhos e as altas torres dos templos, rebrilhando em esplendores abrazados, surgia em linhas severas e fortes, o castello da prisão, traçado pelo engenho de João Braga, massa ainda informe, aspera e escura, de muralhas sem reboco, enleadas em confusa floresta de andaimes a esgalharem e crescerem, dia a dia, numa exuberancia fantastica de vegetação despida de folhas, de flores e fructos. Pela encosta de cortante piçarra, desagregada em finissimo pó, subia e descia, em fileiras tortuosas, o formigueiro de retirantes, velhos e moços, mulheres e meninos, conduzindo materiaes para a obra. Era um incessante **vae e vem de figuras pittorescas**, esqualidas, pacientes, recordando os heroicos povos captivos, erguendo monumentos immortaes ao vencedor.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. I, p. 2)

⁸³ Para esta acepção, datamos o ano de 1903 para esta expressão.

“A negra torrente de retirantes operarios deslisava pela encosta aspera, em marcha de cobra, conduzindo materiaes. Era o **mesmo vae-e-vem ininterrupto de homens, mulheres e creanças envôltos em rôlos de pó subtil**, magros e andrajosos, insensíveis á fadiga, ao calor de fulminar passarinhos, taciturnos uns, os semblantes deformados por traços denunciadores de intima revolta impotente; outros, resignados, como heróes, vencidos pela fatalidade; muitos, alegres e sorridentes, cantavam e brincavam, como creaturas felizes de encontrarem refugio do assédio angustioso da fome, da miseria, da morte.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVI, p. 58)

Sentido: deslocamento de pessoas de um lado para outro, indo e voltando.

VIA-LACTEA

“Surgia no horizonte o Cruzeiro rutilante, reclinado nos cochins nebulosos da **via-lactea** e a bafagem morna da madrugada parecia o arfar da terra extenuada, succumbida de cansaço, quando, interrompendo a conversa, as duas se entreolharam espantadas: tinham percebido algo de suspeito, estalidos de galhos seccos, rumor de passos precavidos, vozes abafadas, sumidas, muito perto da casa, na direcção das touceiras de mandacarús que defendiam, com intransponivel cerca de espinhos, o pequeno quintal abandonado.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIII, p.47)

Sentido: constituída por um imenso número de estrelas e outros corpos celestes, e que faz parte da nossa galáxia; Caminho das Almas, Caminho de São Tiago, Carreira de Santiago, Carreiro de São Tiago, Estrada de Santiago, galáxia, Rio Celeste.

VIV'ALMA

“ — Agora, disse a velha, com um suspiro de allivio – vocês podem cuidar do trabalho, que ficarei tomando conta da casa. Si não fosse esta pobreza, tomaria uma menina para fazer-me

companhia, varrer o terreiro, dar-me um canéco dagua, enquanto estivessem fóra labutando... Já passei, aqui, dias e dias sem vêr **viv'alma**, até que a Luzia voltasse da obra... Que dias compridos!..."(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIV, p. 50)

"— Não o culpe, mamãe. Cazuza era bom e me quiz bem até morrer. Só depois de ficar sem elle foi que me senti na desgraça, por não ter **viv'alma** caridosa que me amparasse."(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIV, p. 97)

"Nem **viv'alma**. Estavam todos, áquella hora, recebendo, em razão, o salario da semana, pago aos sabbados, nos postos de distribuição de socorros, ou na obra da penitenciaria. Ella via as suas meninas amadas, Quinotinha e outras da tenda de costuras, sobraçando saquinhos cheios de viveres; as suas companheiras de trabalho aguardando a chamada, a tagarelarem com a garridice de maracanans nos roçados; outras tristes, desconsoladas, recebendo os quinhões que deveriam passar às mãos de atravessadores, em paga de adiantamentos usurarios; muitas agrupadas em torno da figura herculea, vermelha e ruiva de Raulino Uchoa, com a distincção de typo de outra raça, entre os ouvintes, emaciados de privações, minados pelos toxicos das raizes de mucunan, de páu mocó, esboroadas em farinha. Elle costumava matar o tempo com a narrativa pintoresca das façanhas inverossimeis de amansador de animaes bravios, orelhudos que nunca tinham visto gente, as africanas de vaqueiro de fama, temido dos barbatões mais ferozes das catingas e carrascões impenetraveis, as proezas de caçadas de onças acuadas em furnas sombrias, onde elle as aggreidia, armado de uma simples azagaia. Contava das viagens extraordinarias, aventureosas pelo sertão inundado, da intrepidez com que affrontava o impeto dos rios desbordantes, nadando em cavaletes de molungú no tempo – até parecia sonho – em que Deus ainda se lembrava, piedoso, do Ceará, para dar-lhe chuvas copiosas e fertilisadoras dos campos, trombas d'agua devastadoras, rôtas nas cumeadas das serras, descendo em catadupas raivosas, invenciveis, pelos telhados, encostas verdejantes, arrastando rochedos, arvores, plantações, até se espraiaem na planicie, á maneira de um mar,

arrombando açudes, soterrando bebedoiros, cavados durante a secca. Descrevia com a linguagem fantasiosa, ardente, de vigoroso colorido, com as imagens vivas, sugestivas do rude estylo sertanejo, o fragor das correntes raivosas de concerto como ribombo ininterrupto da trovoada, o relampear das nuvens negras e massiças, os zig-zags fulvos a riscarem o céu, com letras cabalísticas, ameaçadoras, traçadas pela ira de Deus; o estrondo horrível dos coriscos, o pavor do gado, haurindo, a largos sorvos; o ar saturado de ozona, reunido, em magótes, nos comoros da planície encharcada..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p. 98)

" – Ninguém – murmurou ella, magoada pelo abandono. – Nem **viv'alma!** E Theresinha? Que será feito daquella cabeça de vento? Onde se metteria? Nem pensa em mim, que a espero... Ah! se ella soubesse... Qual... está com elle, e eu, coitada de mim..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXV, p. 99)

Sentido: alguma pessoa, alguém⁸⁴.

PROVÉRBIOS

AONDE VOCÊS BOTAM O PIRÃO QUE COMEM

"Vambóra! Pega de geito; accerta o passo, cabroeira mofina!... Vamo, vamo, que é meio-dia... Aguenta o balanço! **Aonde vocês botam o pirão que comem?** Até d'aqui a um tiquinho, sá Luzia..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVIII, p.120)

Sentido: uma fórmula ou expressão para infundir ânimo, resistência; Coragem!", "Força!". No Ceará, o pirão é feito de papa de farinha de mandioca feita geralmente com caldo temperado provindo de uma cocção de legumes e/ou carnes (peixe, ave ou animais de carne vermelha), o que presume dar vigor, força, robustez física aos que deles comem.

⁸⁴ Postulamos o ano de 1903 para a datação da expressão.

BARCO PARADO NÃO GANHA FRÉTE

“— Agora... é cuidar da saude, e trabalhar. Pobre não tem direito de ficar doente.**Barco parado não ganha fréte...**”... (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIII, p.87)

Sentido: provérbio de origem portuguesa que, aproxima muito, do ponto de vista fraseológico, ao sentido idiomático de “tocar o barco (para a frente)”, isto é, “prosseguir nas atividades normais, apesar dos contratemplos e dificuldades”.

BOI SOLTO, LAMBE-SE TODO

“— Si ella não me quer vêr nem pintado... nem pegava do meu geito... Era um demonio em figura de gente, resinguenta e respondona. Um dia, brigámos mesmo de verdade: dei-lhe uns pescoções, e o diabinho anoiteceu e não amanheceu. Levantei as mãos para o céu. **Boi solto, lambe-se todo...**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p.57)

Sentido: abusar das vantagens da liberdade

DEUS TARDA, MAS NÃO FALHA

“— Não lhe dizia eu que tinha fé no milagre? Pois é por ter fé que prevejo a próxima libertação de Alexandre. Diz-me o coração que elle está alli e está na rua. Ainda há instantinho rézei o terço no cruzeiro do Rosario, e uma voz interior dizia-me, com segurança: **Deus tarda, mas não falha...**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p.68)

Sentido: As pessoas devem aprender a confiar em Deus, ter paciência, porque as coisas pode não acontecer na hora que a gente quer.

OS MALES QUE VÊM PARA BEM

“Theresinha commentava o facto, **os males que vêm para bem**, e, logo, achou muito justo esse procedimento da Comissão; e, todavia, observava que o dinheiro lhe não pagaria as ruínas da saúde, os incommodos e, mais que tudo, a vergonha de ser apontado como ladrão, como um infame que havia roubado o decomer dos pobres famintos, para saciar vícios abjetos, tudo por causa de suspeitas que ella, mulher ignorante, mal sabendo ler por cima e assignar o nome, repellira desde o primeiro momento, porque o coração lhe dizia que elle não tinha cara de se sujar com o alheio. Admirava como os homens da justiça, que sabiam ler em grandes livros de letras embaraçadas, homens de oculos, que sabem tudo, não tinham logo percebido que o criminoso não era outro senão Crapiúna. Quantos innocentes não estariam pagando culpas alheias por causa da cegueira da justiça! Quantos não ficam livres de pena e culpa, apezar de autores de crimes escandalosos, perpetrados perante Deus e o mundo, a luz do dia, como aquelle nefasto Bentinho que matara Bertho, como quem mata um cão, e apenas ficou recolhido alguns dias á sala livre, por ser capitão e filho do maioral da terra!”. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.105)

Sentido: refere-se a eventos que apesar de ruins podem trazer bons resultados ou levar a consequências favoráveis.

MAL COM ELLE, PEIOR SEM ELLE

“— A fallar a verdade, não era de todo mau. Fiquei por medo e por não ter coragem de começar a vida de novo... Já tinha padecido tanto, que mais um pouco não me fazia móssa. **Mal com elle, peior sem elle**, que, tirante as venêtas de ciume, era bom para mim; dava-me tudo: era só pedir por bocca, como dona de casa... Maridos, casados na igreja, batem nas mulheres, quanto mais... Ora, deixei-me estar, mas pensando sempre que o meu adorado Cazuzza nunca me havia maltratado, e que eu devia, mais cedo ou mais tarde, tomar desforra; porque, apezar de franzina, ninguem

m'as faz, que não as pague, tão certo como Deus estar no céu.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p.44)

Sentido: Tal frase reforça tese da indissociabilidade do casamento (Lei de 3 de novembro de 1827) e a necessidade da mulher aguentar “qualquer coisa”(venêtas de ciume) por parte do homem, pois ficar sem ele (Maridos, casados na igreja), é sempre pior

NÃO HA MAL QUE SEMPRE DURE

“ — **Não ha mal que sempre dure.** Elle é pae de misericordia. Ha de ter pena de nós e desta terra...”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. V, p.17)

“ — Seja bem-vinda, tia Zephinha!... – disse Theresinha, com largos ademanos maneirosos. – Abanque-se aqui, no alpendre, que está mais fresco. Ora, até que emfim... **Não ha mal que sempre dure...**” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XIV, p.50)

“ — Deixe estar. Quem for vivo verá... **Não ha mal que sempre dure...** Amanhã!..” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p.71)

“A traição, meu bem,/ ature: Diga que é cega e não sabe,/ **Não ha mal que sempre dure,**/ Nem bem que nunca se acabe...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p.71)

Sentido: o provérbio completo : “Não há mal que sempre dure, nem bem que nunca se acabe”. Significa que devemos aceitar a vida como ela é.

QUEM CABRAS NÃO TEM E CABRITO VENDE

“ — É mesmo. Perguntava-se: onde foi o fogo, onde arranjou isso?... **Quem cabras não tem e cabrito vende...** Eu, por mim, não se me dava de jurar que não foi Alexandre... Gente que tem furto na consciencia não olha direito para os outros... Cara de ladrão não me engana...”. (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XI, p. 41)

sentido: a versão completa do provérbio é esta: “Quem cabras não tem, e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm”. Dizendo de outra maneira: para vender cabritos, deve-se ter as

cabras ou mostrar de onde eles vêm. Portanto, ou somos donos do que mostramos ou... (furtamos).

QUEM ESPERA SEMPRE ALCANÇA

“ — Não desespere, Luzia. **Quem espera sempre alcança.** Você nem póde adivinhar o que vae acontecer.”(OLYMPPIO, [1903] 1929, cap. XVIII, p.68)

Sentido: Quem espera sempre alcança significa quem espera sempre consegue a vitória, onde a paciência seria uma virtude, isto é, todo o esforço será um reconhecido.

CULTURA LINGUÍSTICA EM LH, POR CAPÍTULO¹

Capítulo I

A pique
Ao cair da tarde
Ave-Maria
Carne de charque
dia-a-dia
Frei-jorge
Gonçalo- alves
Morrer sem luz
Pau-d'arco
Vaivém

Capítulo II

À toa
Amor-próprio
Botar quebranto
Cheirar vara
Deixar estar
Fazer jus
Fazer roda
Fechar o corpo
Guarda-costas
Jasmim-de-cacharro

¹ Para a grafia das unidades fraseológicas do Dicionário de Cultura Linguística, nesta seção, não seguimos a versão de LH de [1903], 1929, e sim, recorreremos à ortografia mais contemporânea presente em: OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. Série Bom Livro. São Paulo: Ática, 1997.

Laber vidro de veneno por fora
Luzia-homem
Mau olhado
Meter a mão no fogo
meter no chinelo
Mocho e fêmea
Mulher-homem
Passa-piolho
Sem eira nem Beira
Tirar o cavalo da chuva
Ver com os olhos e comer com a testa
Verdes anos
Virar o juízo

Capítulo III

Azul doce de líquida safira
Botar a alma pela boca
Dar na vista
Luzia-homem
Mal-encarado
Tomar dores

Capítulo IV

Dia santo
Esta não caiu no chão
Estar sujeito
Ficar a panos de vinagre
Lavar-me com a fresca
Mães-d'água
Mire-se no meu espelho
Não ser mais moça

Pagar os pecados
Peito a peito
Quebrar as barras
Ter cabelo no coração
Ter sangue de barata

Capítulo V

Botar a alma pela boca
Comprar briga
Dar fé
Dia santo
Fechar a alma
Jurar à fé de deus
Meter o rabo entre as pernas
Meter os pés
Mocho e fêmea
Não há mal que sempre dure
Olhos d'água
Pegar no sono
Por força

Capítulo VI

A experiência de Santa luzia
As indicações do Lunário Perpétuo
Bem querido
Cardo-santo
Chuva de caju
De-comer
Erva-doce
Fora de hora
Ir desta para melhor

Lusco-fusco
Não-sei-que-diga
Olhos d'água
Passar a mão
Pega-pinto

Capítulo VII

Asa-negra
Ficar fora de si
Meter a mão no fogo
Não-sei-que-diga
Respônsio de Santo Antônio
Sujar com o alheio

Capítulo VIII

Aberta dos peitos
De-comer
Deixar estar
Ente querido
Estar banzando
Ficar banzeira
Pedir por boca

Capítulo IX

À boca da noite
Bumba-meu-boi
Cabeças-vermelhas
Cara de lua cheia
Carne-de-sol

Me gabar
Pau-d'arco

Capítulo X

Botar quebranto
O Creio em Deus Padre
Quebrar as águas
Ser cheia de dengues
Tira-teimas

Capítulo XI

Bem-querer
Dar na vista
De-comer
Falar com meias palavras
Por força
Quem cabras não tem e cabrito vende

Capítulo XII

A ferro frio
Armados até os dentes
Asa-negra
Bate-boca
Comer de alforje
Dar de rédeas
Dar fé
Encurtar razões
Estar num pé e noutro
Fazer a ferra

fazer mozza
Ficar mais morta do que viva
Ficar no barro
Fins d'água
Mal com ele pior sem ele
Me gabar
Meio-dia
Morrer de nó na tripa
Pé d'água
Russo-pombo
Ter mão
Ter maus bofes
Virar a cabeça

Capítulo XIII

Ave-Maria
Botar a boca no mundo
Ficar pele e osso
Fora de hora
Levar uma surra
Lusco-fusco
Mau olhado
Não cair no chão
O diabo roncou-lhe na tripa
O quebrar das barras
Pedir por boca
Quebrar as barras
Ter os pés na cova
Via-láctea

Capítulo XIV

Bem-querer
Bem-vindo
Dar cabo ao machado
De-comer
Deixar de mão
Erva-cidreira
Estar banzando
Levantar falso
Mais velho que a serra dos cocos
morrer à míngua
Não há mal que sempre dure
Olhar pelo rabo do olho
Vivalma

Capítulo XV

Boi solto, lambe-se todo
Fazer caso
Junta de boi
Não cair no chão
Não-sei-que-diga
Que cobra te mordeu
Se meter de gorra
Sem eira nem Beira
Só se for na testa!
Ter o coração perto da goela
Vontade de reinar

Capítulo XVI

De-comer

Estar fazendo quarto
Estar vai-não-vai
Meia-água
Não se afogar em poucas águas
Paredes-meias
Pau-d'arco
Ter sangue na guelra
vaivém

Capítulo XVII

A pique
Aberta dos peitos
Acertar o passo
Fazer água suja
Fazer caso
fazer por onde
Guardar cabras
Ir desta para melhor
Mandar desta para melhor
Não cair no chão
Pé ante pé
Pé d'água
Por pique
Ter mão
Tomar a peito

Capítulo XVIII

A pique
À toa
Amor-próprio
Ave-Maria

Bem querido
Defunto sem choro
Deus tarda mais não falha
Faz de um argueiro um cavaleiro
Faz finca pé
Não há mal que sempre dure
Passar a noite em claro
Por pique
Quem espera sempre alcança
Ter mão
Ter o fio da meada

Capítulo XIX

Custar os olhos da cara
Má-criação
Por pique

Capítulo XX

A leite de pato
À toa
Bate-boca
Com a alma nos olhos
Estar com a alma nos olhos
Mais velho que a serra dos cocos
Pagar com língua de palmo
Sobre-humanos
Ter panos para as mangas
Ter sangue frio

Capítulo XXI

Fora de hora
Não-sei-que-diga
Ser macaca velha
Ter rabo de palha
Virar a cabeça

Capítulo XXII

À fina força
Botar cafangas
De-comer
Estar se vendo
Fazer feio
Levantar falso
Ter más entranhas

Capítulo XXIII

Ao deus dará
Barco parado não ganha frete
Cabresto curto
Falar com meias palavras
Ir desta para melhor
Pôr pé em ramo verde
Ser madeira de lei

Capítulo XXIV

À toa
Aberta dos peitos

Amor-próprio
Ave-Maria
Bem-querer
Está pela hora da morte
Mal-assombrada
Pé de pato
Vivalma

Capítulo XXV

À toa
Calibre de sangue
Coisa com coisa
Dar fé
Dar o braço a torcer
Ficar com a mosca na orelha
Ficar para semente
Fora de hora
Lusco-fusco
Papa-ceial
Pau-mocó
Sem pé nem cabeça
Setestrela
Três Marias
Vivalma

Capítulo XXVI

Capela-mor
Dar fé
Extrema-unção
Fora de hora
Há males que vêm para o bem

Mães-d'água
Meter o pé na carreira
Meter os pés
Não chega ao moirão com duas razões
Olhos d'água
Papa-arroz
Quebrar as barras
Receber uma dinheirama de coiro e cabelo
Ser como macaco por banana
Um horror de coisa

Capítulo XXVII

Mal-assombrada
Perder o juízo
Pôr-do-sol
Sem pé nem cabeça

Capítulo XXVIII

A pique
Acertar o passo
Aonde vocês botam o pirão que comem
Carne viva
Comer candeias
Estar num pé e noutro
Meio-dia
Olhos d'água
Pegar de jeito

ANTROPOCULTUREMAS (PERSONAGENS) EM LH

FRANCEZ PAUL/PAULO FRANCEZ

“O **francez Paul** – misanthropo devoto e excellente fabricante de sinetes que, na despreocupada viagem de aventura pelo mundo, encalhára em Sobral, costumava vaguear pelos ranchos de retirantes, colhendo, com apurada e firme observação, documentos da vida do povo, nos seus aspectos mais exóticos, ou rabiscando notas curiosas, illustradas com esboços de typos originaes, scenas e paisagens – trabalho paciente e douto, perdido no seu espolio de alfarrabios, de collecções de botanica e geologia, quando morreu, inanido pelos jejuns, como um santo.” (OLYMPIO, [1903] 1929, p.23). Há duas ocorrências para Francez Paul e uma para Paulo Francez.

LUZIA MARIA DA CONCEIÇÃO/ LUZIA/ LUZIA-HOMEM

“Sob os musculos poderosos de **Luzia-Homem** estava a mulher timida e fragil, afogada no soffrimento que não transbordava em pranto, e só irradiava, em chispas fulvas, nos grandes olhos de luminosa treva.” (OLYMPIO, [1903] 1929, p.63). Há uma ocorrência para Luzia Maria da Conceição, 314 para Luzia e 29 registros para o culturema Luzia-Homem.

RAULINO UCHÔA/RAULINO

“Era Luzia, conduzindo para a obra, arrumados sobre uma taboa, cinquenta tijolos. Viram-n’á outros levar, firme, sobre a cabeça, uma enorme jarra d’água, que valia tres pótes, de pezo calculado para a força normal de um homem robusto. De outra feita, removera, e assentára no logar proprio, a soleira de granito da porta principal da prisão, causando pasmo aos mais valentes

operarios, que haviam tentado, em vão, a façanha e, com elles, **Raulino Uchôa**, sertanejo herculeo e afamado, prodigioso de destreza, que chibanteava em pittorescas narrativas.””(OLYMPIO, [1903] 1929, p.55). Há 51 ocorrências. Há 46 ocorrências para Raulino e cinco para Raulino Uchôa.

TIA CATIRINA

“– Qual, **tia Catirina!** O Lixande que o diga! – maldou uma cabocla roliça e bronzeada, de dentes de piranha, toda adornada de joias de pechisbeque e fios de missanga, muito besuntada de oleos cheirosos.””(OLYMPIO, [1903] 1929, p.55). Há uma ocorrência.

THERESINHA, THEREZINHA, THERESA, THEREZA

“Uma vez, estando ella a banhar-se, depois de cheio o grande póte, na cacimba aberta no leito de areia do rio, em sitio distante dos caminhos e aguadas mais frequentadas, surpreendeu-a **Theresinha**, a rapariga branca e alourada, bem-parecida de cara e bem feita de corpo, que era flexivel como um junco, de sobrias carnações e contornos graciosos..””(OLYMPIO, [1903] 1929, p.63). Há 138 ocorrências (com diferentes grafias) para Theresinha, 27 para Therezinha, sete para Theresa e três para Thereza.

CRAPIÚNA

“**Crapiúna**, o tal soldado, era mal-afamado entre os homens e muito acatado pelas mulheres, graças à correcção do fardamento irreprehensivel, os botões doirados, o cinturão e a bayoneta polidos e reluzentes: todo elle tresandando ao patchouly da pomada, que lhe embastia a marrafa e o bigode, têsso e fino como um espeto. Possuia, apesar das duras feições, o encanto militar, a que é tão caroavel o animal caprichoso, e futil, a mulher de todas as categorias e condições sociaes, talvez porque, sendo fraca,

naturalmente, se deixa attrahir pelas manifestações da força.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.56). Há 124 ocorrências.

ROMANA

“O grupo desapareceu correndo e tagarelado, aos empurrões e palmadas, com maneiras desenvoltas. Dominava o murmúrio de risos e chacotas grosseiras, a gargalhada estridente e sarcástica de **Romana**, a lubrica, a roliça e quente cabocla de dentes ponteagudos.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.74). Há 17 ocorrências.

JOSEPHA/ ZEPHA/ ZEPHINHA

“Desde então entrou a acompanhá-la, a perseguí-la por toda a parte, nas horas de trabalho na penitenciária, nas caminhadas ao rio e a rondar durante a noite pela vizinhança da casinha velha, lá para as bandas da lagôa do Junco, onde ela morava com a mãe, velha e enferma, a boa, a santa tia **Zepha**.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.57). Há uma ocorrência para Josepha, dez para Zepha e 16 para Zephinha.

BELOTA

“E como o soldado, em cujo coração se derramara fel, ficasse a scismar, **Belota** affastou-se com um gracejo ferino: – Alli é vêr com os olhos e comer com a testa ou lamber vidro de veneno por fóra, como rato de botica. Toma o meu conselho. Não te mettás com a bruxa que cheiras vara!”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.59). Há 42 ocorrências.

CHICA SERIDÓ

“– Mentira, tudo mentira. Não duvido que ella levantasse, com aquella cara de santa, toda denguiques e inocencias, o falso testemunho. É uma rapariga bem parecida, bem-feita de corpo, mas

tem a alma deste tamanhinho. A **Chica Seridó** tem comido candêas, desde que tomou conta della. É capaz de tudo, meu Deus perdoe-me. Não duvido que tenha feito esse maleficio por ciume...”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.162-163). Há 12 ocorrências.

ALEXANDRE/LIXANDE

“Nessa triste conjunção, venceu o dever. Luzia ficou resoluta a enfrentar, de ânimo sereno, o destino, e aparelhada para supportar os mais dolorosos lances da adversidade. Continuará a trabalhar sem desfalecimento, retrahindo-se quanto pudesse para evitar encontros com o importuno soldado. Por fortuna sua, **Alexandre**, o amigo dedicado e affectuoso, que se lhe deparara entre a multidão de desconhecidos e indifferentes, moço de maneiras brandas, muito paciente, muito carinhoso com a tia Zepha, passando serões, noites em claro junto della e da filha, num recato de adoração muda e casta, lhe poupava o vexame de ir á cidade: era elle que ia ao mercado comprar a quarta de carne fresca para o caldo da enferma, os remedios e consultar o medico, mistér em que era auxiliado pelo Raulino, outro amigo da familia.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.61-62). Há 182 ocorrências para Alexandre e uma ocorrência para Lixande.

CAPITÃO FRANCISCO MARÇAL

“Luzia viera na enxurrada, marchando, lentamente, a curtas jornadas, e fôra forçada a esbarrar na cidade, por já não poder conduzir a mãe doente. Do **capitão Francisco Marçal**, o homem mais popular da terra, tão procurado padrinho, que contractára com o vigario pagar-lhe uma quantia certa, todos os annos, por esportulas dos baptisados, obtivera, por felicidade, uma casinha velha e desaprumada, onde se aboletou com relativo conforto. A vida lhe correu bem durante seis meses. Havia trabalho e ella ganhava o sufficiente para se prover quasi com fartura. Mas o coração presentia, então, com vago terror, o perigo das pretensões de

Crapiúna e ella procurava, por todos os meios, evital-o. Seu primeiro impulso, depois que lhe elle ousara falar em termos desabridos, foi anoitecer e não amanhecer; emigrar, confundir-se nas levas de famintos em busca das praias ubertosas, com os lagos povoados de curimãs, em cardumes assombrosos, os tabuleiros irrigados por orvalho abundante, cheios de plantações, e confinando, em contraste consolador, com a planicie secca e estorricada.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.60-61). Há duas ocorrências.

PADRINHO JOSÉ FREDERICO

“Culpado e punido, ficaria livre de penar por elle, do compromisso de gratidão e das consequencias funestas do triste consorcio de dois pobres. Sósinha no mundo, poderia, com a graça de Deus, e os seus musculos, trabalhar para viver, ou emigrar para a praia em busca da protecção e amparo do **padrinho José Frederico**.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.113). Há duas ocorrências.

QUINOTINHA

“Entre elas estava **Quinotinha**, um futuro de formas, em cujas linhas, ainda angulosas, se debuxavam, nuns longes de curvas graciosas, os primeiros sinais da puberdade. Luzia acolheu-a com *sympathia*; e, quando soube que era a menina libertada por Alexandre da sanha monstruosa de Crapiúna, dedicou-lhe os mais carinhosos cuidados. Fruía deliciosa sensação ao contacto della, ao exercitar-lhe as pequeninas mãos delicadas no manejo da agulha e no ajustamento das peças de costura, sensação de mãe testemunhando a florescencia da força e da intelligencia nos tenros rebentos do seu ser. Ella a distinguia das outras meninas, desasseadas, esgrouvinhadas, como pombas privadas do arminho das pennas candidas, de olhos toldados, como se por elles já houvesse passado a sombra funesta do crime; muitas indifferentes ás caricias, aos conselhos, de grandes olhos parados, ardendo num brilho fulvo de fébre, e sempre voltados para o telheiro onde

roncavam, fumegando, os enormes caldeirões de comida. Quase todas pareciam esgalhos enfezados, condenados ao estiolamento precoce, a se consumirem, varas estereis, na *coivára* de vícios, que se ia alastrando, como incendio em matagal resequido, e mais não era outra coisa essa massa de famílias, erradicadas dos lares, desagregadas e descompostas.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.166-167). Há 18 ocorrências.

CAZUZA

“– Não o culpe, mamãe. **Cazuza** era bom e me quiz bem até morrer. Só depois de ficar sem elle foi que me senti na desgraça, por não ter viv’alma caridosa que me amparasse.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.204). Há 7 ocorrências.

DOUTOR HELVECIO MONTE

“Pouco depois da partida de Alexandre, promettendo voltar cedo com o **doutor Helvecio Monte**, surdiu o pequeno mensageiro com uma carta, que deixou sobre o pilão, por ter Luzia recusado recebê-la. Entretanto não pôde ainda resistir á curiosidade, e reincidiu na culpa nefanda de abri-la. E leu: “Minha Santa Luzia – Esta tem por fim unicamente, dizer-lhe que se ha de arrepender da sua ingratidão e quem lhe diz isto é o seu amante fiel até a morte – Crapiúna.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.79).”. Há duas ocorrências.

GABRINA

“– Attenda-me. Essa, **Gabrina**, além de má, é ingrata. Quando a mãe caíu doente e foi desenganada, foi commigo que se achou para arranjar remedios e um caldo chilro para a infeliz. Eu sabia que a filha era uma doida, que apressára a morte da mãe com desgostos, arrebatos e más respostas, por isso tive sómente em mira fazer obra de caridade para não a deixar morrer

á mingoa. Você sabe que morreu mesmo; e, então, a filha foi para a companhia da Chica Seridó; e nunca mais me ocupei com a vida de semelhante desmiolada... É verdade que não faltou quem atribuisse os meus actos a embellezamento pela moça, que dava cabo ao machado, inculcando-se....”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.130). Há 28 ocorrências.

DOUTOR JOSÉ JULIO

“– Ouvi estarem falando, na casa da Comissão, que o **doutor José Julio** deu ordem para facilitar a saída do povo. Quem quizer embarcar deve procurar a Barra ou o Camocim, onde ha vapores para conduzir a gente. Quem quizer ficar tem trabalho na estrada de ferro e nos açudes. Mas, assim mesmo, não se póde dar vencimento ao puticí de povo, que vem derramado por esse sertão afóra. Disse-me o capitão Marçal que vão principiari as obras do cemiterio novo e da estrada para a Meruóca. Já estão engenheiros medindo a ladeira da Matta-Fresca. Era o caso de irmos nós trabalhar na fresca da serra, onde ainda ha olhos d'agua vivos. Pelo meu gosto já não estava mais aqui...”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.71). Há uma ocorrência.

ANTONIO SIÉBA

“– Ninguem – respondeu Alexandre surprehendido pela inesperada pergunta, feita em tom de indiferença. Ninguem, nada me impede... Mas a gente nem sempre faz o que quer. Muita vez a cabeça vira para um lado e o coração para outro. Quando morreu minha mãe e vi-me só no mundo, estive em termos de assentar praça, porque quando um homem é soldado vira outro, fecha a alma e não se pertence mais. Estava maginando nisso, em me affastar da terra da sepultura, onde descansava a minha defuncta velhinha, quando topei com você, sa Luzia, servindo no trabalho da cadeia. Por signal que, nessa occasião, lembra-se? a maltratavam. Era uma canzoada de mulheres e meninos, gritando:

Olha a Luzia-Homem, a macho e femea! O povo todo corria de morro abaixo e eu tambem fui ver o que era. Você vinha subindo, trazendo nos braços Raulino Uchôa, quasi morto, ensanguentado e coberto de poeira. Contou-me, então, o **Antônio Siéba**, pae daquella moça bonita, que canta como um canario, o que se havia passado. O Raulino apostára derribar, a toda a carreira, um boi pelo rabo. Na verdade o homem corria como um veado e, era pegar na sáia da rez e viral-a, na poeira, de pernas para o ar; mas, naquelle dia, foi caipóra; falseou-lhe o pé; o boi voltou-se como um gato e mataria o pobre diabo se, dentre o povo, que disparava espantado, não surgisse uma moça afoita e destemida que agarrou o bicho pelas galhadas e o sugicou que nem um cabrito.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.71-72). Há uma ocorrência.

CAPITÃO JOÃO BRAGA

“– O **capitão João Braga**, aquelle coração de ouro, mandou recolher o ferido á casa da administração; e, voltando-se para mim, disse-me: Seu Alexandre aliste esta moça para trabalhar e dê-lhe cinco mil réis como molhadura pelo acto de coragem.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.72). Há três ocorrências.

SARGENTO CARNEVIVA

“Ocorreu-lhe, então, procurar o **sargento Carneviva**, que ella o sabia em excesso rigoroso para com os soldados, e andar muito prevenido com Belóta e Crapiúna, por serem jogadores incorrigiveis. A essa idéa, d’uma felicidade que farte, ella vibrou de jubilo, ella vibrou de colera, misturados, na mesma expansão impetuosa, os nobres anhelos de victoria e antegoso cruel da vingança.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.166). Há nove ocorrências.

CAPITÃO JOSÉ SYLVESTRE

“– Não houve nada. Juro-lhe á fé de Deus! Estavamos na casa da Comissão: eu no meu logar fazendo a relação da gente que era demais; elle, numa reinação, intimando com as mulheres. Chegou a Quinotinha em procura da ração do pae, que desmentira um pé; e o desaforado entrou a bulir com ella até fazel-a chorar. Aquillo foi me inchando no coração; perdi a paciencia, e não me pude conter. Metti os pés; cresci p’ra cima do cabra, e disse-lhe por aqui assim: “Se o senhor não respeita a farda para provocar uma menina innocente, ha de respeitar um homem!...” Elle estremeceu; quis se indireitar p’ra mim, mas eu não o deixei esfriar, e accrescentei: “Uma pouca vergonha que a gente não se atreve... Tamanho homem e, de mais a mais, soldado, andar aqui todos os dias, que Deus dá, com desaforos, até com meninas donzellas! Fique sabendo que não me mette medo; não me vou queixar ao sargento Carneviva, nem ao commandante!...” O mulhero abriu em roda; e o Capiúna, vendo que eu estava decidido para o que dêsse e viesse, murchou; ficou fúlo de raiva e foi sahindo, lá elle, por estas palavras: “Está bom! Não quero baticúm de bocca commigo...” E o povaréo caiu em cima delle com dicterios que faziam uma zoadá doida: – Olha o valentão!... Metteu o rabo entre as pernas!... Cabra frouxo!... Vi que elle ficou damnado, mas, nem como coisa, continuei socegado o meu serviço. Quando o **capitão José Sylvestre** soube do caso, disse-me que eu tinha feito muito bem.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.73). Há duas ocorrências.

JOANNA CANGATY/ JOANNA/ JOANNINHA/ CANGATY

“A **Joanna Cangaty** sabe fazer a mandinga. Mas o diabo da velha Zephinha não dorme; passa a noite tossindo e gemendo; e, agora, havia a Theresinha de se metter de gorra com ellas para me atrapalhar. Tem-me dado vontade de torcer o pescoço daquella galinha...”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.137). Para Joanna Cangaty há

quatro ocorrências, para Joanna há três ocorrências, do culturema Joanninha há uma ocorrência e para Cangaty há quatro ocorrências.

CABECINHA

“Luzia era insensível às queixas e insultos, foi avançando sem desfalecimento, sem hesitação. Ao enfrentar a porta, Belota pretendeu tolher-lhe o passo, mas foi repellido com possante e rapido movimento. Igual sorte tiveram **Cabecinha** e Crapiúna. Este lhe não ousou tocar, inanido por extranho terror. Surdiu, emfim, na sala, e parou indecisa, espantada por se achar entre pessoas notaveis, aturdidadas pela surprehendente invasão. Depois se dirigiu a Alexandre, que a contemplava estupefacto, num mixto de assombro e alvoroço”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.84). Há 8 ocorrências.

ESCRIVÃO ANTÔNIO RUFINO

“Depois de lêr a carta, voltou-se o delegado para o soldado, que até então mantinha ares de basófia:– Que quer dizer isto?...– Saberá vossa senhoria que não é nada...– balbuciu elle, sorrindo ironico. – Nada!... Que significam as suas palavras de ameaça?...– E’ um modo de falar para fazer medo e caçoar com ella... Negocio de namoro...– Namoro, seu atrevido... Pois o senhor fica responsabilisado por qualquer falta de respeito, ou tudo quanto succeder a esta moça...– Por causa disso – observou o **escrivão Antônio Rufino** – é que elle foi removido da policia do curral do Açougue...”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.87). Há uma ocorrência.

ROSA VEADO

“E, accendendo fogo num cigarro de papel amarello, continuou contando casos maravilhosos da feitiçaria de **Rosa Veado** que, além dessa habilidade, era insigne parteira, muito cuidadosa, muito feliz.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.90). Há 16 ocorrências para Rosa Veado e quatro para Rosa.

GALUCHO

“Dentro de dez dias de prisão, Alexandre foi accometido de fortes dores de cabeça e immensa fadiga physica e moral. Privado de sol, a tez do rosto perdera o vivo colorido, fez-se pallida e baça; a barba e os cabellos castanhos pareciam pardacentos como erva crestada, e os olhos amortecidos, e se encovaram nas orbitas roxeadas. Toda a sua pelle estava secca e fria, coberta de descamação esbranquiçada, que lhe zebrava o corpo quando se coçava. Queixou-se ao carcereiro, ao juiz da prisão, que era o **Galucho**, antigo cangaceiro, portador de um rosario de crimes.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.91). Há uma ocorrência.

PAE PEDRO

“– Ora... ora... ora!... E’ dito e feito... Tenho fé cega em Santo Antonio. Em casa de meu pae havia um deste tamaninho e milagroso como elle só. Quando se perdia alguma coisa, bastava prometter-lhe dois vintens; a gente achava logo sem saber como. E, não se cumprindo a promessa, era castigo certo. De uma feita, desapareceu uma vacca leiteira. Meu pae, desconfiando que a houvessem furtado, chamou o **pae Pedro**, negro velho *ladino* e rastejador, e disse-lhe: “Não quero saber de historias; vosmecê dá-me conta da vacca, ou come relho.” Quando o velho falava assim, era aquella certeza. O negro coçou a cabeça, lastimou-se e saiu resmungando. Bateu capões de matto; esgravatou grótas e já estava desesperado, pensando no que lhe aconteceria, por voltar com as mãos abanando, quando se lembrou de prometter dois vintens a Santo Antônio. Mal tinha feito a promessa, olhou para uma banda e o que havia de vêr? A vacca pastando muito de seu, no logar onde escondera o bezerro. Pedro pulou de contente, laçou a vacca, e partiu. Em caminho, entrou a pensar que o santo nada havia feito; elle é que estava banzando sem prestar atenção. Por que, então, lhe havia de dar o dinheiro?... Nisto, o animal deu um safanão; arrancou e deitou a correr como um desesperado. Percebendo o

castigo, o negro poz bocca no mundo: Que santo desconfiado!... Eu estava caçoando... Pago os dois vintens e até mais!... A vacca voltou ao curral com os pés della e foi o que valeu ao pae Pedro. Olhe, Luzia, tenho visto verdadeiros milagres..."(OLYMPIO, [1903] 1929, p.93-94). Há duas ocorrências.

MARIA CAIÇARA/CAIÇARA

"– Há gente que usa cabellos postiços. A **Maria Caiçara**, aquella cara de lua cheia, que é caseira do Belota, tem um enxumaço, que parece della mesma. Algumas moças brancas e ricas também gostam disso. Dizem até que compram cabellos de defunctas, cortados pelos coveiros do cemiterio... Credo!... Eu teria um nojo..."(OLYMPIO, [1903] 1929, p.98-99). Há duas ocorrências para Caiçara e quatro para Maria Caiçara.

MATHILDE

"– Não tenho mais o que vender... É a necessidade... Contento-me com dois mil réis por elles... Não é caro... – Dois mil réis por esse thesoiro?!... Eis um bom negocio, **Mathilde** – disse, dirigindo-se á esposa, formosa senhora, que, em adoravel traje matinal, um roupão de cambraia e rendas, entrava no gabinete. – Esta moça quer vender os cabellos..."(OLYMPIO, [1903] 1929, p.102). Há 10 ocorrências.

BARTHOLOMEU/ BERTHO

"–Ora, ora, ora!... Eu lhe conto. Seu **Bertho** (ele se chama **Bartholomeu**, mas todos o tratavam assim) foi em fins d'aguas fazer a férra em uma fazenda dos Crateús. O outro parece que soube disso, e se apresentou uma tarde, debaixo de um pé d'agua, que se diria vir o céu abaixo. Eram relampagos e trovões de encandear e ensurdecer a gente. Aboletou-se e passou a noite. Sube, então, que era um tal capitão Bentinho, de familia muito rica e poderosa. Trajava bem, gibão, guarda peito, e perneiras de coiro

de capoeiro, muito macia, bordadas de flores, pospontadas á sovéla, com abotoadura e esporas de prata. Não imagina como tinha a côr fina e branca, e uma barba parecida, comparando mal, com a de Jesus Christo. Como estou fallando com o coração aberto, não tenho vergonha de confessar que me engracei delle, acho que por capricho ou por ser em tudo differente do outro. De madrugada, ainda choviscando e antes que a gente da casa acordasse, arrumei algumas peças de roupa e metti-as em sacco com alguns patações dados pelo Bertho; e fugimos: elle montado num possante quartau pedrez, eu á garupa. Arre! que foi uma viagem de arrebentar. Tivemos de atravessar muitas leguas de sertão, passando rios a nado, dormindo no matto e comendo de alforge até chegarmos a uma povoação, perto da fazenda onde moravam os pais delle. Ahi fui aboletada em casa de uma velha. Passamos tres dias como noivos: elle, fino como seda; eu, cheia de denguiques e manhas, como rapariga donzella. E contudo, Luzia, você não é capaz de acreditar que, animada pelo Bentinho, todo delicadezas e cerimonias, tinha saudades do Bertho com o seu sangue na guelra, aquelles olhos devoradores, aquella brutalidade..."(OLYMPIO, [1903] 1929, p.117). Há uma ocorrência para Bartholomeu e onze para Bertho.

CAPITÃO BENTINHO

"Theresinha commentava o facto, os males que vêm para bem, e, logo, achou muito justo esse procedimento da Commissão; e, todavia, observava que o dinheiro lhe não pagaria as ruinas da saude, os incommodos e, mais que tudo, a vergonha de ser apontado como ladrão, como um infame que havia roubado o decomer dos pobres famintos, para saciar vicios abjetos, tudo por causa de suspeitas que ella, mulher ignorante, mal sabendo ler por cima e assignar o nome, repellira desde o primeiro momento, porque o coração lhe dizia que elle não tinha cara de se sujar com o alheio. Admirava como os homens da justiça, que sabiam ler em grandes livros de letras embaraçadas, homens de oculos, que

sabem tudo, não tinham logo percebido que o criminoso não era outro senão Crapiúna. Quantos innocentes não estariam pagando culpas alheias por causa da cegueira da justiça! Quantos não ficam livres de pena e culpa, apesar de autores de crimes escandalosos, perpetrados perante Deus e o mundo, a luz do dia, como aquelle nefasto **Bentinho** que matara Bertho, como quem mata um cão, e apenas ficou recolhido alguns dias á sala livre, por ser capitão e filho do maioral da terra!!”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.184). Há nove ocorrências.

SÁ QUITERIA

“– Estava num pé e noutro para ter noticias certas do barulho, quando, entrou, de repente, Bentinho. Vinha muito amarello, com a mão enrolada em um panno e acompanhado por dois cabras, armados até os dentes. – Que foi? – perguntei-lhe assustada. – “Nada, um arranhão no pulso, respondeu com voz sacudida – amarre-me, endireite-me isto, sá Quiteria.” Enquanto a velha punha mézinha na ferida, um talho que ia da palma da mão esquerda ao meio do braço, Bentinho, fóra do seu natural, com os olhos espantados, a voz surda e secca, ainda tremulo de raiva, contou-me que, chegando á feira, fóra desfeitoado por uns cabras, novatos na terra, já muito encachaçados e intimando com todo o mundo. Chamou a gente para amarral-os, mas um delles, saltando como um gato sobre o ginete, disse-lhe: – Você pensa, seu alvarinto, que amarrar homem é furtar, á traição, mulher alheia? Nisto chegou, à toda, o João Brincador com tres homens escolhidos, e eu disse-lhe: – Amarra essa cambada de desordeiros. – Em cima das minhas palavras, riscou o Bertho, e foi dizendo: – Você, póde amarral-os seu filho desta, filho daquella, mas depois de me pagar e ajustarmos as contas. – Eu e os meus, demos de rédea para sairmos do meio do povo; elles, rente, atraz da nossa poeira. A certa distancia rodamos sobre os pés os animaes, e os cabras que tambem estavam bem montados, quase esbarram em riba de nós. – Aguenta, rapazes! – disse ao João, que me respondeu sorrindo: Não ha

novidade, capitão. Deixe elles p'ra nós. Palavras não eram ditas, o Bertho papocou-me fogo. Abaixei-me, e a bala tirou um taco da beira do chapéu do João. – com uma descarga. O cavallo de um delles empinou-se e rodou morto por cima do cavalleiro, tambem ferido. O Bertho, então, veio secco em cima de mim, e correu dois palmos de faca do *Pasmado*. – “Tenha mão, capitão Bertho” – disse-lhe eu, aparando o golpe, com a minha *Parnahyba*. – Tenha mão que se desgraça. Mas o homem estava rôxo de raiva; espumava como um touro feroz. Avançou outra vez num impeto, que não era para graças. Suspendi o ruço-pombo passarinhando como um gato; salto p'ra aqui; pulo p'ra acolá, e o homem decidido atravessando-se na minha frente, com o cavallo preto e ligeiro que nem um tigre. Na terceira investida, mettei-me o ferro com vontade. Rebatí com a mão; mas quando senti o aço ranger-me na carne e o sangue espirrar, saquei da garrucha. O homem estava cégo, arremetteu de novo e mettei-me o ferro outra vez aqui na aba do gibão. Vendo, então, que o diabo me matava mesmo, e que eu não podia com vantagem brigar com elle a ferro frio, perdi as cerimoniaes, e lasquei-lhe fogo... O homem soltou um berro; abriu os braços como se quizesse abraçar o vento, e derreou p'ra traz. O cavallo, sentindo falta de rédea, deu quatro galões e meio, como um poldro brabo e desembestou desapoderado, arrastando Bertho enganchado no estribo. Morreu?!... – perguntei, tiritando de frio, e batendo os dentes como se tivesse sezões. “Não sei. Foi batendo por troncos e barrancos até desaparecer de nossa vista com os dois cabras restantes mettidos em uma nuvem de poeira. Dois dos delle ficaram no barro. Da minha rapaziada, o Chico Pintado levou uma bala aqui na coxa – lá nelle; o Borburema perdeu o gibão, e foi ferido com um pontaço nas cruces; o Brincador ficou com o chapéu, novo em folha, estragado. Todo o mundo sabe que elle tem o corpo fechado. Enquanto brigavamos, o povo fazia um barulho medonho. Todos viram que me defendi o mais que pude, negaceando, para lhe poupar a vida. O diabo do ferro cortava como navalha. O talho está doendo de verdade.” E voltando-se para mim, disse: – “Não chores, Theresa. Isto, com sumo de angico ou de maçã de algodão, sára

depressa.... É uma arranhadura de nada.” Suppunha que eu chorava por elle; mas, naquella occasião, meu pensamento acompanhava Bertho, desfigurado pelos encontrões, coberto de sangue e pó, arrebatado pelo Moleque, cavallo de estimação que eu bem conhecia. Minha vontade era correr atraz do pobre, apanhar os pedaços da sua carne, arrancados pelos tócos e pedras. Talvez o encontrasse ainda vivo para pedir-lhe perdão... Desde esse dia, ficou decretada a minha desgraça. Bentinho me achava sempre triste e succumbida. Eu tinha repugnancia daquelle homem manchado com o sangue do outro. Não era já a mesma mulher... Elle parece que percebeu isso, e foi também esfriando, até que me participou o seu casamento com uma prima bonita e rica. Eu respondi que lhe fizesse bom proveito... Deu-me um maço de dinheiro e não voltou mais á casa da **velha Quiteria.**”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.118-120). Há duas ocorrências.

JOÃO BRINCADOR/BRINCADOR

“– Estava num pé e noutro para ter noticias certas do barulho, quando, entrou, de repente, Bentinho. Vinha muito amarello, com a mão enrolada em um panno e acompanhado por dois cabras, armados até os dentes. – Que foi? – perguntei-lhe assustada. – “Nada, um arranhão no pulso, respondeu com voz sacudida – amarre-me, endireite-me isto, sá Quiteria.” Enquanto a velha punha mézinha na ferida, um talho que ia da palma da mão esquerda ao meio do braço, Bentinho, fóra do seu natural, com os olhos espantados, a voz surda e secca, ainda tremulo de raiva, contou-me que, chegando á feira, fóra desfeitoado por uns cabras, novatos na terra, já muito encachaçados e intimando com todo o mundo. Chamou a gente para amarral-os, mas um delles, saltando como um gato sobre o ginete, disse-lhe: – Você pensa, seu alvarinto, que amarrar homem é furtar, á traição, mulher alheia? Nisto chegou, à toda, o **João Brincador** com tres homens escolhidos, e eu disse-lhe: – Amarra essa cambada de desordeiros. – Em cima das minhas palavras, riscou o Bertho, e foi dizendo: –

Você, póde amarral-os seu filho desta, filho daquella, mas depois de me pagar e ajustarmos as contas. – Eu e os meus, demos de rédea para sairmos do meio do povo; elles, rente, atraz da nossa poeira. A certa distancia rodamos sobre os pés os animaes, e os cabras que tambem estavam bem montados, quase esbarram em riba de nós. – Aguenta, rapazes! – disse ao João, que me respondeu sorrindo: Não ha novidade, capitão. Deixe elles p’ra nós. Palavras não eram ditas, o Bertho papocou-me fogo. Abaixei-me, e a bala tirou um taco da beira do chapéu do João. – com uma descarga. O cavallo de um delles empinou-se e rodou morto por cima do cavalleiro, tambem ferido. O Bertho, então, veio secco em cima de mim, e correu dois palmos de faca do *Pasmado*. – “Tenha mão, capitão Bertho” – disse-lhe eu, aparando o golpe, com a minha *Parnahyba*. – Tenha mão que se desgraça. Mas o homem estava rôxo de raiva; espumava como um touro feroz. Avançou outra vez num impeto, que não era para graças. Suspendi o ruço-pombo passarinhando como um gato; salto p’ra aqui; pulo p’ra acolá, e o homem decidido atravessando-se na minha frente, com o cavallo preto e ligeiro que nem um tigre. Na terceira investida, mettu-me o ferro com vontade. Rebatu com a mão; mas quando senti o aço ranger-me na carne e o sangue espirrar, saquei da garrucha. O homem estava cégo, arremetteu de novo e mettu-me o ferro outra vez aqui na aba do gibão. Vendo, então, que o diabo me matava mesmo, e que eu não podia com vantagem brigar com elle a ferro frio, perdi as cerimonias, e lasquei-lhe fogo... O homem soltou um berro; abriu os braços como se quizesse abraçar o vento, e derreou p’ra traz. O cavallo, sentindo falta de rédea, deu quatro galões e meio, como um poldro brabo e desembestou desapoderado, arrastando Bertho enganchado no estribo. Morreu?!... – perguntei, tiritando de frio, e batendo os dentes como se tivesse sezões. “Não sei. Foi batendo por troncos e barrancos até desaparecer de nossa vista com os dois cabras restantes mettidos em uma nuvem de poeira. Dois dos delle ficaram no barro. Da minha rapaziada, o Chico Pintado levou uma bala aqui na coxa – lá nelle; o Borburema perdeu o gibão, e foi

ferido com um pontaço nas cruces; o Brincador ficou com o chapéo, novo em folha, estragado. Todo o mundo sabe que elle tem o corpo fechado. Enquanto brigavamos, o povo fazia um barulho medonho. Todos viram que me defendi o mais que pude, negaceando, para lhe poupar a vida. O diabo do ferro cortava como navalha. O talho está doendo de verdade.” E voltando-se para mim, disse: – “Não chores, Theresa. Isto, com sumo de angico ou de maçã de algodão, sára depressa.... É uma arranhadura de nada.” Suppunha que eu chorava por elle; mas, naquella occasião, meu pensamento acompanhava Bertho, desfigurado pelos encontrões, coberto de sangue e pó, arrebatado pelo Moleque, cavallo de estimação que eu bem conhecia. Minha vontade era correr atraz do pobre, apanhar os pedaços da sua carne, arrancados pelos tócos e pedras. Talvez o encontrasse ainda vivo para pedir-lhe perdão... Desde esse dia, ficou decretada a minha desgraça. Bentinho me achava sempre triste e succumbida. Eu tinha repugnancia daquelle homem manchado com o sangue do outro. Não era já a mesma mulher... Elle parece que percebeu isso, e foi também esfriando, até que me participou o seu casamento com uma prima bonita e rica. Eu respondi que lhe fizesse bom proveito... Deu-me um maço de dinheiro e não voltou mais á casa da velha Quiteria.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.118-120). Há uma ocorrência para João Brincador e uma ocorrência para Brincador.

CHICO PINTADO

“– Estava num pé e noutro para ter noticias certas do barulho, quando, entrou, de repente, Bentinho. Vinha muito amarello, com a mão enrolada em um panno e acompanhado por dois cabras, armados até os dentes. – Que foi? – perguntei-lhe assustada. – “Nada, um arranhão no pulso, respondeu com voz sacudida – amarre-me, endireite-me isto, sá Quiteria.” Enquanto a velha punha mézinha na ferida, um talho que ia da palma da mão esquerda ao meio do braço, Bentinho, fóra do seu natural, com os olhos espantados, a voz surda e secca, ainda tremulo de raiva,

contou-me que, chegando á feira, fôra desfeitoado por uns cabras, novatos na terra, já muito encachaçados e intimidando com todo o mundo. Chamou a gente para amarral-os, mas um delles, saltando como um gato sobre o ginete, disse-lhe: – Você pensa, seu alvarinto, que amarrar homem é furtar, á traição, mulher alheia? Nisto chegou, à toda, o João Brincador com tres homens escolhidos, e eu disse-lhe: – Amarra essa cambada de desordeiros. – Em cima das minhas palavras, riscou o Bertho, e foi dizendo: – Você, póde amarral-os seu filho desta, filho daquela, mas depois de me pagar e ajustarmos as contas. – Eu e os meus, demos de rédea para sairmos do meio do povo; elles, rente, atraz da nossa poeira. A certa distancia rodamos sobre os pés os animaes, e os cabras que tambem estavam bem montados, quase esbarram em riba de nós. – Aguenta, rapazes! – disse ao João, que me respondeu sorrindo: Não ha novidade, capitão. Deixe elles p’ra nós. Palavras não eram ditas, o Bertho papocou-me fogo. Abaixei-me, e a bala tirou um taco da beira do chapéu do João. – com uma descarga. O cavallo de um delles empinou-se e rodou morto por cima do cavalleiro, tambem ferido. O Bertho, então, veio secco em cima de mim, e correu dois palmos de faca do *Pasmado*. – “Tenha mão, capitão Bertho” – disse-lhe eu, aparando o golpe, com a minha *Parnahyba*. – Tenha mão que se desgraça. Mas o homem estava rôxo de raiva; espumava como um touro feroz. Avançou outra vez num impeto, que não era para graças. Suspendi o ruço-pombo passarinhando como um gato; salto p’ra aqui; pulo p’ra acolá, e o homem decidido atravessando-se na minha frente, com o cavallo preto e ligeiro que nem um tigre. Na terceira investida, mettu-me o ferro com vontade. Rebatu com a mão; mas quando senti o aço ranger-me na carne e o sangue espirrar, saquei da garrucha. O homem estava cégo, arremetteu de novo e mettu-me o ferro outra vez aqui na aba do gibão. Vendo, então, que o diabo me matava mesmo, e que eu não podia com vantagem brigar com elle a ferro frio, perdi as cerimoniaes, e lasquei-lhe fogo... O homem soltou um berro; abriu os braços como se quizesse abraçar o vento, e derreou p’ra traz. O cavallo, sentindo falta de rédea, deu quatro galões e meio, como um poldro brabo e

desembestou desapoderado, arrastando Bertho enganchado no estribo. Morreu?!... – perguntei, tiritando de frio, e batendo os dentes como se tivesse sezões. “Não sei. Foi batendo por troncos e barrancos até desaparecer de nossa vista com os dois cabras restantes mettidos em uma nuvem de poeira. Dois dos delle ficaram no barro. Da minha rapaziada, o **Chico Pintado** levou uma bala aqui na coxa – lá nelle; o Borburema perdeu o gibão, e foi ferido com um pontaço nas cruces; o Brincador ficou com o chapéo, novo em folha, estragado. Todo o mundo sabe que elle tem o corpo fechado. Enquanto brigavamos, o povo fazia um barulho medonho. Todos viram que me defendi o mais que pude, negaceando, para lhe poupar a vida. O diabo do ferro cortava como navalha. O talho está doendo de verdade.” E voltando-se para mim, disse: – “Não chores, Theresa. Isto, com sumo de angico ou de maçã de algodão, sára depressa.... É uma arranhadura de nada.” Suppunha que eu chorava por elle; mas, naquella occasião, meu pensamento acompanhava Bertho, desfigurado pelos encontrões, coberto de sangue e pó, arrebatado pelo Moleque, cavallo de estimação que eu bem conhecia. Minha vontade era correr atraz do pobre, apanhar os pedaços da sua carne, arrancados pelos tócos e pedras. Talvez o encontrasse ainda vivo para pedir-lhe perdão... Desde esse dia, ficou decretada a minha desgraça. Bentinho me achava sempre triste e succumbida. Eu tinha repugnancia daquelle homem manchado com o sangue do outro. Não era já a mesma mulher... Elle parece que percebeu isso, e foi também esfriando, até que me participou o seu casamento com uma prima bonita e rica. Eu respondi que lhe fizesse bom proveito... Deu-me um maço de dinheiro e não voltou mais á casa da velha Quiteria.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.118-120). Há uma ocorrência

BORBUREMA

“– Estava num pé e noutro para ter noticias certas do barulho, quando, entrou, de repente, Bentinho. Vinha muito amarello, com a mão enrolada em um panno e acompanhado por dois cabras,

armados até os dentes. – Que foi? – perguntei-lhe assustada. – “Nada, um arranhão no pulso, respondeu com voz sacudida – amarre-me, endireite-me isto, sá Quiteria.” Enquanto a velha punha mézinha na ferida, um talho que ia da palma da mão esquerda ao meio do braço, Bentinho, fóra do seu natural, com os olhos espantados, a voz surda e secca, ainda tremulo de raiva, contou-me que, chegando á feira, fóra desfeitoado por uns cabras, novatos na terra, já muito encachaçados e intimando com todo o mundo. Chamou a gente para amarral-os, mas um delles, saltando como um gato sobre o ginete, disse-lhe: – Você pensa, seu alvarinto, que amarrar homem é furta, á traição, mulher alheia? Nisto chegou, à toda, o João Brincador com tres homens escolhidos, e eu disse-lhe: – Amarra essa cambada de desordeiros. – Em cima das minhas palavras, riscou o Bertho, e foi dizendo: – Você, póde amarral-os seu filho desta, filho daquela, mas depois de me pagar e ajustarmos as contas. – Eu e os meus, demos de rédea para sairmos do meio do povo; elles, rente, atraz da nossa poeira. A certa distancia rodamos sobre os pés os animaes, e os cabras que tambem estavam bem montados, quase esbarram em riba de nós. – Aguenta, rapazes! – disse ao João, que me respondeu sorrindo: Não ha novidade, capitão. Deixe elles p’ra nós. Palavras não eram ditas, o Bertho papocou-me fogo. Abaixei-me, e a bala tirou um taco da beira do chapéu do João. – com uma descarga. O cavallo de um delles empinou-se e rodou morto por cima do cavalleiro, tambem ferido. O Bertho, então, veio secco em cima de mim, e correu dois palmos de faca do *Pasmado*. – “Tenha mão, capitão Bertho” – disse-lhe eu, aparando o golpe, com a minha *Parnahyba*. – Tenha mão que se desgraça. Mas o homem estava rôxo de raiva; espumava como um touro feroz. Avançou outra vez num impeto, que não era para graças. Suspendi o ruço-pombo passarinhando como um gato; salto p’ra aqui; pulo p’ra acolá, e o homem decidido atravessando-se na minha frente, com o cavallo preto e ligeiro que nem um tigre. Na terceira investida, mettu-me o ferro com vontade. Rebatu com a mão; mas quando senti o aço ranger-me na carne e o sangue espirrar, saquei da garrucha. O homem estava cégo, arremetteu de

novo e mettu-me o ferro outra vez aqui na aba do gibão. Vendo, então, que o diabo me matava mesmo, e que eu não podia com vantagem brigar com elle a ferro frio, perdi as cerimoniaes, e lasquei-lhe fogo... O homem soltou um berro; abriu os braços como se quizesse abraçar o vento, e derreou p'ra traz. O cavallo, sentindo falta de rédea, deu quatro galões e meio, como um poldro brabo e desembestou desapoderado, arrastando Bertho enganchado no estribo. Morreu?!... – perguntei, tiritando de frio, e batendo os dentes como se tivesse sezões. “Não sei. Foi batendo por troncos e barrancos até desaparecer de nossa vista com os dois cabras restantes mettidos em uma nuvem de poeira. Dois dos d'elle ficaram no barro. Da minha rapaziada, o Chico Pintado levou uma bala aqui na coxa – lá nelle; o **Borburema** perdeu o gibão, e foi ferido com um pontão nas cruces; o Brincador ficou com o chapéo, novo em folha, estragado. Todo o mundo sabe que elle tem o corpo fechado. Enquanto brigavamos, o povo fazia um barulho medonho. Todos viram que me defendi o mais que pude, negaceando, para lhe poupar a vida. O diabo do ferro cortava como navalha. O talho está doendo de verdade.” E voltando-se para mim, disse: – “Não chores, Theresa. Isto, com sumo de angico ou de maçã de algodão, sára depressa.... É uma arranhadura de nada.” Suppunha que eu chorava por elle; mas, naquella occasião, meu pensamento acompanhava Bertho, desfigurado pelos encontrões, coberto de sangue e pó, arrebatado pelo Moleque, cavallo de estimação que eu bem conhecia. Minha vontade era correr atraz do pobre, apanhar os pedaços da sua carne, arrancados pelos tócos e pedras. Talvez o encontrasse ainda vivo para pedir-lhe perdão... Desde esse dia, ficou decretada a minha desgraça. Bentinho me achava sempre triste e succumbida. Eu tinha repugnancia daquelle homem manchado com o sangue do outro. Não era já a mesma mulher... Elle parece que percebeu isso, e foi também esfriando, até que me participou o seu casamento com uma prima bonita e rica. Eu respondi que lhe fizesse bom proveito... Deu-me um maço de dinheiro e não voltou mais á casa da velha Quiteria.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.118-120). Há uma ocorrência.

CORONÉ MANÉL FERNANDES

“– Não prenderam Bentinho?... – Qual prisão, qual nada!... Ficou solto, e respondeu o jurado quando muito bem quiz. O pae delle, o **coroné Manél Fernandes** era o maioral dono da terra.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.120). Há uma ocorrência.

PADRE JOÃO CHRYSOSTOMO

“– Buzões?!... Conheci um moço que foi enfeitado por uma rapariga, embellezada por elle. A creatura, de repente, ficou toda torta, como se lhe dêsse o ar... Ave-Maria; foi murchando, seccando até ficar pelle e osso. Parecia mais um defuncto em pé, que gente viva. Desenganado de remedio de botica, foi se receitar ao **padre João Chrysostomo**; chupou chave de sacrário do Santíssimo, mandou fazer orações fortes... Foi bobage... A felicidade delle foi topar uma cigana, que lhe deu contra-feitiço, uns pózes para beber com leite de peito... Santo remedio, menina!... Uma coisa é vêr outra é dizer, como elle se levantou, já tendo os pés na cóva..”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.124-125). Há uma ocorrência.

PADRE ANTONIO FIALHO

“Tambem fizera uma promessa a S. Gonçalo da Serra dos Côcos e a outros patronos celestiaes, não menos afamados pelo prestigio de sarar enfermos, desesperados da saude. Estava em verdadeiro apuro para dar conta de todas ellas; mas, o **padre Antonio Fialho**, ouvindo-a em confissão, lh’as commutára em leve penitencia, impondo- lhe a obrigação de rezar algumas corôas, terços e o officio de Nossa Senhora, hymno myrifico, que, quando é cantado na terra, os anjos se ajoelham no céo. Nas horas de allivio, ella se penitenciava debulhando, entre vagos fulgores de esperanza, as contas luzidias de um rosario bento pelo santo

missionario frei Vidal.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.127-128). Há uma ocorrência.

SANTO MISSIONÁRIO FREI VIDAL

“Tambem fizera uma promessa a S. Gonçalo da Serra dos Côcos e a outros patronos celestiaes, não menos afamados pelo prestigio de sarar enfermos, desesperados da saude. Estava em verdadeiro apuro para dar conta de todas ellas; mas, o padre Antonio Fialho, ouvindo-a em confissão, lh’as commutára em leve penitencia, impondo- lhe a obrigação de rezar algumas corôas, terços e o officio de Nossa Senhora, hymno myrifico, que, quando é cantado na terra, os anjos se ajoelham no céu. Nas horas de allivio, ella se penitenciava debulhando, entre vagos fulgores de esperança, as contas luzidas de um rosario bento pelo **santo missionario frei Vidal...**”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.127-128). Há uma ocorrência.

ANTONIO BEMVINDO

“– Que bonita faca! – observou Cabecinha. – Pasmado verdadeiro. Traspassa uma moeda de dois vintens – disse Crapiúna, fazendo vibrar com a unha o gúme afiado. – Ah! si este ferro falasse!... – Vamos ali, ao **Antonio Bemvindo**, tomar uma terça? – Vamos lá, mas só tomo zinebra. – Está feito.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.139). Há uma ocorrência.

D. IGNACINHA

“Na maioria das barracas, em forma de meia agua, coberta de folhas de carnaúbeira, **d. Ignacinha**, que, desde as missões do padre Ibyapina, renunciara os ephemeros gozos mundanos, para se fazer beata professa, distribuia o serviço de agulha em tarefas. A Luzia, coube um enrolado de algodãozinho, onde estava cravada uma agulha, atravessando um molho de linha e

sustentando, sobreposto, um dedal de cobre.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.143-144). Há seis ocorrências.

PADRE IBYAPINA

“Na maioria das barracas, em forma de meia agua, coberta de folhas de carnaúbeira, d. Ignacinha, que, desde as missões do **padre Ibyapina**, renunciara os ephemeros gozos mundanos, para se fazer beata professa, distribuia o serviço de agulha em tarefas. A Luzia, coube um enrolado de algodãozinho, onde estava cravada uma agulha, atravessando um molho de linha e sustentando, sobreposto, um dedal de cobre..”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.143-144). Há uma ocorrência.

ZÉ ZOIÃO/ZOIÃO

“Crapíúna estava num dos seus piores dias. Perdera já quantia tão avultada, que os parceiros procuravam, surprehendidos, atinar onde arranjava elle tanto dinheiro. Os prejuizos montavam a vinte mil réis que haviam passado, suavemente, para os bolsos do **Zoião** e do Cândido, nos quaes Crapiúna encarava desconfiado, attribuindo a batóta, em que eram uzeiros e vezeiros, tamanha fortuna.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.150). Há uma ocorrência para Zé Zoião e onze para Zoião.

CANDIDO DA BERTOLINA/CANDINHO

“Belóta mantinha tavolagem frequentada por parceiragem de infima condição e mal-afamada, Zé Zoião, **Candido da Bertolina**, eximios artistas da vermelhinha, operosos contribuintes da estatistica criminal e heróes de todos os disturbios que agitavam a paz da cidade. Elles se encarregavam de atrahir as victimas: comboieiros e matutos ingenuos; e, depois, como viciosos de raça, repartiam, ao jogo, as quotas das extorsões.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.150). Há cinco ocorrências para Candido e duas para Candinho.

VICENTE

“Chegou o momento em que esteve imminente a conflagração. **Vicente**, sempre calmo, sempre sorridente, considerava, que tanto direito tinha Crapiúna de desconfiar delles quanto estes; entretanto não o faziam, porque não queriam cascavilhar na vida alheia.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.152). Há quatro ocorrências.

MARIA DA GRAÇA

“Ao choque destas palavras de condenação implacavel, Theresinha cambaleou, e caiu prostrada de dôr, nos braços da mãe angustiada. **Maria da Graça** contemplava, muito afflicta, o pae e a mãe, e, no transe incomprehensivel, considerava a intensidade da scena, dolorosa, inconsideravel.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.197). Há nove ocorrências.

SEU MARCOS

“– É nossa filha, **seu Marcos** – continuou a velha, acariciando a filha e conchegando-a ao seio.– Tenha dó della, meu marido do coração! Veja como está acabada a nossa filhinha!...– Você sabe, mulher – gemeu Marcos – que já padeci por ella todas asdores deste mundo...”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.198). Há 18 ocorrências.

CLARA

“**Clara**, indifferente á sorte do animal, acariciava e consolava a filha desditosa: – Tem paciencia, meu coração. Teu pae tem impetos de crueldade, mas passam, porque a alma é de oiro. Coitado! Soffreu tanto por ti...”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.199-200) Há oito ocorrências.

FRANCISCO/CHICO

“Pouco depois, o grupo estava cercado de moradores da vizinhança, cada qual mais curioso e empenhado em socorrer-o. Vieram em seguida, e quase sobre os passos de Theresinha, Rosa Veado e o **Chico**, um guapo typo de homem”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.200). Há duas ocorrências para Chico e uma para Francisco.

MARCIANA

“Marcos desatou da cintura uma faixa elastica, tecida de algodão, e tirou della alguns patações de prata. Á vista das moedas, desapareceram as hesitações de **Marciana**, que se desmanchou logo em cumprimentos e palavras de pesar pela sorte da familia e prometteu provel-a, sem demora, do necessario, preparando a casa malassombrada para aboletal-a com a possivel commodidade naquella noite.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.201). Há cinco ocorrências.

IZIDRO

“– Pois fique sabendo – continuou Raulino, com muita convicção – que não foi só a mim que ella appareceu. O **Izidro**, rapaz destemido e caçador de fama, também viu a mãe-d’água de uma feita que estava tarrafeando curimatans. Por signal que não apanhou uma triste piaba naquella lagôa, que tinha mais peixe do que agua. Voltou da pescaria com as mãos abanando, capiongo, meio lézo e contou o caso á noiva, moça (falando com o devido respeito) bonita como uma imagem. Ella ficou desconfiada e quiz, por fina força, ir , fóra de horas, á lagôa. O rapaz fez todo o possivel para tirar-lhe da cabeça semelhante doidice; disse-lhe que era um perigo porque as mães-d’água são ciumentas das moças que estão para casar, que houvera muita desgraça por causa disso; pediu, rogou por tudo quanto havia de mais sagrado. Ella prometteu não ir, mas cada vez mais desconfiada teimou, porque

mulher, quando malda, não chega ao mourão com duas razões. Fugiu de casa quando estavam todos recolhidos e foi á lagôa. Não lhe conto nada. Ao amanhecer, deram por falta da moça. Foi um deus nos accuda. Ninguem dava noticias della. O noivo ficou como um doido; mas, lembrando-se da historia da mãe- d'água, poz-se a rastejar e encontrou o rasto da chinellinha da infeliz, bem marcado no caminho orvalhado.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.218-219). Há 3 ocorrências.

VIGARIO VICENTE JORGE DE SOUZA

“Prostrada á meia-sombra de um confissionario de jacarandá, salientemente adornado de arabescos estranhos, absorta em sincera préce, ella ouviu a missa, celebrada pelo **vigario Vicente Jorge de Souza**, cuja voz sonora e forte, recitando as orações do ritual, dominava os pigarros, as tosses incontinentes e o choro classico das crianças que aguardavam o baptismo, occultas sob os lençóes das mães, que alli mesmo, as amamentavam. Rezou pela mãe entrevada, por Therezinha; rendeu graças a Deus pela libertação de Alexandre; e quando se ergueu a Hostia, ao ruído de peitos percutidos, do som argentino da campainha, tangida pelo sacristão, José Fialho, um velho doce e respeitavel, pediu ao Deus soffredor e resignado, ao Deus de amor e misericordia, como Jesus pedira ao pai celestial perdão para os algozes que o flagellaram e o crucificaram, se apiedasse do infeliz soldado, victima da insania de uma paixão brutal. E, como se esse generoso impulso rompesse os diques á ineffavel caudal de consolação, sentiu-se alvoroçada de suavissima alegria, desse gozo incomparavel da alma purificada, expungida das sombras do remorso. Seus olhos, fitos no doce semblante da imagem da Virgem, e aljofraram de pranto, lágrimas de reconhecimento, porque Deus se compadecera de Luzia-Homem, ouvira a sua prece.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.223-224). Há uma ocorrência.

JOSÉ FIALHO

“Prostrada á meia-sombra de um confissionario de jacarandá, salientemente adornado de arabescos estranhos, absorta em sincera préce, ella ouviu a missa, celebrada pelo vigario Vicente Jorge de Souza, cuja voz sonora e forte, recitando as orações do ritual, dominava os pigarros, as tosses incontinentes e o choro classico das crianças que aguardavam o baptismo, occultas sob os lençoes das mães, que alli mesmo, as amamentavam. Rezou pela mãe entrevada, por Therezinha; rendeu graças a Deus pela libertação de Alexandre; e quando se ergueu a Hostia, ao ruido de peitos percutidos, do som argentino da campainha, tangida pelo sacristão, **José Fialho**, um velho doce e respeitavel, pediu ao Deus soffredor e resignado, ao Deus de amor e misericordia, como Jesus pedira ao pai celestial perdão para os algozes que o flagellaram e o crucificaram, se apiedasse do infeliz soldado, victima da insania de uma paixão brutal. E, como se esse generoso impulso rompesse os diques á ineffavel caudal de consolação, sentiu-se alvoroçada de suavissima alegria, desse gozo incomparavel da alma purificada, expungida das sombras do remorso. Seus olhos, fitos no doce semblante da imagem da Virgem, e aljofraram de pranto, lágrimas de reconhecimento, porque Deus se compadecera de Luzia-Homem, ouvira a sua prece.”(OLYMPIO, [1903] 1929, p.223-224). Há uma ocorrência.

LÉXICO DE LACUNAS, SEGUNDO AFONSO DE TAUNAY¹

Certamente, é uma das primeiras obras a reconhecer LH como fonte de abonação²e de datação da lexicografia brasileira. Para a recolha dos termos cearenses feita por Afonso de Taunay, acrescentamos os contextos de registro em LH.

Alvarinto, adj. Termo cearense. Alourado. Cf. Luzia Homem de Domingos Olympio, pg. 13.(TAUNAY: 1914, p.22)

“— Que Alexandre? Aquelle **alvarinto** que servia de apontador na obra , e passou depois para o armazem da Comissão?... Aquillo é defunto em pé. Não é qualidade de homem para um como eu.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. II, p.59)

Baticum, s. m. Fallatorio. Altercação. Termo cearense. Cf. Luzia Homem, p. 35.(TAUNAY: 1914, p.37)

“— Eu chorei muito; lamentei a minha desgraça; jurei por todos os santos do céo, que era innocente, até que elle, com um ponta-pé, me atirou para dentro da camarinha, berrando possesso: “Anda, peste!... Amanhã não me ficas aqui em casa; ponho-te fóra na estrada, onde te apanhei como uma cachorra vadia...” E fechou, com estrondo, a porta. Fiquei na escuridão, maginando no que faria de mim, quando amanhecesse. Ao mesmo tempo que me fervia o coração, estava contente com ver-me livre de semelhante bruto; mas tive mêdo de apanhar outra vez, e esperei quiéta o que dêsse e viesse. —Que me importa — disse commigo. — Hei de achar quem me queira... E, pensando no moço causador daquella desgraceira, peguei no somno, deitada numa rêde velha que alli estava armada. Quando os

Cf. TAUNAY, Afonso de E. *Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portuguesa* Tours: E. Arrault, 1914. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6962>

² Aqui, definido como “atestação, por meio de documento, da ocorrência de uma palavra ou de uma acepção numa determinada data.” (HOUAISS, 2021)

gallos estavam amiudando, ouvi bulir na porta; levantei-me de um púlo; fui deitar-me no mesmo lugar onde havia caído e puz-me a soluçar baixinho. Abriu-se a porta, e a claridade do copiar, alummiado por uma véla, deu em cheio sobre mim. Eu estava derreada, no chão, sustendo o corpo com a mão esquerda, enquanto tapava os olhos com as costas da direita, olhando por baixo. O desalmado entrou devagarinho; chegou perto de mim; ficou alguns minutos parado e disse-me, depois, em voz sumida e zangada: “Vá se deitar no seu quarto...” Eu não respondi, nem me mexi; Entrei a soluçar mais forte. Tocou-me, então, de mansinho, no braço, dizendo, já com outra voz, manhosa e adocicada. – “Theresa, você está zangada commigo?” Repelli o agrado com um safanão do cotovello. Elle continuou, procurando abraçar-me:– “Este meu genio!... Às vezes faço coisas!... Veja: estou arrependido... do que fiz...” Estava quasi acocorado junto de mim. “Só o que falta – resmunguei, soluçando mais fórte – é mandar-me surrar pelos seus vaqueiros com um nó de peia.” – “Perdôa, coração – continuou, tentando ainda me abraçar – Eu não sou mau, mas o ciume me tira o juizo. Esqueça tudo, minha cunhãsinha da minha alma... Prometto nunca mais te offender. Pede o que quizeres, bemzinho; serei teu escravo...” E, suspendendo-me do chão, levou-me ao collo como uma creança... Todo elle tremia; eu sentia-lhe o **baticum do coração**; suava e bufava como um novillo... Eu, nem como coisa: zangada, gemendo e soluçando. No outro dia, enquanto elle se derretia e se babava em agrados e promessas, eu maginava no moço e no Cazuza que, lá do céo, me pedia vingança...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p.116)

Cabelloiro, s. m. Nuca dos animaes. Termo cearense. Cf. Luzia Homem, p. 53.(TAUNAY: 1914, p.46)

“— Eu lhe digo, seu doutor. Desde menina fui acostumada a andar vestida de homem para poder ajudar meu pae no serviço. Pastorava o gado; cavava bebedores e cacimbas; vaquejava a cavallo com o defunto; fazia todo o serviço da fazenda, até o de foice e machado na derrubada dos roçados. Só deixei de usar camisa e ceroula e andar encoirada, quando já era moça demais, ali por obra

dos dezoito annos. Muita gente me tomava por homem de verdade. Depois meu pae, coitadinho, que era forte como um touro, e matava um bóde taludo com um murro no **cabelloiro**, morreu de molestias, que apanhou na influencia da ambição de melhorar de sorte, na cavação de ouro no riacho do Juré. Dahi em deante, começamos a desandar. Minha mãe, sempre muito doente, e nós duas muito pobres de tudo, menos da graça de Deus, vendemos as miúças e cabeças de gado, que tirámos á sorte da producção da fazenda, os animaes de campo e até o meu cavallo castanho-escuro, calçado dos quatro pés e com uma estrella na testa... o meu querido Temporal... Tudo isso para não morrermos de fome quando veio esta secca..." (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. VII, p.85-86)

Cacúlo, s. m. Covinha do queixo? (Termo cearense)³. Cf. Luzia ttomem, p. 13 (TAUNAY: 1914, p.48)

"Agglomeravam-se retirantes á porta do armazem para verem Alexandre, cujo prestigio de martyr augmentava com as

³ Considerando o contexto em que aparece o termo cearense, na obra, o que se constitui um guia importantíssimo para dirimir qual dúvida na definição do mesmo. Em todo caso, é possível que o termo "cacúlo" seja o mesmo do espanhol "caculo" (RAE) com sentido de "Especie de escarabajo dañino, cuya larva es blanca, de cabeza negra y gruesa. Vive en la tierra durante tres años, y destroza toda clase de plantas", o que podemos traduzir por gorgulho, besouro que ataca, em ordem de preferência, as culturas de milho, trigo, arroz e sorgo. Tudo que indica que cacúlo se refira à gorgulho por conta da etimologia latina: curculiō, ōnis no sentido de 'gorgulho, inseto que rói o trigo no celeiro'. Também não descartamos que o autor faça referência ao que denominamos hoje de "cogulo", no sentido de "nas medidas de grãos, quantidade que, por excessiva, ultrapassa as bordas da medida" ou, por extensão, "diferença para mais de qualquer quantidade sobre outra; excesso, demasia". Outra hipótese ventilada, considerando também o contexto, é uma variante popular de "cálculo (do latim calcŭlus) no sentido de 'pedrinha, bolinhas", o que daria a possibilidade "feijão sem pedrinhas". Os metaplasmos ou as alterações fonéticas que os termos gorgulho/cálculo tenham sofrido até alcançar a forma "cacúlo" podem ser objeto ainda de mais a atenção da filologia ou linguística histórica. O certo é que nada tem a ver, data venia, com "Covinha do queixo", a dúvida de Afonso de Taunay é compreensiva, mas não se sustenta ainda que o lexicógrafo faça esforço de ver no caso em tela um grau de metaforicidade na escolha léxico-estilística de Domingos Lympio.

novas atribuições de administrador. Uns, sinceramente, lamentavam o facto; outros o adulavam com fingidas lamurias, para serem preferidos na distribuição de rações bem medidas, com lavagem, como elles diziam, porque outros empregados de coração duro mediam farinha e feijão sem *cacúlo*, rapando a bocca do litro, poupando, como usurarios, os dinheiros do governo e o decomer que a rainha mandara dar de esmola aos pobres.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XII, p.185)

Capiongo, adj. Termo cearense. Macambusio. Cf. Luzia Homem, p. 242.(TAUNAY: 1914, p.54)

“— Pois fique sabendo – continuou Raulino, com muita convicção – que não foi só a mim que ella appareceu. O Izidro, rapaz destemido e caçador de fama, também viu a mãe-d’água de uma feita que estava tarrafeando curimatans. Por signal que não apanhou uma triste piaba naquella lagôa, que tinha mais peixe do que agua. Voltou da pescaria com as mãos abanando, **capiongo**, meio lézo e contou o caso á noiva, moça (falando com o devido respeito) bonita como uma imagem. Ella ficou desconfiada e quiz, por fina força, ir, fóra de horas, á lagôa. O rapaz fez todo o possivel para tirar-lhe da cabeça semelhante doidice; disse-lhe que era um perigo porque as mães-d’água são ciumentas das moças que estão para casar, que houvera muita desgraça por causa disso; pediu, rogou por tudo quanto havia de mais sagrado. Ella prometeu não ir, mas cada vez mais desconfiada teimou, porque mulher, quando malda, não chega ao mourão com duas razões. Fugiu de casa quando estavam todos recolhidos e foi á lagôa. Não lhe conto nada. Ao amanhecer, deram por falta da moça. Foi um deus nos accuda. Ninguém dava noticias della. O noivo ficou como um doido; mas, lembrando-se da historia da mãe- d’água, poz-se a rastejar e encontrou o rasto da chinellinha da infeliz, bem marcado no caminho orvalhado.”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXVI, p.218-219)

Decomer, s. m. Farnel (Termo cearense). Cf. Luzia Homem, p. 58.(TAUNAY: 1914, p.76)

“– Sim, coisas que davam logo na vista... Quem só vive do trabalho, que mal dá para o **decomer** e arranjar um molambo para cobrir, não poderia esconder semelhante furto... Quando apparecesse com roupa nova ou fizesse gastos...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XI, p.111)

Entojar, v. i. Enjoar; aborrecer. Cf. Luzia Homem, p. 142 (TAUNAY: 1914, p.88)

“Pois eu – atalhou a Caiçara – só quero quem me quer. **Entojou** de mim?..” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p.148)

Maldar, v. i. Maldizer. Fazer juizos temerários. Cf. Luzia Homem, p. 129.(TAUNAY: 1914, p.129)

“– A pobresinha fez isso – dizia ella ao delegado, na sala de audiencia da camara municipal, apinhada de curiosos – sem maldade; e (para que hei de estar com historias mal contadas?) porque andava inclinada para seu Alexandre, depois dos beneficios que delle recebeu. Ponha o caso em si, meu senhor. Vossa senhoria sabe que mulher, quando vira a cabeça, é capaz de tudo. Quem quer bem não toma conselhos; não enxerga desgraças, nem se importa com perigos. Ella tinha no coração aquelle amor encoberto e não me disse nada. Esta bichinha que aqui vê, esta não-sei-que-diga disfarçou tão bem que eu, macaca velha, nada **maldei**. Mettia a mão no fogo por ella, creia-me... Aquelle malvado homem, percebendo que a pobre estava enciumada, seduziu-a, com promessas de mimos, a tomar uma vingança do moço. Eu sabia que seu Crapiúna gostava de Luzia-Homem, tanto assim que, uma noite, me pediu para ir fazer uma réza, na casa della para abrandar-lhe o coração. Fui com elle e mais o seu Belóta, muito contra a minha vontade; mas (para que hei de negar?) fui e não pudemos fazer nada, porque estiveram acordadas até fóra de horas. Saberá vossa senhoria que sou mulher de proposito; mesmo contra mim, falo a verdade. Fui fazer a réza, mas não ha mal nisso.

É com as minhas orações e mézinhas que arranjo o bocado para a bocca, sem ser pesada a ninguém, Deus louvado.” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XVII, p.148)

Rendengue, s. m. Pequeno sino; sineta. Cf. Luzia Homem p. 197. (TAUNAY: 1914, p.178)

“ — Estive na casa da Camara – dizia um. – Tem gente que faz mêdo. A sala estava atopetada, e os soldados não deixavam mais entrar o povo que se espalhava por fóra, pela **escada do rendengue** abaixo, até á rua. Ouvi dizer que a Chica Seridó contou tudo...”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XXIII, p.187)

Tenencia, s. f. Teimosia; termo cearense. Cf. Luzia Homem, p. 130.(TAUNAY: 1914, p.203)

“ — Sei o que hei de fazer, e ando de redeas tezas. Quando a vejo, ardo por dentro; dá-me vontade de reinar, mas fico quiéto e mudo como cascavel de tocaia, esperando a minha vez para dar bóte certo. Então nem réza de cigano, nem oração de padre velho a livra de mim. Eu cá sou homem de tenencia. Quando viro a cabeça para uma banda, , nem o diabo a endireita...” (OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p.138-139)

Terça, s. f. Bebida alcoólica cearense. Cf. Luzia Homem, p. 130..(TAUNAY: 1914, p.204)

“ —Vamos ali, ao Antonio Bemvindo, tomar uma **terça?**”(OLYMPIO, [1903] 1929, cap. XV, p.139)

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Carmélia Maria. **Luzia-Homem**: aspectos da crítica sobre uma obra. 2008. 103f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2008. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8076>
- ATHAYDE, Natália Silva. **Luzia-Homem**: a construção de simulacros identitários. 2014. 113f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2014. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10510>
- FREITAS, Nilson Almindo de. A “macho e fêmea” e a família: Luzia-homem e o sertão cearense. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 38, n. 2, 2007, p. 26-39. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/9375>
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Disponível e atualizado em 2020 em <https://houaiss.uol.com.br/>
- LUQUE NADAL, L. **Fundamentos teóricos de los diccionarios lingüístico-culturales**. Granada: Educatori/ Granada Lingvistica, 2010.
- MANNION, James. **O Livro Completo da Filosofia**. 5.ed. São Paulo: Madras, 2008.
- MARTINS, Vicente de Paula da Silva. **Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português brasileiro**. 411 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013.
- FULGÊNCIO, Lúcia. **Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro**. 506f. 2008. Tese de doutorado em Linguística. Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de

Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008. Disponível em http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_FulgencioLM_1.pdf

MARTINS, Vicente de Paula da Silva. **Sapienciário Cultural**: identificação, classificação e constituição de corpus de culturemas nos romances do nordeste brasileiro. Salvador, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura/UFBA, 2017. (Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral no período de 2016-2017)

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia**: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna (volume I). E-book. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10310>

OLIVEIRA JÚNIOR, José Leite de. Atualidade de Luzia-Homem. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, ano 4, n. 5, p. 115-127, mai. 2015. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/23387>

OLIVEIRA JÚNIOR, José Leite de. **O Pictório em Luzia-Homem**. 1992. 129f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 1992. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/33676>

OLIVEIRA, Gilberto Gilvan Souza. A escrita do tempo e o tempo da escrita n'O Quinze de Rachel de Queiroz. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, ano 5, n. 6, p. 9-23, jul./dez. 2015. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/23391>

OLYMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1929.

PAULA JÚNIOR, Francisco Vicente de. A semântica das cores na Literatura Fantástica. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 129-138, out. 2011. ISSN 2237-6321. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/10/54>

ROCHA, H. V. Contribuição para o estudo do desenho urbano de Sobral: século XIX. 2017. 355 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/27292>

ZULUAGA, Alberto. Introducción al estudio de las expresiones fijas. Frankfurt am Maim: Peter D. Lang, 1980.

ANEXO I

Categorias para análise dos referentes culturais adaptado por Vicente de Paula da Silva Martins à análise literária a partir do modelo de Igareda (2011)

| CATEGORIAS PARA A ANÁLISE DOS CULTUREMAS EM TEXTOS LITERÁRIOS, SEGUNDO IGAREDA (2011) | | |
|--|--------------------------------|--|
| CATEGORIZAÇÃO TEMÁTICA | CATEGORIZAÇÃO POR ÁREAS | SUBCATEGORIAS |
| 1. ECOLOGIA | 1. Geografia / topografia | Montanhas, rios, mares. |
| | 2. Meteorologia | Tempo, clima, temperatura, calor, luz. |
| | 3. Biologia | Flora, fauna (domesticada, selvagem), relação com animais (tratamento, nomes). |
| | 4. Ser humano | Descrições físicas, partes / ações do corpo. |
| 2. HISTÓRIA | 1. Edifícios históricos | Monumentos, castelos, pontes, ruínas. |
| | 2. Acontecimentos | Revoluções, datas, guerras. |
| | 3. Personalidades | Autores, políticos, reis / rainhas (reais ou fictícios) |
| | 4. Conflitos históricos | Referências sobre rebeliões populares, lutas armadas, manifestações populares, entre outros conflitos que, ao longo do período colonial, imperial e republicano da história brasileira, relacionados à construção do Estado e da sociedade brasileira. |

| | | |
|----------------------------|---|---|
| | 5. Mitos, lendas, legendas, heróis | Relatos simbólicos, passados de geração em geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, instituição, costume social ou representações de fatos e/ou personagens históricos, amplificados. através do imaginário coletivo e de longas tradições literárias orais ou escritas. |
| | 6. Perspectiva eurocentrista da história universal (ou outro) | Histórias de países latino-americanos, os nativos, os colonizadores e seus descendentes. |
| | 7. História da religião | Referência ao conjunto de práticas e de crenças, de ritos e de mitos |
| 3. ESTRUTURA SOCIAL | 1. Trabalho | Comércio, indústria, estrutura de trabalhos, empresas, cargos. |
| | 2. Organização social | Estrutura, estilos interativos, etc. |
| | 3. Política | Órgãos do Estado, organizações, sistema partidário, eleitoral, ideologia e atitudes, sistema político e legal. |
| | 4. Família | Referência a agrupamentos humanos formados por indivíduos com ancestrais em comum e/ou ligados por laços afetivos e que, geralmente, vivem numa mesma casa. |

| | | |
|----------------------------------|---|--|
| | 5. Amizades | Relacionamento social (compadrio, coleguismo, camaradagem etc.) |
| | 6. Modelos sociais e figuras respeitadas | Profissões, ofícios, ocupações, atitudes, comportamentos, personalidades, etc. |
| | 7. Religiões “oficiais” ou preponderantes | Referência aos sistemas diversos de doutrinas, crenças e práticas rituais próprias de um grupo social, estabelecido segundo uma determinada concepção de divindade e da sua relação com o homem. |
| 4. INSTITUIÇÕES CULTURAIS | 1. Belas artes | Referência a aspectos relacionados à arquitetura, à pintura, às artes plásticas, à escultura, música, dança. |
| | 2. Arte | Teatro, cinema, literatura, |
| | 3. Cultura religiosa, crenças, tabus etc. | Edifícios religiosos, ritos, festas, orações, expressões, deuses e mitologia; crenças (populares) e pensamentos etc. |
| | 4. Educação | Referência aos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano; pedagogia, didática, ensino. |
| | 5. Meios de comunicação | Televisão, imprensa, internet, artes gráficas |

| | | |
|---------------------------|---|--|
| 5. UNIVERSO SOCIAL | 1. Condições e hábitos sociais | Grupos, relações familiares e papéis, sistema de parentesco (relação de pessoas, quer por vínculo de sangue (consanguinidade), quer pelo casamento (afinidade), tratamento entre pessoas, cortesia, valores morais, valores estéticos, símbolos de status, rituais e protocolos, tarefas domésticas. |
| | 2. Geografia cultural | Populações, estados, municípios, distritos, localidades, estrutura viária, ruas, países, toponímia |
| | 3. Transporte | Veículos, meios de transporte |
| | 4. Edifícios | Arquitetura, tipos de edifícios, partes da casa. |
| | 5. Nomes próprios | Pseudônimos, nomes de batismos, alcunhas. |
| | 6. Linguagem coloquial, variantes diastráticas, idioletos, insultos | Gírias, coloquialismos, empréstimos linguísticos, palavrões, blasfêmias, tabuísmos, nomes com significado adicional. |
| | 7. Expressões | De felicidade, aborrecimento, pesar, surpresa, perdão, amor, agradecimentos, saudações, despedidas. |
| | 8. Costumes | Modo de pensar e agir característico de pessoa ou grupo social. |

| | | |
|--|--|---|
| | 9. Organização do tempo | Época propícia para certos fenômenos ou atividades; estação, sazão, quadra. |
| 6. CULTURA MATERIAL | 1. Alimentação | Comida, bebida, chás, ervas (rapé). |
| | 2. Indumentária | Roupa, complementos, joias, adornos |
| | 3. Cosmética | Pinturas (maquiagens), cosméticos (produtos de higiene e/ou beleza, usados especialmente por mulheres), perfumes |
| | 4. Tempo livre ou lazer | Deportes, festas, atividades de tempo livre, jogos, celebrações folclóricas. |
| | 5. Objetos materiais | 6.5.1 Mobiliário (móveis destinados ao uso e à decoração de uma habitação, um escritório, um hotel, um hospital etc., objetos em geral. |
| | 6. Tecnologia | Motores, computadores, máquinas. |
| | 7. Moedas, medidas | Real |
| | 8. Medicina | Drogas e similares |
| 7. ASPECTOS LINGÜÍSTICOS CULTURAI E HUMOR | 1. Tempos verbais, verbos determinados | Marcadores discursivos, regras de fala e rotinas discursivas, formas de fechar/ interromper o diálogo; modalização do enunciado; intensificação; intensificadores; atenuadores; dêixis, interjeições. |

| | | |
|--|--|--|
| | 2. Advérbios, nomes, adjetivos, expressões | Referem-se às categorias gramaticais classes de palavras que compõem o léxico de uma língua e que são possíveis núcleos de sintagmas: nomes, verbos, preposições, advérbios. |
| | 3. Elementos culturais muito concretos | Provérbios, expressões fixas, expressões |
| | 4. Expressões próprias de determinados países (idiomatismos) | idiomáticas, modismos, clichês, ditos, arcaísmos, símiles, alusões, |
| | 5. Jogos de palavras, refrões, frases feitas | associações simbólicas, metáforas generalizadas. |
| | 6. Humor | |

Fonte: Igareda (2011) com adaptação de Martins (2017).

ANEXO II

Quadro sintético de categorias para análise dos referentes culturais adaptado por Vicente de Paula da Silva Martins à análise literária a partir de Igareda (2011).

| Categorização por âmbitos | Categorização por culturemas |
|------------------------------------|-------------------------------------|
| 1.Ecosistema | 1.Topoculturemas |
| | 2.Meteoroculturemas |
| | 3.Bioculturemas |
| | 4.Humaniculturemas |
| 2.História, mitos e legados | 1.Edificulturemas |
| | 2.Taticulturemas |
| | 3.Personiculturemas |
| | 4.Mitoculturemas |
| | 5.Euroculturemas |
| | 6.Religiculturemas |
| 3.Organização social | 1.Ocupaculturemas |
| | 2.Organiculturemas |
| | 3.Politiculturemas |
| | 4.Familiculturemas |
| | 5.Amiculturemas |
| | 6.Socioculturemas |
| | 7.Crediculturemas |
| 4.Instituições culturais | 1.Criaculturemas |
| | 2.Articulturemas |
| | 3.Tabuculturemas |
| | 4.Educulturemas |
| | 5.Comuniculturemas |
| 5.Universo social | 1.Habiculturemas |
| | 2.Geoculturemas |
| | 3.Portaculturemas |

| | |
|-------------------------------------|------------------------|
| | 4. Edificulturemas |
| | 5. Antropoculturemas |
| | 6. Gargaculturemas |
| | 7. Formaculturemas |
| | 8. Costumiculturemas |
| 6. Cultura material | 1. Alculturemas |
| | 2. Indumentoculturemas |
| | 3. Cosmoculturemas |
| | 4. Liciculturemas |
| | 5. Mobiculturemas |
| | 6. Tecnoculturemas |
| | 7. Moedoculturemas |
| | 8. Mediculturemas |
| 7. Identidade Linguocultural | 1. Verboculturemas |
| | 2. Gramaticulturemas |
| | 3. Reiculturemas |
| | 4. Idioculturemas |
| | 5. Idiomaculturemas |
| | 6. Humoculturemas |

Fonte: Igareda (2011) com adaptação de Martins (2017).

SOBRE O AUTOR



Natural de Iguatu (CE). Nasceu em 1961. Filho de Pedrina Maria da Silva Martins, lavadeira, mãe generosa e visionária, que muito se empenhou na sua formação básica e se engajou diligentemente no seu ingresso e a permanência no Colégio Militar de Fortaleza (CMF), no período de 1976 a 1982. Não conheceu o pai. Ao deixar o CMF, graduou-se em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1987). Pós-graduou-se pela UECE (1989) em literatura brasileira, com a monografia “ A questão da periodização na literatura brasileira”, sob a orientação de Maria Eurides Pitombeira de Freitas. Em seguida, fez mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (FACED, 1996) da Universidade Federal do Ceará, com a dissertação “*Constituição e educação: análise evolutiva da educação na organização constitucional do Brasil*”, sob a orientação do Dr. André Haguette (UFC) e doutorado em Linguística (2013) com a tese “*Estratégias de Compreensão de Expressões Idiomáticas por Não Nativos do Português Brasileiro*”, sob a orientação da Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (UFC) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará. Em 1989, participou do processo de elaboração do Capítulo da Educação da Constituição do Estado

do Ceará, com a proposição e aprovação de 20 artigos educacionais que hoje figuram na Carta Estadual. Em 1990, também colaborou na elaboração da Lei Orgânica de Fortaleza com a aprovação de, ao menos, 30 artigos na área educacional que hoje fazem parte da Carta Municipal. Desde 1994, em virtude de concurso público, atua como docente de Linguística do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Possui dois estágios em nível Pós-Doutoral em Linguística: o primeiro, pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, sob a supervisão da Prof.^a Dra. Livia Marcia Tiba Radis Baptista (UFBA) com a pesquisa “*Frasemário Cultural: Identificação, Classificação e Constituição de Corpus de Culturemas nos Romances do Nordeste Brasileiro*” (2016-2017); e o segundo, pela UFC (2019-2020), com a pesquisa sobre “*Os Culturemas no Discurso Lítero-Musical das Letras de Canção Brasileira*”, sob a supervisão da Prof.^a Dra. Roseimeire Selma Monteiro-Plantan (UFC). No momento, cursa seu terceiro pós-doutorado pela Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), sob a supervisão da profa. Dra. Carmen Mellado Blanco, com a pesquisa “*Os Biblicismos na Literatura Brasileira*”. Ocupa, desde 2008, a Cadeira nº 26 da Academia Sobralense de Estudos e Letras (ASEL), cujo patrono é Tomaz Pompeu de Sousa Brasil (Senador Pompeu). Em maio de 2021, foi eleito para a cadeira nº 07 da Academia Cearense da Língua Portuguesa (ACLPE), cujo patrono é Cândido de Figueiredo. Mais recentemente publicou livros nas áreas de educação, linguística, ensino de língua portuguesa e poesias, todos pela editora *Pedro & João Editores* (consultar títulos em <http://www.pedroejoaeditores.com.br/>).

RESENHA

MARTINS, Vicente de Paula da Silva. **Luzia-Homem**: dicionário de cultura linguística. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 238p. 16 x 23 cm.

José Leite Jr.¹

A importância cultural de uma obra literária pode ser avaliada por seu impacto diatópico e diacrônico. Há aquelas obras circunscritas aos limites provincianos de sua produção, que não escapam à efemeridade de seu lançamento; e há outras que não se deixam aprisionar nas fronteiras, recebendo inclusive traduções e versões intersemióticas, e não se sujeitam mesmo à sua dimensão cronológica, projetando-se de geração a geração, como a desafiar a contingência histórica de sua gênese. Lançado em 1903, tudo leva a crer que o romance *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio, seja exemplo do segundo caso.

Do ponto de vista qualitativo, uma obra literária tem sua repercussão aferida pela fortuna crítica que desperta. Uma produção mediana pode até suscitar uma nota social num periódico, como a assinalar que um rebento cultural veio ao mundo, o que é justo e não deixa de ser necessário; mas somente as produções literárias culturalmente impactantes vão merecer estudos mais alentados, não raras vezes atendo a chama da polêmica, já que a realização discursiva é sempre um espaço de negociação de valores. E só um menor número destas últimas, aquelas que se transformam em monumentos identitários, são contempladas com edições críticas e até dicionários de especialidade.

¹ Professor do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará. E-mail: leitejr@ufc.br

Com o título *Luzia-Homem: dicionário de cultura linguística*, de Vicente Martins, não resta dúvida de que a obra capital de Domingos Olímpio já desfruta dessa distinção: tendo recebido uma crítica literária pontual e não poucas vezes equivocada, em boa parte do século passado, acabou ganhando novo impulso pela resposta que lhe tem dado a pesquisa universitária desde data próxima ao seu centenário. E agora recebe seu dicionário.

Vicente Martins, vale lembrar, tem larga experiência no ensino superior, sendo ele professor da Universidade do Vale do Acaraú – na cidade onde se passam as cenas fundamentais do romance –, é pesquisador dedicado à Lexicologia, com vultosa contribuição acadêmica, estando já em seu terceiro estágio pós-doutoral, com os seguintes estudos: “Frasemário Cultural: Identificação, Classificação e Constituição de *Corpus* de Culturemas nos Romances do Nordeste Brasileiro” (Universidade Federal da Bahia, 2016-2017); “Os Culturemas no Discurso Lítero-Musical das Letras de Canção Brasileira” (Universidade Federal do Ceará, 2019-2020); e “Os Biblicismos na Literatura Brasileira” (Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, em curso).

O dicionário, que tenho a oportunidade de ler no nascedouro, recebe uma cuidadosa edição de 238 páginas, preparada por Pedro & João Editores, de São Carlos (SP), com uma caprichosa capa em que aparece uma jovem cearense² como que a lembrar não só o simbolismo feminino do romance, mas também o brilho intelectual da jovem universitária. Sim, pois o livro brotou no ambiente acadêmico, nos esteios do ensino, pesquisa e extensão. A editora tem seu Conselho Científico, que inclui Augusto Ponzio (Bari, Itália), João Wanderley Geraldi (Universidade de Campinas), ao lado de outros não menos valorosos pesquisadores. Chama a atenção o propósito da Pedro & João, que, militando no difícil campo editorial das Ciências Humanas, sustenta estas felizes

² Trata-se de Aparecida Farias, natural de Cariré (CE), que faz graduação em Letras pela UVA.

palavras em sua página institucional: “Sonhar dá trabalho! Muito trabalho! Mesmo assim nossa intenção é continuar sonhando!”³

Ainda nos itens paratextuais do livro, Vicente Martins mostra-se grato às investidas da crítica literária mais recente, ou seja, a que teve um olhar mais positivo sobre *Luzia-Homem*: “A todos rendo minhas sinceras homenagens por suas ricas pesquisas e inspirativas produções acadêmico-culturais.”

A introdução, que ele chama “As clássicas ‘duas palavras’”, certamente vai surpreender a quantos imaginam uma abertura protocolar de um dicionário. Nela, revela-se inicialmente a afinidade epistemológica neurocognitiva do lexicólogo, abrindo-se o “cérebro do leitor”, na expressão de Stanislas Dehaene, para explicar a origem do fascínio proporcionado pelo léxico desse romance. Assim, ele faz sua anamnese, buscando no espaço-tempo da memória reconstituir cenas de sua experiência escolar de letramento. É nessa experiência que ele vivencia a epifania lexical: nas primeiras experiências de leitura literária já lhe ocorria a intuição de que certas palavras tinham o poder da evocação da cultura, sobretudo os itens telúricos da cultura, algo que, nos tempos de ensino superior ganharia nomes pomposos como *verossimilhança*:

Há quatro décadas não conhecia nada de Sobral, cidade a 220 km de Fortaleza. A escola me indicou a leitura de LH e, pela primeira vez, tive uma noção de tempo e espaço de Sobral, cidade situada na mesorregião noroeste do Estado do Ceará. No campo da literatura, nada sabia também do conceito de verossimilhança (ligação entre fatos e ideias numa obra literária). O léxico me ajudou a entender mais sobre as cidades do semiárido, os povos e as suas culturas telúricas. (MARTINS, 2021. p. 11)

Nessas memórias, percebe-se o fascínio suscitado por certas palavras, aquelas capazes de urdir não apenas a trama polissêmica do texto literário, mas também de ligar um texto literário a outros textos, sejam os artísticos, sejam os ensaísticos. Neste segundo caso,

³ Disponível em <<https://pedroejoaoeditores.com.br/site/sobre/>>.

Vicente Martins destaca o simbolismo cromático, estudado pelo colega Francisco Vicente de Paula Júnior, em pesquisa sobre a semântica das cores na literatura fantástica.

Considerando-se metaforicamente a arquitetura do texto, algumas palavras abriam portas para dentro do texto, para outros textos em particular e para a cultura em geral. Na expressão “obra ciclópica”, por exemplo, no segundo parágrafo do capítulo inicial de *Luzia-Homem* (na descrição do trabalho de construção da cadeia de Sobral), abriu-se para ele uma porta para a mitologia grega. Mais adiante, no exercício do magistério superior, ele proporcionaria aos estudantes a oportunidade de ler esse romance numa perspectiva interdiscursiva, com aberturas para outras obras, para valores culturais e históricos, fato particularmente relevante em se tratando de ficção que reconstitui o ambiente de Sobral em 1878, nada menos que o segundo ano da mais trágica seca nordestina.

Passadas as páginas de introdução, vê-se que, pela forma como foi organizado, o dicionário não é somente um rol de verbetes. Há o cuidado em apresentar um resumo do romance, que ele associa a outros títulos regionalistas brasileiros, além da explicitação da proposta teórico-metodológica adotada, o que inclui o conceito de *culturema* e os procedimentos para sua descrição. O termo é assim definido pelo lexicólogo: “Culturema⁴ é uma unidade linguística discreta tão linguisticamente marcado como um fonema, um grafema, um morfema ou um prosodema.” (MARTINS, 2021, p. 24). Passadas as folhas iniciais, vem o dicionário propriamente dito, dividido nas subseções “Locuções verbais”, “Locuções nominais”,

⁴ Percebe-se a correlação do termo *culturema* com outros estabilizados na Linguística. Chamou minha atenção a composição híbrida de *culturema*. Um impulso purista me trouxe à mente a possibilidade da forma *etnema*. No entanto, *etnema* já tem seu lugar na terminologia antropológica: “*etnema* In antropologia culturale, ogni componente che concorre a costituire l’insieme polivalente della cultura nelle sue varianti concettuali e normative, ambientali e storiche, quali i sistemi di pensiero, della parentela, del lavoro, del diritto, della politica, della religione e di ogni altra struttura del sapere e del comportamento.” Disponível em: <<https://www.treccani.it/enciclopedia/etnema/>>.

“Compostos”, “Provérbios”, “Cultura Linguística em LH, por capítulo”, “Antropoculturemas (personagens) em LH” e “Léxico de Lacunas em LH, segundo Afonso de Taunay”. Após as referências, vêm dois anexos, em que ele explica a adaptação que fez das categorias analíticas de Paula Igareda, considerando-se o *corpus* literário: “Fizemos a recategorização e criamos terminologia própria para os culturemas levantados ao longo da leitura das obras literárias.” (MARTINS, 2021, p. 21).

Quanto à edição estudada, Vicente Martins usou de prudência filológica, apoiando-se na segunda edição do romance, de 1929, e não na primeira, de 1903. Ele explica a opção por um motivo bastante convincente: a primeira edição das obras em geral costuma ser a que mais sofre com erros tipográficos. Eu acrescentaria o fato de que, tendo falecido em 1906, Domingos Olímpio não conheceria as sucessivas edições de sua obra capital; não teve, portanto, tempo e oportunidade de fazer as costumeiras emendas demandadas a cada tiragem. Bem diferente de outro exemplo também daquele início do século passado, que foi a primeira edição de *Os sertões*, de 1902, com os oitenta erros corrigidos pelo próprio Euclides da Cunha. Multiplicados por mil exemplares, ele teria feito à mão nada menos que oitenta mil retificações⁵.

Vicente Martins manteve a grafia da segunda edição. Com base nela é que trabalhou, contando com a colaboração de estudantes bolsistas (Funcap), na identificação e arrolamento dos culturemas – que ele traduz como “regionalismos fraseológicos”. O pesquisador assim reconhece o valor de sua equipe de trabalho:

[...] para a publicação desta obra, não poderia deixar de agradecer publicamente ao Francisco Romário Rodrigues, responsável pela digitação da 2ª edição de LH 2, atento à ortografia vigente em 1929; e à Alice Rodrigues de Sousa e ao Francisco Ildomar da Silveira, ambos, hoje graduados em Letras – Alice e Ildomar atuaram como bolsistas de iniciação científica (FUNCAP) – os três foram os pesquisadores que primeiramente fizeram a recolha do léxico,

⁵ RABELO, Sílvio. **Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: CEB, 1948. p. 165.

segundo os âmbitos de culturemas (regionalismos fraseológicos) estabelecidos pela metodologia do docente orientador. (MARTINS, 2021, p. 12)

Edições eletrônicas disponíveis na Internet se mostraram úteis ao pesquisador. Também foi feita uma revisão de pesquisas sobre a obra, entre artigos, dissertações e teses. Além disso, obviamente não faltariam os dicionários, tanto o de uso mais geral (Houaiss) como o folclórico (Câmara Cascudo).

Nesta síntese, o estudioso descreve os criteriosos procedimentos no trato dos achados lexicais:

A princípio, foi feito o levantamento de palavras e expressões que tivessem esse teor cultural. Após uma seleção daquilo que era ou não considerado culturema, algumas expressões foram descartadas e outras expressões foram devidamente contextualizadas e comentadas, e, em cada comentário, buscava-se descobrir o valor cultural, fraseológico e linguístico da expressão em tela, através de suas origens, etimologias e significados, bem buscando, na intertextualidade, matérias e pesquisas relacionadas ao culturema selecionado. (MARTINS, 2021, p. 25)

A redação dos verbetes seguiu o esquema: ocorrência do culturema; abono com citação da obra *ipsis litteris*; sentido (com oportunos comentários e alusões a outras obras, em que aparece o culturema em pauta).

Pelo alto valor filológico, chega a surpreender a quantidade de achados que, segundo o pesquisador, datam da edição de 1903 de *Luzia-Homem*⁶, ou seja, ainda não tinham registro escrito em obras anteriores. Eis alguns exemplos que, para quem é cearense, soam familiares:

Locuções verbais – dar fé/não dar fé, dar nas vista/dar logo na vista, deixar(-se) de mão, estar pela hora da morte, estar fazendo

⁶Numa palestra ocorrida na UVA em 1997, tive a honra de compartilhar mesa com o saudoso José Alves Fernandes, que na ocasião fez comentários sobre o pioneirismo de *Luzia-Homem* no registro do léxico regional cearense.

quarto, fazer finca-pé, não fazer caso, fazer feio (com alguém), fazer por onde, fazer roda a, (ficar) pelle e osso, metter o pé na carreira, morrer de um nó na tripa, (ser) macaca velha, ter panos para as mangas, ter sangue de barata, etc.

Locuções nominais – aberta dos peitos, á fina força, armados até os dentes, cabresto curto, carne de sol, meia agua, não-sei-que-diga, papa-ceia, raiz de péga-pinto, etc.

Dentre os provérbios recolhidos, alguns têm forte sabor regional: Aonde vocês botam o pirão que comem; Barco parado não ganha fréte; Boi solto, lambe-se todo; Quem cabras não tem e cabrito vende.

A seção “CULTURA LINGUÍSTICA EM LH, POR CAPÍTULO” apresenta a distribuição dos achados a cada capítulo, o que, além de facilitar a consulta, permite perceber a distribuição equilibrada dessas ocorrências ao longo de toda essa obra literária.

Na seção “ANTROPOCULTUREMAS (PERSONAGENS) EM LH”, há um cuidadoso levantamento onomástico. Todas as ocorrências aparecem em trechos do romance, anotando-se o número de vezes que aparecem, bem como o de suas variantes. Alguns desses nomes contribuem para reiterar a figuratividade regionalista pretendida pelo enunciador do discurso literário, como no registro da pronúncia popular em *tia Catirina* ou no uso de hipocorísticos, como *Lixande* ou *Quinotinha*. Também se percebe, na sucessão onomástica, o contraste social entre um ilustre *Capitão Francisco Marçal* e uma desprestigiada “Joanna Cangaty”, tipificando as classes populares.

Finalmente, a seção “LÉXICO DE LACUNAS, SEGUNDO AFONSO DE TAUNAY” vem conferir os registros publicados em 1914. Assim Vicente Martins (2021, p. 221) reconhece o pioneirismo dessa obra nos estudos de *Luzia-Homem*: “Certamente, é uma das primeiras obras a reconhecer LH como fonte de abonação e de datação da lexicografia brasileira.” Do trabalho de Taunay, Vicente Martins retira os seguintes exemplos, mostrando-lhes a respectiva ocorrência no texto do romance: alvarinto, baticum, cabelloiro, cacúlo, capiongo, decomer, entojar, maldar, rendengue, tenencia e

terça. Dessas, separo as duas primeiras, pedindo licença para a digressão, depois de consultar três referências: o *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (VOLP), da Academia Brasileira de Letras, o *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, de Antônio Geral da Cunha, e a versão eletrônica do *Caldas Aulete*.

A primeira – *alvarinto* – não encontrei em nenhuma dessas obras, o que não deixa de causa espécie, já que Taunay o registra em 1914.

A segunda – *baticum* – tem registro nesses três trabalhos. No VOLP, registram as variantes *batecum* e *baticum*. No entanto, a datação de Taunay, de 1903, contrasta com a de Cunha, que situa esse substantivo ainda no século XVIII: “A forma *baticum* é mera var. nasalizada de *batecu*”.

Mas isso é só uma digressão. O que importa é que *Luzia-Homem*, tendo sido um testemunho ficcional de uma época, documentou com riqueza de pormenores a cultura interiorana cearense, firmando-se como fonte para quantos tenham formação e sensibilidade para lhe reconhecer o devido valor.

Vicente Martins desde muito cedo, ainda nos dias de letramento escolar, sentiu-se tocado pelo instigante chamado desse romance, desafiado pela riqueza de seu léxico. Na maturidade de pesquisador, ele não perdeu o encantamento desse chamado, contribuindo de forma efetiva com a fortuna crítica do legado principal de Domingos Olímpio. Humilde como os verdadeiros sábios, ele propõe este *Luzia-homem: dicionário de cultura linguística* como protótipo que, submetido ao público interessado, receberá o necessário retorno enunciativo para seu aprimoramento. Afinal, como assegura o próprio Vicente Martins, a primeira edição é prova, mas é a segunda que comprova.

Mesmo tendo alguma vivência na pesquisa sobre esse belo romance, saio ainda mais embevecido com seu valor cultural. E não hesito em assegurar que o dicionário de Vicente Martins é a coluna que faltava ao edifício crítico desse monumento deixado por Domingos Olímpio.

"O romance Luzia-Homem, do escritor cearense Domingos Olímpio, vem sendo publicado há mais de cem anos. A obra se atualiza a cada leitura pelo significado cultural que ela representa, servindo de documento histórico da Seca de 1877-1879. Pelos seus traços estilísticos, o romance pode ser entendido como representativo do impressionismo literário brasileiro." **(José Leite de Oliveira Junior, Leite Jr.)**

"Luzia-homem é ficção e seu objetivo consiste ir mais profundamente às complexidades da situação daquele povo retirante, da vida de mulheres que precisam pegar as "rédeas" de suas vidas para sobreviver à seca do sertão e muitas vezes para deixar viverem outras vidas que delas dependem." **(Marta Bergamin)**

"Sempre que reabrimos as páginas de Luzia Homem, a Luzia que vive dentro delas, é para sempre as muitas possibilidades de ser mulher por ela experimentadas: a máscula virago; a mulher insubmissa ao jugo sexual masculino dentro e fora do casamento; aquela que teme a atração que exerce sobre (e sente por) o assediador; que experimenta a possibilidade do amor com Alexandre. Incerta em sua orientação, hesitante entre a pura atração e o afeto amoroso, Luzia é a sexualidade em processo de descoberta. Luzia-homem, mito-mulher."

(Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti)

